
KARIN
SLAUGHTER
BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
DESTROÇADOS
"Aonde ela for, eu vou."
GILLIAN FLYNN
RECORD

Outras obras da autora publicadas pela Record

Tríptico

Fissura

Gênese

Destroçados

KARIN SLAUGHTER

DESTROÇADOS

Tradução de
Claudia Costa Guimarães

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S641d
Slaughter, Karin, 1971-
Destroçados [recurso eletrônico] / Karin Slaughter ; tradução Cláudia Costa Guimarães. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2017.
recurso digital
Tradução de: broken
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-11220-0 (recurso eletrônico)
1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Guimarães, Cláudia Costa. II. Título.
17-44192

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título em inglês:
Broken

Copyright © 2009 by Karin Slaughter

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11220-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-3940.



Para Victoria

Sumário

Prólogo
Segunda-Feira
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8

Terça-Feira
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15

Quarta-Feira
- 16
- 17
- 18
- 19

Três Semanas Depois
Epílogo
Agradecimentos

Prólogo

Allison Spooner queria sair da cidade no período das festas de fim de ano, mas não tinha para onde ir. Também não tinha motivo para ficar, mas pelo menos era mais barato. Pelo menos tinha um teto sobre sua cabeça. Pelo menos a calefação do seu apartamentinho de merda funcionava de vez em quando. Pelo menos podia comer uma boa refeição no trabalho. Pelo menos, pelo menos, pelo menos... Por que tudo na sua vida sempre tinha de ser o mínimo? Quando chegaria o momento de ser o máximo?

O vento começou a soprar com mais força, e ela cerrou os punhos dentro dos bolsos do casaco leve. Não estava chovendo, exatamente, estava mais para uma garoa, uma umidade fria que caía, dando-lhe a sensação de passear por dentro do focinho de um cachorro. A friagem gelada que subia do lago Grant só piorava as coisas. Cada vez que a brisa soprava com mais força, era como se pequenas navalhas cegas cortassem sua pele. Era para aquilo ser o Sul da Geórgia, não a porcaria do Polo Sul.

Enquanto se esforçava para não escorregar nas margens ladeadas por árvores, tinha a sensação de que, a cada onda que batia na lama, a temperatura baixava em mais um grau. Ela se perguntou se os sapatos frágeis seriam o bastante para impedir que seus dedos dos pés queimassem com o frio. Tinha visto um sujeito na TV que perdera todos os dedos das mãos e dos pés dessa forma. Ele se dissera grato por continuar vivo, mas as pessoas dizem qualquer coisa para aparecer na TV. Do jeito que andava a vida de Allison nos últimos tempos, o único programa no qual acabaria seria o noticiário noturno. Mostrariam uma foto dela — provavelmente aquele retrato horroroso do anuário do ensino médio — ao lado das palavras: "Morte Trágica".

Allison não ignorava a ironia de que seria mais importante para o mundo se estivesse morta. Ninguém dava a mínima para ela agora: a vidinha miserável que se esforçara tanto para ter, a luta constante para acompanhar as aulas enquanto fazia malabarismo para se manter em dia com todas as outras responsabilidades de sua vida. Nada disso importaria para ninguém, a não ser que ela aparecesse congelada às margens do lago.

O vento soprou forte outra vez. Allison deu as costas para o frio, sentindo dedos gelados cutucarem suas costelas e comprimirem seus pulmões. Um arrepio fez seu corpo tremer. Sua respiração formou uma nuvem à sua frente. Fechou os olhos. Entoou seus problemas por entre os dentes que batiam sem parar.

Jason. Faculdade. Dinheiro. Carro. Jason. Faculdade. Dinheiro. Carro.

O mantra continuou por muito mais tempo do que a rajada penetrante. Allison abriu

os olhos. Virou-se. O sol se punha mais rápido do que ela notara. Virou-se, ficando de frente para o prédio da faculdade. Será que deveria voltar? Ou seguir em frente?

Escolheu seguir em frente, baixando a cabeça para se proteger do vento uivante.

Jason. Faculdade. Dinheiro. Carro.

Jason: O namorado tinha se mostrado um babaca, aparentemente da noite para o dia.

Faculdade: Ia acabar levando bomba se não arrumasse mais tempo para estudar.

Dinheiro: Não ia conseguir sobreviver, quanto mais fazer faculdade, se reduzisse ainda mais as horas no trabalho.

Carro: Tinha começado a soltar fumaça naquela manhã quando ela o ligara, o que não era nada de mais, porque ele vinha soltando fumaça havia meses, só que desta vez a fumaça foi para dentro do carro, pela ventilação. Ela havia ficado sufocada ao dirigir para a faculdade.

Allison foi em frente com passos pesados, acrescentando "congelamento" à sua lista enquanto seguia a curva do lago. A cada vez que piscava, tinha a sensação de que suas pálpebras cortavam finas camadas de gelo.

Jason. Faculdade. Dinheiro. Carro. Congelamento.

O medo de congelar lhe pareceu mais imediato, embora relutasse em admitir que, quanto mais se preocupava com isso, mais calor parecia sentir. Talvez seu coração estivesse batendo mais rápido, ou o ritmo dos passos estivesse aumentando enquanto o sol começava a se pôr, e ela se deu conta de que toda aquela lamúria sobre morrer de frio talvez se tornasse realidade se ela não se apressasse.

Allison estendeu o braço e se apoiou numa árvore para conseguir passar por um emaranhado de raízes que mergulhava água adentro. Sentiu o tronco molhado e esponjoso sob os dedos. Um freguês havia devolvido um hambúrguer hoje no almoço dizendo que o pão estava esponjoso demais. Era um homem grandalhão e grosseiro, que usava equipamento de caça da cabeça aos pés, não o tipo de cara de quem se espera ouvir uma palavra delicada como "esponjoso". Ele havia flertado com ela, e ela tinha correspondido, e, quando ele foi embora, deixou uma gorjeta de cinquenta centavos sobre uma refeição de dez dólares. Chegou a piscar para ela enquanto saía porta afora, como se estivesse lhe fazendo um favor.

Ela não sabia quanto mais ia conseguir aguentar daquilo. Talvez sua avó tivesse razão. Garotas como Allison não faziam faculdade. Arrumavam um emprego na fábrica de pneus, conheciam um cara, engravidavam, se casavam, tinham mais dois filhos, então se divorciavam, às vezes nessa ordem, outras, não. Se ela tivesse sorte, o cara não bateria muito nela.

Era esse o tipo de vida que Allison queria para si mesma? Era o tipo de vida que estava escrito em seu sangue. Sua mãe vivera assim. Sua avó vivera assim. Tia Sheila vivera assim, até apontar uma espingarda para o tio Boyd e quase arrancar-lhe a cabeça. As três Spooners tinham, em algum ponto da vida, jogado tudo para o alto por causa de um homem inútil.

Allison assistira àquilo acontecer com a mãe com tanta frequência que, quando Judy Spooner foi internada pela última vez, com cada pedaço de suas entranhas devorado pelo câncer, a filha só conseguia pensar no desperdício que tinha sido a vida da mãe. Dava até para *ver* o desperdício. Aos 38 anos, tinha cabelos ralos e quase que completamente grisalhos. Sua pele estava desbotada. Suas mãos haviam se transformado em garras devido

ao trabalho executado na fábrica de pneus — tirando os pneus da esteira, fazendo testes de pressão, colocando-os de volta na esteira, pegando o pneu seguinte, então outro e mais outro, mais de duzentas vezes por dia, de forma que cada junta do seu corpo doía quando se enfiava na cama, à noite. Aos 38 anos ela recebeu o câncer de braços abertos. Recebeu o alívio de braços abertos.

Uma das últimas coisas que Judy dissera a Allison era que estava contente por estar morrendo, contente por não ter mais de estar sozinha. Judy Spooner acreditava no paraíso e na redenção. Acreditava que, um dia, ruas de ouro e muitas mansões substituiriam sua estrada de cascalho e uma vida toda vivida num estacionamento de trailers. Allison só acreditava no fato de que nunca tinha sido o bastante para a mãe. O copo de Judy estava perpetuamente meio vazio, e todo o amor que Allison despejara sobre ela o longo dos anos jamais completaria sua mãe.

Judy sentira-se atraída demais pela lama. Pela lama do emprego que não a levaria a lugar algum. Pela lama de um homem inútil atrás do outro. Pela lama de um bebê que atrapalhava a sua vida.

A faculdade seria a salvação de Allison. Era boa em ciências. Olhando para a família que tinha, não fazia sentido, mas, de alguma forma, ela entendia como as substâncias químicas funcionavam. Compreendia, num nível básico, a síntese de macromoléculas. O entendimento de polímeros sintéticos veio junto. E o mais importante de tudo: ela sabia estudar. Sabia que em algum lugar da Terra sempre havia um livro com a resposta, e a melhor forma de encontrar essa resposta era lendo todos os livros que chegassem às suas mãos.

No último ano do ensino médio, ela havia conseguido ficar longe dos garotos, das bebidas e da metanfetamina, que tinha arruinado quase todas as meninas da sua idade em sua cidadezinha natal de Elba, Alabama. Não ia terminar como uma daquelas garotas sem alma e exaustas que trabalhavam no turno da noite e fumavam cigarros Kools porque eram elegantes. Não ia acabar com três filhos de três homens diferentes antes de chegar aos 30. Nunca ia acordar certa manhã sem conseguir abrir os olhos porque o punho de algum homem os golpeara até fechá-los na noite anterior. Não ia acabar morta e sozinha numa cama de hospital igual à mãe.

Pelo menos era o que pensava quando deixou Elba, três anos antes. O Sr. Mayweather, seu professor de ciências, lançara mão de todos os recursos que lhe foram possíveis para conseguir que ela fosse aceita numa boa faculdade. Queria que ela fosse para o mais longe possível de Elba. Queria que ela tivesse um futuro.

Grant Tech ficava na Geórgia, não tão longe de Elba em quilômetros quanto dava a impressão de ser. A faculdade era enorme se comparada à sua escola secundária, cuja turma de formandos tivera 29 alunos. Allison passara a primeira semana no campus perguntando-se como era possível apaixonar-se por um lugar. Suas turmas eram cheias de garotos que tinham crescido com oportunidades, que nunca haviam pensado em *não* fazer faculdade assim que terminassem o ensino médio. Nenhum dos colegas dava risadinhas quando ela erguia a mão para responder a alguma pergunta. Não achavam que estava fazendo média ao prestar atenção no professor, ao tentar aprender alguma coisa além de como fazer unha francesinha ou aplicar *mega hair* nos próprios cabelos.

E a região em torno da faculdade era tão linda. Elba era um flagelo, até mesmo para o sul do Alabama. Heartsdale, a cidade onde ficava Grant Tech, lembrava uma cidadezinha

dessas que se veem na televisão. Todo mundo cuidava de seus quintais. Flores ladeavam a Main Street na primavera. Desconhecidos acenavam para você com um sorriso no rosto. Na lanchonete onde ela trabalhava, os moradores locais eram muito gentis, mesmo quando davam péssimas gorjetas. A cidade não era grande a ponto de ela se perder. Infelizmente, não era grande a ponto de não esbarrar com Jason.

Jason.

Ela o conhecera no segundo ano. Era dois anos mais velho que ela, mais experiente, mais sofisticado. Sua ideia de um encontro romântico não era entrar de fininho num cinema e dar uma rapidinha na última fileira antes de o gerente expulsá-los. Ele a levava a restaurantes de verdade, com guardanapos de tecido sobre as mesas. Segurava sua mão. Escutava o que ela tinha a dizer. Quando transaram, ela finalmente compreendeu por que chamavam aquilo de fazer amor. Jason não queria coisas melhores só para ele. Queria coisas melhores para Allison. Ela achara que o que tinham era sério — que os dois últimos anos de sua vida haviam sido dedicados construindo alguma coisa com ele. Então, de repente, ele tinha se transformado numa pessoa diferente. De repente, tudo o que tinha sido tão sensacional no relacionamento deles era o motivo pelo qual ele estava desmoronando.

E, igual à sua mãe, Jason de alguma forma conseguira fazer com que tudo fosse culpa de Allison. Ela era fria. Era distante. Era exigente demais. Nunca tinha tempo para ele. Como se Jason fosse um santo carinhoso que passava os dias pensando no que poderia fazer Allison feliz. Não era ela quem passava noites inteiras enchendo a cara com os amigos. Não era ela que vinha se misturando com o povo esquisito da faculdade. E com certeza não tinha sido ela que os envolvera com aquele babaca da cidade. Como podia ser culpa de Allison se ela nunca nem tinha visto a cara do sujeito?

Allison estremeceu outra vez. Parecia que, a cada passo dado ao redor daquele lago maldito, a margem aumentava em cem metros só de implicância. Olhou para baixo, para o chão molhado sob os pés. Vinha chovendo sem parar havia semanas. Inundações repentinas haviam isolado estradas, derrubado árvores. Allison nunca tinha reagido muito bem ao mau tempo. A escuridão a afetava imensamente, tentava colocá-la para baixo. Deixava-a instável e chorosa. A única coisa que sentia vontade de fazer era dormir até o sol aparecer de novo.

— Merda! — sibilou Allison, segurando-se antes que escorregasse. A barra da calça estava dura de tanta lama, os sapatos quase encharcados. Olhou para o lago revolto. A chuva grudava em seus cílios. Afastou os cabelos com os dedos enquanto encarava a água escura. Talvez devesse se deixar escorregar. Talvez devesse se deixar cair no lago. Qual seria a sensação de se deixar levar? Qual seria a sensação de permitir que a correnteza a levasse até o meio do lago, onde os pés já não alcançassem o fundo e os pulmões já não conseguissem puxar o ar?

Não era a primeira vez que pensava naquilo. Devia ser o tempo, a chuva persistente e o céu melancólico. Tudo parecia mais deprimente quando chovia. E algumas coisas eram ainda mais deprimentes do que outras. Na quinta-feira passada, um jornal publicara a matéria sobre uma mãe e uma filha mortas por afogamento em seu Fusca, a três quilômetros da cidade. Estavam muito próximas da Terceira Igreja Batista quando a rua de repente foi inundada, e elas foram arrastadas para longe. Algo no projeto dos Fuscas antigos os fazia boiar, e o modelo mais recente também havia boiado. Pelo menos de

início.

A multidão da igreja, que acabara de sair do jantar comunitário costumeiro, viu-se incapaz de fazer qualquer coisa por medo de ser levada na inundação. Assistiram horrorizados enquanto o Fusca rodopiava na superfície da água para, então, virar. A água invadiu o interior. Mãe e filha foram atiradas na correnteza. A mulher entrevistada pelo jornal contou que dormiria todas as noites e acordaria todas as manhãs pelo resto da vida vendo a mão daquela criancinha de 3 anos estendida para fora da água antes do momento final em que a pobrezinha foi puxada para baixo.

Allison também não conseguia parar de pensar na criança. Apesar de estar na biblioteca quando aquilo aconteceu. Apesar de jamais ter conhecido a mulher, a criança ou mesmo a senhora que dera o depoimento para o jornal, ela via aquela mãozinha estendida toda vez que fechava os olhos. Às vezes, a mão ficava maior. Às vezes, era sua mãe que estendia a mão, pedindo ajuda. Às vezes, acordava gritando, porque a mão a puxava para baixo.

Para falar a verdade, a mente de Allison tinha se voltado para pensamentos sombrios muito antes da matéria do jornal. Não podia culpar completamente o clima, mas era certo que a chuva constante e o tempo implacavelmente nublado tinham revirado seu próprio tipo de desespero dentro de sua mente. Até que ponto seria mais fácil simplesmente ceder? Por que voltar para Elba e se transformar numa velha desdentada e exausta com 18 filhos para alimentar quando podia simplesmente entrar no lago e, uma vez na vida, assumir o controle do próprio destino?

Estava se transformando na mãe com tanta rapidez que quase conseguia sentir os cabelos ficarem grisalhos. Era tão idiota quanto Judy — acreditando estar apaixonada quando o cara só estava a fim do que ela tinha entre as pernas. Sua tia Sheila tinha dito basicamente isso ao telefone na semana passada. Allison havia ficado choramingando por causa de Jason, perguntando-se por que ele não retornava suas ligações.

Um longo trago no cigarro, então, junto com a fumaça, soltou: *"Está falando igualzinho à sua mãe."*

Uma faca no peito teria sido mais rápida, mais justa. A pior parte era que Sheila tinha razão. Allison amava Jason. Amava-o até demais. Amava-o o bastante para ligar para ele dez vezes por dia mesmo que ele não atendesse. Amava-o o bastante para apertar o "atualizar" da droga do computador a cada dois minutos, para ver se ele tinha respondido algum de seus 9 bilhões de e-mails.

Amava-o o bastante para estar ali no meio da noite fazendo o trabalho sujo que ele não tinha colhão para fazer.

Allison deu outro passo para mais perto do lago. Podia sentir o calcanhar escorregando, mas a necessidade automática do corpo pela autopreservação assumiu o controle antes de ela cair. Ainda assim, a água bateu em seus sapatos. As meias já estavam encharcadas. Os dedos dos pés estavam para lá de dormentes, já no ponto em que uma dor aguda parecia perfurá-los até os ossos. Será que seria desse jeito: um entorpecimento lento, despencando até um falecimento indolor?

Ela tinha pavor de sufocar. Esse era o problema. Amara o oceano talvez durante uns dez minutos quando era pequena, mas isso mudara quando ela completou 13 anos. Seu primo imbecil, Dillard, uma vez a segurara debaixo d'água na piscina municipal, e atualmente ela não gostava nem de tomar banho de banheira porque tinha medo da água

subir pelo nariz e ela entrar em pânico.

Se Dillard estivesse ali, provavelmente a empurraria para dentro do lago sem ela nem ter de pedir. Na primeira vez em que segurara sua cabeça debaixo d'água, ele não demonstrara o menor remorso. Allison vomitara o almoço. Chorara de soluçar. Os pulmões dela queimavam, e ele se limitava a dizer: "He-he", igual a um velho que belisca a parte detrás do seu braço com toda a força só para ouvir você gritar.

Dillard era filho de Sheila, filho único, ainda mais decepcionante para ela do que o pai dele, se é que isso era possível. Cheirava tanto spray de tinta que seu nariz tinha uma cor diferente a cada vez que você o via. Fumava cristal. Roubava a mãe. A última coisa que Allison soubera dele era que fora preso por tentar roubar uma loja de bebidas com uma pistola d'água. O balconista já tinha aberto o crânio dele com um taco de beisebol na hora que a polícia chegou. O resultado era que Dillard tinha ficado ainda mais burro do que antes, mas isso não o impediria de aproveitar uma boa oportunidade. Ele teria dado um belo empurrão em Allison com as duas mãos, atirando-a de cabeça na água enquanto deixava escapar a velha risadinha. "He-he." Enquanto isso, ela ficaria se debatendo, cavando seu caminho até o afogamento.

Quanto tempo levaria até que ela desmaiasse? Quanto tempo teria de viver apavorada antes de morrer? Fechou os olhos outra vez, tentando pensar na água envolvendo-a, engolindo-a. Devia estar tão fria que, de início, daria a sensação de calor. Não se podia viver muito tempo sem ar. Desmaiamos. Talvez o pânico tomasse conta, fazendo-nos entrar em algum tipo de inconsciência histérica. Ou talvez nos sentíssemos vivos — inundados pela adrenalina, lutando como um esquilo preso num saco de papel.

Ela ouviu um galho quebrar às suas costas. Allison se virou, surpresa.

— Jesus!

Escorregou outra vez, dessa vez de verdade. Ficou agitando os braços abertos. Os joelhos cederam. A dor roubou-lhe o fôlego. Caiu de cara na lama. Uma mão agarrou-lhe a nuca, forçando-a a permanecer no chão. Allison inalou o frio intenso da terra, a lama molhada e pegajosa.

Ela instintivamente se debateu, lutando contra a água, lutando contra o pânico que inundava sua mente. Sentiu um joelho ser enfiado na base de sua coluna, prendendo-a ao solo. Uma dor abrasadora cortou sua nuca. Allison sentiu o gosto de sangue. Não queria aquilo. Queria viver. *Tinha* de viver. Abriu a boca para berrar isso até que seus pulmões explodiram.

Mas, logo em seguida, a escuridão.

SEGUNDA-FEIRA

1

Felizmente, o clima de inverno significava que o corpo encontrado no fundo do lago estaria bem preservado, embora a friagem da costa fosse de doer os ossos, o tipo de coisa que fazia a gente ter dificuldade em recordar como havia sido o mês de agosto. O sol no rosto. O suor escorrendo pelas costas. O ar-condicionado do carro soprando uma neblina, porque não conseguia dar conta do calor. Por mais que Lena Adams se esforçasse para lembrar, qualquer pensamento que evocasse calor se perdia naquela manhã chuvosa de novembro.

— Achei — gritou o capitão da equipe de mergulho.

Ele comandava seus homens da margem, a voz abafada pelo sussurro constante da chuva torrencial. Lena ergueu a mão num aceno, a água escorrendo pela manga da parca volumosa que vestira ao receber a ligação às três da manhã. A chuva não era apenas forte, mas implacável, golpeando-lhe as costas com insistência, batendo no guarda-chuva repousado em seu ombro. A visibilidade era de aproximadamente dez metros. Depois disso, tudo se encontrava envolto num nevoeiro denso. Ela fechou os olhos, pensando na cama quentinha, no corpo ainda mais quente que envolveria o dela.

O toque agudo do telefone às três da manhã nunca era bom de ouvir, especialmente quando se é policial. Lena acordara de um sono profundo, o coração batendo forte no peito, a mão automaticamente agarrando o fone e levando-o ao ouvido. Ela era a detetive-sênior de plantão, então teve, por sua vez, que começar a fazer outros telefones tocarem pelo sul da Geórgia. Seu chefe. O legista. O corpo de bombeiros. O Georgia Bureau of Investigation, para lhes avisar que um corpo havia sido encontrado em terra pertencente ao estado. A Georgia Emergency Management Authorith, que mantinha uma lista de voluntários civis ansiosos e prontos para procurar cadáveres ao menor aviso.

Estavam todos reunidos ali no lago, porém os mais espertos esperavam em seus carros, com a calefação no máximo enquanto um vento gelado balançava o chassi como um bebê num berço. Dan Brock, proprietário da agência funerária local e que tinha a dupla função de legista da cidade, dormia em sua van com a cabeça encostada no assento e a boca aberta. Até mesmo os paramédicos continuavam enfiados dentro da ambulância, em segurança. Lena podia ver seus rostos espiando pelas janelas das portas traseiras. De vez em quando alguma mão era estendida para fora, e a brasa de um cigarro brilhava sob a luz do amanhecer.

Ela segurava um saco plástico de provas. Continha uma carta encontrada próxima à

margem. O papel fora rasgado de uma folha maior, um caderno pautado com mais ou menos 20 por 15 centímetros. As palavras haviam sido todas escritas em letras maiúsculas. Caneta esferográfica. Uma frase. Sem assinatura. Nada do tradicional adeus vingativo ou da despedida patética, mas suficientemente claro: *QUERO QUE ACABE.*

Em muitos aspectos, suicídios eram investigações mais difíceis do que homicídios. Com uma pessoa assassinada, havia sempre alguém para culpar. Havia pistas que podiam ser seguidas até o bandido, um padrão claro que se podia expor para explicar à família da vítima exatamente por que a pessoa amada lhe havia sido roubada. Ou, se não por que, pelo menos quem era o filho da mãe que arruinara sua vida.

Em casos de suicídio, a vítima é o assassino. A pessoa em quem se coloca a culpa é, também, a pessoa cuja perda é sentida mais profundamente. Ela não está presente para ser recriminada pela própria morte, para ser alvo da raiva natural que qualquer um sente quando há uma perda. O que o morto deixa, em vez disso, é um vazio que toda a dor e todo o sofrimento do mundo jamais conseguem preencher. Mãe e pai, irmãs, irmãos, amigos e outros parentes — todos se veem sem ter a quem punir pela sua perda.

E as pessoas sempre querem punir alguém quando uma vida é tirada inesperadamente.

Era por isso que cabia a um investigador certificar-se de que cada centímetro de uma cena de morte fosse esquadrinhada e registrada. Cada guimba de cigarro, cada pedacinho de lixo ou de papel precisava ser catalogado, verificado em busca de digitais e enviado ao laboratório para análise. As condições climáticas eram anotadas no relatório inicial. Os vários policiais e pessoal de emergência presentes eram registrados num histórico. Se uma multidão se formasse, fotografias eram tiradas. Placas, verificadas. A vida da vítima de suicídio era investigada tão detalhadamente quanto a de um homicídio: quem eram os seus amigos? Quem eram os seus amantes? Havia um marido? Namorado? Namorada? Havia vizinhos enfurecidos ou colegas de trabalho invejosos?

Lena só estava a par do que haviam descoberto até aquele momento: um par de tênis femininos, tamanho 37/38, deixado a poucos metros do bilhete de suicídio. Dentro do calçado esquerdo, havia um anel barato: ouro 12 quilates com um rubi sem vida no centro. O calçado direito continha um relógio branco da marca Victorinox com diamantes falsos no lugar dos números. Debaixo disso, encontrava-se o bilhete.

Quero que acabe.

Não muito reconfortante para quem foi deixado para trás.

De repente, ouviu-se um barulho de água quando um dos mergulhadores subiu à superfície do lago. Seu parceiro surgiu ao seu lado. Os dois lutaram com o sedimento do fundo para tirar o corpo da água fria e expô-lo à chuva gelada. A menina morta era miúda, o que fazia com que o esforço parecesse exagerado, mas logo Lena percebeu o motivo para tanta força. Havia uma corrente grossa, de aparência industrial, amarrada à sua cintura com um cadeado amarelo vivo pendurado, lembrando uma fivela de cinto. Presos à corrente estavam dois blocos de concreto.

Às vezes, no trabalho policial, ocorriam pequenos milagres. A vítima, obviamente, estivera se certificando de que não poderia voltar atrás. Mas se não tivessem sido os blocos de concreto para puxá-la para baixo, a corrente provavelmente teria arrastado o corpo para o meio do lago, fazendo com que fosse quase impossível encontrá-la.

O lago Grant era um corpo hídrico artificial de 13 quilômetros quadrados e noventa metros de profundidade em alguns pontos. Abaixo da superfície, havia casas, pequenos

chalés e barracos abandonados onde pessoas haviam vivido antes de a área ser transformada em reservatório. Havia lojas, igrejas e um moinho de algodão que sobrevivera à Guerra Civil apenas para ser fechado durante a Depressão. Tudo isso havia sido destruído pelas águas céleres do rio Ochawahee para que o condado de Grant pudesse ter uma fonte confiável de energia.

O Serviço Nacional de Florestas era dono da maior parte do lago, mais de 4 mil quilômetros quadrados que abraçavam a água como um capuz. Uma das margens tocava a zona residencial onde viviam os mais afortunados, e a outra margeava o Instituto de Tecnologia Grant, uma universidade estadual pequena, porém bem-sucedida, com quase 5 mil alunos matriculados.

Sessenta por cento do litoral de 128 quilômetros do lago era de propriedade da Divisão de Florestas Estadual. O local mais popular de todos era, de longe, aquele ali, que os moradores locais chamavam de Ponta dos Amantes. Era permitido aos campistas armarem suas barracas. Adolescentes iam ali farrear, com frequência deixando para trás garrafas de cerveja vazias e camisinhas usadas. De vez em quando, ligavam dando parte de uma fogueira que saíra do controle e, uma vez, haviam alertado sobre a presença de um urso raivoso que, no final das contas, não passara de um cão labrador chocolate que se afastara do acampamento dos donos.

Cadáveres também eram achados por ali de vez em quando. Certa vez, uma garota fora enterrada viva. Vários homens, previsivelmente adolescentes, haviam se afogado desempenhando diversos atos de estupidez. No último verão, uma criança quebrara o pescoço mergulhando nas águas rasas da enseada.

Os dois mergulhadores fizeram uma pausa, deixando a água pingar de seus corpos antes de retomarem sua tarefa. Finalmente, acenaram com a cabeça e arrastaram a jovem até a margem. Os blocos de concreto foram deixando sulcos profundos no solo arenoso. Eram seis e meia da manhã, e a lua parecia piscar para o sol, que começava sua lenta escalada pelo horizonte. As portas da ambulância foram abertas. Os paramédicos xingaram ao descerem da maca para o frio intenso. Um deles carregava um alicate corta vergalhão por cima do ombro. Ele bateu com a mão no capô da van do legista, e Dan Brook se sobressaltou, agitando os braços no ar comicamente. Olhou para o paramédico com expressão severa, mas permaneceu onde estava. Lena não podia culpá-lo por não querer sair correndo debaixo da chuva. A vítima não ia a lugar algum além do necrotério. Não havia necessidade de luzes e sirenes.

Lena se aproximou do corpo, dobrando cuidadosamente o saco plástico de provas que continha o bilhete de suicídio e colocando-o no bolso do casaco para então pegar uma caneta e seu bloquinho espiral. Apoiando o guarda-chuva entre o pescoço e o ombro, anotou hora, data, condições climáticas, número de paramédicos, número de mergulhadores, número de carros e de policiais, estado do terreno; observou a solenidade da cena, a ausência de espectadores — todos os detalhes que precisariam ser anexados com exatidão ao relatório.

A vítima tinha mais ou menos a altura de Lena, 1,65 metro, mas tinha uma estrutura bem mais miúda. Os punhos eram delicados como os de um pássaro. As unhas eram desiguais, roídas até o sabugo. Tinha cabelos pretos e a pele muito branca. Devia ter 20 e poucos anos. Os olhos abertos estavam anuviados como se cobertos por algodão. A boca estava fechada. Os lábios pareciam machucados, como se ela os mordesse por um hábito

nervoso. Ou talvez algum peixe tivesse ficado com fome.

Seu corpo ficara mais leve sem o arrastar da água, e foram necessários apenas três mergulhadores para colocá-lo na maca à sua espera. O lodo do fundo do lago cobria o corpo da jovem dos pés à cabeça. A água pingava das roupas — jeans, uma camisa preta de *fleece*, meias brancas, sem tênis, um agasalho azul escuro com o zíper aberto e o logotipo da Nike na frente. A maca se deslocou, e a cabeça se virou para o lado oposto ao de Lena.

Lena parou de escrever.

— Espere um minuto — gritou, sabendo que algo estava errado. Enfiou o bloco no bolso enquanto se aproximava do corpo. Tinha visto um reflexo na nuca da menina — algo prateado, talvez um colar. Algas pendiam da garganta e dos ombros da vítima como uma mortalha. Lena usou a ponta da caneta para empurrar as gavinhas verdes e escorregadias para longe. Algo se movia por baixo da pele, ondulando a carne da mesma forma que a chuva fazia ondular a correnteza.

Os mergulhadores também notaram o movimento. Todos se agacharam para ver melhor. A pele vibrava como algo tirado de um filme de terror.

Um deles começou:

— Mas que...

— Cruzes! — Lena deu um pulo rápido para trás quando um peixinho deslizou para fora de um corte no pescoço da menina.

Os mergulhadores riram, como fazem os homens quando não querem admitir que acabam de se borrar de medo. Lena levou a mão ao peito, esperando que ninguém tivesse notado que seu coração praticamente explodira. Engoliu ar. O peixinho se debatia na lama. Um dos homens o apanhou e atirou de volta no lago. O capitão dos mergulhadores fez a inevitável piadinha sobre haver algo podre no ar.

Lena o olhou com severidade antes de se inclinar em direção ao cadáver. O corte de onde o peixe saíra estava logo à direita da coluna. Calculou que o ferimento tivesse 2,5 centímetros de largura, no máximo. A carne aberta estava franzida devido à ação da água, mas em algum momento o ferimento fora limpo, preciso — o tipo de incisão feita por uma faca muito afiada.

— Alguém vá acordar Brock — disse ela.

Aquilo não era mais uma investigação de suicídio.

2

Frank Wallace nunca fumava no seu Lincoln Town Car de propriedade do condado, mas os assentos em tecido haviam absorvido o fedor de nicotina que escapava de cada poro do seu corpo. Ele fazia com que Lena se lembrasse do Chiqueirinho, personagem dos quadrinhos Peanuts. Não importava o quanto estivesse limpo ou a frequência com que trocasse de roupa, o fedor o perseguia como uma nuvem de poeira.

— O que foi? — questionou ele, nem mesmo dando a ela tempo de fechar a porta do carro.

Lena atirou a parca molhada no chão do carro. Mais cedo, vestira uma jaqueta com duas blusas por baixo para tentar se proteger do frio. Ainda assim, mesmo com a calefação no máximo, batia o queixo. Era como se o seu corpo tivesse armazenado todo o calor para quando estava lá fora, de pé na chuva, só agora deixando-o escapar, já que estava protegida.

Ergueu as mãos em direção à saída de ar.

— Meu Deus, está gelado.

— O que foi? — repetiu Frank. Fez enorme questão de puxar as luvas de couro preto para trás de maneira a olhar o relógio.

Lena estremeceu involuntariamente. Não conseguia esconder a animação na voz. Nenhum policial admitiria tal coisa a um civil, mas homicídios eram os casos mais emocionantes com que trabalhar. Lena estava com o corpo tão cheio de adrenalina que estranhou estar sentindo tanto frio. Por entre os dentes que não paravam de bater, disse:

— Não foi suicídio.

Frank mostrou-se ainda mais irritado.

— Brock concorda com você?

Brock voltara a dormir na van enquanto esperava as correntes serem cortadas, algo que os dois sabiam pois dava para enxergar seus molares posteriores de onde estavam sentados.

— Brock não saberia distinguir o próprio cu de um buraco no chão — rebateu Lena. Esfregou os braços para tentar devolver ao corpo algum calor.

Frank sacou a garrafinha de bebida e passou para ela. Ela tomou um gole rápido, o uísque queimando a garganta enquanto descia e entrava no estômago. Frank tomou um bom trago antes de colocar o frasco de volta no bolso do casaco.

— Tem um ferimento à faca no pescoço — contou-lhe Lena.

— No do Brock?

Lena fuzilou-o com os olhos.

— No da garota morta. — Ela se abaixou e procurou na parca a carteira que havia encontrado no bolso da jaqueta da mulher.

— Pode ter sido autoinfligido — sugeriu Frank.

— Não é possível. — Ela levou a mão à nuca. — A lâmina entrou mais ou menos aqui. O assassino estava em pé atrás dela. Provavelmente a surpreendeu.

Frank resmungou.

— Tirou isso de um dos seus livros didáticos?

Lena segurou a língua, algo que não estava acostumada a fazer. Frank vinha ocupando o posto chefe de polícia interino pelos últimos quatro anos. Tudo o que acontecia nas três cidades que constituíam o condado de Grant competiam a ele. Madison e Avondale tinham os problemas de sempre com drogas e violência doméstica, mas Heartsdale devia ser tranquila. A faculdade ficava ali, e os abastados residentes locais eram exigentes em se tratando de combate ao crime.

Mesmo sem isso, casos complicados tinham tendência a transformar Frank num babaca. Na realidade, a vida de uma maneira geral podia transformá-lo num babaca. Se o café esfriasse. Se o carro não ligasse de primeira. Se a tinta da caneta secasse. Frank nem sempre fora assim. Certamente tendera para a rabugice desde que Lena o conhecera, mas ultimamente sua atitude vinha tingida de uma fúria oculta que parecia prestes a transbordar. Qualquer coisa era capaz de fazê-lo explodir. Ia de um estado de irritabilidade administrável para um de pura crueldade num piscar de olhos.

Pelo menos nesse caso em particular, a relutância de Frank fazia sentido. Depois de 35 anos como policial, um caso de homicídio era a última coisa que ele queria em sua mesa. Lena sabia que ele estava de saco cheio do trabalho, de saco cheio das pessoas com as quais o trabalho o obrigava a ter contato. Ele havia perdido dois de seus amigos mais próximos nos últimos seis anos. O único lago em que ele gostaria de estar naquele momento era na ensolarada Flórida. Devia estar segurando uma vara de pescar e uma lata de cerveja nas mãos, não a carteira de uma menina morta.

— Tem cara de falsificada — comentou Frank, abrindo a carteira. Lena concordou. O couro era brilhoso demais. O logotipo da Prada era de plástico.

— Allison Judith Spooner — disse Lena, observando Frank tentar separar as folhas plásticas encharcadas. — Tem 21 anos. A carteira de motorista é de Elba, no Alabama. A de estudante está mais para trás.

— Faculdade. — Frank deixou escapar a palavra com algo que soou como desespero.

Já era ruim o bastante que Allison Spooner tivesse sido encontrada em ou próxima a uma propriedade do Estado. Acrescente-se a isso o fato de ser uma menina de fora do Estado que frequentava a Grant Tech, e o caso ficava vinte vezes mais político.

— Onde encontrou a carteira? — perguntou ele.

— No bolso da jaqueta dela. Acho que não estava de bolsa. Ou vai ver que quem a matou queria que soubéssemos sua identidade.

Ele olhava para a foto da carteira de motorista da menina.

— O que é?

— Lembra um pouco a garçonetezinha que trabalha na lanchonete.

O Grant Diner ficava na Main Street, na extremidade oposta à da delegacia. A maior

parte da força policial almoçava lá. Lena mantinha distância do lugar. Costumava levar a própria comida ou, o que era mais frequente, não comia nada.

— Você a conhecia? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça e deu de ombros ao mesmo tempo.

— Era bonita.

Frank tinha razão. Não era muita gente que tinha uma fotografia de carteira de motorista que lhe favorecesse, mas Allison Spooner tivera mais sorte do que a maioria. Os dentes brancos estavam expostos num largo sorriso. Os cabelos estavam afastados da face, revelando maçãs do rosto salientes. Havia alegria em seus olhos, como se alguém tivesse acabado de lhe contar uma piada. Isso tudo era um forte contraste com o corpo que haviam tirado do lago. A morte apagara sua vivacidade.

— Eu não sabia que era estudante — comentou Frank.

— Não costumam trabalhar na cidade — comentou Lena.

Os alunos da Grant Tech costumavam trabalhar no campus ou não trabalhavam, ponto. Não se misturavam com a cidade, e a cidade fazia o possível para não se misturar com eles.

— A faculdade está fechada para o feriado de Ação de Graças — observou Frank. — Por que ela não está em casa com a família?

Lena não tinha resposta para a pergunta.

— Tem quarenta dólares na carteira, então não foi roubo.

Frank verificou o compartimento reservado para notas ainda assim, os dedos grossos e enluvados encontraram uma nota de vinte e duas de dez coladas pela água do lago.

— Talvez estivesse se sentindo sozinha. Então decidiu pegar a faca e acabar com a própria vida.

— Ela teria de ser contorcionista — insistiu Lena. — Você vai ver quando Brock a colocar em cima da mesa. Foi esfaqueada por trás.

Ele deixou escapar um suspiro de completa exaustão.

— E a corrente e os blocos de concreto?

— Podemos tentar a Ferragens Mann, aqui na cidade. Talvez o assassino os tenha comprado lá.

Ele tentou outra vez.

— Tem certeza sobre o ferimento à faca?

Ela fez que sim.

Frank não parava de olhar para a foto da carteira de motorista.

— Ela tem carro?

— Se tem, não está nas imediações. — Lena insistiu no argumento. — A não ser que ela tenha atravessado o bosque carregando quase vinte quilos em blocos de concreto e umas correntes...

Frank finalmente fechou a carteira e a devolveu a ela.

— Por que toda segunda-feira só fica cada vez mais merda?

Lena não soube responder. A semana anterior não tinha sido muito melhor. Uma jovem mãe e a filha tinham sido carregadas por uma enchente repentina. A cidade toda ainda estava zonza com a perda. Não havia como imaginar como reagiriam ao saber que uma universitária jovem e bonita fora assassinada.

Ela disse a Frank:

— Brad está tentando localizar alguém da faculdade que possa entrar na secretaria e nos fornecer o endereço dela na cidade. — Brad Stephens finalmente conseguira ascender da patrulha para o posto de detetive, embora o novo posto não exigisse dele muito mais do que exigia o antigo. Ainda realizava as tarefas menores.

— Assim que a cena tiver sido liberada, eu me encarrego de notificar o óbito — ofereceu Lena.

— Alabama está no fuso horário central. — Frank olhou para o relógio. — É melhor ligar direto para os pais do que acordar o departamento de polícia de Elba cedo assim.

Lena verificou o próprio relógio. Aproximava-se das sete da manhã, o que significava que eram quase seis no Alabama. Se Elba se parecesse em qualquer coisa com o condado de Grant, os detetives estariam à disposição do departamento durante a noite, mas não era de se esperar que estivessem em suas mesas antes das oito. Normalmente, àquela hora do dia, Lena estaria se levantando da cama e brigando com a cafeteira.

— Eu dou um telefonema de cortesia assim que chegarmos à delegacia.

O carro mergulhou em silêncio, com exceção do som da chuva açoitando aço. Um raio fino e cruel acendeu o céu. Lena encolheu-se instintivamente, mas Frank apenas olhou para a frente, para o lago. Os mergulhadores não estavam preocupados com raios. Revezavam-se com o alicate corta vergalhão, tentando desemaranhar a menina morta dos dois blocos de concreto.

O telefone de Frank tocou, um trinado agudo que soava como um passarinho de alguma floresta tropical. Ele atendeu com um áspero:

— O que é? — Escutou por alguns segundos, então perguntou: — E os pais? — Frank resmungou baixinho uma sucessão de palavrões. — Então volte lá dentro e descubra. — Fechou o telefone com uma batida. — Imbecil.

Lena deduziu que Brad tivesse se esquecido de pegar os dados dos pais.

— Onde Spooner mora?

— Na Taylor Drive. Número 16 e meio. Brad vai nos encontrar lá se conseguir encontrar a própria cabeça. — Ele engrenou o carro e atirou o braço por cima do assento de Lena enquanto dava ré. A floresta estava densa e molhada. Lena apoiou a mão sobre o painel do carro enquanto Frank pegava a estrada outra vez, lentamente.

— O número 16 e meio deve querer dizer que ela mora numa garagem convertida — observou Lena.

Muitos dos moradores locais haviam convertido suas garagens e depósitos em algo que parecesse um espaço habitável para poderem cobrar um aluguel exorbitante dos universitários. A maioria dos alunos estava tão desesperada para morar fora do campus que não fazia muitas perguntas.

— O proprietário é Gordon Braham — disse Frank.

— Brad descobriu isso?

Passaram por um quebra-molas que fez os dentes de Frank baterem.

— A mãe disse a ele.

— Bem. — Lena vasculhou a mente atrás de algo positivo para dizer a respeito de Brad. — Ele demonstrou iniciativa descobrindo quem é o dono da casa e da garagem.

— Iniciativa — zombou Frank. — Esse moleque ainda vai acabar tendo a cabeça estourada por um tiro qualquer dia desses.

Lena conhecia Brad havia dez anos. Frank o conhecia havia mais tempo ainda. Os dois

ainda o viam como um rapazinho desajeitado, um adolescente que parecia fora do lugar com o coldre da arma alto demais na cintura. Brad dedicara anos à polícia e passara pelas provas necessárias para conseguir seu distintivo dourado de detetive, mas Lena fazia aquele trabalho havia bastante tempo para saber que existia uma diferença entre uma promoção administrativa e uma promoção de experiência. Ela só torcia para que, numa cidade pequena como Heartsdale, a falta de malandragem de Brad não importasse. Ele era bom em preencher relatórios e conversar com testemunhas, mas, mesmo depois de dez anos no volante de uma viatura, ainda tendia a enxergar o bom nas pessoas em vez de o ruim.

Lena havia começado o trabalho de policial fazia menos de uma semana quando se dera conta de que não existia essa de uma pessoa verdadeiramente boa.

Incluindo ela própria.

Não queria perder tempo se preocupando com Brad no momento. Foi passando as fotos da carteira de Allison Spooner enquanto Frank atravessava a floresta. Havia uma foto de um gato ruivo malhado deitado no sol e uma foto informal que mostrava Allison com uma mulher que Lena presumiu ser sua mãe. A terceira fotografia mostrava Allison sentada no banco de uma praça. À sua direita havia um homem que parecia alguns anos mais jovem que ela. Ele usava um boné de beisebol enterrado na cabeça e suas mãos estavam enfiadas no fundo dos bolsos da calça largona. À esquerda de Allison, havia uma mulher mais velha de cabelos louros oleosos e maquiagem pesada. Os jeans eram colados no corpo. Havia certa dureza em seus olhos. Ela podia ter 30 ou 300 anos. Os três estavam sentados juntos. O rapaz tinha o braço ao redor dos ombros de Allison Spooner.

Lena mostrou a foto para Frank. Ele perguntou:

— Família?

Ela estudou a foto, concentrando-se no cenário ao fundo.

— Parece ter sido tirada no campus. — Ela mostrou a Frank. — Está vendo o prédio branco aqui atrás? Acho que é o centro estudantil.

— Essa garota não tem cara de universitária, na minha opinião.

Ele se referia à loura mais velha.

— Parece ser das redondezas. — Ela tinha o inconfundível jeito ordinário e a cabeleira loura oxigenada de uma menina nascida e criada naquela cidade. Tirando a carteira falsificada, Allison Spooner aparentava estar vários níveis acima dela na escala social. Não pareciam combinar como possíveis amigas. — Será que Spooner tinha algum problema com drogas? — questionou Lena. Nada perpassava tanto as classes sociais como a metanfetamina.

Finalmente chegaram à estrada principal. As rodas traseiras do carro deram uma última derrapada no barro antes de Frank pegar o asfalto.

— Quem fez a ligação avisando do corpo?

Lena balançou a cabeça.

— A chamada de emergência foi feita de um celular. O número estava bloqueado. A voz era de mulher, mas ela não quis deixar o nome.

— O que foi que ela disse?

Lena folheou o bloquinho cuidadosamente de maneira que as páginas úmidas não rasgassem. Encontrou a transcrição e leu em voz alta:

— "Voz feminina: Minha amiga está desaparecida desde hoje à tarde. Acho que ela se

matou. Telefonista de Emergências: O que fez você achar que ela se matou? Voz feminina: Ela brigou com o namorado ontem à noite. Disse que ia se afogar na Ponta dos Amantes." O telefonista tentou mantê-la na linha, mas ela desligou logo depois.

Frank ficou calado. Ela viu a garganta dele subir e descer. Seus ombros estavam tão encolhidos que ele mais parecia um membro de gangue agarrado ao volante. Ele vinha lutando contra a possibilidade de aquilo ser um homicídio desde que Lena entrara no carro.

— O que você acha? — perguntou ela.

— Ponta dos Amantes — repetiu Frank. — Só mesmo alguém das redondezas chamaria assim esse lugar.

Lena segurou o bloquinho na frente da saída da calefação, tentando secar as folhas.

— O namorado provavelmente é esse garoto da foto.

Frank não captou sua linha de raciocínio.

— Então, a ligação para a emergência foi feita, e Brad foi até o lago e encontrou o quê?

— O bilhete estava debaixo de um dos sapatos. O anel e o relógio de Allison estavam dentro. — Lena se abaixou outra vez em direção aos sacos plásticos de provas enterrados nos bolsos profundos da parca. Vasculhou os pertences da vítima e encontrou o bilhete, que mostrou para Frank. — "Quero que acabe."

Ele olhou fixamente para o bilhete por tanto tempo que ela teve receio de que ele não estivesse prestando atenção na estrada.

— Frank?

Uma das rodas raspou a beirada do asfalto. Frank deu um puxão no volante. Lena se segurou ao painel. Sabia que era melhor não dizer nada sobre o jeito de ele dirigir. Frank não era o tipo de homem que gostava de ser corrigido, especialmente por uma mulher. Especialmente por Lena.

— É um bilhete estranho para um suicídio — disse ela. — Mesmo que para um falso suicídio.

— Curto e direto ao ponto. — Frank manteve uma das mãos no volante enquanto vasculhava o bolso do casaco. Deslizou os óculos de leitura no rosto e fitou a tinta borrada. — Ela não assinou.

Lena olhou para a estrada. Ele ultrapassava a linha branca mais uma vez.

— Não.

Frank ergueu os olhos e guiou o carro de volta à pista central.

— Isso parece letra de mulher para você?

Lena não havia considerado a questão. Estudou a frase única, escrita com uma letra de fôrma larga e redonda.

— É bem clara, mas eu não saberia dizer se foi um homem ou uma mulher que escreveu. Podíamos perguntar a um grafologista. Allison era universitária, então deve ter feito anotações nas aulas, redações ou provas. Tenho certeza de que podemos encontrar alguma coisa para comparar com isso.

Frank não reagiu a nenhuma das sugestões de Lena. Em vez disso, disse:

— Eu me lembro de quando minha filha tinha a idade dela. — Ele pigarreou algumas vezes. — Ela costumava colocar bolinhas em cima dos *i*s em vez de pontos. Eu me pergunto se ainda faz isso.

Lena ficou calada. Trabalhara a carreira toda com Frank, mas não sabia muita coisa

sobre sua vida pessoal além do que quase todo o restante da cidade sabia. Tinha dois filhos com a primeira mulher, mas isso foi várias mulheres atrás. Haviam deixado a cidade. Ele não parecia ter contato com nenhum deles. Ele nunca mencionava a família, e, naquele instante, Lena estava com frio demais e agitada demais para começar a compartilhar aquele tipo de coisa.

Ela voltou o foco para o caso.

— Então, alguém enfiou uma faca na nuca de Allison, acorrentou-a a uns blocos de concreto, atirou-a num lago e decidiu fazer parecer suicídio. — Lena balançou a cabeça diante de tal estupidez. — Mais um gênio do crime.

Frank bufou em sinal de concordância. Deu para perceber que ele estava pensando em outras coisas. Tirou os óculos e fitou a estrada à sua frente.

Ela não queria, mas perguntou:

— O que foi?

— Nada.

— Há quantos anos ando nesta patrulha com você, Frank?

Ele deu outro grunhido, mas cedeu com bastante facilidade.

— O prefeito está atrás de mim.

Lena sentiu um bolo se formar em sua garganta. Já fazia algum tempo que Clem Waters, prefeito de Heartsdale, vinha tentando transformar a função de Frank como chefe interino numa posição mais permanente.

Frank disse:

— Na verdade, eu não quero o emprego, mas não tem mais ninguém fazendo fila para ficar com ele.

— Não — concordou ela. Ninguém queria o emprego, em especial porque ninguém, nem em um milhão de anos, chegaria aos pés do homem que o tivera antes.

— Os benefícios são bons — comentou Frank. — A aposentadoria é bacana. O plano de saúde e a pensão são melhores.

Ela conseguiu engolir.

— Que bom, Frank. Jeffrey ia querer que você aceitasse.

— Ele ia querer que eu me aposentasse antes de ter um infarto perseguindo algum drogado pelo pátio do campus.

Frank sacou o frasco de bebida e ofereceu a Lena. Ela balançou a cabeça e o observou dar um longo gole mantendo um dos olhos na estrada enquanto inclinava a cabeça para trás. O foco de Lena permaneceu na mão dele. Havia um ligeiro tremor nela. Suas mãos vinham tremendo muito ultimamente, especialmente pela manhã.

Sem aviso, o ritmo constante da chuva se transformou num agressivo *staccato*. O barulho ecoava dentro do carro, preenchendo o ar. Lena pressionou a língua no céu da boca. Devia contar a Frank agora que queria pedir demissão, que havia um emprego em Macon à sua espera se ela tivesse coragem de arriscar. Ela havia se mudado para o condado de Grant para ficar perto da irmã, mas a irmã tinha morrido havia quase uma década. O tio, o único parente vivo que tinha, aposentara-se e fora para a região de Panhandle na Flórida. Sua melhor amiga arranjara um emprego numa biblioteca no Norte. Seu namorado morava a duas horas de distância. Não havia nada prendendo Lena ali, exceto a inércia e a lealdade a um homem que morrera havia quatro anos e que provavelmente não a achava uma boa policial.

Frank usou os joelhos para manter o volante parado enquanto enroscava a tampa de volta na garrafinha de bebida.

— Não vou aceitar a não ser que você diga que tudo bem.

Ela virou a cabeça, surpresa.

— Frank...

— Estou falando sério — interrompeu ele. — Se não for tudo bem para você, eu mando o prefeito enfiar o emprego no cu. — Ele deu uma risada súbita que fez chacoalhar o catarro no seu peito. — Talvez eu até convide você para ir comigo, só para ver a cara que o merdinha vai fazer.

Ela se obrigou a dizer:

— Você devia aceitar o emprego.

— Não sei, Lee. Estou ficando muito velho. As crianças estão grandes. Minhas mulheres seguiram em frente com suas vidas. Na maior parte dos dias, eu me pergunto por que ainda me levanto da cama. — Ele deu outra risadinha rouca. — É possível que você me encontre num lago um dia com o relógio dentro do sapato. Só que de verdade.

Ela não queria ouvir o cansaço na voz dele. Frank estava naquela função vinte anos a mais do que Lena, mas ela ouvia a exaustão no seu tom de voz como se fosse dela própria. Era por isso que ela vinha passando cada minuto livre fazendo aulas na faculdade, tentando se formar em ciências forenses para que pudesse trabalhar na parte investigativa das cenas de crime em vez de no policiamento.

Lena sabia lidar com as ligações que a arrancavam da cama de manhã cedo. Conseguia lidar com a carnificina, com os cadáveres e com a tristeza extrema que a morte trazia para cada e todo instante de nossas vidas. O que ela não aguentava mais era estar na linha de frente. Era responsabilidade demais. Risco demais. Você cometia um erro, e isso podia custar uma vida — não a sua, mas a de outra pessoa. Podia acabar gerando a morte do filho de alguém. Do marido de alguém. Do amigo de alguém. Descobria-se com bastante rapidez que o fato de outra pessoa morrer sob sua supervisão era bem pior do que o espectro da própria morte.

Frank disse:

— Ouça, eu preciso lhe dizer uma coisa.

Lena olhou para ele, perguntando-se o porquê daquela súbita franqueza. Os ombros dele haviam despencado ainda mais, e os nós dos dedos estavam brancos de agarrar o volante. Ela percorreu o catálogo de coisas pelas quais talvez estivesse enrascada no trabalho, mas o que saiu da boca de Frank lhe tirou o fôlego.

— Sara Linton está na cidade.

Lena sentiu o gosto de uísque com bílis no fundo da garganta. Por um breve e apavorante instante, achou que ia vomitar. Lena não conseguia enfrentar Sara. As acusações. A culpa. Até mesmo a ideia de descer sua rua de carro era demais para ela. Lena sempre pegava o caminho mais longo para o trabalho, evitando a casa de Sara, evitando a profunda tristeza que se manifestava todas as vezes que pensava no lugar.

Frank manteve a voz baixa.

— Ouvi falar na cidade, então liguei para o pai dela. Ele disse que ela chegaria hoje para passar o dia de Ação de Graças. — Ele pigarreou. — Eu não teria lhe contado, mas aumentei o número de patrulhas do lado de fora da casa deles. Você ia ver os registros e se perguntar por quê, então agora você já sabe.

Lena tentou engolir o gosto azedo na boca. Parecia vidro descendo pela garganta.

— OK — conseguiu dizer. — Obrigada.

Frank fez uma curva fechada na Taylor Road, passando direto pela placa de pare. Lena agarrou a lateral da porta para se segurar, mas foi um movimento automático. Sua mente estava ocupada pensando em como pedir uma folga para Frank no meio de um caso. Tiraria uma semana e iria a Macon, quem sabe dar uma olhada em alguns apartamentos até o fim do feriado, quando Sara estaria de volta à Atlanta, onde era seu lugar.

— Olhe só esse idiota — resmungou Frank, diminuindo a velocidade.

Brad Stephens estava de pé do lado de fora da viatura estacionada. Usava um terno bege muito bem passado. A camisa branca praticamente brilhava no contraste com a gravata azul listrada que a mamãe provavelmente tinha escolhido para ele, junto com o resto da roupa que estava usando naquela manhã. O que claramente estava incomodando Frank era o guarda-chuva na mão de Brad. Era rosa-shocking, a não ser pelo logotipo da Mary Kay bordado em amarelo.

— Pega leve com ele — tentou Lena, mas Frank já estava saltando do carro.

Lutou com o próprio guarda-chuva, um imenso toldo preto que pegara de Brock na agência funerária, e foi andando pesadamente em direção a Brad. Lena esperou no carro, observando Frank repreender o jovem detetive. Sabia como era levar esporro de Frank. Ele havia sido seu mentor quando ela começara na patrulha e depois seu parceiro ao tornar-se detetive. Se não fosse por Frank, Lena teria desistido do emprego na primeira semana. O fato de ele achar que a polícia não era lugar de mulher deixara Lena determinada a provar o contrário.

E Jeffrey fora seu amortecedor. Lena se dera conta, havia algum tempo, de que tendia a se espelhar em quem quer que estivesse diante dela. Quando era Jeffrey quem mandava, eles faziam tudo da maneira certa — ou pelo menos o mais certo que podiam. Era um policial firme, o tipo de homem que tinha a confiança da comunidade porque seu caráter se mostrava em tudo o que fazia. Por isso que o prefeito o havia contratado, para início de conversa. Clem queria romper com velhos modelos, puxar o condado de Grant para o século XXI. Ben Carver, o chefe de polícia que estava saindo, era mais sujo do que pau de galinheiro. Frank fora seu braço direito e era igualmente sujo. Sob o comando de Jeffrey, Frank mudara o jeito de ser. Todos haviam mudado. Ou pelo menos enquanto Jeffrey era vivo.

Na primeira semana que Frank ficara responsável pelo departamento, as coisas começaram a degringolar. Foi um processo lento, de início, difícil de perceber. Um resultado de bafômetro sumira, liberando um dos companheiros de caçada de Frank de uma multa por embriaguez. Um vendedor de maconha especialmente cuidadoso que atuava na faculdade foi subitamente pego com um enorme carregamento da droga na mala do carro. Multas desapareceram. Faltava dinheiro no armário de provas. Requerimentos mostravam-se duvidosos. O contrato do serviço de manutenção dos carros do condado passou para uma oficina da qual Frank era sócio.

Como uma barragem se rompendo, essas pequenas rachaduras foram levando a problemas maiores, até a coisa toda explodir e todos os policiais da força estarem fazendo alguma coisa que não deveriam. O que era um dos principais motivos pelos quais Lena precisava ir embora. Macon não estava facilitando as coisas. A cidade era maior do que as três do condado de Grant juntas, com uma população de aproximadamente 100 mil. As

pessoas entravam com processos quando eram lesadas pela polícia e costumavam ganhar. A taxa de homicídios de Macon era uma das mais altas do Estado. Roubos, crimes sexuais, crimes violentos — havia muitas oportunidades para uma detetive, mas ainda mais trabalho para uma perita criminal. Lena estava a dois cursos do diploma de perícia criminal. Não havia atalhos na coleta de provas. Colhiam-se impressões digitais. Aspiravam-se tapetes em busca de fibras. Fotografavam-se sangue e outros fluidos. Catalogavam-se evidências. Em seguida, entregava-se tudo para outra pessoa. Os peritos em laboratório eram responsáveis pela ciência. Os detetives eram responsáveis por apanhar os bandidos. Lena seria apenas uma faxineira honrada com um distintivo e benefícios do Estado. Ela podia passar o resto da vida processando cenas de crime e, então, aposentar-se cedo o bastante para suplementar a aposentadoria com trabalho de investigação particular.

Ia acabar virando um daqueles detetives particulares babacas que viviam enfiando o nariz onde não eram chamados.

— Adams! — Frank deu um murro no capô do carro. A água esguichou como se fosse um cachorro se sacudindo. Tinha acabado de berrar com Brad e procurava mais alguém para arrasar.

Lena pegou a parca encharcada do chão e a vestiu, apertando os cordões do capuz para não encharcar o cabelo. Deu uma olhada no retrovisor para se ver. O cabelo tinha começado a enrolar em cachos. A chuva fizera as raízes católico-irlandesas do pai se manifestarem, suprimindo as da avó mexicana.

— Adams! — berrou Frank mais uma vez.

Quando ela saltou do carro, ele já estava dando outro esporro em Brad, berrando com ele sobre estar usando o coldre baixo demais no cinto.

Lena deu um sorriso forçado, tentando oferecer algum apoio silencioso a Brad. Ela própria já havia sido uma policial estúpida fazia muitos anos. Talvez Jeffrey também a tivesse achado inútil. O fato de ele ter tentado transformá-la em algo que valesse a pena era prova de sua determinação. Uma das poucas razões que Lena conseguia encontrar para não aceitar o emprego em Macon era a de achar que podia fazer alguma coisa para ajudar Brad a ser um policial melhor. Podia mantê-lo longe da corrupção, treiná-lo para fazer as coisas da maneira certa.

Faça o que eu digo, não faça o que eu faço.

— Tem certeza de que é essa aqui? — perguntou Frank, referindo-se à casa.

A garganta de Brad funcionou.

— Sim, senhor. Era o que a faculdade tinha no registro. Número 16 e meio da Taylor Drive.

— Você bateu na porta?

Brad parecia não saber qual era a resposta certa.

— Não, senhor. O senhor disse para eu o esperar.

— Você tem o telefone do proprietário?

— Não, senhor. O nome dele é Sr. Braham, mas...

— Cristo — resmungou Frank, seguindo em direção à garagem.

Lena não conseguiu evitar sentir pena de Brad. Pensou em estender a mão e lhe dar um tapinha no ombro, mas ele virou seu guarda-chuva rosa-shocking para o lado errado e acabou despejando uma enxurrada em cima da cabeça dela.

— Ah — arquejou Brad. — Meu Deus, me desculpe, Lena.

Ela engoliu uma série de palavrões que quis escapulir e caminhou à frente dele, juntando-se a Frank.

O 16 e meio da Taylor Drive era uma garagem de um andar, um pouco mais profunda do que uma minivan e com o dobro da largura. "Convertida" era um termo vago, pois a estrutura não havia sido realmente alterada por fora. A porta metálica de enrolar ainda estava no lugar de sempre, com cartolina preta cobrindo as janelas. Devido ao dia nublado, as luzes de dentro do apartamento brilhavam pelas brechas do revestimento de alumínio. Tufos de fibra de vidro cor-de-rosa usados como isolamento térmico encontravam-se achatados pela chuva. O telhado de lata estava vermelho de ferrugem, e uma lona azul cobria a parte de trás.

Lena olhou fixamente para a estrutura, perguntando-se por que qualquer mulher em sã consciência moraria ali.

— Uma lambreta — observou Frank. Havia uma Vespa roxa estacionada perto da garagem. Uma corrente de bicicleta prendia a roda traseira a um olhal aparafusado no concreto da entrada da garagem. — É a mesma corrente que estava na garota? — perguntou.

Ela viu um lampejo amarelo brilhante debaixo da roda.

— Parece ser o mesmo cadeado.

Lena olhou para a casa principal, uma construção em estilo rancho com diversos níveis e um telhado de duas águas na frente. As janelas estavam escuras. Não havia carro nenhum parado próximo a casa ou na rua. Teriam de encontrar o proprietário para obter permissão para entrar na garagem. Ela abriu o celular para ligar para Marla Simms, a secretária idosa da delegacia. Juntas, Marla e sua melhor amiga, Myrna, representavam uma agenda combinada de todas as pessoas da cidade.

Brad encostou o rosto em uma das janelas da porta da garagem. Apertou os olhos, tentando enxergar através de um rasgo na cartolina.

— Caramba — sussurrou, recuando tão rápido que quase tropeçou nos próprios pés. Sacou a arma e se agachou.

A Glock de Lena já estava em sua mão antes mesmo de ela pensar em pegá-la. Seu coração saltou para a garganta. A adrenalina fez seus sentidos se aguçarem. Uma olhada rápida por cima do ombro lhe mostrou que Frank também sacara a arma. Todos ficaram ali, armas apontadas para a porta fechada da garagem.

Lena fez sinal para que Brad chegasse para trás. Manteve-se agachada enquanto se aproximava da janela da garagem. O rasgo na cartolina parecia maior agora, mais parecido com um alvo no qual estava prestes a enfiar a cara. Olhou rapidamente para dentro. Havia um homem de pé diante de uma mesa dobrável. Usava uma máscara preta. Ele levantou os olhos como se tivesse ouvido um barulho, e Lena se abaixou outra vez, o coração acelerado. Ela ficou imóvel, contando os segundos enquanto os ouvidos se esforçavam para distinguir passos ou uma arma sendo carregada. Não ouviu nada e foi soltando lentamente.

Levantou um dedo para Frank: uma pessoa. Articulou silenciosamente a palavra "máscara" e viu seus olhos se arregalarem em sinal de surpresa. Frank indicou a arma que segurava, e ela deu de ombros, balançando a cabeça. Não tinha conseguido ver se o homem estava ou não armado.

Sem que lhe mandassem, Brad andou até a lateral da casa. Foi até os fundos, obviamente procurando saídas. Lena contou os segundos, chegando a 26 até ele surgir do outro lado. Brad balançou a cabeça. Não havia porta nos fundos. Não havia janelas. Lena indicou que era para ele ir para o começo da entrada da garagem, atrás deles, e lhes dar apoio. Que ele deixasse que ela e Frank cuidassem daquilo. Brad começou a protestar, mas ela o cortou com uma cara feia. Finalmente, ele deixou a cabeça pender, dando-se por vencido. Ela aguardou até que ele estivesse a pelo menos cinco metros de distância antes de fazer sinal com a cabeça para Frank, avisando que estava pronta.

Frank caminhou até a garagem e se abaixou, segurando a alça de aço que se encontrava na base da porta de enrolar. Fez um sinal para Lena, então deu um puxão rápido e forte.

O homem que se encontrava lá dentro se sobressaltou, arregalou os olhos por trás da máscara preta de esqui que cobria o rosto. Segurava uma faca com a mão enluvada e a erguia como se fosse atacar. A lâmina era longa e fina, com pelo menos vinte centímetros. Algo que se parecia muito com sangue seco cobria o cabo. O concreto por baixo de seus pés estava manchado de marrom escuro. Mais sangue.

— Solte isso — disse Frank.

O invasor não obedeceu. Lena deu alguns passos para a direita, fechando qualquer rota de fuga. Ele estava de pé atrás de uma mesa grande de refeitório coberta de papéis. Havia uma cama de solteiro afastada da parede, formando um ângulo entre a armação da cama e a mesa que dividia o aposento ao meio.

— Solte a faca — disse Lena.

Precisou virar de lado para passar pela cama. Havia outra mancha escura no concreto embaixo da cama. Ao lado, estava um balde com água marrom e uma esponja de aparência imunda. Ela manteve a arma apontada para o peito do homem, contornando, com todo o cuidado, caixas e papéis espalhados. Nervoso, ele olhou de Lena para Frank, ainda empunhando a faca.

— Solte isso — repetiu Frank.

As mãos do homem começaram a descer. Lena se permitiu soltar o ar, achando que aquilo seria fácil. Estava enganada. De repente, o homem empurrou violentamente a mesa para o lado, fazendo-a bater nas pernas de Lena e atirando-a sobre a cama. Ela raspou a cabeça na armação da cama ao rolar até o chão de concreto. Um tiro foi disparado. Lena não achou que fosse de sua arma, mas sentiu a mão esquerda quente, quase pegando fogo. Alguém gritou. Ouviu um gemido abafado. Ela se apressou para se levantar. A visão embaçou.

Frank estava deitado de lado no meio da garagem. A arma estava caída no chão, ao seu lado. Sua mão agarrava o próprio braço. De início, ela achou que ele estivesse tendo um infarto. O sangue que escorria por entre seus dedos mostrou-lhe que ele havia sido cortado.

— Vá! — gritou ele. — Agora!

— Merda — sibilou Lena, empurrando a mesa para longe.

Ficou enjoada. A vista continuava embaçada, mas focou-a no suspeito vestido de preto que parecia voar pela saída da garagem. Brad estava paralisado, a boca aberta de surpresa. O invasor passou bem ao seu lado.

— Pare ele! — gritou ela. — Ele esfaqueou Frank!

Virando-se com um salto, Brad partiu em perseguição. Lena correu atrás dos dois, os tênis estapeando o chão molhado, a água espadanando em direção ao seu rosto. Fez uma curva no final da entrada da garagem e saiu voando pela rua. Mais adiante, viu que Brad se aproximava do suspeito. Ele era mais alto, estava em melhor forma física, e cada passada diminuía a distância entre ele e o sujeito.

— Polícia! Pare! — gritou Brad.

Tudo foi ficando mais lento. A chuva pareceu congelar no ar, gotas minúsculas presas entre o tempo e o espaço.

O suspeito parou. Virou-se e atirou a faca no ar. Lena buscou a arma, tateou o coldre vazio. Ouviu o barulho de metal penetrando carne, e em seguida um gemido alto. Brad despencou encolhido no chão.

— Não — arfou Lena, correndo para Brad e caindo de joelhos. A faca ainda estava em sua barriga. O sangue encharcava a camisa, transformando o branco em carmim. — Brad...

— Está doendo — disse ele. — Doendo muito.

Lena discou no celular, rezando para que a ambulância ainda estivesse no lago, e não fazendo a viagem de meia hora de volta para a delegacia. Atrás dela, ouviu passos ruidosos, sapatos esmurrando a calçada. Com impressionante velocidade, Frank passou correndo por ela, gritando com fúria descontrolada. O suspeito se virou para ver que diabos estava prestes a ser detonado em cima dele quando Frank o atirou no asfalto. Dentes se quebraram. Ossos estalaram. Os punhos de Frank voavam, era como um moinho de dor chovendo em cima do suspeito.

Lena pressionou o fone no ouvido. Escutou os toques que continuavam sem resposta na delegacia.

— Lena... — sussurrou Brad. — Não conte à minha mãe que eu estraguei tudo.

— Você não estragou nada. — Ela usou a mão para proteger o rosto dele da chuva. Suas pálpebras se agitaram, lutando para não se fechar. — Não — implorou ela. — Por favor, não faça isso comigo.

— Eu sinto muito, Lena.

— Não! — gritou ela.

De novo, não.

3

Sara Linton não pensava mais no condado de Grant como sua casa. Pertencia a outro lugar, a outro tempo, tão tangível para ela quanto a Manderley de *Rebecca* ou as charnecas de Heathcliff. Enquanto dirigia pela periferia da cidade, não pôde deixar de notar que tudo parecia igual, embora nada fosse muito real. A base militar fechada que ia lentamente se reintegrando à natureza. Os estacionamentos de trailers no lado ruim da linha férrea. A loja de atacado abandonada que fora convertida em central de armazenamento.

Três anos e meio haviam se passado desde que Sara estivera em casa, e ela queria pensar que estava tudo certo em sua vida agora, que estava cada vez mais perto de uma nova normalidade. Na verdade, sua vida atual em Atlanta era como teria sido, em grande parte, se ela tivesse ficado por lá depois da faculdade de Medicina, em vez de ter voltado para o condado de Grant. Ela era a pediatra-chefe do pronto-socorro do Hospital Grady, onde os alunos a seguiam de um lado para o outro como cachorrinhos e os seguranças carregavam vários pentes no cinto para o caso de os membros das gangues tentarem finalizar o trabalho que haviam começado nas ruas. Um epidemiologista que trabalhava no Centro de Controle e Prevenção de Doenças no campus da Emory passou a convidá-la para sair. Ela ia a jantares e tomava café com amigos. De vez em quando, nos fins de semana, levava os cachorros ao parque Stone Mountain, para dar aos galgos espaço para correr. Ela lia muito. Assistia à TV mais do que devia. Vinha levando uma vida perfeitamente normal, perfeitamente entediante.

E, no entanto, no minuto em quem viu a placa anunciando que havia oficialmente entrado no condado de Grant, sua fachada cuidadosamente construída começou a rachar. Ela parou no acostamento, sentindo uma pressão no peito. Os cães se agitaram no banco de trás. Sara se forçou a não desmoronar. Era mais forte do que isso. Tinha lutado com unhas e dentes para sair da depressão na qual mergulhara após a morte do marido, e não ia se permitir voltar para lá só por causa de uma placa estúpida na estrada.

— Hidrogênio — disse. — Hélio, lítio, berílio. — Era um velho truque de infância: listar os elementos da tabela periódica para afastar da mente os monstros que poderiam estar à espreita debaixo da cama. — Neônio, sódio, magnésio... — Recitou de memória até o coração desacelerar e a respiração voltar ao normal.

Por fim, o momento passou, e ela se viu rindo da ideia de Jeffrey descobrir que ela estava entoando a tabela periódica no acostamento da estrada. Ele fora um atleta popular

no ensino médio — bonito, charmoso e naturalmente descolado. Divertira-se muito com o lado nerd de Sara.

Ela se virou para trás e deu um pouco de atenção aos cães para que sossegassem. Em vez de ligar o carro novamente, ficou ali sentada por um tempo, olhando pela janela a estrada vazia que levava à cidade. Seus dedos foram até a gola da camisa, então desceram até o anel que usava em um cordão. O anel de formatura de Jeffrey, na Universidade de Auburn. Ele fora do time de futebol americano até se cansar de esquentar o banco. O anel era volumoso, grande demais para o dedo dela, mas tocá-lo era o mais próximo que podia chegar de tocar Jeffrey. Era um talismã. Às vezes, ela se pegava tocando-o sem se lembrar de ter levado a mão até ele.

Seu único consolo era que não havia ficado nada não dito entre eles. Jeffrey sabia que Sara o amava. Sabia que não havia nenhuma parte dela que não pertencesse total e completamente a ele, assim como ela sabia que ele sentia o mesmo. Quando ele morreu, suas últimas palavras foram para ela. Seus últimos pensamentos, suas últimas lembranças, tudo era de Sara. Assim como ela sabia que seu último pensamento sempre seria dele.

Ela beijou o anel antes de guardá-lo de volta por baixo da blusa. Cautelosamente, tirou o carro do acostamento e o colocou de novo na estrada. A sensação esmagadora ameaçou voltar à medida que ela adentrava a cidade. Era tão mais simples não pensar nas coisas que havia perdido quando não estavam sendo esfregadas na sua cara. O estádio de futebol do ensino médio onde conhecera Jeffrey. O parque onde os dois haviam levado os cães para passear. Os restaurantes onde comiam. A igreja à qual a mãe de Sara os levava, de vez em quando, movendo-os pela culpa.

Tinha de haver um lugar, uma lembrança, que não estivesse impregnado por esse homem. Muito antes de Jeffrey Tolliver sequer saber que existia um condado de Grant, ela tivera uma vida ali. Sara crescera em Heartsdale, frequentara a escola, fizera parte do clube de ciências, ajudara no abrigo feminino onde a mãe fazia trabalho voluntário, ajudara o pai em um ou outro trabalho. Sara tinha morado numa casa onde Jeffrey nunca pusera o pé. Tinha dirigido um carro que ele nunca vira. Dera o primeiro beijo num garoto da cidade cujo pai era dono da loja de ferragens. Havia ido aos bailes na igreja e frequentado jantares comunitários e jogos de futebol.

Tudo sem Jeffrey.

Três anos antes de ele entrar em sua vida, Sara havia começado a trabalhar em regime de meio expediente como médica-legista do condado, para comprar a parte do sócio na clínica pediátrica. Mantivera o emprego até bem depois que o empréstimo fora pago. Surpreendeu-se ao descobrir que, às vezes, ajudar os mortos era mais recompensador do que salvar os vivos. Cada caso era um enigma, cada corpo crivado de pistas de um mistério que somente Sara podia resolver. Uma parte diferente de seu cérebro, que ela nem sabia que existia, fora fisgada pelo trabalho de legista. Amava seus dois trabalhos com igual paixão. Trabalhara em incontáveis casos, prestara testemunho no tribunal sobre inúmeros suspeitos e circunstâncias.

Agora, Sara não conseguia se lembrar de um só detalhe de nenhum deles.

O que recordava vividamente, no entanto, era o dia em que Jeffrey Tolliver chegara à cidade. O prefeito o havia afastado da força policial de Birmingham para assumir o cargo do chefe de polícia que se aposentava. Todas as mulheres que Sara conhecia praticamente se derretiam sempre que o nome de Jeffrey era mencionado. Ele era espirituoso e

charmoso. Era alto, moreno e bonito. Jogara futebol na universidade. Dirigia um Mustang vermelho-cereja e, quando andava, tinha a graça atlética de uma pantera.

O fato de Jeffrey tê-la escolhido havia deixado a cidade inteira chocada, inclusive Sara. Ela não era o tipo de garota que ficava com o bonitão. Era do tipo que observava a irmã ou a melhor amiga ficar com o bonitão. E, no entanto, seus encontros casuais se transformaram em algo mais profundo, de modo que, alguns anos depois, ninguém se surpreendeu quando Jeffrey a pediu em casamento. O relacionamento deles fora resultado de uma boa dose de esforço, e Deus sabia que houvera altos e baixos, mas, no fim, ela sabia com cada fibra de seu ser que pertencia a Jeffrey e, mais importante, que ele pertencia completamente a ela.

Sara enxugou as lágrimas com as costas da mão enquanto dirigia. A saudade era a parte mais difícil, a dor física que seu corpo sentia diante da lembrança dele. Não havia nenhuma parte da cidade que não jogasse em sua cara o que ela havia perdido. Essas ruas foram mantidas em segurança por ele. Essas pessoas o chamavam de amigo. E Jeffrey tinha morrido ali. A cidade que ele tanto amava havia se tornado o local de seu assassinato. Lá estava a igreja onde tinham chorado sua morte. A rua na qual uma longa fileira de carros encostara quando o caixão fora levado da cidade.

Ela só ficaria ali quatro dias. Conseguia fazer qualquer coisa por quatro dias.

Quase qualquer coisa.

Sara tomou o caminho mais longo até a casa dos pais, evitando a Main Street e a clínica pediátrica. As tempestades que a tinham seguido desde Atlanta haviam finalmente dado uma trégua, mas, pelas nuvens escuras no céu, ela podia ver que seria apenas um alívio temporário. Ultimamente, o tempo vinha combinando com seu estado de espírito — tempestades súbitas e violentas com fugazes raios de sol.

Por causa do iminente feriado de Ação de Graças, o trânsito da hora do almoço era inexistente. Nenhuma fila de carros serpenteava em direção à faculdade. Nenhum comprador-de-hora-do-almoço aproveitava para ir às compras na cidade. Ainda assim, ela pegou a esquerda em vez de a direita na Lakeshore Drive, saindo mais de três quilômetros de seu caminho ao contornar o lago Grant só para não passar por sua antiga casa. Sua antiga vida.

A residência da família Linton, pelo menos, era acolhedora em sua familiaridade. A casa havia sido modificada ao longo dos anos — ganhara anexos, banheiros e reformas. O pai de Sara construiu um apartamento em cima da garagem quando ela foi para a faculdade, para que ela tivesse um lugar para ficar nas férias de verão. Tessa, a irmã mais nova de Sara, havia morado ali por quase dez anos enquanto esperava que sua vida começasse. Eddie Linton era bombeiro hidráulico de profissão. Tinha ensinado o ofício às duas filhas, mas só Tessa ficara ali tempo suficiente para fazer alguma coisa com esse conhecimento. Que Sara tivesse escolhido a faculdade de Medicina, em vez de uma vida rastejando por espaços estreitos e úmidos, era uma decepção que Eddie ainda fazia de tudo para esconder. Ele era o tipo de pai que ficava mais feliz quando tinha as filhas por perto.

Sara não sabia como Eddie reagira ao fato de Tessa ter deixado os negócios da família. Mais ou menos na mesma época em que Sara perdera Jeffrey, Tessa tinha se casado e se mudado para mais de 12 mil quilômetros dali, indo trabalhar com crianças na África do Sul. Ela era tão impulsiva quanto Sara era estável, embora ninguém imaginasse, quando

as duas eram adolescentes, onde elas estariam hoje. Para Sara, a ideia de Tessa como missionária ainda era difícil de acreditar.

— Mana! — Tessa saiu correndo da casa, fazendo a barriga de grávida sacudir ao se inclinar para descer os degraus da frente. — Por que demorou tanto? Estou morrendo de fome!

Sara mal tinha saído do carro quando a irmã a envolveu em um abraço, que passou de um simples cumprimento para algo mais profundo, e Sara sentiu a escuridão voltando. Já não tinha certeza se ia aguentar aquilo por quatro minutos, quanto mais quatro dias.

— Ah, mana, tudo mudou — murmurou Tessa.

Sara piscou, reprimindo as lágrimas.

— Eu sei.

Tessa se afastou.

— Eles fizeram uma piscina.

Sara riu, surpresa.

— Uma o quê?

— Mamãe e papai mandaram fazer uma piscina. Com banheira de hidromassagem.

Sara enxugou os olhos, ainda rindo, sentindo pela irmã um amor maior do que as palavras podiam expressar.

— Está brincando comigo? — Sara e Tessa tinham passado quase toda a infância implorando aos pais que fizessem uma piscina.

— E a mamãe tirou o plástico do sofá.

Sara lançou um olhar sério para a irmã como se perguntasse quando viria o final da piada.

— Eles redecoraram a sala, mudaram todas as luminárias, reformaram a cozinha, pintaram as marcações a lápis que papai fez na porta... É como se nós nunca tivéssemos morado aqui.

Sara não podia dizer que lamentava a perda das marcas feitas a lápis que haviam registrado o crescimento das duas até o oitavo ano, quando ela se tornara oficialmente a pessoa mais alta da família. Pegou as guias dos cachorros no banco do carona.

— E a sala?

— Tiraram todo o revestimento das paredes. Colocaram até sanca. — Tessa pôs as mãos nos quadris que haviam se alargado. — Compraram mobília de jardim nova. Vime do bom... não daquele tipo que belisca a bunda quando a gente senta. — Um trovão soou à distância. Tessa esperou que passasse. — Parece coisa saída das páginas da *Southern Living*.

Sara travou a porta traseira de seu utilitário enquanto lutava para conter os dois galgos, tentando prender as guias antes que eles saltassem para a rua.

— Você perguntou a mamãe o que a fez mudar tudo?

Tessa estalou a língua enquanto tomava as guias das mãos de Sara. Billy e Bob pularam para baixo, parando ao lado dela.

— Ela disse que, agora que saímos de casa, podia finalmente ter coisas bonitas.

Sara franziu os lábios.

— Não vou fingir que isso não dói. — Ela deu a volta no carro e abriu o porta-malas. — Quando Lemuel vai chegar?

— Está tentando pegar um voo, mas aqueles pilotos da selva não saem até que cada

galinha e cada bode da vila compre uma passagem. — Tessa viera para casa fazia algumas semanas para ter o bebê nos Estados Unidos. Sua última gravidez havia terminado mal, ela perdera o bebê. Compreensivelmente, Lemuel não queria que Tessa corresse nenhum risco, mas Sara achava estranho que ele ainda não tivesse vindo ficar ao lado da mulher. A data provável do nascimento era dali a menos de um mês.

— Espero vê-lo antes de ir embora — disse Sara.

— Ah, mana, que fofo. Obrigada por mentir.

Sara estava prestes a responder com o que esperava ser uma mentira mais convincente quando notou um carro da polícia passando bem devagar pela rua. O homem sentado ao volante cumprimentou Sara com uma inclinação do quepe. Seus olhos se encontraram, e ela se sentiu novamente à beira das lágrimas.

Tessa acariciou os cães.

— Estão passando aqui assim a manhã inteira.

— Como sabiam que eu viria?

— Talvez eu tenha deixado escapar na Shop'n Save outro dia.

— Tess — grunhiu Sara. — Você sabe que Jill June passou a mão no telefone assim que você saiu. Eu queria que isso ficasse em segredo. Agora todo mundo vai aparecer aqui, com cachorro e tudo.

Tessa deu um beijo sonoro em Bob.

— Aí você também vai ver seus amigos, não é, garoto? — Então deu um beijo em Bill para equilibrar as coisas. — Você já recebeu duas ligações.

Sara pegou sua mala de viagem e fechou o porta-malas.

— Deixe-me adivinhar. Marla, da delegacia, e Myrna, daqui da rua, as duas tentando arrancar alguma fofoca.

— Na verdade, não. — Tessa caminhava ao lado de Sara, na direção da casa. — Uma garota chamada Julie não sei de quê. Parecia bem novinha.

Os pacientes de Sara ligavam com frequência para sua casa, mas ela não se lembrava de nenhuma garota chamada Julie.

— Ela deixou o número?

— Mamãe anotou.

Sara arrastou a mala pelos degraus que subiam até a varanda perguntando-se onde estaria seu pai. Provavelmente rolando no sofá sem plástico.

— Quem mais ligou?

— Foi a mesma garota das duas vezes. Disse que precisava da sua ajuda.

— Julie — repetiu Sara, o nome ainda não despertava lembrança nenhuma.

Tessa a deteve na varanda.

— Preciso contar uma coisa para você.

Sara sentiu um medo crescendo dentro dela, sabendo instintivamente que eram más notícias. Tessa estava prestes a falar quando a porta da frente se abriu.

— Você está só pele e osso — censurou Cathy. — Eu sabia que não estava comendo direito por lá.

— Que bom ver você também, mãe. — Sara beijou-lhe o rosto.

Eddie surgiu atrás dela e Sara o beijou também. Seus pais fizeram carinho nos cachorros, falando com eles como crianças, e Sara tentou não notar que os galgos estavam recebendo boas-vindas mais calorosas do que ela havia ganhado.

Eddie pegou a mala de Sara.

— Eu levo isso.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele subiu a escada.

Sara tirou os tênis enquanto observava o pai se afastar.

— Por acaso, alguma coisa...

Cathy balançou a cabeça em vez de dar uma explicação.

Tessa tirou as sandálias com um pontapé. A parede recém-pintada estava arranhada no mesmo lugar, onde ela obviamente já fizera aquilo muitas vezes. Ela disse:

— Mãe, você precisa contar para ela.

Cathy trocou um olhar com Tessa que fez os pelos na nuca de Sara se eriçarem.

— Me contar o quê?

Sua mãe começou com uma garantia.

— Todos estão bem.

— Exceto?

— Brad Stephens foi ferido hoje de manhã.

Brad fora um de seus pacientes, depois um dos policiais de Jeffrey.

— O que aconteceu?

— Ele foi esfaqueado tentando prender alguém. Está no Macon General.

Sara se apoiou na parede.

— Esfaqueado onde? Ele está bem?

— Eu não sei os detalhes. A mãe está no hospital com ele agora. Acho que vamos receber um telefonema de um jeito ou de outro hoje à noite. — Ela esfregou o braço de Sara. — Agora, não vamos nos preocupar antes da hora. Está nas mãos do Senhor agora.

Sara se sentiu desnorteada.

— Por que alguém machucaria Brad?

— Eles acham que tem alguma coisa a ver com a garota que encontraram no lago hoje de manhã — informou Tessa.

— Que garota?

Cathy cortou o assunto.

— *Eles* não sabem de nada, e *nós* não vamos contribuir para a disseminação desses boatos.

— Mãe... — insistiu Sara.

— Chega. — Cathy apertou seu braço antes de soltá-la. — Vamos nos lembrar das coisas pelas quais temos de agradecer, como o fato de as minhas duas garotas estarem em casa ao mesmo tempo.

Cathy e Tessa atravessaram o corredor em direção à cozinha, os cachorros atrás delas. Sara permaneceu no hall de entrada. A notícia sobre Brad fora descartada tão depressa que ela não tivera tempo para processá-la. Brad Stephens havia sido um dos primeiros pacientes de Sara na clínica infantil. Ela o vira crescer e passar de um adolescente desajeitado a um belo rapaz. Jeffrey o mantinha em rédeas curtas. Era mais como um cachorrinho do que um policial — uma espécie de mascote da delegacia. Naturalmente, Sara sabia melhor do que ninguém que ser policial, mesmo em uma cidade pequena, era um trabalho perigoso.

Lutou contra o impulso de telefonar para o hospital em Macon e pedir notícias de Brad. Um policial ferido sempre causava comoção. Muitos doavam sangue. Faziam

vigília. Pelo menos dois colegas policiais permaneciam com a família o tempo todo.

Mas Sara não fazia mais parte daquela comunidade. Não era mais a esposa do chefe de polícia. Ela se demitira do cargo de médico-legista da cidade havia quatro anos. O estado de Brad não era de sua conta. Além disso, estava de férias. Tinha trabalhado turnos consecutivos para ter esses dias livres, trocando fins de semana pelo feriado de Ação de Graças. Essa semana já seria suficientemente difícil sem que Sara metesse o nariz nos problemas de outras pessoas. Ela mesma já tinha os próprios problemas.

Sara olhou as fotografias emolduradas que cobriam a parede do corredor, cenas familiares de sua infância. Cathy havia posto uma camada de tinta fresca em tudo, mas, se a tinta não fosse recente, haveria um grande retângulo perto da porta com cor mais clara do que o restante da parede: a foto do casamento de Jeffrey e Sara. Ela ainda podia vê-la em sua mente — não a foto, mas a cena real. A maneira como a brisa agitava seus cabelos, que milagrosamente não haviam frisado com a umidade. Seu vestido azul-claro e as sandálias combinando. Jeffrey com a calça escura e a camisa social branca, tão engomada que ele nem se dera ao trabalho de abotoar os punhos. Estavam no quintal dos fundos da casa dos pais dela, o lago oferecendo um pôr do sol espetacular. O cabelo de Jeffrey ainda estava úmido do banho, e, quando ela pousou a cabeça em seu ombro, pôde sentir o cheiro familiar de sua pele.

— Ei, querida. — Eddie se encontrava parado no último degrau, na base da escada, atrás dela. Sara se virou. Sorriu, porque não estava acostumada a ter de olhar para cima para ver o pai.

— Pegou tempo ruim vindo para cá? — perguntou ele.

— Nem tanto.

— Imagino que tenha tomado o desvio...

— Isso.

Ele a fitou, um sorriso triste no rosto. Eddie havia amado Jeffrey como um filho. Todas as vezes que ele falava com Sara, ela sentia sua perda duplamente.

— Sabe — começou ele —, você está ficando tão bonita quanto sua mãe.

Ela sentiu o rosto corar com o elogio.

— Senti saudades de você, papai.

Ele tomou a mão dela na sua, beijou-lhe a palma e então a pressionou sobre o coração.

— Já ouviu aquela história dos dois chapéus pendurados num cabide perto da porta?

Ela riu.

— Não. O que tem eles?

— Um diz para o outro: "Você fica aqui. Mas eu vou de cabeça."

Sara balançou a cabeça diante do péssimo trocadilho.

— Pai, essa é horrível!

O telefone tocou, o som antiquado de uma campainha de verdade enchendo a casa. Havia dois telefones na casa dos Lintons: um na cozinha e outro no segundo andar, no quarto principal. As meninas só tinham permissão para usar o da cozinha, e o fio, de tanto ser esticado até a despensa ou até o lado de fora da casa, ou até qualquer outro lugar que pudesse oferecer uma infinitesimal privacidade, estava tão comprido que perdera todas as voltas.

— Sara! — gritou Cathy. — É Julie para você.

Eddie deu-lhe um tapinha no braço.

— Vá.

Ela percorreu a extensão do corredor e entrou na cozinha, que estava tão bonita que a fez congelar no meio do caminho.

— Caramba!

— Espere até você ver a piscina — disse Tessa.

Sara correu a mão pela nova ilha no centro do cômodo.

— Isto é mármore. — Anteriormente, a decoração dos Lintons havia privilegiado ladrilhos laranja, como os da série *Brady Bunch*, e móveis de pinho cheios de nós. Ela girou e viu a geladeira nova. — Isso é uma Sub-Zero?

— Sara. — Cathy estendeu o telefone, a única coisa na cozinha que não havia sido modernizada.

Ela trocou um olhar de indignação com Tessa ao levar o aparelho ao ouvido.

— Alô?

— Dra. Linton?

— Sou eu. — Abriu a porta do armário de parede de cerejeira, admirando os painéis de vidro antigos. Não houve nenhuma resposta do outro lado da linha. Ela disse: — Alô? Aqui é a Dra. Linton.

— Senhora? Me desculpe. Aqui é Julie Smith. Está me ouvindo bem?

A ligação estava ruim, obviamente de um telefone celular. Em nada ajudava o fato de a garota estar falando num tom que era pouco mais que um sussurro. Sara não reconheceu o nome, embora deduzisse, pelo sotaque anasalado, que Julie houvesse crescido em uma das áreas mais pobres da cidade.

— Em que posso ajudar?

— Me desculpe. Estou ligando do trabalho e tenho que falar baixo.

Sara sentiu a testa franzir.

— Estou ouvindo bem. O que você quer?

— Sei que não me conhece e lamento ligar para a senhora assim, mas é sobre um paciente seu chamado Tommy Braham. Conhece Tommy, não é?

Sara avaliou rapidamente todos os Tommys em que pôde pensar, então encontrou não um rosto, mas uma propensão. Era mais um garoto que fizera uma infinidade de visitas ao consultório pelas razões esperadas: um objeto enfiado no nariz. Uma semente de melancia no ouvido. Dores de barriga repentinas em dias importantes na escola. Ele se sobressaía principalmente porque o pai, não a mãe, era quem sempre o levava à clínica, uma ocorrência incomum na experiência de Sara.

— Eu me lembro de Tommy — disse Sara à garota. — Como ele está?

— Esse é o ponto. — Ela ficou em silêncio e Sara pôde ouvir o som de água corrente ao fundo. Esperou que a garota continuasse. — Desculpe. Como eu ia dizendo, ele está com problemas. Eu não teria ligado, mas ele me pediu que fizesse isso. Me mandou uma mensagem da prisão.

— Prisão? — Sara sentiu o coração afundar. Detestava saber que uma de suas crianças tinha acabado mal, mesmo que não conseguisse se lembrar exatamente de quem se tratava. — O que foi que ele fez?

— Ele não fez nada, senhora. Essa é a questão.

— OK. — Sara refez a pergunta. — Pelo que ele foi condenado?

— Por nada, até onde eu sei. Ele nem sabe se vai ficar preso.

Sara deduziu que a garota tivesse confundido prisão com delegacia.

— Ele está na delegacia da Main Street? — Tessa olhou para ela, e Sara deu de ombros, sem poder explicar.

— Sim, senhora — respondeu Julie. — Eles estão com ele no centro da cidade.

— Certo, o que eles acham que ele fez?

— Acho que pensam que ele matou Allison, mas não tem como ele...

— Homicídio. — Sara não a deixou completar a frase. — Não tenho ideia do que ele quer que eu faça. — Sara sentiu-se levada a acrescentar: — Para esse tipo de situação, ele precisa de um advogado, não de um médico.

— Sim, senhora, eu sei a diferença entre um médico e um advogado. — Julie não parecia ofendida com o esclarecimento de Sara. — É só que ele disse que precisava muito de alguém que o ouvisse porque eles não acreditam que ele passou a noite toda com Pippy, e ele falou que a senhora foi a única pessoa que já o escutou na vida, e aquela policial está sendo muito dura com ele. Fica olhando para ele como...

Sara levou a mão à garganta.

— Qual policial?

— Eu não sei bem. É uma mulher.

Isso já afunilava bastante as coisas. Sara tentou não parecer fria.

— Eu realmente não posso me envolver nisso, Julie. Se Tommy foi preso, então, pela lei, eles têm que disponibilizar um advogado para ele. Fale para ele chamar Buddy Conford. Ele é muito bom em ajudar pessoas nesse tipo de situação. Está certo?

— Sim, senhora. — Ela parecia decepcionada, mas não surpresa. — OK, então. Eu disse a ele que tentaria.

— Bem... — Sara não sabia mais o que dizer. — Boa sorte. Para vocês dois.

— Obrigada, senhora, e, como eu disse, lamento ter incomodado vocês tudo no feriado.

— Está tudo bem. — Sara esperou que a garota respondesse, mas ouviu apenas o som da descarga, então a linha ficou muda.

— O que aconteceu? — perguntou Tessa.

Sara desligou o telefone e sentou-se à mesa.

— Um dos meus antigos pacientes foi preso. Acham que ele matou alguém. Não Brad... alguém chamado Allison.

— De que paciente ela estava falando? — questionou Tessa. — Aposto que é do garoto que esfaqueou Brad.

Cathy fechou a porta da geladeira com força para expressar sua reprovação.

Ainda assim, Tessa continuou:

— Qual é o nome dele?

Sara evitou com cuidado o olhar reprovador da mãe.

— Tommy Braham.

— É esse. Mãe, ele não costumava cortar nossa grama?

Cathy respondeu com um "sim" seco, sem acrescentar mais nada à conversa.

— Não consigo me lembrar como ele é. Não era muito esperto. Acho que o pai é eletricista. Por que não consigo me lembrar do rosto dele?

Cathy estalou a língua enquanto espalhava maionese em fatias de pão branco.

— A idade faz isso com a gente.

Tessa sorriu, sarcástica.

— Disso você deve saber.

Cathy deu uma resposta mordaz, mas Sara se alienou da conversa. Esforçou-se para se lembrar de mais detalhes sobre Tommy Braham, tentando identificá-lo. A lembrança do pai era mais nítida do que a do filho; um homem rude e musculoso que se sentia pouco à vontade na clínica, como se achasse o ato público de cuidar do filho pouco másculo. A esposa fugira — Sara finalmente se lembrou disso. Houvera certo escândalo em torno da partida dela, principalmente porque fora embora no meio da noite com o ministro da juventude da Igreja Batista Primitiva.

Tommy devia ter 8 ou 9 anos quando Sara o atendeu pela primeira vez. Todos os garotos são parecidos nessa idade: corte de cabelo estilo cuia, camiseta, jeans que pareciam impossivelmente pequenos embolando-se sobre tênis muito brancos. Será que tivera uma paixonite por ela? Não se lembrava. O que não saía de jeito nenhum da sua mente era que ele era bobinho e um tanto lento. Ela imaginava que, se tivesse cometido um assassinato, era porque alguém o incitara a isso.

— Quem foi que Tommy supostamente matou? — perguntou ela.

— Uma aluna da faculdade — respondeu Tessa. — Eles a tiraram do lago ao amanhecer. De início, acharam que fosse suicídio, mas depois mudaram de ideia, então foram à casa dela, que por acaso é aquela porcaria de garagem que Gordon Braham aluga para estudantes. Você conhece?

Sara assentiu. Uma vez ela ajudara o pai a limpar a fossa séptica na frente da casa dos Brahams enquanto estava de férias da faculdade, um evento que a motivara a se esforçar em dobro para concluir a faculdade de Medicina.

— Então — informou Tessa —, Tommy estava na garagem com uma faca. Atacou Frank e correu para a rua. Brad o perseguiu e ele esfaqueou Brad também.

Sara balançou a cabeça. Tinha pensado que se tratava de coisa pequena — um assalto a uma loja de conveniência, o disparo acidental de uma arma.

— Isso não parece coisa de Tommy.

— Metade da vizinhança viu — disse Tessa. — Brad o perseguia pela rua quando Tommy se virou e o esfaqueou na barriga.

Em seu pensamento, Sara foi além. Tommy não havia esfaqueado um civil. Tinha atacado um policial. As regras eram diferentes quando a vítima era um policial. Uma agressão se transformava em tentativa de homicídio. Homicídio culposo se transformava em homicídio doloso.

— Ouvi dizer que Frank pegou um pouco pesado com ele — murmurou Tessa.

Cathy verbalizou sua censura enquanto tirava os pratos do armário.

— É decepcionante quando pessoas que você respeita agem mal.

Sara tentou imaginar a cena: Brad correndo atrás de Tommy com Frank logo atrás. Mas não podia ter sido só Frank. Ele não perderia tempo espancando um suspeito enquanto Brad sangrava até a morte. Devia ter mais alguém lá. Alguém que provavelmente fizera a coisa toda desandar, para início de conversa.

Sara sentiu a raiva se espalhar como fogo em seu peito.

— Onde estava Lena enquanto isso tudo acontecia?

Cathy deixou cair um prato no chão, que se espatifou aos seus pés. Ela, porém, não se abaixou para catar os cacos. Seus lábios formaram uma linha fina, e as narinas inflaram.

Sara podia ver que ela estava fazendo um grande esforço para falar.

— Não ouse falar o nome dessa mulher abominável em minha casa novamente. Está me ouvindo?

— Sim, senhora.

Sara baixou os olhos, encarando as próprias mãos. Lena Adams. A detetive mais talentosa de Jeffrey. A mulher que deveria lhe dar cobertura o tempo todo. A mulher cuja covardia e cujo medo haviam sido responsáveis pela morte dele.

Com dificuldade, Tessa se ajoelhou e ajudou a mãe a recolher os cacos do prato quebrado. Sara ficou onde estava, imobilizada.

A escuridão tinha voltado, uma nuvem sufocante de sofrimento que a fazia querer se enroscar em posição fetal. Durante toda a vida de Sara, aquela cozinha havia sido cheia de risos — as briguinhas sem importância entre a mãe e a irmã, os trocadilhos e as piadas ruins do pai. Sara não pertencia mais àquele lugar. Precisava encontrar uma desculpa para ir embora. Devia voltar para Atlanta e deixar a família desfrutar do feriado em paz em vez de trazer à tona o pesar coletivo dos últimos quatro anos.

Ninguém falou até o telefone tocar de novo. Tessa estava mais perto. Pegou o fone.

— Residência dos Lintons. — Não perdeu tempo com conversa fiada. Entregou o telefone a Sara.

— Alô?

— Desculpe incomodá-la, Sara.

Frank Wallace sempre parecia estar fazendo um esforço quando dizia o nome de Sara. Ele jogara pôquer com Eddie Linton desde que Sara ainda usava fraldas e a chamara de "Docinho" até se dar conta de que não era apropriado se dirigir à mulher do chefe com tanta familiaridade.

Sara conseguiu dizer "Oi" enquanto abria a porta dupla que levava ao deque nos fundos da casa. Ela não se dera conta do quanto seu rosto estava quente até que o frio a atingiu.

— Brad está bem?

— Você já soube?

— Claro que sim. — Metade da cidade provavelmente já sabia do que acontecera a Brad antes mesmo que a ambulância chegasse ao local. — Ele ainda está na cirurgia?

— Saiu faz uma hora. Os cirurgiões disseram que ele tem alguma chance se conseguir sobreviver às próximas 24 horas. — Frank continuou falando, mas Sara não conseguia se concentrar em suas palavras, que de qualquer forma não tinham importância. O marco das 24 horas era o padrão para os cirurgiões, o que marcava a diferença entre explicar uma morte na reunião semanal de incidência de morbidez e mortalidade e passar um paciente duvidoso para os cuidados de outro médico.

Ela se encostou na parede, o tijolo frio pressionando suas costas enquanto esperava que Frank fosse direto ao ponto.

— Você se lembra de um paciente chamado Tommy Braham?

— Vagamente.

— Eu odeio envolvê-la nisso, mas ele está chamando você.

Sara ouvia parcialmente, sua mente zumbindo com possíveis desculpas para responder à pergunta que ela sabia que ele iria fazer. Estava tão concentrada nessa tarefa que só percebeu que Frank tinha parado de falar quando ele disse seu nome.

— Sara? Você ainda está aí?

— Estou aqui.

— É que ele não para de chorar.

— Chorar? — Mais uma vez ela experimentou a sensação de ter perdido uma parte importante da conversa.

— Sim, chorar — confirmou Frank. — Quer dizer, muitos deles choram. Diabos, cadeia é cadeia. Mas ele não está nada bem, de verdade. Acho que precisa de um sedativo ou de alguma coisa assim para ficar calmo. Estamos com três bêbados e um cara que espancou a mulher aqui e eles vão derrubar as paredes e estrangulá-lo se ele não calar a boca.

Ela repetiu as palavras dele dentro da cabeça, ainda sem saber se ouvira direito. Sara fora casada com um policial por muitos anos e podia contar nos dedos de uma das mãos o número de vezes que Jeffrey tinha ficado preocupado com um criminoso em uma de suas celas — e nunca com um assassino que ferira um colega policial.

— Vocês não têm um médico de plantão?

— Querida, nós mal temos um policial de plantão. O prefeito cortou metade do nosso orçamento. Fico surpreso a cada vez que aperto o interruptor e as luzes ainda se acendam.

— E Elliot Felteau? — Ele comprara a clínica de Sara quando ela fora embora da cidade. A clínica infantil ficava bem em frente à delegacia; era só atravessar a rua.

— Está de férias. O médico mais perto está a cem quilômetros daqui.

Ela soltou um profundo suspiro, irritada com Elliot por tirar uma semana de férias, como se as crianças fossem esperar até depois do feriado para ficar doentes. Também estava irritada com Frank por tentar arrastá-la para essa confusão. Mas estava irritada principalmente consigo mesma por ter atendido à ligação.

— Não dá só para dizer a ele que Brad vai ficar bem?

— Não é isso. Tem a garota que encontramos no lago hoje de manhã.

— Ouvi falar.

— Tommy confessou que a matou. Levou um tempo, mas nós o vencemos. Estava apaixonado por ela. Ela não queria nada com ele. Você conhece esse tipo de coisa.

— Então é só remorso — disse ela, embora achasse o comportamento estranho.

Na experiência de Sara, a primeira coisa que a maioria dos criminosos fazia depois de confessar um crime era cair num sono profundo. Depois de uma descarga de adrenalina tão prolongada, seus corpos sucumbiam à exaustão quando finalmente tiravam o peso das costas. — Dê um tempo a ele.

— É mais do que isso — insistiu Frank. Ele parecia exasperado e ligeiramente desesperado. — Juro por Deus, Sara, eu odeio de verdade pedir isso a você, mas ele precisa de ajuda neste momento. É como se o coração dele fosse explodir se não olhar para você.

— Eu mal me lembro dele.

— Ele se lembra de você.

Sara mordeu o lábio.

— Onde está o pai dele?

— Na Flórida. Não conseguimos encontrá-lo. Tommy está completamente sozinho e sabe disso.

— Por que ele está me chamando? — Certamente havia pacientes com quem ela tinha

estabelecido um vínculo ao longo dos anos, mas, pelo que lembrava, Tommy Braham não fora um deles. Por que não conseguia se lembrar do rosto dele?

— Ele diz que você vai ouvi-lo — disse Frank.

— Você não disse a ele que eu iria, disse?

— Claro que não. Eu nem queria pedir isso a você, mas ele está péssimo, Sara. Acho que precisa de um médico. Não só de você, mas de um médico.

— Não é porque... — Ela se deteve, sem saber como concluir a pergunta. Então resolveu ser direta. — Ouvi dizer que você pegou pesado com ele.

Frank mediu as palavras.

— Ele caiu muitas vezes enquanto eu tentava prendê-lo.

Sara estava familiarizada com o eufemismo, com o código usado para o lado mais sujo do exercício da lei. A violência contra prisioneiros sob a tutela da lei era um tema que ela nunca abordava com Jeffrey, principalmente porque não queria saber a resposta.

— Alguma coisa quebrada?

— Alguns dentes. Nada demais. — Frank tinha um tom exasperado. — Ele não está chorando por causa de um lábio cortado, Sara. Ele precisa de um médico.

Sara olhou para a janela da cozinha. A mãe estava sentada à mesa ao lado de Tessa. Ambas a encaravam. Uma das razões pela qual Sara voltara para o condado de Grant depois da faculdade era a carência de médicos que serviam as áreas rurais. Com o hospital da cidade fechado, os doentes eram forçados a viajar quase uma hora para serem atendidos. A clínica infantil era uma bênção para as crianças locais, só que, aparentemente, não durante os feriados.

— Sara?

Ela esfregou os olhos com os dedos.

— Ela está aí?

Ele hesitou por um momento.

— Não. Está no hospital com Brad.

Provavelmente inventando uma história na cabeça dela em que ela era a heroína e Brad, apenas uma vítima imprudente. A voz de Sara tremeu.

— Eu não posso vê-la, Frank.

— Você não vai ter de vê-la.

Ela sentiu o pesar apertar sua garganta. Ir à delegacia, ir ao lugar em que Jeffrey mais se sentia em casa.

Um relâmpago estalou bem alto nas nuvens. Ela já podia ouvir a chuva, mas ainda não a via. No lago, as ondas quebravam e se agitavam. O céu estava escuro e ameaçador com a promessa de outra tempestade. Ela queria ver aquilo como um sinal, mas Sara era acima de tudo uma cientista. Nunca fora boa em contar com a fé.

— Muito bem — disse ela. — Acho que tenho um pouco de diazepam no meu kit. Vou entrar pelos fundos. — Ela fez uma pausa. — Frank...

— Você tem minha palavra, Sara. Ela não estará aqui.

Sara não queria admitir para si mesma que estava feliz em deixar a família, mesmo que isso significasse ir à delegacia. Sentia-se pouco à vontade com eles, uma peça do quebra-cabeça que não se encaixava direito. Tudo estava igual, mas ao mesmo tempo diferente.

Tomou novamente o desvio que contornava o lago, evitando a antiga casa em que morara com Jeffrey. Não havia como chegar à delegacia sem passar pela Main Street. Felizmente, o tempo tinha mudado, a chuva caindo em uma cortina grossa e turva. Isso impossibilitava as pessoas de se sentarem nos bancos que ladeavam a rua ou de perambularem pelas calçadas de pedra. As portas de todas as lojas estavam bem fechadas para se proteger do frio. Até mesmo a Ferragens Mann tinha tirado o balanço da varanda.

Ela virou num beco que passava por trás da velha farmácia. O pavimento da rua deu lugar ao cascalho, e Sara agradeceu por estar em um veículo utilitário. Sempre tivera sedãs enquanto morara em Heartsdale, mas as ruas de Atlanta eram muito mais traiçoeiras do que qualquer estrada rural. Os buracos eram fundos o bastante para que alguém se perdesse neles, e as enchentes constantes nos períodos de chuva tornavam o BMW uma necessidade. Ou pelo menos era isso que ela se dizia todas as vezes que pagava sessenta dólares para encher o tanque de gasolina.

Frank devia estar esperando por ela, porque a porta dos fundos da delegacia se abriu antes mesmo que Sara estacionasse o carro. Ele abriu um grande guarda-chuva preto e foi até o carro buscá-la. A chuva fazia tanto barulho que Sara não falou até que estivessem lá dentro.

— Ele ainda está perturbado? — perguntou ela.

Frank fez que sim com a cabeça, lutando para fechar o guarda-chuva. Pontos se cruzavam sobre os nós dos seus dedos da mão direita. Havia três arranhões profundos na parte posterior do punho. Ferimentos defensivos.

— Jesus. — Frank se encolheu de dor ao tentar mover os dedos rígidos.

Sara pegou o guarda-chuva das mãos dele e o fechou.

— Eles receitaram antibiótico para você?

— Me deram a receita de alguma coisa. Não tenho certeza do que é. — Ele pegou o guarda-chuva e o jogou no armário de limpeza. — Peça desculpas à sua mãe por eu ter tirado você de casa no seu primeiro dia aqui.

Frank sempre parecera velho para Sara, principalmente porque era contemporâneo de seu pai. Olhando-o agora, pensou que Frank Wallace tinha envelhecido cem anos desde a última vez que o vira. Sua pele estava amarelada, o rosto, marcado por linhas profundas. Ela o olhou nos olhos e percebeu o tom amarelo. Obviamente não estava bem.

— Frank?

Ele forçou um sorriso.

— É bom ver você, Docinho.

Ela o deixou dar um beijo em seu rosto. O cheiro que predominava nele sempre fora de fumaça de cigarro, mas hoje seu hálito cheirava a uísque e chiclete. Instintivamente, ela olhou para o relógio em seu pulso. Onze e meia da manhã, a hora do dia em que um drinque significava que você estava fazendo hora até o fim do turno. Por outro lado, esse não era um dia comum para Frank. Um de seus homens fora esfaqueado. Na mesma situação, Sara provavelmente também tomaria sua quota de álcool.

— Como você está? — perguntou ele.

Ela tentou enxergar além da piedade nos olhos dele.

— Estou ótima, Frank. Me conte o que está acontecendo.

Ele rapidamente mudou de assunto.

— O menino achou que a garota estava interessada nele. Então descobriu que não

estava e deu-lhe uma facada. — Ele deu de ombros. — Fez um péssimo trabalho encobrindo o crime. Nos levou diretamente à sua porta.

Sara ficou ainda mais confusa. Devia estar confundindo Tommy com um de seus outros garotos.

Frank percebeu o fato.

— Você não se lembra mesmo dele?

— Pensei que sim, mas agora não tenho tanta certeza.

— Ele parece achar que vocês têm uma espécie de vínculo. — Ele viu a expressão de Sara e corrigiu: — Não de um jeito estranho nem nada assim. Ele é meio novinho. — Frank tocou a lateral da própria cabeça. — Não tem muita coisa aqui.

Sara sentiu uma ponta de culpa por esse garoto de quem ela mal se lembrava sentir tal conexão com ela. Tinha atendido milhares de pacientes ao longo dos anos. Certamente havia nomes que se destacavam, crianças a cuja formatura e a cujo casamento ela fora, alguns a cujo enterro ela comparecera. Afora uns poucos detalhes soltos, Tommy Braham era uma lacuna.

— É por aqui — disse Frank, como se ela não tivesse estado ali mil vezes.

Ele usou seu crachá de plástico para abrir a grande porta de aço que levava às celas. Um jorro de ar quente os recebeu.

Frank notou o desconforto dela.

— A calefação anda nos pregando peças.

Sara foi tirando o casaco enquanto o seguia porta adentro. Quando era criança, a escola mandava as crianças em excursões para a cadeia como forma de assustá-las e afastá-las de uma vida de crimes. O modelo de celas abertas com barras de aço, como aparecia em Mayberry, tinha mudado havia muito tempo. Havia ali seis portas de ferro de cada lado em um longo corredor. Todas elas tinham uma janela de vidro com tela de arame e uma pequena abertura na base por onde se passavam bandejas de comida. Sara manteve o olhar focado à sua frente enquanto seguia Frank, embora, com o canto dos olhos, pudesse ver homens diante da porta de suas celas observando-a avançar.

Frank pegou suas chaves.

— Acho que ele parou de chorar.

Ela enxugou uma gota de suor que escorria pela têmpora.

— Você falou com ele que eu viria?

Ele balançou a cabeça, sem dizer o óbvio: ele não tinha certeza se Sara apareceria.

Encontrou a chave certa e olhou pela janela para ter certeza de que Tommy não ia causar problemas.

— Ah, merda — murmurou, deixando as chaves caírem. — Ah, meu Deus.

— Frank?

Ele pegou as chaves do chão, praguejando mais um pouco.

— Jesus — sussurrou, enfiando a chave na fechadura e puxando o ferrolho para trás. Ele abriu a porta e Sara viu o motivo do seu pânico. Ela largou o casaco, e o frasco de pílulas que tinha enfiado no bolso antes de sair de casa produziu um som de chocalho ao bater no concreto.

Tommy Braham encontrava-se caído no chão da cela. Estava de lado, os braços estendidos em direção à cama, à sua frente. A cabeça estava virada num ângulo estranho, e ele tinha o olhar vazio voltado para o teto. Os lábios estavam entreabertos. Sara o

reconhecia agora, o homem que não se tornara muito diferente do garotinho que fora um dia. Uma vez ele levara para ela uma flor de dente-de-leão e ficara da cor de um rabanete quando ela lhe dera um beijo na testa.

Ela foi até ele, pressionando os dedos em seu pescoço, fazendo uma rápida verificação do pulso. Ele obviamente fora espancado — o nariz estava quebrado, o olho arroxeado —, mas não fora essa a causa da morte. Os dois pulsos estavam cortados, os ferimentos escancarados, a carne e os tendões expostos ao ar viciado. Parecia haver mais sangue no chão do que dentro do corpo do rapaz. O cheiro era doce e enjoativo, como o de um açougue.

— Tommy — sussurrou ela, acariciando-lhe o rosto. — Eu me lembro de você.

Sara fechou-lhe as pálpebras com os dedos. A pele ainda estava morna, quase quente. Ela dirigira devagar demais até ali. Não devia ter ido ao banheiro antes de sair de casa. Devia ter dado ouvidos a Julie Smith. Devia ter concordado em vir sem discutir. Devia ter se lembrado desse garotinho doce que levara para ela uma flor colhida no matagal alto que crescia na frente da clínica.

Frank se inclinou e usou um lápis para puxar um objeto fino e cilíndrico do meio do sangue.

— É a carga de tinta de uma caneta esferográfica.

— Ele deve tê-la usado para...

Sara olhou novamente para os pulsos de Tommy. Riscos azuis cruzavam a pele pálida. Ela fora médica-legista do condado de Grant antes de se mudar para Atlanta e sabia como era um ferimento gerado por um movimento repetitivo. Tommy havia raspado e raspado a carga de tinta de metal, cavando a própria carne até achar uma forma de romper uma veia. E então fizera a mesma coisa no outro braço.

— Merda. — Frank olhava por cima do ombro de Sara.

Ela se virou. Na parede, escrito com o próprio sangue, Tommy rabiscara as palavras *Não eu*.

Sara fechou os olhos, sem querer ver nada daquilo, estar ali.

— Ele tentou voltar atrás?

— Todos tentam — respondeu Frank. Depois de hesitar, acrescentou: — Ele redigiu uma confissão. Tinha informações incriminadoras sobre o homicídio.

Sara reconheceu o termo "informações incriminadoras". Era usado para descrever detalhes que somente a polícia e o criminoso sabiam. Ela abriu os olhos.

— Era por isso que ele estava chorando? Queria retirar a confissão?

Frank assentiu, com um gesto rígido.

— Sim, ele queria retirá-la. Mas todos eles...

— Ele pediu um advogado?

— Não.

— Como ele conseguiu a caneta?

Frank deu de ombros, mas não era estúpido. Podia imaginar o que tinha acontecido.

— Ele era o prisioneiro de Lena. Foi ela que deu a caneta a ele?

— É claro que não. — Frank se levantou, dirigindo-se à porta da cela. — Não de propósito.

Ela tocou o ombro de Tommy antes de se levantar.

— Era dever de Lena revistá-lo antes de colocá-lo na cela.

— Ele pode ter escondido no...

— Presumo que ela tenha dado a caneta a ele para escrever a confissão. — Sara sentia um ódio negro e profundo queimando em seu estômago. Fazia menos de uma hora que estava de volta à cidade e já se via no meio de mais um dos épicos equívocos de Lena. — Por quanto tempo ela o interrogou?

Frank tornou a balançar a cabeça, como se ela tivesse entendido tudo errado.

— Duas ou três horas. Não foi tanto tempo.

Sara apontou para as palavras que Tommy havia escrito com o próprio sangue.

— "Não eu" — leu ela. — Ele diz que não foi ele.

— Todos dizem que não foram eles. — O tom de Frank deixou claro para ela que a paciência dele estava se esgotando. — Olha, querida, vá para casa. Eu sinto muito por tudo isso, mas... — Ele fez uma pausa, seu cérebro trabalhando. — Eu tenho de ligar para o órgão estadual competente, começar com a papelada, chamar Lena de volta... — Ele esfregou o rosto com as mãos. — Cristo, que pesadelo.

Sara apanhou o casaco do chão.

— Onde está a confissão dele? Eu quero ver.

Frank deixou as mãos cair ao lado do corpo. Parecia preso ao chão. Finalmente, cedeu, conduzindo-a até a porta na extremidade oposta do corredor. As luzes fluorescentes da sala dos policiais eram fortes, quase ofuscantes, comparadas às celas escuras. Sara piscou para ajudar os olhos a se adaptarem. Havia um grupo de policiais uniformizados parado ao lado da cafeteira. Marla estava à sua mesa. Todos a fitaram com a mesma curiosidade macabra que haviam mostrado quatro anos antes: *Que horrível, que trágico, quanto tempo preciso esperar até poder pegar o telefone e contar para alguém que a vi?*

Sara os ignorou, porque não sabia o que mais podia fazer. Sentiu a pele quente e se viu baixando os olhos para as próprias mãos de modo a não ter de olhar para o escritório de Jeffrey. Perguntou-se se teriam deixado tudo como era: sua memorabilia de Auburn, os troféus de tiro e as fotografias de família. O suor escorreu pelas suas costas. A sala estava tão abafada que ela achou que fosse passar mal.

Frank parou em sua mesa.

— Allison Spooner é a garota que ele matou. Tommy tentou fazer parecer um suicídio... escreveu um bilhete, enfiou o relógio e o anel da garota no tênis dela. Ele teria escapado impune, mas Le... — Ele se interrompeu. — Allison foi esfaqueada no pescoço.

— A autópsia já foi feita?

— Ainda não.

— Como vocês sabem que a facada não foi autoinfligida?

— Parecia...

— A que profundidade penetrou? Qual foi a trajetória da lâmina? Havia água nos pulmões?

A voz de Frank se sobrepôs à dela com um toque de desespero.

— Havia marcas de amarras em seus punhos.

Sara o encarou. Ela sempre soubera que Frank era um homem honrado, mas teria jurado sobre uma pilha de Bíblias que estava mentindo descaradamente.

— Brock confirmou isso?

Ele hesitou antes de balançar a cabeça e dar de ombros ao mesmo tempo.

Sara sentiu a raiva crescer. Sabia em algum lugar no fundo de sua mente que essa raiva

era irracional, que estava vindo daquele lugar escuro que ela havia ignorado por tantos anos, mas não tinha como detê-la agora — mesmo que quisesse.

— O corpo estava preso a algum peso na água?

— Ela estava com dois blocos de concreto acorrentados à cintura.

— Se ela boiou com as mãos penduradas, a lividez cadavérica poderia ter se apresentado em seus punhos, ou as mãos poderiam ter pousado em um ângulo forçado no fundo do lago, fazendo parecer ao olho não treinado que fora amarrada.

Frank desviou os olhos.

— Eu vi, Sara. Ela estava amarrada. — Ele abriu um arquivo em sua mesa e entregou a ela uma folha de papel amarelo. A parte de cima estava rasgada, no ponto em que fora arrancada do bloco. Os dois lados estavam preenchidos. — Ele admitiu tudo.

As mãos de Sara tremiam enquanto lia a confissão de Tommy Braham. Ele escrevia com a letra cursiva exagerada de um aluno do ensino fundamental. A construção das frases era igualmente imatura: *Pippy é a minha cachorra. Ela ficou doente. Ela comeu uma meia. Ela precisou de uma foto da barriga dela por dentro. Liguei pro meu pai. Ele está na Flórida.* Sara virou a página e encontrou a parte principal da narrativa. Allison havia desprezado um avanço sexual. Tommy tinha surtado. Ele a esfaqueara e a levara para o lago para tentar encobrir o crime.

Ela olhou os dois lados do papel. Duas páginas. Tommy pusera um fim à sua vida em menos de duas páginas. Sara duvidava que ele tivesse entendido metade daquilo. A única vez em que usara vírgula fora imediatamente antes de uma palavra difícil. Essas, ele escrevera em letras de fôrma, e ela podia ver pequenos pontos onde havia pressionado a caneta debaixo de cada letra para se certificar de que tinha escrito a palavra corretamente.

Sara mal podia falar.

— Ela o instruiu.

— Isso é uma confissão, Sara. A maioria dos criminosos precisa que lhes digam o que escrever.

— Ele nem mesmo entende o que está dizendo. — Ela correu os olhos pela carta, lendo. — "Eu dei um soco em Allison para *sujogar* ela." — Ela olhou para Frank, incrédula. — O Q.I. de Tommy mal passa dos oitenta. Você acha que ele arquitetou esse falso suicídio? Ele está a menos de um passo de ser considerado deficiente mental.

— Percebeu isso depois de ler dois parágrafos?

— Eu percebi isso quando tratei dele — replicou Sara, rispidamente.

Tudo voltara à sua memória em um jorro enquanto ela lia a confissão: o rosto de Gordon Braham quando Sara sugerira que seu filho talvez estivesse se desenvolvendo em um ritmo lento demais para a idade, os testes a que Tommy fora submetido, o sofrimento de Gordon quando Sara lhe informara que o filho jamais amadureceria além de certo nível.

— Tommy era lento, Frank. Ele não sabia contar o troco. Levou dois meses para aprender a amarrar os sapatos.

Frank a fitou, a exaustão vertendo de cada poro.

— Ele esfaqueou Brad, Sara. E cortou meu braço. Ele fugiu do local.

As mãos dela começaram a tremer. Seu corpo se sacudia com a raiva.

— Vocês pensaram em perguntar a Tommy por quê? — questionou ela. — Ou estavam ocupados demais esmurrando a cara dele?

Frank olhou para os policiais perto da máquina de café.

— Fale baixo.

Sara não ia se deixar silenciar.

— Onde estava Lena quando isso tudo aconteceu?

— Ela estava lá.

— Aposto que sim. Aposto que estava lá manipulando todo mundo. "A vítima estava amarrada. Deve ter sido assassinada. Vamos até o apartamento dela. Vamos fazer com que todos à minha volta saiam feridos enquanto eu me safo sem nem um arranhão." — Sara podia sentir seu coração batendo violentamente dentro do peito. — Quantas pessoas Lena vai precisar deixar feridas, mortas, até alguém a deter?

— Sara... — Frank esfregou o rosto com as mãos. — Nós encontramos Tommy na garagem com...

— O pai dele é o proprietário. Ele tinha todo o direito de estar naquela garagem. E vocês? Vocês tinham um mandado?

— Não precisávamos de mandado.

— As leis mudaram desde a morte de Jeffrey? — Frank se encolheu ao ouvir o nome. — Lena se identificou como policial ou simplesmente começou a balançar a arma no ar?

Frank não respondeu à pergunta dela, o que por si só já era uma resposta.

— A situação foi tensa. Fizemos tudo como manda o figurino.

— A letra de Tommy bate com o do bilhete de suicídio?

Frank empalideceu, e ela se deu conta de que a pergunta nem lhe ocorrera.

— Ele provavelmente a forjou, fazendo parecer a da garota.

— Ele não tinha a inteligência necessária para forjar nada. Tinha um atraso. Você não está entendendo isso? Não existe a menor possibilidade de Tommy ter feito qualquer uma dessas coisas. Ele não era mentalmente capaz de planejar uma ida ao mercado, muito menos simular um suicídio. Você está sendo deliberadamente cego? Ou só está protegendo Lena, como sempre faz?

— Cuidado com o seu tom — advertiu Frank.

— Isto vai pegá-la. — Sara ergueu a confissão como um troféu. O tremor em suas mãos aumentara. Ela sentia calor e frio ao mesmo tempo. — Lena o enganou para escrever isto. Só o que Tommy queria era agradar as pessoas. Ela o levou a confessar e a tirar a própria vida.

— Ei, espere aí...

— Ela vai perder o distintivo por isto. Devia ir presa.

— Está me parecendo que você se preocupa muito mais com um moleque marginal do que com um policial que está lutando pela vida.

Se ele tivesse dado um tapa na cara dela o choque teria sido menor.

— Você acha que eu não me importo com um policial?

Frank deixou escapar um suspiro profundo.

— Ouça, Docinho. Fique calma, está bem?

— Não *ouse* me dizer para ficar calma. Passei os últimos quatro *anos* calma. — Ela tirou o celular do bolso de trás e procurou nos contatos o número certo.

Frank pareceu assustado.

— O que você vai fazer?

Sara ouviu o telefone tocar na sede do Georgia Bureau of Investigation, em Atlanta.

Uma secretária atendeu, e ela disse à mulher:

— Aqui é Sara Linton. Eu gostaria de falar com Amanda Wagner.

4

Sara ficou sentada em seu carro, no estacionamento do hospital, olhando fixamente para a Main Street. A instituição parara de aceitar pacientes havia um ano, mas o prédio já parecia abandonado muito antes disso. Ervas daninhas brotavam da área um dia reservada para as ambulâncias. As janelas dos andares superiores estavam quebradas. A porta de metal que costumava ser usada pelos fumantes estava trancada com uma barra de aço.

A culpa que sentia com relação a Tommy Braham ainda lhe pesava imensamente — não só por não ter se lembrado dele, mas porque no espaço de poucos segundos pegara sua morte e a usara como plataforma para alcançar sua fantasia pessoal de vingança contra Lena Adams. Sara se dava conta agora de que devia ter deixado a coisa se desenrolar sozinha em vez de se meter naquilo. Um suicídio ocorrido sob a tutela da polícia automaticamente acionava uma investigação por parte do Estado. Frank teria seguido a cadeia de comando, convocando Nick Shelton, o agente de campo local do condado de Grant a serviço do Georgia Bureau of Investigation. Nick teria conversado com todos os policiais e testemunhas envolvidos. Era um bom policial. No final, teria chegado à mesma conclusão que Sara: de que Lena fora negligente.

Infelizmente, Sara não havia sido paciente o bastante para confiar no processo. Decidira, unilateralmente, voltar a ser a médica-legista da cidade, tirando o pobre Dan Brock da sua frente à cotoveladas, tirando ela mesma as fotos da cena, fazendo esboços da cela de Tommy, antes de permitir que o corpo fosse retirado. Fez cópias de cada folha de papel que conseguiu encontrar na delegacia que tivesse referência a Tommy Braham. Mesmo com tudo isso, ligar para Amanda Wagner, vice-diretora do GBI, foi a pior das suas transgressões. Fora equivalente a bater numa tachinha com uma marreta.

— Estúpida — sussurrou ela, inclinando a cabeça no volante.

Devia estar em casa agora estudando o piso de mármore que o pai havia colocado no banheiro principal, não esperando que alguém enviado diretamente da sede do GBI aparecesse para que ela pudesse influenciar indevidamente uma investigação.

Ela se recostou no assento, olhando para o relógio do painel. O agente especial Will Trent estava quase uma hora atrasado, mas ela não tinha como ligar para ele. A viagem de Atlanta levava quatro horas — menos para quem sabia exibir o distintivo e se livrar de uma multa por velocidade com um bom papo. Olhou outra vez para o relógio, esperando 17:42 tremeluzir e se transformar em 17:43.

Sara não tinha a menor ideia do que ia dizer a ele. Tinha falado com Will Trent provavelmente meia dúzia de vezes quando ele trabalhara num caso envolvendo um dos pacientes de Sara do pronto-socorro do Hospital Grady. Naquela época, ela havia se metido na investigação descaradamente, de maneira muito parecida com a que estava fazendo agora. Will provavelmente começaria a se perguntar se ela era algum tipo de *voyeuse* de cenas de crime. No mínimo, questionaria sua obsessão por Lena Adams. Provavelmente acharia que era louca.

— Ah, Jeffrey — sussurrou Sara.

O que ele acharia da confusão na qual ela estava se metendo? O que diria sobre ela estar se sentindo péssima por estar de volta à cidade adotiva dele, na cidade que ele tanto amava? Todos eram tão cautelosos na presença dela, tão respeitosos. Ela devia se sentir grata, mas em algum nível ficava irritada ao enxergar a piedade nos olhos de todos.

Estava tão cansada de ser trágica.

O rugido de um motor anunciou a chegada de Will Trent. Estava a bordo de um lindo Porsche antigo, todo preto. Até debaixo de chuva a máquina lembrava um animal pronto para o ataque.

Ele não teve pressa para sair do carro: tirando a frente do rádio, retirando o GPS do painel e trancando ambos no porta-luvas. Morava em Atlanta, onde se trancava a porta da frente até mesmo para pegar a correspondência. Sara sabia que ele poderia deixar o Porsche no estacionamento com as portas escancaradas que o pior que poderia acontecer era alguém passar e fechá-las para ele.

Will sorriu para ela enquanto trancava as portas. Sara sempre o vira vestindo terno completo, então se surpreendeu ao vê-lo usando suéter preto com jeans. Era alto, com pelo menos 1,90 metro, um corpo esguio de corredor profissional e um andar tranquilo. Os cabelos louros haviam crescido; já não exibia o corte militar que usava quando se conheceram. De início, Sara achara que Will Trent era contador ou advogado. Até agora, ainda tinha dificuldade em conciliar o homem com a função. Ele não caminhava com o gingado de um policial. Não possuía aquele olhar cansado do mundo que dava a entender que ele tinha uma arma no quadril. Ainda assim, era um excelente investigador, e os suspeitos o subestimavam por sua própria conta e risco.

Esse era um dos motivos pelos quais Sara estava feliz de Amanda Wagner ter enviado Will Trent. Lena o detestaria logo de cara. Ele tinha a fala mansa demais, era flexível demais — pelo menos à primeira vista. Ela não saberia onde estaria se metendo até ser tarde demais.

Will abriu a porta do carro dela e entrou.

Sara disse:

— Pensei que tivesse se perdido.

Ele lhe deu um meio-sorriso enquanto ajustava o assento de maneira que sua cabeça não batesse no teto do carro.

— Me desculpe. Eu *realmente* me perdi. — Ele olhou para o rosto dela, obviamente tentando descobrir o que estava acontecendo. — Como tem passado, Dra. Linton?

— Eu... — Sara deixou escapar um longo suspiro. Não o conhecia muito bem, o que, estranhamente, fazia com que fosse mais fácil para ela ser sincera. — Não muito bem, agente Trent.

— A agente Mitchell pediu para lhe dizer que sente muito por não ter podido vir.

Faith Mitchell era parceira dele e fora paciente de Sara em determinado momento. Atualmente estava de licença maternidade e razoavelmente próxima da data do parto.

— Como ela está indo?

— Com a paciência de costume. — Seu sorriso indicou o oposto. — Me perdoe por mudar de assunto com tanta rapidez, mas como posso ajudá-la?

— Amanda lhe falou alguma coisa?

— Ela me disse que houve um suicídio sob a tutela da polícia e me mandou vir para cá o mais rápido possível.

— Ela lhe falou a respeito... — Sara esperou que ele completasse a frase. Quando não o fez, ela sugeriu: — Do meu marido?

— Isso tem relevância? Quer dizer, com o que está acontecendo aqui hoje?

Sara sentiu a garganta apertar.

Will perguntou:

— Dra. Linton?

— Não sei se tem relevância — respondeu ela, por fim. — É só o contexto. Todo mundo com quem você tiver contato nesta cidade vai saber. Vão pressupor que você também sabe. — Ela sentiu as lágrimas arderem nos olhos pela milionésima vez no dia. — Eu sinto muito. Passei as últimas seis horas com tanta raiva que não pensei, de fato, no meio do que estou jogando você.

Ele chegou o corpo para a frente e tirou um lenço do bolso de trás.

— Não há necessidade de se desculpar. Sou atirado no meio de um monte de coisas o tempo todo.

Além de Jeffrey e do pai, Will Trent era o único homem que Sara conhecia que ainda carregava um lenço. Ela aceitou o pano branco meticulosamente dobrado que ele lhe passou.

Will repetiu:

— Dra. Linton?

Ela secou os olhos, mais uma vez se desculpando.

— Desculpe. Meus olhos têm enchido de lágrimas deste jeito o dia todo.

— É sempre difícil voltar.

Ele disse aquilo com tanta certeza que Sara se pegou olhando de verdade para ele pela primeira vez desde que Will entrara no carro. Will Trent era um homem atraente, mas não de uma forma que alguém notaria logo de cara. Na verdade, parecia ávido por sumir no ambiente, ser discreto e fazer seu trabalho. Alguns meses antes ele contara a Sara que havia crescido no Lar para Crianças de Atlanta. A mãe fora morta quando ele era bebê. Aquelas eram grandes revelações, mas ainda assim Sara tinha a sensação de que não sabia coisa alguma a seu respeito.

Ele virou a cabeça em direção a ela, e ela desviou o olhar.

Will disse:

— Vamos tentar assim: você me conta o que acha importante que eu saiba. Se eu tiver mais perguntas, tento fazê-las da forma mais respeitosa possível.

Sara pigarreou algumas vezes, tentando encontrar a voz. Estava pensando na própria recuperação após a morte de Jeffrey, o ano da sua vida que perdera para o sono, para os comprimidos e para uma tristeza profunda. Nada disso importava agora. O que ela precisava comunicar a Will era que Lena Adams tinha um padrão antigo de colocar a vida

dos outros em risco e que às vezes levava as pessoas à morte.

— Lena Adams foi responsável pela morte do meu marido — disse ela.

A expressão de Will não mudou.

— Como assim?

— Ela se envolveu com alguém... — Sara pigarreou novamente. — O homem que matou meu marido era amante de Lena. Namorado. Sei lá. Ficaram juntos muitos anos.

— Estavam juntos quando seu marido morreu?

— Não. — Sara deu de ombros. — Eu não sei. Ele tinha um poder sobre ela. Ele batia nela. É possível que a tenha estuprado, mas... — Sara se deteve, sem saber como dizer a Will para não sentir pena de Lena. — Ela o provocava. Eu sei que isso vai soar horrível, mas era como se Lena *quisesse* ser maltratada.

Ele assentiu com a cabeça, mas ela se perguntou se ele de fato compreendia.

— Tinham um relacionamento doentio em que um trazia à tona o que havia de pior no outro. Ela aturou aquilo até o dia em que parou de ser divertido, então ligou para o meu marido para resolver a confusão em que tinha se metido e... — Sara se deteve, não querendo soar tão desesperada quanto se sentia. — Lena pintou um alvo nas costas dele. Nunca ficou provado, mas o ex-amante dela foi o homem que matou o meu marido.

— Policiais têm o dever de dar parte de maus-tratos — afirmou Will.

Sara sentiu um lampejo de fúria, pensando que ele estava culpando Jeffrey por não ter intervindo.

— Ela negava que estivesse acontecendo. Sabe como é difícil provar violência doméstica quando...

— Eu sei — interrompeu ele. — Sinto muito se minhas palavras não foram claras. Eu quis dizer que o ônus recaía sobre a detetive Adams. Mesmo quando a própria policial é vítima de abuso, pela lei, é seu dever dar parte.

Sara tentou acalmar a respiração. Estava ficando tão agitada com aquilo tudo que devia estar parecendo ligeiramente maluca.

— Lena é uma má policial. É desleixada. Negligente. É o motivo pelo qual meu marido está morto. É o motivo pelo qual Tommy está morto. É provável que seja o motivo pelo qual Brad levou uma facada no meio da rua. Ela coloca as pessoas em determinadas situações, as coloca na linha de fogo, então dá um passo atrás e assiste à carnificina.

— De propósito?

A garganta de Sara estava tão seca que ela mal conseguia engolir.

— Isso importa?

— Suponho que não — admitiu ele. — Imagino que a detetive Adams nunca foi acusada de nada com relação à morte do seu marido.

— Nunca foi responsabilizada por coisa alguma. Sempre consegue voltar deslizando como uma cobra para debaixo da pedra de onde saiu.

Ele assentiu, olhando fixamente para a frente, para o para-brisas encharcado da chuva. Sara havia desligado o motor. Estava com frio antes de Will chegar, mas agora o calor gerado pelos corpos dos dois era o bastante para embaçar os vidros.

Sara arriscou outra olhada para Will, tentando adivinhar o que ele estaria pensando. Seu rosto permanecia impassível. Provavelmente era a pessoa mais difícil de decifrar que Sara já conhecera na vida.

Por fim, ela disse:

— Isso tudo soa como uma caça às bruxas da minha parte, não?

Ele demorou para responder.

— Um suspeito se matou enquanto se encontrava sob a tutela da polícia. O GBI é encarregado de investigar isso.

Ele estava sendo generoso demais.

— Nick Shelton é o agente de campo do condado de Grant. Eu passei por cima de umas dez cabeças.

— O agente Shelton não poderia liderar a investigação. Ele tem laços com a polícia local. Teriam me enviado, ou alguém como eu, para averiguar isso. Eu já trabalhei em cidades pequenas antes. Ninguém se sente mal por odiar o burocrata de Atlanta. — Ele sorriu e acrescentou: — É claro que, se você não tivesse ligado direto para a Dra. Wagner, é possível que tivesse levado mais um dia para alguém vir até aqui.

— Me desculpe por tê-lo arrastado para longe de casa tão perto de um feriado. Sua mulher deve estar uma fera.

— Minha...? — Ele pareceu confuso por um segundo, como se tivesse se esquecido da aliança que trazia no dedo. Disfarçou muito mal acrescentando: — Ela não liga.

— Ainda assim, me desculpe.

— Eu vou sobreviver. — Ele a fez retornar ao assunto em pauta. — Me fale sobre o que aconteceu hoje.

Dessa vez as palavras lhe vieram muito mais facilmente: o telefonema de Julie, os boatos sobre o esfaqueamento de Brad, o pedido de ajuda de Frank. Ela terminou contando quando encontrou Tommy na cela e as palavras que ele rabiscara na parede.

— Eles o detiveram pelo assassinato de Allison Spooner.

As sobrancelhas de Will se juntaram.

— Acusaram Braham de homicídio?

— Esta é a pior parte. — Ela entregou a ele a fotocópia que havia tirado da confissão de Tommy.

Will pareceu surpreso.

— Eles lhe deram isto?

— Eu tenho um relacionamento... tive, no passado. — Na verdade ela não sabia explicar por que Frank a deixara invadir aquele caso tal qual um trator. — Eu fui a médica-legista da cidade. Fui casada com o chefe. Estão acostumados a me mostrar provas.

Will apalpou os bolsos.

— Acho que meus óculos de leitura estão na mala.

Ela vasculhou a bolsa e sacou os seus.

Will olhou de cara feia para os óculos, mas os colocou no rosto. Piscou diversas vezes enquanto varria a página com os olhos e perguntou:

— Tommy é daqui?

— Nascido e criado.

— Que idade tem?

Sara não conseguiu disfarçar o ultraje que sentia da voz.

— Dezenove.

Ele ergueu os olhos.

— Dezenove?

— Exatamente — disse ela. — Não sei como podem achar que ele planejou uma coisa dessas. Ele mal consegue escrever o próprio nome.

Will assentiu enquanto se voltava outra vez à confissão, os olhos indo e vindo sobre a página. Por fim, olhou para Sara.

— Por acaso ele tinha algum tipo de problema de leitura, como dislexia?

— A dislexia é um transtorno de linguagem. Mas, não, Tommy não era disléxico. Tinha um QI em torno de oitenta. Pessoas com deficiência intelectual têm uma pontuação de setenta ou menos, o que costumava ser chamado de retardo. A dislexia não tem nada a ver com QI. Na verdade, eu tive alguns pacientes disléxicos que me davam um banho.

Ele deu aquele seu meio-sorriso.

— Acho isso muito difícil de acreditar.

Ela retribuiu o sorriso pensando que ele não sabia absolutamente nada sobre ela.

— Não se prenda a alguns de errinhos de ortografia.

— É mais do que alguns.

— Pense na coisa da seguinte maneira: eu poderia passar o dia inteiro sentado na frente de um disléxico sem jamais saber. No caso de Tommy, ele conseguia conversar sobre beisebol e futebol americano até não poder mais, mas, se você passasse para áreas de raciocínio mais complexas, ele ficava completamente perdido. Conceitos que exigissem lógica ou o processamento de causa e efeito eram incrivelmente difíceis para ele captar. Você não estaria mais apto a convencer um disléxico a fazer uma confissão falsa do que conseguir que uma pessoa de olhos verdes ou cabelos ruivos dissesse que fez uma coisa que não fez. Tommy era incrivelmente ingênuo. Podia ser convencido de qualquer coisa.

Will a encarou sem dizer nada por um momento.

— Acha que a detetive Adams extraiu dele uma confissão falsa?

— Sim, acho.

— Acredita que ela tenha sido criminalmente negligente?

— Não sei qual é o limite legal. Só sei que as ações dela levaram à morte dele.

Ele falava com cautela, e ela finalmente se deu conta de que ele a estava interrogando.

— Pode me dizer como chegou a essa conclusão?

— Além do fato de ele ter escrito "Não eu" com o próprio sangue antes de morrer?

— Além disso.

— Tommy é... era muito sugestionável. Isso caminha de mãos dadas com o QI baixo. Ele não pontuou baixo o suficiente para ser classificado como gravemente deficiente, mas possuía algumas das mesmas características: o desejo de agradar, a inocência, a ingenuidade. O que aconteceu hoje: o bilhete, os sapatos, a tentativa malfeita de encobrir o crime. Superficialmente, pode até parecer o tipo de coisa que uma pessoa lenta ou burra talvez fizesse, mas é tudo complexo demais para Tommy. — Ela tentou se escutar a partir do ponto de vista de Will. — Eu sei que parece que estou doida para pegar Lena, e é óbvio que estou, mas isso não quer dizer que o que estou dizendo não seja fato comprovado. Tive bastante dificuldade para tratar Tommy porque ele sempre dizia que tinha qualquer sintoma sobre o qual eu lhe perguntava, quer fosse dor de cabeça ou tosse. Se eu colocasse a coisa na cabeça dele da maneira certa, ele teria me dito que estava com peste bubônica.

— Então, você está dizendo que Lena deveria ter reconhecido que Tommy era lento e...

— Que não devia ter atormentado ele até se matar, em primeiro lugar.

— E em segundo?

— Devia ter buscado cuidados médicos decentes para ele. Estava obviamente abalado. Não parava de chorar. Não queria falar com ninguém... — A voz dela foi sumindo à medida que ia se dando conta do furo em seu argumento. Frank ligara para Sara pedindo ajuda.

Em vez de chamar a atenção para o óbvio, Will perguntou:

— O preso não é de responsabilidade do policial que o prendeu?

— Foi Lena quem o colocou lá. Ela não o revistou direito, pelo menos não bem o suficiente para encontrar a carga de tinta que ele usou para se matar. Não alertou os guardas para ficarem de olho nele. Conseguiu a confissão e foi embora. — Sara conseguia perceber que estava ficando com mais e mais raiva a cada segundo. — Sabe-se lá como ela o deixou, emocionalmente falando. Provavelmente o convenceu de que sua vida não valia a pena ser vivida. É isso que ela faz, repetidamente. Cria uma situação de merda, e outra pessoa sempre paga o pato.

Will fitou o estacionamento, as mãos pousadas levemente sobre os joelhos. Embora o hospital tivesse fechado, a eletricidade ainda funcionava. Os postes tremeluziram e se acenderam. Sob o brilho amarelo, Sara podia ver a cicatriz que atravessava a lateral do rosto de Will e descia por dentro do colarinho. Era antiga, provavelmente da época de infância. Na primeira vez que a vira, achara que ele talvez rasgara a pele escorregando para a primeira base no beisebol ou caindo de bicicleta. Isso antes de saber que ele havia crescido num orfanato. Agora se perguntava se haveria mais por trás dessa história.

Aquela, certamente, não era a única cicatriz de Will Trent. Mesmo de perfil, ela podia ver o local entre o nariz e o lábio onde alguém ou algo abrira a pele repetidamente. Quem quer que tivesse costurado a carne não havia feito um trabalho muito bom. A cicatriz era ligeiramente denteada, dando à sua boca um aspecto quase vulgar.

Will deixou escapar o ar. Quando finalmente falou, foi cem por cento profissional.

— Acusaram Tommy Braham de homicídio? Apenas homicídio, nada mais?

— Não, só homicídio.

— Não incluíram tentativa de homicídio por causa do detetive Stephens? — indagou Will. Sara balançou a cabeça. — O chefe Wallace não foi ferido, também?

Sara sentiu um rubor subindo pelo pescoço. Imaginou que Frank estivesse dizendo isso, mesmo depois da surra que dera em Tommy no meio da rua.

— O registro da prisão dizia homicídio. Nada mais.

— Do jeito que vejo a coisa, estou lidando com duas situações. Uma, que o suspeito se matou enquanto se encontrava sob a tutela da detetive Adams, e a segunda é que eu não sei ao certo por que ela prendeu Tommy Braham por homicídio com base na confissão dele. E não só na confissão dele, mas em qualquer confissão.

— Você quer dizer...?

— Que não se prende uma pessoa por homicídio somente com base na confissão dela. Tem de haver uma evidência corroborativa. A sexta emenda dá ao réu o direito de confrontar seu acusador. Se você for seu próprio acusador e voltar atrás na sua confissão... — Ele deu de ombros. — É como um cão perseguindo o próprio rabo.

Sara se sentiu idiota por não ter pensado nisso horas antes. Fora médica-legista do condado durante quase quinze anos. A polícia não precisava, necessariamente, de uma causa de morte para deter alguém por suspeita de homicídio, mas precisava da constatação oficial de que um homicídio fora cometido para expedir um mandado de

prisão.

Will disse:

— Tinham motivos suficientes para deter Braham sem a acusação de homicídio: agressão com arma letal, tentativa de homicídio, agressão contra agente da lei durante o exercício da função, agressão durante a prisão, resistência à prisão, invasão de propriedade. São delitos graves. Qualquer combinação deles poderia detê-lo por um ano e ninguém reclamaria. — Ele balançou a cabeça como se não conseguisse compreender a lógica. — Vou precisar de acesso aos relatórios deles.

Sara se virou para o banco traseiro e pegou as cópias que havia feito.

— Vou ter de esperar o comércio abrir de manhã para revelar as fotos.

Will ficou maravilhado com o acesso que tinham dado a ela enquanto folheava as páginas.

— Uau. Muito bom. — Foi passando as páginas enquanto falava. — Sei que está convencida de que Tommy não matou essa menina, mas é minha função provar uma coisa ou outra.

— É claro. Eu não tive a intenção de... — Sara deixou a voz ir falhando. Tinha, *sim*, tido a intenção de influenciá-lo. Esse era objetivo de estarem ali. — Você tem razão. Sei que precisa ser imparcial.

— Eu só preciso que esteja preparada, Dra. Linton. Se eu descobrir que Tommy cometeu o crime ou se não conseguir encontrar provas sólidas de que não foi ele, ninguém vai ligar para a forma como ele foi tratado na cadeia. Vão achar que a detetive Adams lhes poupou um monte de dólares em impostos evitando um julgamento.

Sara sentiu o coração apertar no peito. Ele tinha razão. Já havia visto gente daquela cidade fazer suposições que não necessariamente tinham base em fatos. Não se atinham às nuances.

Ele ofereceu a ela um cenário alternativo.

— Por outro lado, se Tommy não tiver matado essa menina, tem um assassino à solta por aí que é muito sortudo ou muito inteligente.

Mais uma vez, Sara não havia se permitido pensar tão longe. Tinha ficado tão preocupada com o envolvimento de Lena que não lhe ocorrera que a inocência de Tommy apontava para outro assassino.

— O que mais você descobriu? — perguntou Will.

— De acordo com Frank, tanto ele quanto Lena viram marcas nos punhos de Spooner que indicavam que ela havia sido amarrada.

Will emitiu um som de incredulidade.

— Isso é bastante difícil de afirmar quando um corpo passou tanto tempo dentro d'água.

Sara não sentiu prazer algum ao se ver vingada.

— Tem um ferimento à faca, ou o que acham ser um ferimento à faca, no pescoço dela.

— É possível ter sido autoinfligido?

— Eu não vi, mas não imagino que alguém se mataria com uma facada na nuca. Sem contar que teria sangrado muito, especialmente se a carótida tivesse sido atingida. Estamos falando de alta velocidade, para cima e para trás, como uma mangueira ligada no máximo. Eu calcularia que encontrariam de 1,9 a 2,4 litros de sangue no local.

— E o bilhete de suicídio de Spooner?

— "Quero que acabe." — recordou Sara.

— Que estranho. — Ele fechou a pasta. — O legista local presta?

— Dan Brock. É agente funerário, não médico.

— Vou considerar isso um "não". — Will a encarou. — Se eu transferir Spooner e Braham para Atlanta, perdemos mais um dia.

Ela já estava um passo à frente dele.

— Falei com Brock. Ele ficaria feliz de me deixar fazer as autópsias, mas vamos ter de começar depois das onze para não incomodar ninguém. Ele tem um enterro amanhã de manhã. Ficou de me ligar mais tarde com a hora certa para podermos coordenar os procedimentos.

— As autópsias são realizadas na agência funerária?

Ela apontou para o hospital.

— Costumávamos fazê-las aqui, mas o estado cortou o financiamento, então não conseguiram permanecer abertos.

— A história é a mesma, só muda a cidade. — Ele olhou para o celular. — Imagino que eu precise me apresentar ao chefe Wallace.

— Chefe interino — corrigiu ela, para então dizer: — Desculpe, não importa. Frank não está na delegacia no momento.

— Eu já deixei dois recados para ele sobre se encontrar comigo. Tiveram alguma chamada externa?

— Ele está no hospital com Brad. E com Lena, eu imagino.

— Tenho certeza de que estão demorando propositalmente para combinar suas histórias.

— Você vai ao hospital?

— Já vão me detestar o bastante sem eu chegar invadindo o quarto de hospital de um policial ferido.

Sara concordou silenciosamente com o argumento dele.

— Então, o que vai fazer agora?

— Quero ir à delegacia ver onde estavam mantendo Tommy. Estou certo de que vou encontrar um guarda extremamente hostil à minha espera que vai me dizer que acabou de começar o turno, que não sabe de nada e que Tommy se matou porque era culpado. — Ele deu um tapinha na pasta. — Vou falar com os outros presos, se é que ainda não os soltaram. Imagino que o chefe interino Wallace não vá dar as caras até de manhã, o que me dá algum tempo para estudar essa pasta. — Ele se inclinou para tirar a carteira do bolso traseiro. — Tome o meu cartão. Tem o meu celular atrás.

Sara leu o nome de Will ao lado do logotipo do GBI.

— Você tem doutorado?

Ele pegou o cartão de volta da mão dela e olhou fixamente para as letras. Em vez de responder à sua pergunta, comentou:

— Os números estão certos. Pode me dizer onde encontro o hotel mais próximo?

— Tem um perto da faculdade. Não é muito bom, mas é razoavelmente limpo. Vai estar calmo, já que a garotada está de férias.

— Eu janto lá e...

— Não tem restaurante. — Sara sentiu um lampejo de vergonha pela sua cidadezinha. — Está tudo fechado a uma hora dessas a não ser pela pizzaria, e eles já foram

interditados pela vigilância sanitária tantas vezes que só os universitários comem lá.

— Tenho certeza de que tem máquinas com salgadinhos no hotel. — Ele pôs a mão na maçaneta, mas Sara o deteve.

— Minha mãe preparou um jantar enorme e sobrou bastante. — Ela pegou a pasta das mãos dele e escreveu o endereço na frente. — Droga — murmurou ela, riscando o número da casa. Tinha escrito seu antigo endereço, não o dos pais. — Lakeshore — disse ela, apontando para a rua diretamente em frente ao hospital. — Dobre à direita. Ou à esquerda, se quiser fazer a rota panorâmica. É só uma volta enorme ao redor do lago. — Ela escreveu o número do celular. — Ligue se você se perder.

— Eu nem pensaria em dar trabalho à sua família.

— Eu o arrastei até aqui. Podia pelo menos me deixar alimentá-lo. Ou deixar minha mãe alimentá-lo, o que seria bem melhor para a sua saúde. — Então, por saber que ele não tinha nada de bobo, acrescentou: — E você sabe que eu quero saber o andamento do caso.

— Não sei quão tarde vai ser isso.

— Eu espero acordada.

5

Will Trent pressionou o rosto contra a porta de vidro da delegacia. As luzes estavam apagadas. Não havia ninguém na recepção. Bateu com as chaves na porta pela terceira vez, pensando que, se fizesse isso com mais força, o vidro quebraria. A marquise do prédio não estava ajudando muito a proteger sua cabeça da chuva. Seu estômago roncava de fome. Ele estava com frio, molhado e extremamente irritado de o terem mandado para aquele inferno de cidadezinha nas suas férias.

A pior parte daquela missão em especial era o fato de ter sido a primeira vez na vida de Will que ele pedira uma semana inteira de folga do trabalho. Em casa, o quintal da frente estava todo revirado no local em que ele vinha cavando uma trincheira, ao redor do cano de esgoto, que ia da sua casa até a rua. As raízes das árvores haviam invadido o cano de barro de 90 anos, e um bombeiro queria 8 mil dólares para trocá-lo por plástico. Will estava cavando a trincheira à mão, tentando não destruir os milhares de dólares que havia gasto com paisagismo nos últimos cinco anos quando o telefone tocou. Não atender não lhe pareceu uma opção. Estivera aguardando notícias de Faith — de que seu bebê finalmente estava a caminho ou, melhor ainda, de que já havia nascido.

Mas não, era Amanda Wagner lhe dizendo:

— Não dizemos não para a viúva de um policial.

Will colocara uma lona em cima da trincheira, mas algo lhe dizia que os dois dias que passara cavando seriam apagados por um deslizamento de terra até que voltasse para casa. Se é que algum dia voltaria para casa. Parecia que estava destinado a passar o resto da vida debaixo da chuva torrencial, do lado de fora daquela delegaciazinha dos quintos dos infernos.

Estava prestes a bater outra vez na vidraça, quando uma luz finalmente se acendeu dentro do prédio. Uma senhora idosa caminhava em direção à porta, levando todo o tempo do mundo para atravessar o chão acarpetado com seu caminhar gingado. Era grandalhona, e um vestido tipo camponesa vermelho-vivo envolvia seu corpo como uma barraca de camping. Os cabelos grisalhos estavam enrolados num coque no topo da cabeça, presos com uma piranha para cabelos. Um colar de ouro com um crucifixo pendia para dentro do amplo decote.

Ela colocou a mão sobre a fechadura, mas não abriu a porta. A voz saiu abafada pelo vidro:

— Posso ajudá-lo?

Will tirou a identidade e a mostrou a ela. Ela inclinou o corpo para a frente, estudando a fotografia e comparando-a com o homem que se encontrava à sua frente.

— Você fica mais bonito de cabelo comprido.

— Obrigado. — Ele tentou se livrar da chuva que caía em seus olhos piscando.

Ela esperou Will dizer mais alguma coisa, mas ele segurou a língua. Por fim, ela cedeu, abrindo a porta.

A temperatura lá dentro estava infimamente mais quente, mas pelo menos ele estava fora da chuva. Will passou os dedos pelos cabelos, tentando tirar o excesso de água. Bateu os pés para se livrar da umidade.

— Está fazendo uma bagunça aqui — comentou a mulher.

— Eu peço desculpas — disse-lhe Will, perguntando-se se poderia lhe pedir uma toalha. Pegou seu lenço e secou o rosto. Sentiu cheiro de perfume. Do perfume de Sara.

A mulher o olhou duramente, como se pudesse ler o que se passava pela mente de Will e não estivesse gostando do que via.

— Vai ficar aí em pé a noite toda cheirando o seu lenço? Tenho janta para fazer.

Ele dobrou o pano e o enfiou de volta no bolso.

— Sou o agente Trent do GBI.

— Já li isso na sua identificação. — Ela o olhou de cima a baixo, avaliando-o abertamente, obviamente sem gostar do que via. — Eu sou Marla Simms, secretária da delegacia.

— É um prazer conhecê-la, Srta. Simms. Pode me dizer onde o chefe Wallace se encontra?

— Senhora. — Seu tom foi cortante. — Não tenho certeza se soube, mas um de nossos rapazes quase foi morto hoje. Atacado no meio da rua enquanto tentava fazer seu trabalho. Estivemos um pouco ocupados com isso.

Will fez que sim.

— Sim, senhora, eu soube, sim. Espero que o detetive Stephens fique bem.

— Aquele menino trabalha aqui desde que tinha 18 anos.

— Minhas preces estão com a família dele — disse Will, sabendo da importância que tinha a religião numa cidadezinha pequena. — Já que o chefe Wallace não está disponível, será que eu poderia conversar com o policial que registrou a prisão?

Ela pareceu aborrecida com o fato de ele saber que havia um policial para exercer tal função. Frank Wallace obviamente lhe incumbira da tarefa de atrasar o expediente do babaca do GBI. Will quase podia ver as engrenagens girando dentro da cabeça da senhora enquanto procurava uma forma de se esquivar da pergunta.

Will a pressionou educadamente.

— Eu sei que os presos não são deixados por conta própria. A senhora é a responsável pelas celas?

— Larry Knox está lá atrás — respondeu ela, por fim. — Eu já estava pronta para sair. Já tranquei todos os arquivos, então, se quiser...

Will havia enfiado a pasta que Sara lhe dera na frente das calças de maneira que não molhasse. Levantou o suéter e entregou a pasta a Marla.

— Será que poderia passar essas 12 páginas por fax para mim?

Ela pareceu hesitante em aceitar as folhas. Ele não podia culpá-la. A pasta estava quente por ter ficado pressionada contra o seu corpo.

— O telefone é...

— Espere aí. — Ela extraiu uma caneta de algum lugar nas profundezas dos cabelos. Era uma Bic retrátil de plástico daquelas que se achavam em qualquer escritório. — Pode continuar.

Ele lhe deu o número de fax de sua parceira. A mulher se demorou ao máximo para anotá-lo, fingindo se confundir com os números. Will olhou à sua volta, pelo lobby, que se parecia com o lobby de qualquer outra delegacia de polícia de cidade do interior na qual já entrara. As paredes eram revestidas com madeira. Fotos tiradas em grupo mostravam policiais com seus uniformes, ombros erguidos, queixos projetados para a frente, sorrisos nos rostos. Havia uma bancada alta do lado oposto ao das fotos, e um portão preenchia o espaço entre a parte da frente do prédio e a de trás, onde as mesas ficavam todas em linha reta. Todas as luzes estavam apagadas.

— Está certo — disse ela. — Eu mando o fax para eles antes de sair.

— Tem uma caneta sobressalente que eu possa usar?

Ela lhe ofereceu a Bic.

— Eu não quero ficar com a sua única caneta.

— Pode pegar.

— Não, sério — insistiu ele, com as palmas viradas para cima. — Eu não poderia...

— Temos vinte caixas cheias dentro do armário — vociferou ela. — Pegue logo.

— Está bem, então. Obrigado. — Ele enfiou a caneta no bolso detrás. — Sobre o fax: eu numerei as páginas, então será que pode se certificar de que as 12 sigam na mesma ordem?

Ela foi resmungando enquanto caminhava em direção ao portão. Ele aguardou enquanto ela se abaixava para encontrar o botão que o abria. Ouviu-se um zumbido alto e o clique de uma fechadura se abrindo. Will achou estranho que houvesse um grau tão alto de segurança naquela delegacia, mas cidades pequenas haviam encontrado várias formas criativas de gastar o dinheiro do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos depois do 11 de Setembro. Ele havia visitado uma cadeia, certa vez, que possuía privadas Kohler em todas as celas e ferragens em níquel nas pias.

Marla ocupava-se na frente da fileira de equipamentos, próxima à cafeteira. Will estudou o ambiente. Havia três fileiras de três mesas bem no centro do espaço. Mesas com cadeiras dobráveis acompanhavam toda a parede dos fundos. Na lateral do prédio, de frente para a rua, havia uma porta de escritório fechada. Uma janela se abria para a sala dos policiais, mas as persianas estavam hermeticamente fechadas.

— A cadeia fica nos fundos — avisou Marla.

Ela empilhou as folhas sobre a mesa, olhando para ele atentamente. Will olhou outra vez para o escritório enquanto algo que se assemelhava a pânico tomava conta de Marla, como se ela temesse que ele fosse abrir a porta.

— Por aqui? — indagou ele, apontando para uma porta de metal nos fundos da sala.

— Os fundos ficam aí, não é?

— Obrigado — disse-lhe ele. — Agradeço pela sua ajuda.

Will deixou a porta se fechar antes de sacar a caneta de Marla e desatarraxá-la. Conforme suspeitara, a carga usada dentro era de plástico. Sara dissera que a carga usada por Tommy Braham para cortar os pulsos era de metal. Will imaginava que tivesse saído de uma caneta mais chique do que uma Bic.

Montou a caneta outra vez enquanto seguia pelo corredor. Placas de saída iluminavam um chão de piso frio de, aproximadamente, vinte metros de comprimento por pouco mais de um metro de largura. Will abriu a primeira porta da qual se aproximou, um almoxarifado. Olhou por cima do ombro antes de acender a luz. Caixas de clipes de papel e diversos materiais de escritório enchiam as prateleiras, assim como as vinte caixas de canetas Bic retráteis que Marla havia mencionado. Duas pilhas grandes de blocos amarelos tamanho ofício encontravam-se ao lado das canetas, e Will imaginou os detetives indo até aquele depósito, pegando uma caneta e um bloco para darem aos suspeitos algo em que pudessem escrever suas confissões.

Havia três outras portas no corredor. Duas conduziam a salas de interrogatório vazias. A configuração era a esperada: uma mesa comprida com um olhal enfiado no tampo, cadeiras espalhadas. Espelhos falsos voltavam-se para cada sala. Will imaginou que fosse preciso posicionar-se no depósito para espiar a primeira sala. A outra sala de observação ficava atrás da terceira porta. Tentou a maçaneta, mas estava trancada.

A porta ao final do corredor se abriu, e um policial de uniforme completo, incluindo o quepe, saiu. Will olhou por cima do ombro e encontrou no canto da parede a câmera que o acompanhara pelo corredor.

— O que você quer? — perguntou o policial.

— Policial Knox?

Os olhos do homem se estreitaram.

— Isso mesmo.

— É você quem faz os registros de prisão? — indagou Will, surpreso.

A posição de agente de registros era necessária, mas era um trabalho entediante. Eles eram responsáveis pelo processamento de todos os presos recém-detidos e encarregados de seu bem-estar enquanto se encontrassem nas celas. Geralmente, era o tipo de função dada a um policial veterano, uma posição burocrática tranquila que atenuava a transição até a aposentadoria. Às vezes era dada para um policial como castigo. Will duvidava que esse fosse o caso de Knox. Frank Wallace não teria deixado um policial ressentido com o departamento lidar com Will.

Knox o olhava com raiva declarada.

— Vai ficar aí em pé?

Will sacou o distintivo.

— Sou o agente especial Trent. Trabalho para o GBI.

O homem tirou o quepe da cabeça, exibindo uma cabeleira cor-de-cenoura.

— Eu sei quem você é.

— Estou certo de que seu chefe o colocou a par do assunto. Fomos chamados, como é o procedimento padrão, para investigarmos o suicídio de Tommy Braham.

— Você foi chamado por Sara Linton — argumentou ele. — Eu estava bem aqui quando ela fez isso.

Will sorriu para o homem, porque já havia descoberto que sorrir para as pessoas quando elas achavam que você devia estar com raiva era uma boa forma de diminuir parte da tensão.

— Eu lhe agradeço por colaborar nesta investigação, policial Knox. Sei como as coisas devem estar difíceis para vocês no momento.

— Sabe mesmo? — Pelo visto o sorriso fora em vão. Knox estava com cara de quem

queria dar um soco em Will. — Um homem bom está lutando pela vida naquele hospital em Macon e você está preocupado com o vagabundo que o esfaqueou. É isso que eu vejo.

— Conhecia Tommy Braham?

Ele foi pego de surpresa pela pergunta.

— O que isso tem a ver?

— Só curiosidade.

— Sim, eu o conhecia. Tinha um parafuso a menos na cabeça desde o dia em que nasceu.

Will fez que sim, como se compreendesse.

— Poderia me levar à cela onde Tommy foi encontrado?

Knox pareceu mesmo procurar uma razão para dizer não. Will esperou. Qualquer policial sabia que a melhor maneira de se fazer alguém falar era ficando quieto. Havia uma tendência natural e humana de se preencher o silêncio com sons. O que a maior parte dos policiais não se dava conta era de que era igualmente suscetível a essa mesma técnica.

— Muito bem — começou Knox —, mas eu não gosto de você e você não gosta de mim, não vamos fingir o contrário.

— É justo — concordou Will, seguindo-o porta adentro e se vendo num corredor mais curto e com outra porta. Havia um banco em um dos lados, acompanhando uma fileira de armários para armas. Todas as cadeias que Will já havia visitado tinham a mesma disposição. Sabiamente, armas não eram permitidas junto com os presos.

Knox apontou para os armários.

— Faça o favor de tirar o pente e de ejetar a bala da agulha.

— Eu não trouxe minha arma.

Considerando o olhar que Knox lhe deu, teria dado no mesmo Will dizer que deixara o pênis em casa.

O homem entortou o lábio em sinal de desprezo. Deu meia-volta e caminhou em direção à porta seguinte.

— Disse que estava aqui quando a Dra. Linton deu o telefonema. Estava começando o seu turno? — indagou Will.

Knox se virou.

— Eu não estava aqui quando o garoto se matou, se é isso que quer saber.

— Estava no seu turno? — repetiu Will.

Ele hesitou outra vez, como se ainda não estivesse claro que não queria cooperar.

— Imagino que você não seja o agente de registros de costume. É da patrulha, acertei? — perguntou Will.

Knox não respondeu.

— Quem estava fazendo os registros de prisão hoje à tarde?

Ele levou todo o tempo que pôde para responder.

— Carl Phillips.

— Vou precisar conversar com ele.

Ele sorriu.

— Carl está de férias. Desde hoje à tarde. Foi acampar com a mulher e os filhos. Esta sem telefone.

— E quando vai estar de volta?

— Vai ter de perguntar a Frank sobre isso.

Knox tirou as chaves e abriu a porta. Para alívio de Will, estavam finalmente na cadeia. Ao lado de outra porta ampla, havia mais uma janela de observação mostrando outro corredor, mas esta tinha as familiares portas de metal das celas de uma cadeia. Bem do lado de fora das celas, ficava uma espécie de escritório para o policial encarregado. De um dos lados, havia um arquivo grande. Do outro, uma mesa embutida com seis monitores mostrando o interior de cinco das celas. O sexto monitor mostrava o jogo Paciência em progresso. O jantar de Knox, um sanduíche trazido de casa com batatas fritas, encontrava-se à mostra, diante do teclado do computador.

— Só tenho três pessoas aqui dentro hoje à noite — disse Knox, à guisa de explicação.

Will verificou as telas. Um homem andava de um lado para o outro da cela, os outros dois encontravam-se encolhidos em seus beliches.

— Onde está a fita das câmeras?

O policial pousou a mão sobre o computador.

— Parou de gravar ontem. Chamamos alguém para vir consertar.

— É muito estranho que tenha parado de funcionar bem quando ela se faz necessária.

Knox deu de ombros.

— Como eu disse, eu não estava aqui.

— Algum preso foi solto depois que Braham foi encontrado?

Ele deu de ombros.

— Eu não estava aqui para isso.

Will entendeu a resposta como um tácito "sim".

— Tem o registro de visitas?

Ele abriu um dos arquivos e tirou de lá de dentro uma folha de papel que entregou a Will. O formulário era pautado, com colunas para nomes e horários, o tipo da documentação normalmente encontrada em qualquer cadeia americana. Em cima da página, alguém havia preenchido a data. O resto do formulário estava em branco.

— Pelo visto Sara não assinou — comentou Knox.

— Você a conhece há muito tempo?

— Cuidou dos meus filhos até deixar a cidade. Há quanto tempo a conhece?

Will notou uma mudança sutil no temperamento do homem.

— Não há muito.

— Me pareceu que a conhecia bastante bem, sentado no carro com ela durante uma hora daquele jeito, na frente do hospital.

Will esperava não ter se mostrado tão surpreso quanto se sentiu. Esquecera-se do quão insular e incestuosa uma cidade pequena podia ser. Resolveu arriscar.

— É uma mulher encantadora.

Knox estufou o peito. Era pelo menos 15 centímetros mais baixo que Will e obviamente tentava compensar isso com sua bravata.

— Jeffrey Tolliver foi o melhor homem com quem já trabalhei.

— A reputação dele é bem conhecida em Atlanta. Foi por respeito a ele que minha chefe me mandou para cá para cuidar do seu pessoal.

Knox estreitou os olhos, e Will se deu conta de que o policial podia entender as palavras dele de diversas formas, uma delas como sinal de que Will pretendia pegar leve nas investigações por respeito a Jeffrey Tolliver. Isso pareceu deixar Knox relaxado, então Will não o corrigiu.

— Às vezes Sara fica de cabeça quente — comentou Knox. — É muito emotiva.

Will dificilmente descreveria Sara como uma pessoa dominada pelas emoções. Não confiou em sua capacidade de dizer um clichê do tipo "Mulheres!" de forma convincente. Simplesmente assentiu com a cabeça e deu de ombros ao mesmo tempo, como se dissesse: "O que se pode fazer?"

Knox continuou a encará-lo, tentando chegar a uma decisão.

— Muito bem, então — disse, por fim. Usou um cartão de plástico para abrir a última porta. As chaves continuavam em sua mão, e ele as sacudiu enquanto andava.

— Esse daqui está curando a bebedeira dormindo. Chegou há mais ou menos uma hora. — Indicou a cela seguinte. — Viciado em metanfetamina. Está saindo do barato da pior forma possível. Da última vez que tentamos acordá-lo, ele quase arrancou os dentes de um.

— E a porta de número três? — perguntou Will.

— Agressor de mulher.

— Não sou! — Veio um grito abafado de trás da porta.

Knox assentiu com a cabeça para Will em silêncio.

— Terceira vez que é detido por isso. Ela não quer testemunhar...

— É isso mesmo, porra! — berrou o homem.

— Ele está coberto com o próprio vômito, então vou ter de lavá-lo com a mangueira se quiser falar com ele.

— Eu odeio pedir isso... — Will deu de ombros. — Talvez ajude a agilizar o processo para podermos todos voltar para nossas vidas. Minha mulher vai me matar se eu não estiver de volta em casa para o feriado.

— Sei como é. — Knox fez sinal para que Will se dirigisse à cela seguinte. A porta estava aberta. — É esta.

O sangue de Tommy Braham havia sido limpo, mas a mancha vermelha no chão de concreto contava a história. Seus pés teriam ficado virados para a porta, a cabeça para trás. Talvez tivesse se deitado de lado, o braço estendido à sua frente. Will calculou pela circunferência da mancha que Tommy não tinha parado em um dos pulsos. Tinha cortado os dois para se certificar de que o trabalho fosse feito direito.

Will deu um passo para dentro da cela, tendo uma ligeira sensação de claustrofobia. Estudou bem as paredes de blocos de concreto, a estrutura de metal da cama com seu colchão fino. A privada e a pia eram uma única unidade, em aço inox. O vaso em si parecia limpo, mas o cheiro de esgoto era pungente. Ao lado da pia havia uma escova de dentes, um copo de metal e um pequeno tubo de pasta de dente igual ao que se ganha num hotel. Will não era supersticioso, mas estava profundamente ciente de que Tommy Braham, em seu desespero, tirara a própria vida bem ali, havia menos de oito horas. A sensação de sua morte ainda pairava no ar.

— "Não eu" — disse Knox.

Will se virou, perguntando-se o que ele queria dizer.

Knox fez um aceno com a cabeça em direção à parede desbotada.

— Foi o que ele escreveu. "Não eu." — Knox assumiu um tom de quem sabe o que está dizendo: — Se não foi você, meu chapa, então por que se matou?

Will nunca tinha achado muito útil pedir aos mortos que explicassem suas motivações, então devolveu a pergunta para Knox.

— Por que acha que ele ficou insistindo que não tinha matado Allison Spooner?

— Já lhe disse. — Knox tocou a lateral da cabeça. — Não era certo aqui dentro.

— Maluco?

— Não, só mais burro que uma porta.

— Burro demais para saber como matar alguém?

— Diabos, eu bem que queria que isso existisse. Aí eu não teria de ficar de olho na mulher durante aqueles dias do mês.

Ele soltou uma gargalhada, e Will se forçou para acompanhá-lo, tentando não pensar em Tommy sentado no chão da cela, mutilando o pulso múltiplas vezes com a carga de tinta, tentando fazer-se sangrar. Quanto tempo teria levado até a pele se abrir? Será que a pele esquentara com a fricção? Teria a carga de metal começado a esquentar? Quanto tempo teria levado até que sangrasse a ponto de o coração parar de bater?

Will se voltou outra vez para as letras desbotadas na parede. Não queria perder o espírito de camaradagem recém-adquirido, ainda que falso, com Knox.

— Você conhecia Allison Spooner?

— Ela trabalhava na lanchonete. Todos nós a conhecíamos.

— Como ela era?

— Uma boa menina. Trazia os pratos com rapidez. Não ficava tagarelando. — Olhou para o chão, balançando a cabeça. — Era bonita, também. Acho que foi isso que chamou a atenção de Tommy. Coitada. Provavelmente pensou que ele fosse inofensivo.

— Ela tinha amigos? Namorado?

— Acho que era só Tommy. Nunca vi mais ninguém com ela. — Ele deu de ombros. — Não que eu estivesse prestando atenção. A mulher não gosta quando meus olhos vagueiam.

— Você via Tommy na lanchonete com frequência?

Knox balançou a cabeça. Will percebeu que sua complacência estava minguando.

— Posso conversar com o sujeito que bate na mulher?

— Eu não toquei nela! — berrou o preso, esmurrando a porta da cela.

— Finas, as paredes — observou Will. Knox estava encostado na porta, os braços cruzados. O bolso da camisa estava amontoado e com uma caneta prata presa ao tecido. — Ei, será que posso pegar a sua caneta emprestada?

Knox tocou o clipe da caneta.

— Desculpe, é a única que tenho.

Will reconheceu o logotipo da Cross.

— Bacana.

— O chefe Tolliver nos deu de presente no Natal antes de falecer.

— Para todos vocês? — Knox fez que sim. Will assoviou baixinho. — Deve ter custado uma fortuna.

— Elas com certeza não são baratas.

— Usam uma carga especial, certo? De metal?

Knox abriu a boca para responder, então se deteve.

— Quem mais ganhou uma? — perguntou Will.

O lábio de Knox se curvou num sorriso de desdém.

— Vá se foder.

— Tudo bem. Posso perguntar a Sara quando a vir mais tarde.

Knox endireitou o corpo, bloqueando a porta.

— É melhor ter cuidado, agente Trent. O último sujeito que entrou nesta cela não acabou muito bem.

Will sorriu.

— Acho que sou capaz de me cuidar.

— Será mesmo?

Will forçou um sorriso.

— Eu espero que sim, porque parece que você está me ameaçando.

— Você acha? — Knox esmurrou a porta da cela aberta. — Está escutando isso, Ronny? O Sr. GBI está dizendo que estou ameaçando ele.

— Como é, Larry? — berrou o homem que batia na mulher. — Não dá para ouvir nada por essas paredes grossas. Porra nenhuma.

Will ficou sentado na sala de interrogatórios tentando respirar pela boca enquanto fitava as páginas fotocopiadas que Sara lhe dera. O policial Knox voltara atrás em sua oferta de lavar o homem que espancava a mulher com uma mangueira. Will aguentara o fedor do homem por vinte minutos antes de desistir de interrogá-lo. Em Atlanta, Ronny Porter teria conseguido sua liberdade, dando a Will qualquer informação que tivesse para sair da cadeia. Cidadezinhas eram diferentes. Em vez de tentar conseguir algum tipo de acordo, Porter defendera cada policial do departamento. Até mesmo dissertara poeticamente a respeito de Marla Simms, que aparentemente fora sua professora da escola dominical.

Will espalhou os documentos, tentando colocá-los em algum tipo de ordem. A confissão de Tommy Braham fora escrita à mão, a cópia escura devido ao papel amarelo. Colocou isso de lado. O relatório da polícia era igual a todos os formulários que Will já havia processado no GBI. Havia espaço para datas, horários, condições climáticas e outros detalhes do crime para serem escritos à mão. O bilhete de suicídio refletira a luz da fotocopiadora, deixando as letras indistintas.

Havia duas outras páginas que eram fotocópias de anotações de um pequeno bloco de notas, do tipo que a maioria dos policiais carregava no bolso traseiro. Quatro folhas do papel menor haviam sido enfileiradas para caber em uma única página fotocopiada. Ao todo, oito folhas haviam sido arrancadas do bloquinho. Will estudou o posicionamento. Dava para ver as marcas claras onde o papel pautado fora colado com fita adesiva à folha maior para ser fotocopiado. Em vez de bordas rasgadas na parte de cima, no local onde o papel fora arrancado da espiral, havia uma linha limpa como se alguém tivesse usado uma tesoura para cortá-lo do bloco. Foi isso que ele achou o mais estranho de tudo, não só porque policiais não costumavam ser tão organizados, mas porque nunca em toda a sua carreira conhecera um policial capaz de arrancar páginas de seu bloquinho.

O mandado de prisão era a última folha da pilha, mas essa parte do processo, pelo menos, era computadorizada. Todos os espaços estavam preenchidos em fonte que simulava a de máquina de escrever. O nome de suspeito encontrava-se em cima, assim como seu endereço e número de telefone. Will encontrou a caixa com o nome do empregador de Tommy. Inclinou-se por cima do formulário, apertando os olhos enquanto seguia as letras minúsculas com o dedo. A boca se movimentava enquanto tentava soletrar as palavras. Will estava cansado da viagem monótona. As letras se misturavam. Piscou,

desejando haver mais luz na sala.

Sara Linton estivera certa com relação a uma coisa. Sentara-se em frente a Will durante uma hora inteirinha sem se dar conta de que era disléxico.

Seu telefone tocou, o barulho o sobressaltou no pequeno espaço. Reconheceu o número de Faith Mitchell.

— Oi, parceira.

— Você ficou de me ligar quando chegasse aí.

— As coisas têm sido corridas — disse ele, o que era mais ou menos verdade. Will sempre fora ruim com direções, e havia partes de Heartsdale, entre a Main Street e a rodovia interestadual, que não constavam no seu GPS.

— Como vai tudo? — perguntou ela.

— Estou sendo tratado com o máximo de respeito e cuidado.

— Eu não beberia nada, a não ser que fosse de uma garrafa lacrada.

— Bom conselho. — Ele se recostou na cadeira. — Como você está indo?

— Prestes a matar alguém ou a mim mesma — admitiu ela. — Vou fazer a cesárea amanhã à tarde.

Faith era diabética. Seus médicos queriam controlar o parto de forma que não colocasse sua saúde em risco. Ela começou a relatar os detalhes do procedimento para Will, mas ele perdeu o foco depois que ela usou a palavra "útero" pela segunda vez. Ele estudou o próprio reflexo no espelho falso, perguntando-se se a Sra. Simms teria razão quanto ao seu cabelo estar melhor agora que havia crescido.

Finalmente, Faith foi terminando sua história e perguntou:

— Que fax é esse que você me mandou?

— Recebeu todas as 12 páginas?

Ele podia ouvi-la contando as folhas.

— Recebi um total de 17. Todas do mesmo remetente.

— Dezessete? — Ele coçou o queixo. — Alguma foi duplicada?

— Não. Recebi um relatório policial, anotações de campo fotocopiadas, as páginas foram cortadas do bloquinho, o que é estranho. Ninguém arranca folhas do bloquinho de anotações de campo e... — Ele imaginou que ela estivesse lendo a confissão de Tommy Braham. — Foi você que escreveu isso?

— Muito engraçado — disse Will. Ele não conseguira decifrar as palavras quando Sara lhe mostrara a confissão dentro do carro, mas até mesmo para Will as voltas e o formato cartunesco da caligrafia de Tommy Braham lhe pareceram estranhos. — O que você acha?

— Acho que isso lembra um dos relatórios de leitura de Jeremy quando ele estava na primeira série.

Jeremy era o filho adolescente de Faith.

— Tommy Braham tem 19 anos.

— Ele é o quê, retardado?

— Hoje em dia o certo é dizer "pessoa com deficiência intelectual".

Ela bufou.

— Sara disse que o QI dele girava em torno de oitenta.

Faith se mostrou desconfiada, mas já demonstrara irritação anteriormente sobre Sara se inserir no caso deles.

— E por que motivo Sara sabe o QI dele?

— Costumava cuidar dele na clínica.

— Ela se desculpou com você por arrastá-lo para o quinto dos infernos nas suas férias?

— Ela não sabe que estou de férias, mas sim, se desculpou.

Faith ficou em silêncio por um instante.

— Como ela está?

Ele pensou, não em Sara, mas no perfume que deixara em seu lenço. Não lhe dava a impressão de ser o tipo de mulher que usava perfume. Talvez fosse um desses sabonetes chiques que as mulheres usavam para lavar o rosto.

— Will?

Ele pigarreou para disfarçar o silêncio.

— Ela está bem. Estava um tanto transtornada, mas em grande parte acho que com razão. — Ele baixou a voz. — Alguma coisa não cheira bem nessa história toda.

— Você acha que Tommy não matou a garota?

— Não sei ainda o que acho.

Faith fez silêncio, o que nunca era bom sinal. Havia se tornado parceiro dela havia mais de um ano, e bem quando Will achara ter aprendido a decifrar os seus humores, ela ficou grávida e a coisa toda foi pelos ares.

— Muito bem — começou ela —, o que mais Sara lhe disse?

— Umas coisas sobre o sujeito que matou o marido dela.

Will sabia que Faith já agira pelas costas de Sara para descobrir os detalhes. Ela não sabia do envolvimento de Lena Adams ou do fato de Sara acreditar que Lena era responsável pela morte de Tolliver. Will se levantou e foi até o corredor, certificando-se de que Knox não estava por ali. Ainda assim, manteve a voz baixa enquanto relatava a história que Sara lhe contara sobre o assassinato do marido. Quando terminou, Faith deixou escapar o ar, longamente.

— Ao que parece, Sara está doida para ferrar com essa tal de Adams.

Will sentou-se de volta à mesa.

— Essa é uma leitura.

Não compartilhou a parte da história de Sara que mais lhe chamara a atenção. Durante todo o tempo em que falara, ela não pronunciara o nome de Jeffrey Tolliver uma única vez. Só se referira a ele como “meu marido”.

— Acho que a prioridade número um é encontrar essa tal de Julie Smith — sugeriu Faith. — Ou ela assistiu ao assassinato ou soube a respeito. Você tem o telefone dela?

— Pego com Sara mais tarde.

— Mais tarde?

Will ignorou a pergunta. Faith ia querer saber por que ele ia jantar na casa de Sara e depois ia querer um relatório de como tinha sido.

— Onde é... era que Tommy Braham trabalhava?

Ela folheou as páginas.

— Diz aqui que era funcionário do boliche. Talvez tenha sido por isso que se matou: para não ter de passar o dia todo borrifando Lysol em sapatos.

Will não riu da piada.

— Eles o acusaram de homicídio logo de cara. Não de agressão, nem de tentativa de homicídio, nem de resistir à prisão.

— De onde tiraram homicídio? Por acaso o relatório da autópsia não veio para mim?

Ou os do laboratório? Os achados da perícia?

Will listou os eventos para ela.

— Brad Stephens é esfaqueado. É levado de helicóptero para o hospital. A primeira coisa que Adams faz é trazer Tommy Braham de volta para a delegacia e tirar dele uma confissão pelo assassinato da tal Spooner.

— Ela não foi para o hospital com o parceiro?

— Estou presumindo que quem o acompanhou foi o chefe. Até agora, não deu as caras.

— Braham tinha um advogado com ele? — Faith respondeu à própria pergunta. — Nenhum advogado o deixaria fazer uma confissão dessas.

— Uma acusação de homicídio faz mais vista do que uma de agressão. Pode ter sido político, para conseguir que a cidade os apoiasse e ninguém se importasse com um assassino que se matou. — Will havia dito a mesma coisa para Sara. Se Tommy Braham fosse o assassino de Allison Spooner, as pessoas partiriam do princípio de que a justiça já havia sido feita.

— Essa confissão é estranha — comentou Faith. — Ele escreve um montão de detalhes até chegar ao assassinato. Aí, resolve isso em três linhas. "Fiquei com raiva. Estava com uma faca. Esfaqueei ela uma vez no pescoço." Não explica muita coisa. — Então, acrescentou: — Sem contar que haveria muito sangue com uma coisa assim. Lembra-se daquele caso no qual a mulher teve a garganta cortada?

Will se encolheu diante da lembrança. O sangue espirrara por todos os lados: paredes, teto, chão. Fora como entrar numa cabine de pintura.

— Allison Spooner foi esfaqueada na nuca. Será que é diferente?

— O que traz à tona outra questão interessante. Um único ferimento à faca não me soa como raiva. Me soa bastante controlado.

— A detetive Adams devia estar com pressa de voltar para o hospital. Talvez estivesse planejando uma entrevista subsequente. Talvez o chefe Wallace fosse tentar interrogar Tommy mais tarde.

— Não é assim que se faz. Se um suspeito começa a falar, especialmente se começa a confessar, você anota cada detalhe.

— Eles não têm demonstrado grande aptidão para o policiamento até agora. Sara acha Adams negligente, que ela deixa tudo correr solto demais. Pelo que vejo da investigação de Spooner, ela tem razão quanto a isso.

— Ela é bonita?

Por um instante, Will achou que ela estivesse perguntando a respeito de Sara.

— Ainda não vi nenhuma foto, mas o policial com quem conversei disse que era.

— Garota nova, idade universitária. A imprensa vai pirar com isso, especialmente se for bonita.

— É provável — reconheceu ele. Mais um motivo para colocarem o assassino de Allison Spooner atrás das grades o mais rápido possível. — A menina trabalhava numa lanchonete daqui. Pelo que entendi, vários dos policiais da delegacia a conheciam.

— Isso talvez explique por que fizeram uma prisão tão rápida.

— Talvez — concordou ele. — Mas, se Sara estiver certa e Tommy não tiver matado a garota, então ainda temos um assassino à solta.

— Quando vai ser a autópsia?

— Amanhã. — Will não contou a ela que Sara se oferecera para realizar o procedimento.

— Tudo parece muito conveniente — observou Faith. — Garota morta encontrada pela manhã, assassino detido antes do meio-dia, encontrado morto em sua cela antes do jantar.

— Se Brad Stephens não sobreviver, provavelmente não vão deixar que Tommy Braham seja enterrado dentro dos limites da cidade.

— Quando você vai ao hospital?

— Eu não estava planejando ir até lá.

— Will, tem um policial internado. Se você estiver a uma distância de menos de cem quilômetros, deve ir vê-lo. Deve ficar por lá um pouco, consolar a mulher ou a mãe. Doar sangue. É isso o que os policiais fazem.

Will mordeu o lábio. Odiava hospitais. Nunca havia entendido por que passar muito tempo dentro de um, a não ser que fosse preciso.

— Além disso, Brad Stephens não é, também, uma testemunha em potencial?

Will riu. A não ser que Stephens fosse algum santo, duvidava que o homem fosse ajudar a esclarecer o que havia acontecido no dia anterior.

— Estou certo de que vai ser cortês e colaborativo.

— Ainda assim você vai ter de fazer de conta. — Ela fez uma pausa antes de continuar. — E já que estou bancando a policial, permita-me afirmar o óbvio: Tommy se matou pelo mesmo motivo que fugiu quando o confrontaram na garagem. Era culpado.

— Ou não era e sabia que ninguém ia acreditar nele.

— Você está parecendo um advogado de defesa — observou Faith. — E o resto disso daqui? Até parecem as primeiras páginas de um romance.

— Como assim?

— As anotações feitas à mão sobre a cena do crime de Spooner. "Encontrado à beira da água, a uns trinta metros da linha de maré, e, a quatro metros de um imenso carvalho, há um par de tênis Nike Sport branco, tamanho 37/38, feminino. Dentro do pé esquerdo, repousado sobre o solado, azul com a palavra 'Sport' gravada no local onde ficaria o calcanhar, há um anel de ouro amarelo..." Ah, fala sério. Isso não é *Guerra e paz*. É um relatório de campo.

— Você recebeu o bilhete de suicídio?

— "Quero que acabe." — Ela teve a mesma reação que Will. — Não é exatamente o "adeus, mundo cruel" que se esperaria. E o papel foi rasgado de uma folha maior. Estranho isso, não? Você vai escrever um bilhete de suicídio e o rasga de outra folha de papel?

— O que mais você recebeu? Disse que eram 17 páginas.

— Relatórios de ocorrências. — Ela leu em voz alta: — A polícia foi chamada ao rinque de patinação Skatey's na antiga Rodovia 5 aproximadamente às 21 horas... — A voz foi sumindo enquanto ela varria as palavras com os olhos. — Muito bem. Na semana passada, Tommy se envolveu numa briga com uma garota cujo nome eles não se deram ao trabalho de pegar. Ele não parava de gritar. Pediram a ele que fosse embora. Ele se recusou. A polícia chegou e o mandou ir embora. Ele foi. Ninguém foi preso. — Faith ficou mais uma vez em silêncio. — O segundo relatório se refere a um cachorro latindo na residência, há cinco dias. O último é sobre música alta. Isso foi há dois dias. Tem uma

anotação na última página na qual o policial que fez o registro coloca um lembrete para fazer um acompanhamento junto ao pai de Tommy quando este voltar à cidade.

— Quem fez os relatórios?

— O mesmo policial. Carl Phillips.

Esse nome já lhe era mais do que conhecido.

— Me disseram que Phillips estava de plantão como agente de registros quando isso tudo aconteceu.

— Isso não faz sentido. Não se coloca um policial de rua fazendo registros.

— Ou ele mente muito mal ou estão com medo de que ele me conte a verdade.

— Então encontre-o e descubra por conta própria.

— Me disseram que foi acampar com a mulher e os filhos. Sem celular. Não há forma de entrar em contato com ele.

— Mas que coincidência impressionante. O nome dele é Carl Phillips?

— Isso. — Will sabia que Faith estava anotando o nome. Ela odiava quando as pessoas tentavam se esconder. — As câmeras de segurança de dentro das celas também não estão funcionando.

— Filmaram a entrevista com Tommy?

— Se filmaram, tenho certeza de que a fita sofreu algum acidente envolvendo eletricidade e água.

— Merda, Will. Você numerou essas páginas você mesmo, certo?

— Certo.

— De um a 12?

— Foi. O que houve?

— Está faltando a página de número 11.

Will folheou os documentos originais. Estavam todos fora de ordem. Faith perguntou:

— Você tem certeza de que numerou...

— Eu sei numerar páginas, Faith. — Resmungou um palavrão ao perceber que a 11ª página também faltava das suas cópias.

— Por que alguém tiraria uma das páginas e, no lugar, mandaria os registros de ocorrência?

— Vou ter de ver se Sara...

Ele ouviu um barulho às suas costas. Uma tosse, talvez um espirro. Imaginou que Knox estivesse na sala de observação escutando tudo o que estava sendo dito.

— Will?

Ele ficou de pé, colocando as páginas numa pilha única e colocando-a de volta na pasta.

— Ainda vai passar a Ação de Graças com a sua mãe?

Ela se demorou para respondê-lo, interpretando mal o que ele quisera dizer.

— Você sabe que eu o convidaria para vir se...

— Angie está planejando uma surpresa para mim. Você sabe que ela ama cozinhar. — Ele foi para o corredor e parou do lado de fora do almoxarifado, onde bateu com os nós dos dedos na porta. — Obrigado pela sua ajuda, policial Knox. — A porta não se abriu, mas Will ouviu o som de pés se arrastando do outro lado. — Eu encontro a saída.

Faith não o questionou até ele estar na sala dos policiais.

— Já pode falar?

— Me dê mais um minuto.

— Angie ama cozinhar? — Ela soltou uma gostosa gargalhada. — Quando foi a última vez que você viu a esquiva Sra. Trent?

Sete meses haviam se passado desde que Angie dera as caras, mas isso não era da conta de Faith.

— Como vai a Betty?

— Eu criei um filho, Will. Acho que consigo cuidar da sua cachorra.

Will abriu a porta de vidro da entrada com um empurrão e caminhou para a chuva fina. Seu carro estava parado no final do estacionamento.

— Cães são mais sensíveis do que crianças.

— Você obviamente nunca conviveu com uma criança de 11 anos de cara amarrada.

Ele olhou por cima do ombro. Knox, ou um vulto muito parecido com o de Knox, estava de pé à janela. Will manteve os passos lentos, descontraídos. Não voltou a falar até estar em segurança dentro do carro.

— Tem alguma coisa estranha no assassinato dessa garota, Faith.

— Como assim?

— Pode chamar de instinto. — Will ergueu os olhos outra vez em direção à delegacia. Uma a uma as luzes foram se apagando na frente do prédio. — É só conveniente que a única pessoa que provavelmente poderia me contar a verdade sobre o que realmente aconteceu esteja morta.

6

Lena segurou a mão de Brad. A pele dele estava fria. Os aparelhos no quarto emitiam bipes, apitos e zumbidos, mas nenhum deles era capaz de dizer aos médicos como Brad estava de fato. Ela ouvira uma enfermeira usar a expressão "em estado crítico" havia algumas horas, para Lena, Brad parecia estar na mesma. Seu cheiro também era o mesmo. De antisséptico, de suor e daquele estúpido gel de banho Axe que ele começara a usar por causa dos anúncios da TV.

— Você vai ficar bem — disse ela, torcendo para que suas palavras fossem verdade.

Todas as coisas ruins que pensara em relação a Brad naquele dia ficavam se repetindo, como um disco arranhado, em sua cabeça. Ele não era safo. Não servia para esse trabalho. Não tinha as habilidades necessárias para ser um detetive. Será que era culpa de Lena o fato de Brad ter se machucado, porque ela se calara diante disso tudo? Será que ela devia ter dito a Frank que Brad não deveria fazer parte da força policial? Frank sabia disso melhor do que ninguém. Nos últimos dois anos, nem uma semana se passara sem que ele resmungasse alguma coisa sobre demitir Brad. Dez minutos antes de Brad ser esfaqueado, Frank estivera lhe dando uma bronca.

Mas seria mesmo culpa de Brad? Lena podia ver os acontecimentos da manhã como um filme passando sem parar em sua cabeça. Brad saiu correndo pela rua. Gritou com Tommy mandando-o parar. Tommy parou. Ele se virou. A faca estava na mão dele. A faca estava na barriga de Brad.

Lena esfregou o rosto com as mãos. Deveria estar se parabenizando por ter feito Tommy Braham confessar. Em vez disso, não conseguia se livrar da sensação de que tinha deixado alguma coisa escapar. Precisava falar com Tommy novamente, extrair mais detalhes sobre seus movimentos antes e depois do homicídio. Ele estava retendo informações, o que não era incomum em casos de assassinatos. Tommy não queria admitir que era uma pessoa ruim. Isso tinha ficado evidente durante todo o interrogatório. Ele havia contornado os detalhes sangrentos, e Lena permitiu porque queria — precisava — ir até Brad para ver se ele estava bem. Ela não estava tão exausta a ponto de não ver que Tommy tinha mais a dizer. Ela só precisava dormir um pouco antes de partir para cima dele outra vez. Precisava se certificar de que sua parte no caso, pelo menos a parte que ela podia controlar, fosse incontestável.

O maior problema era a dificuldade de se falar com Tommy. Com menos de um minuto de interrogatório, Lena já havia percebido que o garoto não era bom da cabeça.

Ele não era só lento; era burro. Ávido por preencher qualquer lacuna que Lena deixasse, desde que ela lhe desse um mapa e instruções. Ela havia prometido a ele que poderia ir para casa se confessasse. Ainda podia ver a expressão confusa em seu rosto quando ela o levara de volta para a cela. Provavelmente, nesse mesmo momento, ele estaria sentado na cama de sua cela, perguntando-se como tinha se metido naquela confusão.

Lena estava se perguntando a mesma coisa. Todas as peças haviam se encaixado tão rapidamente naquela manhã que ela não tivera tempo de ponderar se de fato se encaixavam ou se ela estava apenas forçando-as no lugar. O ferimento à faca no pescoço de Allison Spooner. O bilhete. O telefonema para a Emergência. A faca.

A porcaria da faca.

O telefone de Lena vibrou em seu bolso. Ela o ignorou da mesma maneira que vinha ignorando tudo à sua volta desde que chegara ao hospital. Duas horas com Tommy na delegacia. Duas horas dirigindo até Macon. Mais algumas horas de pé, em vigília, do lado de fora do quarto de Brad. Tinha doado sangue. Bebido café demais. Delia Stephens, a mãe dele, havia saído para tomar um ar. Só confiava em Lena para ficar com o filho.

Por quê? Lena era a última pessoa na terra a quem a mulher devia confiar seu filho.

Ela tirou um lenço de papel da caixa e molhou a borda no copo d'água ao lado da cama. Brad estava respirando por meio de aparelhos, e um pouco de saliva se juntara e secara em torno de sua boca. Os pulmões tinham entrado em colapso. O fígado estava comprometido. Havia muita hemorragia interna. Estavam preocupados com infecção. Temiam que ele não passasse daquela noite.

Ela limpou o queixo dele, surpresa em sentir a barba crescendo. Lena ainda via Brad como um garoto, mas o pelo em seu rosto, o tamanho da mão que ela segurava entre as suas lembravam-na de que ele já era um homem adulto. Sabia dos riscos inerentes ao trabalho de policial. Brad estivera presente quando Jeffrey morreu, o primeiro policial a responder. Ele nunca falava no assunto, mas ficara diferente depois daquele dia. Mais maduro. A morte do chefe de polícia era um triste lembrete de que nenhum deles era invulnerável aos bandidos que prendiam.

O telefone dela tornou a vibrar. Lena o tirou do bolso e rolou a tela, olhando os números. Havia ligado para seu tio Hank, na Flórida, para tranquilizá-lo de que estava bem, para o caso de ele ver alguma coisa no noticiário. Jared tinha telefonado no momento em que ela colocava Tommy Braham no banco traseiro do carro. Ele era policial. Tinha ouvido sobre o esfaqueamento em seu rádio. Ela lhe dissera duas palavras, "Estou bem", e desligara antes que começasse a chorar.

Todas as outras chamadas em seu telefone eram de Frank. Ele estivera tentando falar com ela pelas últimas cinco horas. Ela não o via desde que ele embarcara com Brad no helicóptero que pousara no meio da rua. A expressão nos seus olhos remelentos contava uma história que ela não queria ouvir. E agora ele estava preocupado com a possibilidade de que ela contasse para todo mundo o que sabia.

Devia mesmo se preocupar.

O telefone tocou outra vez em sua mão, mas Lena pressionou o botão até o aparelho desligar. Não queria falar com Frank, não queria ouvir mais suas desculpas. Ele sabia o que dera errado hoje. Sabia que o sangue de Brad estava em suas mãos da mesma maneira que estava nas de Lena — talvez até mais.

Ela deveria simplesmente se demitir. Sua carta de demissão estava no bolso da jaqueta,

estava ali havia semanas. Ela conseguira a confissão de Tommy em tempo recorde. Que outra pessoa agora obtivesse os detalhes com ele. Que outro policial encarasse o queixo caído de Tommy Braham por mais duas horas tentando descobrir o que se passava naquele cérebro minúsculo. Não podiam criticar Lena por seu trabalho. O fantasma de Jeffrey não podia mantê-la ali depois do que tinha acontecido naquele dia.

Delia Stephens voltou para o quarto. Era uma mulher grande, mas movia-se silenciosamente em torno da cama, afofando o travesseiro de Brad, beijando sua testa. Ela alisou o cabelo louro do filho que já começava a rarear.

— Ele adora ser policial.

— E ele é muito bom — Lena conseguiu dizer.

Delia tinha um sorriso triste no rosto.

— Ele queria agradar você o tempo todo.

— E nunca falhou — mentiu ela. — Ele é um bom detetive, Sra. Stephens. Logo, logo estará de volta às ruas.

A preocupação turvou os olhos de Delia. Ela esfregou o ombro de Brad.

— Talvez eu consiga convencê-lo a vender seguros com o tio dele, Sonny.

— A senhora terá muito tempo para convencê-lo. — A voz de Lena falhou. Seu falso otimismo não estava enganando ninguém.

Delia se levantou e juntou as mãos na sua frente.

— Obrigada por vigiá-lo. Eu sempre me sinto mais segura quando ele está com você.

Lena se sentiu tonta de novo. O quarto era pequeno demais, quente demais.

— Eu vou só ao banheiro, um segundo.

Delia sorriu, sua gratidão tão aparente que Lena teve a sensação de que uma faca estava sendo girada dentro do seu peito.

— Fique à vontade, querida. Seu dia foi muito cansativo.

— Eu volto já.

Lena manteve a cabeça erguida ao atravessar o corredor. Havia alguns policiais do condado de Grant fazendo vigília do lado de fora da sala de espera da UTI. Lá dentro, ela podia ver alguns policiais de Macon andando de um lado para o outro. Frank Wallace não estava à vista. Era mais do que provável que estivesse com a barriga encostada no balcão de um bar, tentando tirar o gosto ruim da boca. Provavelmente, era melhor para ela que não o visse nesse momento. Se ele estivesse no corredor, ela teria chamado sua atenção pela bebida, pelas mentiras — tudo que ela vinha ignorando nos últimos quatro anos. Não mais. Depois de hoje, a lealdade automática de Lena ao homem tinha chegado ao fim de vez.

Pelo menos Gavin Wayne, o chefe de polícia de Macon, estava ali. Ele deu a ela um cumprimento de cabeça quando Lena passou. Algumas semanas antes, convidara Lena a juntar-se à sua equipe. Ela tinha ido buscar Jared no fim do turno porque a caminhonete dele estava na oficina. Lena gostara do chefe Wayne, mas Macon era uma cidade imensa, e em expansão. Wayne era mais político do que policial. Não era nada parecido com Jeffrey, um obstáculo que parecera intransponível quando ele mencionara o emprego.

Lena empurrou a porta do banheiro feminino, feliz por encontrá-lo vazio. Abriu a torneira de água fria e a deixou escorrer pelas mãos. Ela as tinha lavado já umas mil vezes, mas o sangue — o sangue de Brad, assim como o seu — ainda estava agarrado embaixo das unhas.

Ela havia levado um tiro na mão. A bala arrancara um pedaço da pele da borda externa da palma. Lena havia cuidado ela mesma do ferimento, usando o kit de primeiros socorros da delegacia. Estranhamente, não houvera muito sangue. Talvez o calor da bala houvesse cauterizado o ferimento. Ainda assim, foram necessário três band-aids sobrepostos para cobri-lo. A princípio, a dor era suportável, mas, agora que o choque passara, sua mão inteira latejava. Ela não podia pedir a ninguém do hospital para olhar o ferimento dela. Ferimentos à bala tinham de ser notificados. Lena teria de pedir uma receita de antibiótico como um favor, para evitar uma infecção.

Pelo menos era sua mão esquerda. Ela estendeu a mão boa para a torneira e misturou água quente à fria. Lena se sentia imunda. Molhou uma toalha de papel, pôs um pouco de sabonete do dispensador e lavou as axilas. E assim continuou, tomando um banho como podia na pia. Por quanto tempo estava acordada? A ligação de Brad sobre o corpo no lago fora por volta das três da manhã. A última vez que olhara para um relógio fora por volta de dez da noite. Não era de se espantar que estivesse atordoada de exaustão.

— Lee?

Jared Long encontrava-se no vão da porta, vestido em seu uniforme de patrulheiro de motocicleta. Suas botas estavam arranhadas. Seu cabelo, bagunçado. O coração de Lena deu um pulo ao vê-lo.

As palavras pularam de sua boca.

— Você não deveria estar aqui.

— Meu esquadrão veio doar sangue.

Ele deixou a porta se fechar às suas costas. Pareceu passar uma eternidade enquanto ele atravessava o banheiro e a pegava nos braços. A cabeça dela repousou em seu ombro. Ela se encaixou nele como um quebra-cabeças resolvido.

— Eu sinto muito, amor.

Ela queria chorar, mas não tinha mais nada dentro dela.

— Eu quase morri quando ouvi que um de vocês tinha sido ferido.

— Eu estou bem.

Ele tomou a mão dela nas suas, viu os band-aids que ela usara para cobrir o ferimento.

— O que aconteceu?

Ela pressionou o rosto contra seu peito novamente. Podia ouvir os batimentos do coração dele.

— Foi muito ruim.

— Eu sei, amor.

— Não — disse ela. — Você não sabe.

Lena se afastou dele, ainda o deixando abraçá-la. Queria contar para ele o que tinha de fato acontecido — não o que os relatórios diriam, não o que contariam aos jornais. Ela queria confessar sua cumplicidade, tirar esse peso da alma.

Mas, quando ela olhou dentro de seus olhos castanhos e profundos, as palavras lhe faltaram.

Jared era dez anos mais novo que ela. Lena o via como alguém puro e perfeito. Ele não tinha pés de galinha nem rugas em volta da boca. A única cicatriz em seu corpo vinha de uma jogada malfeita em uma partida de futebol americano no ensino médio. Seus pais ainda eram casados e felizes. A irmã mais nova o venerava. Ele era exatamente o oposto do tipo de Lena. Exatamente o oposto de todos os homens com quem Lena já se

envolvera.

Ela o amava tanto que isso a amedrontava.

— Me conte o que aconteceu — pediu ele.

Ela se decidiu por uma meia verdade.

— Frank estava bêbado. Eu não me dei conta do quanto até... — Ela balançou a cabeça. — Talvez eu só não venha prestando atenção. Ele anda bebendo muito ultimamente. Ele costuma conseguir dar conta da situação, mas...

— Mas?

— Para mim, chega — disse Lena. — Vou me demitir. Tenho férias para tirar. Eu só preciso clarear as ideias.

— Você pode vir morar comigo até decidir o que fazer.

— Estou falando sério desta vez. Vou mesmo me demitir.

— Sei que está, e fico feliz por isso. — Jared pôs as mãos nos ombros dela para que pudesse fitá-la. — Mas, neste momento, eu só quero tomar conta de você. Teve um dia difícil. Me deixe cuidar de você.

Ela cedeu facilmente. A ideia de entregar as próximas horas de sua vida para Jared lhe pareceu o melhor presente do mundo.

— Você vai primeiro. Vou ver como Brad está e então sigo você no meu carro.

Ele inclinou o queixo dela para cima e beijou sua boca.

— Eu te amo.

— Também te amo.

Ele levou a mão à porta no exato instante em que ela se abria por fora. Lá estava Frank, imobilizado, encarando Jared como se tivesse visto um fantasma.

— Jesus Cristo — sussurrou ele.

Ela podia sentir o cheiro de uísque que emanava dele a um metro e meio de distância.

— Vá — disse Lena a Jared. — Encontro você em casa.

Jared não se deixava controlar tão facilmente. Manteve-se firme, fuzilando Frank com os olhos.

— Por favor, vá — implorou ela. — Jared. Por favor.

Ele finalmente desviou o olhar de Frank para Lena.

— Tem certeza de que está bem?

— Estou bem — confirmou ela. — Agora vá.

Relutante, ele saiu. Frank ficou olhando na direção dele por tanto tempo que Lena teve de fechar a porta para que ele desviasse os olhos.

— Que diabos você está fazendo? — perguntou Frank, de forma autoritária. Precisou manter a mão apoiada na parede para se firmar. — Quantos anos ele tem?

— Isso não é da sua conta. — Ainda assim, ela respondeu: — Ele tem 25 anos.

— Parece ter dez — rebateu Frank. — Há quanto tempo estão juntos?

Lena não estava com disposição para responder a perguntas.

— O que está fazendo aqui, Frank? Você mal consegue ficar em pé.

Ele limpou a boca com as costas da mão.

— Você veio dirigindo? Não, não responda. — Ela não queria pensar no número de vidas que ele havia posto em risco ao se sentar ao volante.

— O garoto está bem?

Ele se referia a Brad.

— Eles não sabem. Está estável por enquanto. Você bebeu alguma coisa hoje que não tivesse álcool?

O equilíbrio de Frank estava precário. Ele mais caiu na pia do que andou até ela.

Lena abriu a torneira para ele. Teve um vislumbre de sua infância, do tio Hank tão bêbado que havia se mijado. Ela tentou controlar as emoções, distanciar-se da raiva que estava sentindo. Não funcionou.

— Você está fedendo a bar.

— Não paro de pensar no que aconteceu.

— Qual parte? — perguntou ela, inclinando-se a fim de aproximar o rosto do dele. — A parte em que não nos identificamos como policiais ou a parte em que quase atiramos em um garoto por segurar um abridor de cartas?

Frank lhe dirigiu um olhar de pânico.

— Achou que eu não fosse descobrir isso?

— Era uma faca de caça.

— Era um abridor de cartas — insistiu ela. — Tommy me contou, Frank. Foi um presente do avô dele. Era um abridor de cartas. Parecia uma faca, mas não era.

Frank cuspiu na pia. O estômago de Lena se revirou diante da cor marrom-escura do catarro.

— Não importa. Ele apunhalou Brad com o objeto. Isso o transforma numa arma.

— Com o que ele cortou você? — perguntou Lena. Vira Frank se contorcer no chão da garagem, segurando o braço esquerdo. — Você estava sangrando. Eu vi. Foi o que desencadeou tudo isso. Eu disse a Brad que ele feriu você.

— Feriu.

— Não com um abridor de cartas, e eu não encontrei mais nada com ele, exceto um carrinho de brinquedo e alguns chicletes.

Frank se olhou no espelho. Lena fitou o reflexo dele. Ele parecia estar com o pé na cova.

Ela tirou os band-aids da lateral da mão. O ferimento estava vermelho e em carne viva.

— Você errou feio o tiro. Chegou a perceber que me acertou?

A garganta dele se moveu enquanto ele engolia em seco. Provavelmente queria uma bebida. A julgar pela aparência, precisava de uma.

— O que foi que aconteceu, Frank? Você estava empunhando a sua arma. Tommy partiu para cima de você, que puxou o gatilho e me acertou. Como você acabou com um corte no braço? Como um garoto magrelo de menos de sessenta quilos passou por você com a porra de um abridor de cartas?

— Eu já disse que ele me cortou com a faca. Ele estava enganado sobre o abridor de cartas.

— Sabe, para um policial, você é um mentiroso bem merda.

Frank se apoiou na pia. Mal conseguia se manter em pé.

— Tommy não menciona um abridor de cartas em sua confissão.

A voz de Lena soou mais como um rosnado.

— Porque ainda me resta algum pingo de lealdade a você, seu velho, e ele passou o dia todo girando ao redor do ralo. Me fale o que aconteceu naquela garagem.

— Eu não sei. Não lembro.

— Como Tommy passou por você? Você apagou? Caiu?

— Isso não tem importância. Ele correu. Essa é a questão. Tudo que aconteceu depois é culpa dele.

— Nós não nos identificamos na garagem. Éramos apenas três pessoas apontando armas para a cabeça dele.

Ele a fuzilou com o olhar.

— Fico feliz de vê-la admitir que cometeu um erro hoje, princesa.

Lena se sentiu dominada pela fúria, pronta para causar qualquer tipo de dano que conseguisse.

— Quando Brad gritou "Polícia", Tommy parou. Ele se virou. Estava com o abridor de cartas na mão. Brad se chocou contra ele. Tommy não tinha a intenção de esfaqueá-lo. Vou dizer isso a qualquer um que perguntar.

— Ele matou aquela garota a sangue-frio. Está me dizendo que não se importa com isso?

— É claro que me importo — rebateu ela. — Jesus, Frank, não estou dizendo que ele não cometeu o crime. Estou dizendo que, no instante em que Tommy tiver um advogado, você está ferrado.

— Eu não fiz nada de errado.

— Vamos torcer para que o juiz concorde com você, caso contrário, vai invalidar a detenção, a confissão, todos os desdobramentos de termos encontrado Tommy naquela garagem. Aquele garoto vai sair impune de um assassinato porque você não consegue ficar em pé sem entornar uma garrafa de uísque. — Ela pôs o rosto a poucos centímetros do dele. — É assim que você quer ser lembrado, Frank? Como o policial que deixou um assassino escapar porque não conseguia ficar longe da bebida nem durante o trabalho?

Frank abriu a torneira outra vez. Jogou água no rosto, na nuca. Ela viu que suas mãos estavam tremendo novamente. Os nós dos dedos estavam arrebentados. Havia arranhões profundos em seu punho. Com que força Frank tinha atingido Tommy para que os dentes do garoto tivessem conseguido romper suas luvas de couro?

— A culpa disso ter dado errado é sua — disse ela. — Tommy passou por você. Não sei o que estava fazendo rolando no chão, como cortou o braço, mas sei que, se você tivesse feito seu trabalho e o detido na porta...

— Cale a boca, Lena.

— Vá se foder!

— Ainda sou seu chefe.

— Não mais, seu bêbado, filho da puta inútil. — Ela enfiou a mão no bolso e tirou a carta de demissão. Como ele não a pegou, ela a jogou na cara dele. — Para mim, chega.

Ele não pegou a carta. Não respondeu com um fluxo de obscenidades. Em vez disso, perguntou:

— Que caneta você usou?

— O quê?

— A caneta que Jeffrey deu para você. Foi essa que você usou?

— Está tentando me fazer sentir culpada para que eu fique? Você vai usar a memória de Jeffrey para que eu fique e ajude você a limpar essa bagunça?

— Onde está a sua caneta? — Quando ela não se dispôs voluntariamente, ele começou a procurar no casaco dela, apalpando os bolsos. Ela resistiu, e ele usou de mais força, jogando-a na parede.

— Fique longe de mim! — Ela o empurrou de volta para a pia. — O que há de errado com você?

Ele a fitou nos olhos pela primeira vez desde que entrara no banheiro.

— Tommy se matou na cela.

Lena levou a mão à boca.

— Ele cortou os pulsos com uma carga de tinta. Do tipo de metal usado em canetas boas. Como as que Jeffrey nos deu.

As mãos de Lena ficaram imobilizadas por alguns segundos, depois ela encontrou a caneta onde sempre a guardava — dentro da espiral do bloco que ficava no seu bolso traseiro. Girou o tambor. A ponta não saiu.

— Merda — sibilou Lena, desenroscando a tampa. — Não... não... — A caneta estava vazia. — Como ele pegou... — Ficou enjoada de tanta aflição. O estômago se contraiu. — O que foi que ele...

— Você o revistou antes de colocá-lo na cela? — perguntou Frank.

— É claro que eu... — Será que o revistara? Será que se dera ao trabalho de apalpá-lo de cima a baixo ou simplesmente o jogara em uma cela o mais rápido possível a fim de ficar livre para vir para o hospital?

— Ainda bem que ele não atacou ninguém enquanto estava lá. Ele já matou uma pessoa e esfaqueou um policial.

Ela não conseguia mais se manter de pé. Os joelhos cederam. Ela escorregou até o chão.

— Ele está morto mesmo? Tem certeza?

— Sangrou até morrer.

Lena deixou a cabeça cair nas mãos.

— Por quê?

— O que você disse a ele?

— Eu não... — Ela balançou a cabeça, tentando se livrar da imagem de Tommy Braham caído morto na cela. Ele ficara perturbado quando ela o trancara lá, mas suicídio? Isso não lhe ocorrera. Mesmo com a pressa que estava para chegar ao hospital, Lena teria dito alguma coisa ao policial de plantão se achasse que Tommy precisava ser vigiado. — Por que ele fez isso?

— Deve ter sido alguma coisa que você disse.

Ela ergueu os olhos, fitando Frank. Ele estava lhe dando o troco. Dava para ver pela expressão mesquinha em seus olhos.

— Pelo menos é isso que Sara Linton acha — acrescentou ele.

— O que Sara tem a ver com isso?

— Eu a chamei porque Tommy, o seu prisioneiro, não se acalmava. Achei que ela podia lhe dar algum remédio para ajudar. Ela estava lá quando o encontrei.

Lena sabia que devia estar preocupada com a própria pele, mas só conseguia pensar em Tommy Braham. O que dera nele? O que levara aquele garoto imbecil a perder a cabeça?

— Ela trouxe um figurão do GBI até aqui para examinar o caso. Knox já cuidou dele. O cara deduziu que Tommy conseguiu a caneta com um de nós.

Lena sentiu um gosto ruim no fundo da garganta. Tommy era seu prisioneiro. Estava sob seus cuidados. Legalmente, era sua responsabilidade.

— Eles sabem que a carga de tinta é minha?

Frank enfiou a mão no bolso do casaco, à procura de alguma coisa. Jogou um pacote de papelão para Lena. Ela reconheceu o logotipo da Cross. Uma carga de tinta nova estava dentro de um invólucro de plástico.

— Você comprou isto agora? — perguntou ela.

— Não sou tão burro assim — disse ele. — Eu as compro pela internet. Não dá para comprar essas cargas por aqui.

Era como todo mundo comprava, também. Era um pé no saco, mas o presente tinha grande significado, especialmente agora que Jeffrey não estava mais entre eles. Lena tinha uma pilha de dez cargas numa caixa em casa.

— Estamos os dois encrencados nessa — disse Frank.

Lena não respondeu. Estava repassando o tempo que ficara com Tommy, tentando descobrir quando ele decidira tirar a própria vida. Será que ele tinha dito alguma coisa antes de ela trancar a porta da cela? Lena achava que não. Talvez essa fosse uma das muitas pistas que ela deixara escapar. Tommy tinha se acalmado rápido demais depois que ela saíra da sala para buscar lenços de papel para ele. Logo depois, ela o levara de volta para a cela. Ele estivera fungando, mas ficara calado, mesmo enquanto ela fechava a pesada porta de metal. Sempre diziam que os quietos eram os que já tinham tomado sua decisão. Como deixara isso passar? Como não percebera?

— Precisamos ficar juntos — disse Frank —, combinar nossas histórias.

Ela balançou a cabeça. Como se metera nessa confusão? Por que razão ela, no minuto em que saía de um monte de merda, caía em outro?

— Sara está sedenta por sangue. Pelo seu sangue. Acha que finalmente encontrou uma forma de fazer você pagar pelo que fez com Jeffrey.

A cabeça de Lena ergueu-se bruscamente.

— Eu não fiz nada.

— Nós dois sabemos que não é bem assim, não é?

Suas palavras a atravessaram como facas.

— Você é um filho da puta, sabia?

— É, bem, posso dizer o mesmo de você.

Lena sentiu a mão ardendo. Estava apertando o invólucro de plástico com força suficiente para cortar a pele. Tentou abri-lo, mas suas unhas estavam muito curtas. Acabou mordendo o papelão e separando-o do plástico.

— Aquela confissão é consistente? — perguntou Frank.

Ela enfiou a carga nova na caneta.

— Tommy admitiu tudo. Ele escreveu.

— É melhor você gritar isso para quem quiser ouvir, ou o paizinho dele vai processá-la e tirar tudo que você tem.

Ela bufou, com desdém.

— Um Celica de 15 anos e uma hipoteca de 80 mil dólares numa casa que vale 70 mil? Ele pode pegar as chaves agora mesmo.

— Você vai perder seu distintivo.

— Talvez eu devesse mesmo.

Ela desistiu da caneta. Desistiu de tudo. Quatro anos antes, Lena estaria desesperada procurando uma forma de encobrir aquilo tudo. Agora, só queria contar a verdade e deixar aquilo para trás.

— Isso não muda nada, Frank. Tommy era minha responsabilidade. Eu vou assumir as consequências. Mas você vai ter de assumir as suas também.

— Não precisa ser assim.

Ela ergueu os olhos para ele, admirada com a súbita mudança.

— Como assim?

— Tommy matou aquela garota. Você acha que alguém vai se importar com um assassinozinho retardado que cortou os próprios pulsos na cadeia? — Frank limpou a boca com as costas da mão. — Ele matou aquela garota, Lee. Enfiou a faca no pescoço dela, como se estivesse abatendo um animal. Tudo porque ela não quis dar para ele.

Lena fechou os olhos. Estava tão cansada que não conseguia pensar. Mas sabia que Frank tinha razão. Ninguém ia se importar com o fato de Tommy ter morrido. Mas isso não significava que aquilo estava certo. Não mudava o que tinha acontecido na garagem hoje nem consertava o estrago feito em Brad.

— Seu problema com a bebida fugiu do controle — disse ela. — Eu não disse nada sobre Brad ser inapto para esse trabalho. Talvez ele fique bem ou talvez meu silêncio acabe significando a morte dele. Eu não sei. Não vou assistir à mesma coisa acontecer com você. Você não está apto para o serviço, Frank. Não deveria nem estar atrás do volante de um carro, muito menos andar por aí armado.

Frank ajoelhou-se diante dela.

— Você pode perder muito mais do que o seu distintivo, Lena. Pense nisso.

— Não tenho nada para pensar. Já tomei minha decisão.

— Eu sempre posso dar uma palavrinha com Gavin Wayne sobre o seu namoradinho.

— Não se esqueça de se livrar do bafo de uísque antes de fazer isso.

— Nós dois sabemos os problemas que posso causar.

— Jared vai saber que cometi um erro — disse Lena. — E vai saber que assumi as consequências.

— Quando foi que você se tornou tão nobre?

Ela não respondeu, mas a imagem de Tommy Braham sentado naquela cela, raspando os pulsos com a carga da caneta de Lena, a fez sentir-se a pessoa menos nobre do planeta. Como ela tinha conseguido fazer tanta merda em tão pouco tempo?

Frank continuou a pressioná-la.

— O seu namoradinho conhece você de verdade, Lena? Quero dizer, conhece você *de verdade*? — Os lábios dele se entortaram num sorriso. — Pense em todas as coisas que você me contou ao longo dos anos. Todas aquelas viaturas em que estivemos juntos. Todas aquelas madrugadas depois que Jeffrey morreu. — Ele mostrou os dentes amarelos. — Você é uma policial corrupta, Lee. Acha que seu namorado vai perdoar isso?

— Eu não sou corrupta. — Ela havia chegado perto do limite muitas vezes, mas nunca o cruzara. — Eu sou uma boa policial, e você sabe.

— Tem certeza? — Ele deu um sorriso de desdém. — Brad foi esfaqueado enquanto você olhava, parada igual a um dois de paus. Você levou um retardado de 19 anos a se matar. Tenho uma testemunha na cela ao lado que vai dizer qualquer coisa que eu mandar contanto que o deixe voltar para a mulher.

Lena sentiu o coração parar dentro do peito.

— Você acha que vou abrir mão da minha aposentadoria, entregar a arma e o distintivo, porque você agora criou consciência? — Ele soltou uma risada. — Acredite em

mim, garota, você não vai querer que eu comece a contar às pessoas o que sei sobre você, porque, quando eu acabar, vai ter sorte se não estiver sentada do lado errado da porta de uma cela.

— Você não faria isso comigo.

— Você desfila pela cidade como se fosse grande coisa, esfregando sua má reputação na cara de todo mundo. Não era sobre isso que Jeffrey vivia chamando a sua atenção? Um monte de relacionamentos rompidos e sem volta. Gente demais na cidade se sentindo traída.

— Cale a boca, Frank.

— O problema de se ter uma má reputação é que as pessoas acreditam em praticamente tudo o que dizem por aí sobre você. — Ele se sentou sobre os calcanhares. — O chefe podia ter se safado até mesmo com um homicídio, porque ninguém acreditava que ele fosse capaz de fazer qualquer coisa de ruim. Acha que as pessoas se sentem assim com relação a você? Acha que confiam no seu caráter?

— Você não pode provar nada e sabe disso.

— Será que preciso? — Ele tornou a sorrir, os lábios se afastando dos dentes. — Eu vivi minha vida toda nesta cidade. As pessoas me conhecem. Confiam em mim... confiam no que digo a elas. Se eu disser que você é uma policial corrupta... — Ele deu de ombros.

O peito de Lena estava tão apertado que ela mal conseguia respirar.

— Talvez eu convide o velho Jared para tomar uma cerveja — prosseguiu Frank. — Aposto que Sara Linton não se importaria de nos acompanhar. O que acha disso? Os dois juntos tendo uma bela conversa sobre você? — O ódio de Lena estava estampado em seu olhar. Os olhos remelentos de Frank fuzilaram-na. — Não se esqueça do quanto posso ser filho da puta, garota. E não pense por um minuto sequer que eu não seria capaz de colocar o seu rabo inútil na reta para salvar o meu.

Ela sabia que ele estava falando sério. Sabia que a ameaça era tão real e tão perigosa quanto uma bomba-relógio.

Frank pegou seu frasco de bebida. Com cuidado, desenroscou a tampa e tomou um longo gole.

A voz de Lena era pouco mais que um sussurro.

— O que você quer que eu faça?

Frank sorriu de um jeito que a fez se sentir como a sujeira raspada da sola do seu sapato.

— Só se atenha à verdade. Tommy confessou o assassinato de Allison. Esfaqueou Brad. Nada mais importa. — Frank tornou a dar de ombros. — Faça o meu jogo até nos livrarmos dessa, e talvez eu deixe você ir para Macon ficar com seu namoradinho.

— O que mais? — perguntou ela. Sempre tinha mais alguma coisa.

Ele tirou um saco plástico de provas do bolso. Agora que o via de perto, Lena se perguntou como chegara a pensar que fosse de verdade — a lâmina grossa e sem corte, o cabo de couro falso. O abridor de cartas.

Ele jogou o saco no colo dela.

— Livre-se disso.

7

Sara sentou-se à mesa da sala de jantar folheando uma revista enquanto a irmã e a mãe jogavam cartas. Seu primo Hareton juntara-se a elas havia meia hora, tendo aparecido sem telefonar, como sempre. Hare era dois anos mais velho que Sara. Sempre haviam competido em tudo, motivo pelo qual ele a fizera sair debaixo da chuva torrencial para ver seu novíssimo BMW 750Li. Como ele podia bancar um carro luxuoso como aquele com o salário de um médico da zona rural ela não sabia dizer, mas Sara emitiu os sons esperados porque não tinha forças para fazer outra coisa.

Amava o primo, mas às vezes achava que o objetivo da vida dele era azucriná-la. Ele caçoava da altura dela. Chamava-a de "Ruiva" só para irritá-la. O pior de tudo era que todos o achavam encantador. Até a própria mãe de Sara achava que ele era o máximo — uma coisa especialmente sensível, considerando que Cathy não estendia essa visão tendenciosa às próprias filhas. O maior problema que Sara tinha com Hare era que nunca havia uma situação em que ele não fizesse graça, o que podia ser um fardo pesado para as pessoas à sua volta.

Sara terminou de ler a revista e voltou ao início para ler de novo, perguntando-se por que nenhuma página lhe parecia familiar. Estava distraída demais para ler e era esperta demais para tentar puxar conversa com qualquer um que se encontrava à mesa. Especialmente Hare, que parecia decidido a atrair o seu olhar.

Por fim, ela perguntou:

— O que foi?

Ele bateu uma carta na mesa:

— Como está o tempo aí em cima, Ruiva?

Sara olhou para ele com a mesma expressão que usara havia trinta anos, quando ele lhe fizera aquela mesma pergunta pela primeira vez:

— Agradável.

Ele jogou outra carta. Tessa e Cathy gemeram.

— Você está de férias, Ruiva. Qual é o problema?

Sara fechou a revista, lutando contra o desejo de dizer a ele que sentia muito por não estar mais animada, mas que não conseguia se livrar da imagem de Tommy Braham morto no chão da cadeia. Uma rápida olhada para a mãe mostrou a Sara que Cathy sabia exatamente o que ela estava pensando.

— Estou esperando uma pessoa — confessou ela, enfim. — Will Trent. É agente do

GBI.

Cathy estreitou os olhos.

— O que um agente do GBI está fazendo aqui?

— Investigando o assassinato do lago.

— E a morte na delegacia — completou Cathy, indo direto ao ponto. — Por que vem à nossa casa?

— Porque ficou sem jantar. Achei que você poderia...

— Agora eu sou responsável por alimentar estranhos?

Tessa, como de costume, não ajudou.

— E vai ser responsável por hospedá-lo, também. — Ela se dirigiu a Sara: — O hotel está fechado para reforma. A não ser que ele queira dirigir por 45 minutos até Cooperstown, é melhor você ir dando uma arrumada no apartamento em cima da garagem.

Sara engoliu o palavrão que veio aos seus lábios. Hare tinha inclinado o corpo para a frente e pousava o queixo sobre as mãos como se estivesse assistindo a um filme.

Cathy voltou a embaralhar as cartas. O barulho tornou-se mais alto devido à tensão.

— Como esse homem conhece você?

— A polícia está sempre no hospital. — Tecnicamente, não era mentira, mas quase.

— O que está acontecendo, Sara?

Ela deu de ombros num gesto tão fingido que teve dificuldade para fazê-los relaxar de volta.

— É complicado.

— Complicado? — ecoou Cathy. — Isso realmente aconteceu bem rápido. — Ela bateu as cartas na mesa ao se levantar. — É melhor eu mandar o seu pai vestir umas calças.

Tessa esperou até a mãe sair.

— É melhor você contar a ela, mana. Ela vai acabar arrancando mesmo de você de algum jeito.

— Não é da conta dela.

Tessa soltou uma risada chocada que mais pareceu um latido. *Tudo* era da conta da mãe delas.

Hare apanhou as cartas.

— Ah, qual é, ruiva. Não está levando isso um pouco a sério demais? Deve ter sido a coisa mais interessante que já aconteceu na vida de Brad Stephens. O cara ainda mora com a mãe.

— Isso não tem graça, Hare. Duas pessoas foram mortas.

— Um retardado e uma universitária. A cidade está de luto.

Sara mordeu a língua para não acabar com ele.

Hare deixou escapar um suspiro enquanto embaralhava as cartas.

— Tudo bem. O que eu disse sobre a garota do lago foi golpe baixo, mas sobre Tommy está valendo. Ninguém se mata sem motivo. Ele se sentiu culpado por ter matado a garota. Foi por isso que esfaqueou Brad. Fim de papo.

— Está falando igual a um policial.

— Bem... — Ele levou uma das mãos ao peito. — Sabe, eu *realmente* me fantasiei de policial no Halloween. — Ele se virou para Tessa. — Se lembra da tanguinha?

— Isso foi no meu aniversário, não no Halloween — disse Tessa. E ela perguntou a

Sara: — Por que você foi à delegacia, para início de conversa?

— Tommy precisava... — Ela não se deu ao trabalho de terminar a frase. — Não sei por que fui até lá. — Sara se levantou e se afastou da mesa. — Eu sinto muito. Está bem? Eu sinto muito por ter ido à delegacia. Sinto muito por ter trazido isso para essa casa. Eu sinto muito pela mamãe estar zangada comigo. Sinto muito por ter vindo para cá, para começar.

— Mana... — começou Tessa, mas Sara saiu antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa.

Lágrimas encheram seus olhos pela enésima vez no dia ao andar até o fim do corredor e parar na porta da frente. Devia ir lá em cima e conversar com a mãe. No mínimo, podia tentar encontrar uma explicação que aliviasse a preocupação de Cathy. É claro que Cathy enxergaria imediatamente o que havia por trás de qualquer explicação que Sara pudesse inventar, porque ambas sabiam a verdade: que Sara estava tentando criar problemas para Lena. Sua mãe não sentiria o menor prazer ao dizer a Sara que daria no mesmo ela ir lá fora uivar para a chuva. E teria razão — pelo menos em parte. Lena era boa em mentir, trapacear e fazer o que fosse preciso para se manter afastada de confusão. Sara não tinha como competir com a mulher, porque lhe faltava a desonestidade básica com a qual Lena abordava todas as situações de sua vida.

E a garota morta? Sara era tão ruim quanto Hare. Tinha ignorado completamente Allison Spooner, tratando a morte dela como mais uma oportunidade para atacar Lena. O pessoal da cidade que conhecia Allison estava começando a comentar. Tessa passara a maior parte da tarde ao telefone e já tinha a história inteirinha para contar a Sara quando ela voltou do centro da cidade. Allison tinha um tipo físico miúdo, um jeito alegre e os bons modos típicos de uma menina do interior, com um sorriso luminoso para qualquer desconhecido. Devia ter uma família em algum lugar, uma mãe e um pai que acabavam de receber a pior notícia que qualquer pai poderia escutar. Certamente estariam a caminho do condado de Grant naquele instante, seus corações doloridos apertando mais e mais a cada quilômetro.

Ouviu passos nas escadas às suas costas — Cathy, a julgar pela leveza ao caminhar. Sara ouviu a mãe parar no patamar e depois se dirigir para a cozinha.

Sara deixou escapar o ar que não se dera conta de estar prendendo.

— Docinho? — gritou Eddie lá de cima. Estava escutando seus discos velhos, algo que costumava fazer quando se sentia melancólico.

— Eu estou bem, papai. — Ela esperou até que o ranger das tábuas do assoalho indicasse que ele estava voltando para o quarto. E isso levou um tempo longo e sofrido.

Ela fechou os olhos outra vez. O pai de Sara colocou Bruce Springsteen para tocar, a agulha pulando no disco de vinil até que ele encontrasse o local correto. Ela ouvia a mãe andando pela cozinha. Pratos e panelas se chocavam. Hare disse alguma coisa que devia ter sido engraçada, pois a risada de Tessa ecoou pela casa.

Sara fitou a rua, esfregando os braços para combater o calafrio que lhe varrera o corpo. Aquilo era bobagem, ela sabia, ficar de pé à porta esperando um homem que talvez nem aparecesse. Por mais que Sara não quisesse admitir, queria de Will mais do que informações. Ele pertencia à sua vida em Atlanta. Era um lembrete de que havia outras coisas à sua espera.

E graças a Deus ele finalmente chegou.

Pela segunda vez naquele dia, Sara observou Will esconder diversos eletrônicos dentro do Porsche. Pareceu levar mais tempo dessa vez, ou talvez ela estivesse mais impaciente. Finalmente, ele saiu do carro. Segurou a pasta que ela lhe dera acima da cabeça para se proteger da chuva enquanto subia correndo o caminho até a entrada.

Ela foi abrindo a porta, mas pensou duas vezes. Não queria que ele achasse que ela estivera de pé ali, à sua espera. Por outro lado, se estivesse tentando ser discreta, provavelmente não deveria ter ficado encarando-o pela janela.

— Idiota — resmungou, abrindo a porta.

— Oi. — Ele sacudiu a chuva dos cabelos, aproveitando a cobertura da varanda à frente da casa.

— Você quer que eu... — Estendeu a mão para pegar a pasta molhada da mão dele. Sara segurou um gemido de decepção. Estava encharcada. Tudo ali estaria destruído.

— Tome — disse ele, levantando o suéter e tirando a camiseta de dentro da calça.

Sara viu as folhas que dera a ele encostadas em sua pele nua. Também viu o que parecia ser um hematoma escuro estendendo-se pelo seu abdome e desaparecendo para dentro do cós dos jeans.

— O que...

Ele puxou a camiseta para baixo rapidamente.

— Obrigado. — Ele coçou o rosto, um cacoete do qual ela se esquecera. — Acho que podemos jogar essa pasta fora.

Ela assentiu, sem saber o que dizer. Will também parecia ter ficado sem palavras. Entreolharam-se até que as luzes do corredor se acenderam de repente.

Cathy estava no vão da porta da cozinha com as mãos na cintura. Eddie desceu as escadas. Fez-se um breve momento do mais desconfortável silêncio que Sara já presenciara na vida. Teve consciência, pela primeira vez, da imensa confusão na qual transformara o dia. Se pudesse ter batido os calcanhares e voltado para o começo de tudo, ainda estaria em Atlanta, e sua família teria sido poupada daquela situação desconfortável. Queria afundar no chão.

O silêncio foi interrompido pelo pai dela, que estendeu a mão para Will.

— Eddie Linton. Fico satisfeito por podermos lhe oferecer algum alento dessa chuva.

— Will Trent. — Will apertou-lhe a mão com firmeza.

— Eu sou Cathy — disse a mãe, dando um tapinha no braço de Will. — Minha Nossa, você está completamente encharcado. Eddie, por que não vai ver se consegue alguma coisa seca para ele vestir? — Por algum motivo, o pai dela riu para si mesmo enquanto subia as escadas correndo. Cathy disse para Will: — Vamos tirar esse suéter antes que você pegue um resfriado.

Will se mostrou tão desconfortável quanto qualquer homem ficaria se uma mulher de 63 anos excessivamente educada lhe pedisse que tirasse a roupa no hall de entrada de sua casa. Ainda assim, obedeceu, passando o suéter pela cabeça. Usava uma camisa preta de manga comprida por baixo. Foi subindo quando ele ergueu os braços, e Sara, sem pensar no que fazia, estendeu os seus para segurar a camiseta no lugar.

Cathy a olhou com tal severidade que Sara teve a sensação de ter sido pega roubando.

— Mãe — começou Sara, sentindo um suor frio começar a percorrer seu corpo. — Eu preciso muito falar com você.

— Vamos ter bastante tempo para isso mais tarde, minha querida. — Cathy passou o

braço pelo de Will enquanto o conduzia pelo corredor. — Você é de Atlanta, como minha filha disse?

— Sim, senhora.

— De que parte? Tenho uma irmã que mora em Buckhead.

— É... — Ele se virou para olhar para Sara. — Poncey-Highlands, fica perto...

— Eu sei exatamente onde fica. Você deve morar perto da Sara.

— Sim, senhora.

— Mãe...

— Mais tarde, querida. — Cathy lhe lançou um sorriso felino enquanto levava Will para a sala de jantar. — Esta é Tessa, minha caçula. Hareton Earnshaw é filho do meu irmão.

Hare o estudou abertamente:

— Nossa, você é um pedaço de mau caminho.

— Apenas o ignore — aconselhou Tessa, apertando a mão de Will. — É um prazer conhecê-lo.

Will foi se sentando na cadeira mais próxima, e Sara sentiu o coração disparar com o pânico. Era o lugar de Jeffrey.

Cathy não era completamente destituída de alma.

— Por que não deixamos que ele fique na cabeceira? — sugeriu, puxando Will gentilmente na direção correta. — Eu já volto com o seu jantar.

Sara se deixou afundar no assento ao lado de Will. Colocou a mão em seu braço.

— Eu sinto *muito*.

Ele fingiu surpresa.

— Pelo quê?

— Obrigada por fingir, mas não temos muito tempo antes de... — Sara afastou a mão com pressa. A mãe dela já estava de volta com um prato de comida.

— Espero que goste de frango frito.

— Sim, senhora. — Will fitou o prato cheio. Havia nele comida suficiente para metade da cidade.

— Chá com açúcar? — perguntou Cathy. Sara fez menção de se levantar, mas a mãe fez sinal com a cabeça para que Tessa pegasse uma xícara. — Me conte como conheceu minha filha.

Will ergueu o dedo pedindo um minuto para poder engolir uma garfada de feijão-de-lima.

— Conheci a Dra. Linton no hospital.

Sara poderia tê-lo beijado por sua estranha adesão à formalidade.

— Mãe, a parceira do agente Trent foi minha paciente — explicou ela.

— É mesmo?

Will fez que sim, dando uma boa mordida no frango frito. Sara não sabia dizer se ele estava com fome ou apenas desesperado por uma desculpa para não falar. Arriscou uma olhada em direção a Hare. Pela primeira vez em sua vida infeliz, ele escolhera ficar calado.

— Sua mulher também é policial?

Will parou de mastigar.

— Notei a aliança.

Ele olhou para a própria mão. Cathy o manteve em sua mira. Ele mastigou mais um

pouco. Finalmente, respondeu:

— Ela é detetive particular.

— Isso deve render muito assunto para vocês dois conversarem. Vocês se conheceram durante alguma investigação?

Ele limpou a boca.

— Esta comida está muito boa. — Tessa colocou uma xícara de chá diante dele. Will tomou um longo gole, e Sara se perguntou se ele estaria desejando que houvesse algo de mais forte para beber.

Cathy continuou com sua pressão sutil.

— Eu gostaria que minhas filhas tivessem tido algum interesse na culinária, mas nenhuma das duas tomou gosto pela coisa. — Ela fez uma pausa para tomar fôlego. — Me diga, Sr. Trent, de onde sua família é?

Sara lutou contra o impulso de enterrar a cabeça entre as mãos.

— Mamãe, sério. Não é da nossa...

— Não tem problema. — Will limpou a boca com o guardanapo e disse para Cathy: — Eu fui criado em um orfanato.

— Ah, coitadinho.

Will não parecia saber como respondê-la. Tomou outro longo gole do chá.

Cathy continuou.

— Sr. Trent, minha caçula me lembrou que o hotel está fechado para reforma. Espero que aceite ficar em minha casa enquanto estiver aqui.

Will engasgou com o chá.

— Temos um apartamento em cima da garagem. Sinto dizer que não é grande coisa, mas não me sentiria bem em fazê-lo dirigir até Cooperstown com um tempo desses.

Will secou o chá que havia espirrado no rosto. Olhou para Sara pedindo ajuda.

Ela balançou a cabeça, incapaz de deter o violento ataque de hospitalidade sulista da mãe.

A reforma da casa dos Lintons não havia se estendido à lavanderia. Sara teve de descer as escadas até a parte não finalizada do porão para pegar toalhas limpas para Will. A secadora de roupas ainda estava ligada quando acendeu a luz. Ela conferiu as toalhas. Estavam úmidas.

Sara ligou a secadora de novo. Ia subindo as escadas, mas parou na metade e se sentou. Vinha agindo de forma bastante idiota quase o dia inteiro, mas não era louca de se entregar à mãe naquele momento.

Pousou o queixo na mão. Suas faces estavam rubras desde o instante em que Cathy recebera Will em casa.

— Mana? — sussurrou Tessa do topo da escada.

— Quieta — repreendeu-a Sara. A última coisa de que precisava era mais atenção da mãe.

Tessa fechou a porta suavemente. Colocou uma das mãos por baixo da barriga e segurou o corrimão com a outra enquanto descia as escadas.

— Você está bem?

Sara fez que sim, ajudando Tessa a sentar-se no degrau acima do dela.

— Não consigo acreditar que eles não passaram a lavanderia lá para cima.

— O santuário dela?

As duas riram. Quando adolescentes, Tessa e Sara evitavam a lavanderia a todo custo para não ter de ajudar a mãe. Elas se achavam muito espertas até perceberem que a mãe, na verdade, estava desfrutando do momento sozinha.

Sara colocou a mão sobre a barriga da irmã.

— Ei, o que é isso?

Tessa sorriu.

— Eu acho que é um bebê.

Sara espalmou as duas mãos pela extensão da barriga.

— Você está enorme.

— Estou amando — sussurrou Tessa. — Você nem imagina o monte de merda que eu ando comendo.

— Já deve estar sentindo os chutes o tempo todo.

— Ela vai ser jogadora de futebol.

— Ela? — Sara ergueu uma das sobrancelhas.

— É só um palpite. Lem quer que seja surpresa.

— A gente podia dar um pulo na clínica amanhã. — Elliot Felteau havia comprado a clínica de Sara, mas ela ainda era dona do imóvel. — Posso dar uma desculpa para fazer uma ultra.

— Eu também quero que seja surpresa. Além do mais, acho que já tem coisa demais rolando na sua vida no momento.

Sara revirou os olhos.

— Mamãe.

Tessa riu.

— Meu Deus, aquilo foi épico. Que drama!

— Não consigo acreditar no quão terrível ela foi.

— Você meio que o jogou em cima dela de surpresa.

— Eu pensei... — Sara balançou a cabeça. No que ela *havia* pensado? — Hare não ajudou muito.

— Ele está tendo mais dificuldade para lidar com essa história do que você imagina.

— Duvido.

— Tommy cortava a grama dele também. — Tessa deu de ombros. — Você sabe como o Hare é. Ele passou por muita coisa.

Hare havia perdido vários amigos, assim como seu companheiro de longa data, para a aids, mas Sara achava ser a única pessoa da família que recordava que sua atitude descuidada pré-datava a epidemia.

— Espero que ele não tenha deixado Will constrangido.

— Will se saiu muito bem.

Sara balançou a cabeça enquanto pensava no caos que havia criado.

— Eu sinto muito, Tess. Não tive a intenção de trazer isso tudo até a porta da sua casa.

— O que é "isso tudo"?

Ela pensou na pergunta.

— Uma vingança — admitiu. — Acho que finalmente encontrei uma maneira de pegar Lena.

— Ah, querida, isso vai fazer alguma diferença?

Sara sentiu lágrimas nos olhos. Não lutou contra elas dessa vez. Tessa já a vira em estado bem pior.

— Não sei. Eu só quero... — Ela fez uma pausa para respirar. — Quero que ela se sinta mal pelo que fez.

— Você não acha que ela já se sente mal? — Tessa escolheu as palavras antes de falar. — Por mais horrorosa que seja, ela amava Jeffrey. Ela o venerava.

— Não. Ela não se sente mal. Nem mesmo aceita que ela seja a razão de Jeffrey estar morto.

— Você não pode achar, de verdade, que ela sabia que o filho da mãe do namorado dela ia matar Jeffrey.

— Não era o que ela *queria* que acontecesse — admitiu Sara —, mas o que ela *permitiu* que acontecesse. Jeffrey nunca nem saberia da existência do homem se não fosse por Lena. Ela o colocou em nossa vida. Se alguém atira uma granada, você não diz que essa pessoa é inocente porque nunca lhe passou pela cabeça que ela podia mesmo explodir.

— Não vamos mais falar dela. — Tessa colocou o braço no ombro de Sara. — A única coisa que importa é que Jeffrey amava você.

Sara só conseguiu assentir com a cabeça. Essa era a única verdade em sua vida. Ela sabia sem sombra de dúvida que Jeffrey a amava.

Tessa a surpreendeu.

— Will é bacana.

A risada de Sara não soou muito convincente, nem mesmo para os próprios ouvidos.

— Tess, ele é casado.

— Estava olhando para você todo encantado, na mesa.

— O que você viu foi medo.

— Acho que ele gosta de você.

— Acho que os seus hormônios estão fazendo você ver coisas.

Tessa se recostou na escada.

— Apenas prepare-se para a primeira vez ser péssima. — A expressão de Sara deve tê-la entregado. O queixo de Tessa caiu. — Ah, meu Deus. Você já dormiu com alguém?

— Shh — sibilou Sara. — Fale baixo.

Tessa chegou o corpo para a frente.

— Ah, que graça tem conversar com você se não vai me contar nada sobre a sua vida sexual?

Sara desconsiderou o que ela dizia com um aceno da mão.

— Não há nada para contar. Você tem razão. Foi horrível. Foi cedo demais, e ele nunca mais me ligou.

— E agora? Está saindo com alguém?

Sara pensou no epidemiologista do Centro de Controle e Prevenção de Doenças. O fato de aquela ser a primeira vez na semana toda que ela realmente parara para pensar no homem já dizia tudo.

— Nada de mais. Tive alguns encontros, mas... Para quê? — Sara atirou as mãos para cima. — Eu nunca mais vou ter uma ligação tão forte com alguém. Jeffrey me deixou essa herança.

— Você nunca vai saber se não tentar — argumentou Tessa. — Não se negue uma

coisa dessas, Sara. Jeffrey não ia querer isso.

— Jeffrey não ia querer que eu tocasse em outro homem nunca mais na vida, e você sabe disso.

— Você provavelmente tem razão. — Ainda assim, completou: — Acho que Will poderia lhe fazer bem.

Sara balançou a cabeça, desejando que Tessa mudasse de assunto. Mesmo se Will estivesse disponível — mesmo se por algum milagre ele estivesse interessado —, Sara nunca mais namoraria outro policial. Não aguentaria ver um homem deixando a cama dela toda manhã sem saber se ele voltaria inteiro à noite.

— Eu já disse. Ele é casado.

— Ah, mas tem casado e tem *casado*. — Tessa tinha feito diversas incursões pelo mundo dos casos secretos antes de sossegar. Seu quarto praticamente tivera uma porta giratória. — Onde foi que ele arrumou aquela cicatriz no lábio?

— Não tenho ideia.

— Deixa a gente com vontade de beijar aquela boca.

— Tess.

— Você sabia que ele tinha crescido num orfanato?

— Achei que você estivesse na cozinha quando ele contou isso.

— Estava com o ouvido encostado à porta — explicou ela. — Ele come como uma criança de orfanato.

— Como assim?

— O jeito que meio que se enrola por cima do prato para ninguém roubar a comida dele.

Sara não havia notado isso, mas agora se dava conta de que era verdade.

— Não consigo imaginar crescer sem pai e mãe. Quer dizer... — Ela riu. — Depois de hoje até parece perfeito, mas deve ter sido difícil para ele.

— Provavelmente.

— Pergunte a ele.

— Isso seria falta de educação.

— Você não quer saber mais sobre ele?

— Não — mentiu Sara, porque era claro que queria.

Queria saber sobre as cicatrizes. Queria saber como ele havia entrado no sistema de assistência ainda bebê, sem nunca ter sido adotado. Queria saber como ele podia estar numa sala cheia de gente e ainda assim parecer estar completamente só.

— As crianças do meu orfanato são tão felizes — comentou Tessa. — Sentem saudades dos pais, sem dúvida. Mas têm a oportunidade de estudar. Têm três refeições ao dia, roupas limpas. Não precisam trabalhar. As outras crianças, que ainda têm pais, sentem inveja delas. — Ela alisou a saia. — Por que não pergunta a Will como foi para ele?

— Não é da minha conta.

— Deixe a mamãe passar mais um tempo com ele que você descobre tudinho. — Tessa apontou um dedo para o peito de Sara. — Você tem de admitir que ela estava com a corda toda hoje à noite.

— Eu não tenho de admitir nada.

Tessa imitou o suave sotaque sulista da mãe.

— Diga, Sr. Trent, o senhor prefere cuecas samba-canção ou slip? — Sara riu, e Tessa

continuou. — A sua primeira experiência sexual foi na posição papai e mamãe ou teve uma natureza mais animalesca?

Sara riu tanto que a barriga doeu. Secou os olhos pensando que era a primeira vez que se sentia feliz por estar em casa.

— Senti sua falta, Tess.

— Eu também senti a sua, mana. — Tessa teve dificuldade para se levantar. — Mas, neste momento, acho melhor ir ao banheiro se eu não quiser fazer xixi nas calças com essas gargalhadas todas. — Ela subiu as escadas um degrau de cada vez. A porta se fechou suavemente às suas costas.

Sara olhou para o porão. A cadeira de balanço da mãe e o abajur estavam num canto próximo a uma janela pequena. Recipientes de plástico encostados na parede dos fundos continham todas as lembranças de infância de Sara e de Tessa, pelo menos as que a mãe considerava dignas de serem guardadas. Anuários, fotos de escola, boletins e provas enchiam duas caixas para cada uma das garotas. Em algum momento, o bebê de Tessa ganharia a própria caixa. Teria sapatinhos de bebê, panfleto de peças da escola e de recitais de piano. Ou troféus de futebol, se seguisse a vontade de Tessa.

Sara não podia ter filhos. Uma gravidez tubária durante a faculdade de medicina lhe tirara essa capacidade. Estivera tentando adotar um filho com Jeffrey, mas o sonho acabou no dia em que ele morreu. Ele tinha um filho em algum lugar, um rapaz brilhante e forte a quem nunca havia sido dito que Jeffrey era seu pai de verdade. Jeffrey era só um tio honorário, e Sara, uma tia honorária. Com frequência pensava em se fazer mais presente para o garoto, mas a decisão não cabia a ela. Ele tinha uma mãe e um pai que haviam feito um ótimo trabalho em criá-lo. Estragar isso, contar-lhe que ele tinha um pai com quem nunca ia poder conversar, parecia um ato de crueldade.

A não ser no que dizia respeito a Lena, Sara tinha intensa aversão a infligir crueldade.

A secadora apitou. As toalhas estavam suficientemente secas, considerando que ela ia mesmo ter de caminhar sob a chuva torrencial. Vestiu o casaco e deixou a casa o mais silenciosamente que conseguiu. Lá fora, a chuva se transformara de novo em garoa. Ergueu os olhos para o céu noturno. Mesmo com as nuvens escuras, podia ver as estrelas. Sara havia se esquecido de como era ficar longe das luzes da cidade. A noite era escura como carvão. Não havia sirenes, gritos ou tiros aleatórios rompendo o ar. Havia apenas grilos e o ocasional uivo de um cão solitário.

Sara ficou do lado de fora do apartamento, perguntando-se se deveria bater. Era tarde. Talvez Will já tivesse ido dormir.

Ele abriu a porta quando ela estava se virando. Certamente, Will não a olhava com cara de bobo apaixonado, como afirmara Tessa. Na verdade, parecia distraído.

— Toalhas — disse ela. — Vim só deixá-las para você.

— Espere.

Sara ergueu a mão para impedir que a chuva açoitasse seus olhos. Pegou-se fitando a boca de Will, a cicatriz acima do lábio.

— Por favor, entre. — Ele deu um passo para trás para que ela pudesse passar pela porta.

Sara sentiu uma desconfiança inexplicável. Ainda assim, entrou.

— Me desculpe mesmo pela minha mãe.

— Ela devia dar um curso sobre interrogatórios na academia.

— Não há desculpas suficientes para isso.

Ele deu a Sara uma das toalhas limpas para que ela secasse o rosto.

— Ela ama muito você.

Sara não esperara essa reação dele. Ela supunha que um homem que perdera a mãe tão cedo tivesse uma perspectiva diferente sobre a indiscrição de Cathy.

— Você alguma vez... — Sara se deteve. — Deixe para lá. Eu devia deixá-lo dormir.

— Alguma vez, o quê?

— Quer dizer... — Sara sentiu as bochechas voltarem a corar. — Chegou a morar em lares temporários? Ou...

Ele fez que sim.

— Algumas vezes.

— Lares bons?

Ele deu de ombros.

— Algumas vezes.

Sara pensou no hematoma que vira em sua barriga — e que de hematoma não tinha nada, era algo bem mais sinistro. Ela vira um bocado de queimaduras elétricas no necrotério. Deixavam uma marca bastante diferenciada, como uma pitada de pólvora que fica presa debaixo da pele e que, por mais que se lave, nunca mais sai. A mancha escura no corpo de Will havia esmaecido com o tempo. Ele provavelmente era criança quando aconteceu.

— Dra. Linton?

Ela balançou a cabeça como se pedisse desculpas. Instintivamente, a mão foi até o braço dele.

— Quer que eu pegue mais alguma coisa para você? Acho que há cobertores sobressalentes no armário.

— Tenho umas perguntas para você. Se tiver alguns minutos?

Ela havia esquecido o motivo de ele ter vindo.

— É claro.

Ele indicou o sofá. Sara afundou nas velhas almofadas, que praticamente a engoliram. Olhou ao redor do aposento, como Will talvez o enxergasse. Não havia nada de chique no espaço. Uma quitinete. Um quartinho minúsculo, com um banheiro menor ainda. Um tapete felpudo que já estivera em melhor estado. Um lambri de madeira empenado cobria cada centímetro de superfície vertical. O sofá era mais velho do que Sara. E era grande o bastante para duas pessoas se deitarem nele confortavelmente, motivo pelo qual Cathy o passara do escritório para o apartamento acima da garagem quando Sara fizera 15 anos. Não que Sara tivesse garotos fazendo fila para se deitarem no sofá com ela, mas Tessa, três anos mais nova, sim.

Will colocou as toalhas sobre a bancada da cozinha.

— Posso lhe oferecer água?

— Não, obrigada. — Sara fez um gesto mostrando o apartamento. — Eu sinto muito não podermos lhe oferecer acomodações mais confortáveis.

Ele sorriu.

— Já fiquei em coisa bem pior.

— Se servir de consolo, na verdade isto daqui é mais bacana do que o hotel.

— A comida é melhor, de qualquer forma. — Ele apontou para a outra extremidade do

sofá. Na realidade, não havia nenhum outro lugar onde ele pudesse se sentar. Ainda assim, perguntou: — Posso?

Sara dobrou as pernas por baixo do corpo enquanto ele se sentava na beirada do assento. Ela cruzou os braços, subitamente ciente de que estavam a sós num mesmo aposento.

O silêncio desconfortável retornou. Ele brincava com sua aliança de casamento, rodando-a no dedo. Ela se perguntou se ele estaria pensando na esposa. Sara conhecera a mulher certa vez no hospital. Angie Trent era um daqueles tipos vivazes, o centro das atenções em qualquer festa, que nunca saía de casa sem maquiagem. Suas unhas eram perfeitas. Usava saia justa. Suas pernas teriam feito o Papa fraquejar.

Era tão diferente de Sara como um pêssego maduro de um palito de picolé.

Will juntou as mãos entre os joelhos.

— Obrigado pelo jantar. Ou agradeça à sua mãe. Eu não como assim desde... — Ele deu uma risadinha acariciando a barriga. — Bem, nem tenho certeza se já comi desse jeito alguma vez na vida.

— Eu realmente sinto muito que ela o tenha interrogado daquele jeito.

— Não tem problema algum. Me desculpe por dar trabalho.

— A culpa é minha por tê-lo trazido para cá.

— Eu sinto muito que o hotel esteja fechado.

Sara foi direto ao ponto, temendo que eles passassem o resto da noite trocando pedidos de desculpas inúteis.

— Que perguntas você tem para me fazer?

Ele ficou em silêncio por mais alguns segundos, fitando-a abertamente.

— A primeira é um pouco delicada.

Ela abraçou a própria cintura com força.

— Tudo bem.

— Quando o chefe Wallace ligou para você hoje mais cedo, para que você fosse ajudar Tommy... — Ele deixou a voz ir sumindo. — Você sempre tem Diazepam com você? É Valium, não é?

Sara não conseguiu olhá-lo nos olhos. Olhou fixamente para a mesa de centro. Will claramente estivera trabalhando ali. O laptop estava fechado, mas a luz ainda piscava. Cabos ligavam a máquina à impressora portátil que se encontrava no chão. Havia um pacote fechado de pastas coloridas ao lado. Por cima de um conjunto de marca-textos coloridos, havia uma régua de madeira. Havia também um grampeador, clips de papel e elásticos.

— Dra. Linton?

— Will. — Ela tentou manter a voz firme. — Não acha que está na hora de começar a me chamar de Sara?

Ele concordou.

— Sara. — Quando ela não respondeu, ele a pressionou: — Sempre tem Valium com você?

— Não — admitiu ela. Sentia tanta vergonha que só conseguia olhar fixamente para a mesa à sua frente. — Era para mim. Para esta viagem. Para o caso... — Ela deu de ombros para não precisar concluir a frase. Como explicar àquele homem por que precisaria se drogar durante um feriado em família?

— O chefe Wallace sabia que você tinha Valium? — perguntou ele.

Ela tentou se recordar da conversa.

— Não. Eu me ofereci para levar.

— Você disse que tinha alguns comprimidos no seu kit?

— Eu não quis dizer a ele que eram para…

— Tudo bem — interrompeu ele. — Me desculpe por ter tido de fazer uma pergunta tão pessoal. Só estou tentando entender como aconteceu. O chefe Wallace ligou para você pedindo ajuda, mas como ele sabia que você poderia ajudar?

Sara ergueu os olhos para fitá-lo. Will a encarou, sem piscar. Não havia julgamento nem piedade em seus olhos. Sara não conseguia se lembrar da última vez que alguém olhara para ela e a enxergara de verdade. Certamente não desde que chegara à cidade naquela manhã.

— Frank achou que eu poderia conversar com Tommy — disse ela. — Acalmá-lo, eu imagino.

— Você já ajudou presos na cadeia antes?

— Na verdade, não. Quer dizer, já me chamaram algumas vezes em casos de overdose. Uma vez, o apêndice de um presidiário se rompeu. Eu transferia todos para o hospital. Não os tratava na cadeia. Não do ponto de vista médico.

— E, no telefone, o chefe Wallace…

— Me desculpe — interrompeu Sara —, mas você poderia chamá-lo de Frank? É só que...

— Não precisa explicar — garantiu ele. — No telefone, antes, quando você disse que na verdade não se lembrava de Tommy Braham, que não tinha a menor ligação com ele. Teve a impressão de que Frank estava tentando pressioná-la a ir à delegacia?

Sara finalmente compreendeu aonde ele queria chegar.

— Você acha que ele ligou após o fato. Que Tommy já estava morto. — Ela se recordou de Frank olhando pela janela da porta da cela. Ele deixara as chaves caírem. Teria sido aquilo tudo um teatro?

— Como você sabe, o horário do óbito não é exatamente uma ciência exata — disse Will. — Se ele ligou para você logo depois de ter encontrado Tommy...

— O corpo ainda estava morno — recordou ela. — Mas estava quente dentro das celas. Frank comentou que a calefação andava pregando peças.

— Você se lembra de ela já ter pregado peças antes?

Ela balançou a cabeça.

— Não coloco os pés naquela delegacia há mais de quatro anos.

— A temperatura estava normal quando estive lá agora à noite.

Sara sentou-se novamente no sofá. Aquelas pessoas haviam trabalhado com Jeffrey. Gente em quem ela confiara a vida toda. Se Frank Wallace achava que ela ia encobrir alguma coisa, estava lamentavelmente enganado.

— Acha que o mataram? — disse ela, respondendo à própria pergunta. — Eu vi a tinta azul da caneta. Não imagino que tenham segurado Tommy à força e raspado a carga por cima dos pulsos dele. Existem formas mais fáceis de matar alguém e fazer parecer suicídio.

— Enforcamento — sugeriu ele. — Oitenta por cento dos suicídios ocorridos sob a tutela da polícia são por enforcamento. Presidiários têm uma probabilidade sete vezes maior de se matar do que a população em geral. Tommy se encaixa em quase todos os

itens desse perfil. — Will os listou para ela. — Ele demonstrou um arrependimento excessivo. Não parava de chorar. Não era casado. Tinha entre 18 e 25 anos. Esse foi seu primeiro crime. Tinha um pai ou responsável de pulso firme em casa que ficaria com raiva ou decepcionado ao saber da sua prisão.

— Tommy era todas essas coisas — admitiu ela. — Mas por que Frank adiaria a descoberta do corpo?

— Você é bem respeitada aqui. Um preso se matou enquanto estava sob os cuidados da polícia. Se você disser que não há nada de suspeito nisso, as pessoas vão acreditar em você.

Sara não tinha como rebater aquilo. Dan Brock era agente funerário, não médico. Se as pessoas enfiassem na cabeça que Tommy tinha sido morto na cadeia, Brock teria dificuldade em desmentir o boato.

— A carga da caneta que Tommy usou para se matar — começou Will. — Hoje à noite, o guarda Knox me contou que seu marido deu canetas a todos eles de Natal. Foi muito atencioso da parte dele fazer isso.

— Não exatamente — disse Sara, antes de se dar conta do que dizia. — Quero dizer, ele andava muito ocupado, então me pediu para...

Ela fez um aceno com a mão como se desdenhasse das próprias palavras. Tinha ficado tão irritada com Jeffrey por ele ter lhe pedido para encontrar aquelas canetas, como se a vida dela fosse menos atribulada do que a dele. Tentou se explicar dizendo a Will: — Estou certa de que há coisas que pede à sua mulher quando está sem tempo.

Ele sorriu.

— Lembra-se de onde comprou as canetas?

Sara sentiu outra onda de vergonha acachapá-la.

— Eu pedi a Nelly, gerente administrativa da clínica, para encontrá-las pela internet. Eu estava sem tempo para... — Balançou a cabeça, sentindo-se completamente desleal. — Talvez eu consiga encontrar o recibo do cartão, se for importante. Isso foi há mais de cinco anos.

— Quantas você comprou?

— Vinte e cinco, talvez? Todo mundo do departamento ganhou uma.

— Deve ter sido caro.

— Foi — confirmou ela. Jeffrey não lhe dera um orçamento, e a ideia que Sara tinha de um presente caro era de um preço bem mais alto do que na cabeça do marido. Aquilo tudo lhe parecia tão pequeno agora. Por que haviam passado dias zangados um com o outro? Por que aquilo importara tanto?

Will a surpreendeu dizendo:

— O seu sotaque fica diferente aqui.

Ela riu, pega de surpresa.

— Caipira?

— Sua mãe tem um sotaque lindo.

— Culto — disse Sara. Com exceção daquela noite, Sara sempre tinha amado o som da voz da mãe.

Ele voltou a surpreendê-la.

— Você foi mais ou menos arrastada para o meio deste caso, mas, de várias maneiras, você mesma se colocou nessa posição.

Ela se sentiu ruborizar diante da franqueza dele.

A expressão dele era terna, compreensiva. Ela se perguntou se seria autêntica ou se ele estaria usando alguma técnica de interrogatório.

— Eu sei que vai parecer atrevimento meu, mas imagino que tenha me pedido para encontrá-la no hospital, bem à vista da Main Street, por algum motivo.

Sara riu outra vez, desta vez de si mesma, da situação.

— Não foi tão calculado assim. Agora deve estar parecendo que foi.

— Estou hospedado na sua casa. As pessoas vão ver o meu carro estacionado na rua. Eu sei como são as cidades pequenas. Vão achar que tem alguma coisa acontecendo entre nós.

— Mas não tem. Você é casado e eu…

O sorriso dele foi quase uma careta de dor.

— A verdade não ajuda muito nesse tipo de situação. Você deve saber disso.

Sara voltou a olhar para o material de escritório. Ele havia separado os elásticos por cor. Até mesmo os clips de papel estavam virados na mesma direção.

— Tem alguma coisa acontecendo aqui. Não tenho certeza de que é o que você acha, mas alguma coisa não está certa naquela delegacia.

— O que é?

— Eu ainda não sei, mas você precisa se preparar para algumas reações. — Ele disse aquilo com cautela. — Casos como este, nos quais a polícia é questionada... Eles não gostam disso. Parte do motivo de serem bons no que fazem é acharem que estão certos em tudo.

— Eu sou médica. Confie em mim, não é só a polícia que se sente assim.

— Eu quero que esteja preparada, porque, quando chegarmos ao final disso, quer eu descubra se Tommy era culpado ou não, se a detetive Adams fez merda ou se não há absolutamente nada de errado, as pessoas vão odiá-la por ter me trazido para cá.

— Já me odiaram antes.

— Vão dizer que você está arrastando a memória do seu marido na lama.

— Elas não sabem nada a respeito dele. Não têm ideia.

— Vão preencher as lacunas por conta própria. Vai ficar bem mais difícil do que está agora. — Ele ficou de frente para ela. — Eu vou deixar as coisas mais difíceis. Vou fazer determinadas coisas de propósito para deixá-las com raiva o bastante para abrirem o jogo. Você vai ficar bem com isso?

— E se eu disser que não?

— Aí vou achar uma outra maneira que não cause nenhum mal-estar para você.

Ela percebeu que a oferta dele era sincera e sentiu-se culpada por ter questionado suas motivações.

— Aqui não é mais a minha casa. Vou embora daqui a três dias, aconteça o que acontecer. Faça o que tiver de fazer.

— E a sua família?

— Minha família me apoia. — Sara não tinha certeza de muita coisa hoje em dia, mas isso, pelo menos, era verdade. — Podem não concordar comigo, mas me apoiam.

— Muito bem. — Ele se mostrou aliviado, como se tivesse se livrado da pior parte do problema. — Preciso do telefone de Julie Smith.

Sara previra o pedido. Tirou uma folha de papel dobrado do bolso e a entregou a Will.

Ele apontou para o telefone retrô Princess que se encontrava ao lado do sofá.

— É a mesma linha da casa?

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu queria ter certeza de que o identificador de chamadas era o mesmo. — Ele tirou o fone do gancho e fitou o disco.

Sara revirou os olhos.

— Meus pais não são muito fãs de tecnologia.

Ele começou a discar, mas o disco escorregou na metade do número.

— Deixe que eu ligo — ofereceu ela, tomando o aparelho de Will antes que ele pudesse protestar.

Sara girou o disco, recordando-se do movimento com mais naturalidade do que ela gostaria de admitir.

Will levou o fone ao ouvido no instante em que um apito automatizado retumbou na linha. Segurou o fone entre os dois para que ambos pudessem escutar a gravação avisar que a linha com a qual tentavam se comunicar não existia.

Will colocou o telefone de volta no gancho.

— Vou pedir a Faith para rastrear a ligação amanhã. O meu palpite é de que seja um telefone descartável pré-pago. Você se lembra de mais alguma coisa a respeito de Julie? Alguma coisa que ela tenha dito?

— Deu para perceber que estava ligando de dentro de um banheiro — disse Sara. — Ela contou que Tommy havia lhe enviado uma mensagem de texto dizendo que estava na cadeia. Talvez dê para conseguir uma transcrição do telefone dele, não?

— Faith pode fazer isso também — sugeriu ele. — E a voz de Julie? Ela lhe deu a impressão de ser nova? Velha?

— Ela me pareceu ser muito jovem e bem caipira.

— Caipira como?

Sara sorriu.

— Não igual a mim. Pelo menos, eu espero que não. Ela me soou mais como se fosse do lado barra-pesada da cidade. Referiu-se a mim e à minha família como "vocês tudo".

— Isso é típico da região das montanhas.

— É mesmo? Não entendo nada de dialetos.

— Eu tive um caso certa vez nas montanhas Blue Ridge — explicou ele. — A gente escuta esse tipo de construção por aqui com frequência?

Ela balançou a cabeça.

— Na verdade, não. Não que eu me lembre.

— Muito bem, então temos uma pessoa jovem, provavelmente vinda do norte da Geórgia ou da região de Appalachia. Ela lhe disse que era amiga de Tommy. Vamos vasculhar a linha telefônica dele e ver se eles se falaram alguma vez.

— Julie Smith — disse Sara, perguntando-se por que nunca lhe ocorrera que a menina talvez estivesse usando um nome falso.

— Talvez os grampos revelem alguma coisa.

Sara apontou para as fotocópias que havia tirado.

— Elas foram úteis?

— Não da forma que você está achando. — Ele folheou as páginas. — Eu pedi à secretária da delegacia, a Sra. Simms, que enviasse essas folhas por fax para Faith. Você

poderia dar uma olhada nelas para mim?

Sara deu uma olhada nas páginas. Havia números escritos à mão no topo. Ela se deteve na décima primeira. Alguém havia escrito o número 12 no canto. O dois estava invertido.

— Foi você que as numerou?

— Sim — respondeu ele. — Quando as recebi de volta da Sra. Simms, uma das páginas estava faltando. A 11. Era a página que vinha logo depois do relatório de campo da detetive Adams.

Sara voltou à página dois. O dois estava escrito da forma correta. Verificou as páginas três e cinco. Os dois números estavam virados para o lado certo. A caneta havia sido pressionada com tanta força que o papel parecia ter sido gravado em relevo.

— Consegue se lembrar do que está faltando? — perguntou ele.

Sara as repassou outra vez, concentrando-se no conteúdo em vez de na numeração.

— A transcrição do telefonema para a Emergência.

— Tem certeza?

— Tinha mais uma folha do bloquinho de Lena. Estava presa com fita numa folha solta. Ela anotou o conteúdo da ligação para o número de emergência.

— Consegue se lembrar do que dizia?

— Eu sei que era uma voz de mulher. Não consigo me lembrar do resto.

— Conseguiram rastrear o número do qual ela estava ligando?

— Não vi nada que indicasse isso. — Ela balançou a cabeça. — Por que não consigo me lembrar do que mais dizia?

— Podemos conseguir isso com a central.

— A não ser que tenham conseguido perder a ligação.

— Não tem importância — disse ele. — Você pegou a pasta com Frank, certo?

— Com Carl Phillips.

— O agente de registros?

— Isso. Conversou com ele hoje à noite?

— Saiu de férias com a família. Ninguém sabe dizer quando vai voltar. Sem telefone. Sem celular. Nenhuma forma de entrar em contato com ele.

Sara sentiu o queixo cair.

— Eu duvido que ele realmente tenha viajado. Provavelmente o estão mantendo longe de mim. Talvez até esteja na delegacia amanhã, escondido bem debaixo do meu nariz.

— É o único afro-americano da força policial.

Will riu.

— Obrigado pela dica. Isso restringe as opções consideravelmente.

— Não consigo acreditar que estejam fazendo isso.

— Policiais não gostam de ser questionados. Um cobre o outro, mesmo quando sabem que estão errados.

Ela se perguntou se Jeffrey alguma vez fizera algo do tipo. Se tivesse feito, fora só porque queria limpar a própria casa. Jamais permitiria que alguém viesse de fora para fazer o seu trabalho por ele.

— Onde você fez as cópias? — perguntou Will.

— Na frente da sala.

— Na copiadora que fica em cima da mesa ao lado da cafeteira?

— Isso mesmo.

— Você pegou café?

— Eu não quis ficar molengando. — Todos a ficaram encarando como se ela fosse um monstro. O único objetivo de Sara havia sido fazer as fotocópias e dar o fora dali o mais rápido possível.

— Certo, você está em pé ao lado da copiadora esperando as folhas saírem. Me pareceu ser uma copiadora antiga. Ela faz barulho?

Ela fez que sim, perguntando-se aonde ele queria chegar.

— Um zumbido ou uma espécie de tranco?

— Os dois — respondeu ela, ouvindo os dois barulhos dentro da cabeça.

— Quanto café tinha na jarra? Alguém se aproximou?

Ela balançou a cabeça.

— Não. A jarra estava cheia. — A cafeteira era ainda mais antiga do que a copiadora. Ela podia sentir o cheiro dos grãos de café queimando.

— Alguém falou com você?

— Não. Ninguém nem mesmo olhou para... — Ela se viu de pé ao lado da copiadora. A máquina era antiga, do tipo que é preciso colocar uma folha de cada vez. Ela havia lido o arquivo todo para não ficar fitando a parede inutilmente. — Ah.

— Do que você se lembra?

— Eu dei uma lida rápida na transcrição da ligação para a Emergência enquanto esperava a copiadora esquentar.

— O que dizia?

Ela podia se ver outra vez na delegacia lendo o arquivo.

— A mulher chamou de possível suicídio. Disse que estava preocupada de a amiga ter feito alguma coisa. — Sara estreitou os olhos, tentando forçar a lembrança a aflorar. — Ela estava com medo de que Allison se matasse porque havia brigado com o namorado.

— Ela disse onde achava que Allison estaria?

— Na Ponta dos Amantes — recordou ela. — É como o pessoal da cidade chama o lugar. É a enseada onde Allison foi encontrada.

— E como é?

— É uma enseada. — Sara deu de ombros. — Um lugar romântico para se fazer uma caminhada, mas não debaixo de chuva e no frio.

— É isolado?

— É.

— Então, segundo a pessoa que ligou, Allison brigou com o namorado. A pessoa estava com medo de que Allison estivesse pensando em suicídio. A pessoa que ligou também sabia que ela estaria na Ponta dos Amantes.

— Provavelmente era Julie Smith. É isso que você está pensando?

— Talvez, mas por quê? Quem quer que tenha ligado queria chamar a atenção para o assassinato de Allison. Julie Smith estava tentando ajudar Tommy Braham a se safar do assassinato. Parecem ser objetivos opostos. — Ele fez uma pausa. — Faith está tentando localizá-la, mas vamos precisar de mais do que de um número de celular para encontrá-la.

— Frank e Lena devem estar pensando a mesma coisa — arriscou Sara. — Foi por isso que esconderam a transcrição. Ou eles não querem que você fale com ela ou querem falar com ela primeiro.

Will coçou a bochecha.

— Talvez. — Ele estava claramente considerando outra opção. De sua parte, Sara não conseguia parar de pensar que Marla Simms tinha ocultado informações numa investigação. Aquela senhora trabalhava na delegacia fazia mais tempo do que qualquer um conseguia se lembrar.

Will se ajeitou no sofá. Folheou as páginas em cima da mesa de centro.

— A Sra. Simms permitiu-se enviar algumas informações sobressalentes. Pedi à agente Mitchell que as escaneasse para que eu pudesse imprimi-las. — Ele encontrou o que procurava e entregou para Sara. Ela reconheceu o formulário, um relatório de ocorrência de duas páginas. Os policiais preenchiam dezenas deles por semana anotando as observações sobre casos nos quais haviam sido chamados a um local sem que nenhuma prisão tivesse sido feita. Eram úteis para o caso de algo de ruim acontecer depois, servindo de relatório para acompanhamento sobre uma pessoa ou lugar.

— Estes relatórios de ocorrência documentam os esbarrões de Tommy com a lei — disse Will. Indicou as páginas que se encontravam nas mãos de Sara. — Este fala de uma discussão que ele teve com uma menina no rinque de patinação.

Ela notou que havia uma bolota amarela no canto do relatório.

— Você alguma vez notou em Tommy um temperamento explosivo? — perguntou ele.

— Nunca.

Sara deu uma olhada nos outros relatórios de ocorrência. Havia mais dois, cada um com duas páginas grampeadas e com uma bolota feita com marca-texto colorido no canto. Uma era vermelha. A outra, verde.

Ela olhou outra vez para Will.

— Tommy era bastante equilibrado. Crianças como ele tendem a ser doces.

— Devido ao seu estado mental?

Sara o encarou fixamente, recordando a conversa que haviam tido no carro.

— Sim. Ele era lento. Muito ingênuo.

Assim como Sara.

Ela entregou um relatório diferente para Will, mostrando-o de cabeça para baixo. Apontou para o meio da página, onde Carl Phillips descrevia o incidente.

— Você leu esta parte?

Observou o olho de Will ir até a bolota vermelha.

— O cachorro latindo. Tommy começou a berrar com a vizinha. A mulher ligou para a polícia.

— Isso. — Ela pegou o terceiro relatório e o deu para ele virado de cabeça para cima. — Então, temos isto.

Mais uma vez, os olhos dele não foram até o texto, e sim, até a bolota colorida.

— Alguém reclamou de música alta há alguns dias. Tommy berrou com o guarda.

Ela ficou calada, esperando para ver se ele mandaria outro sinal.

Ele levou um bom tempo e, por fim, perguntou:

— No que você está pensando?

Ela estava pensando que ele era incrivelmente esperto. Sara olhou para as pastas, para os marca-textos. Ele codificava tudo com cores. Sua caligrafia era desajeitada, como a de uma criança. Ele escrevera o número dois ao contrário, mas não era algo constante. Ele não sabia dizer se uma página estava de cabeça para cima ou de cabeça para baixo. Sara talvez não tivesse notado sob circunstâncias diferentes. Diabos, ela *não* havia notado da

última vez que estivera com ele. Will estivera em sua casa. Ela o observara trabalhar e nunca se dera conta de que havia um problema.

— Isto é algum tipo de teste? — brincou ele.

— Não. — Ela não podia fazer isso com ele. Não assim. Talvez nunca. — Eu estava olhando as datas. — Ela folheou os formulários para ter algo para fazer. — Todos os incidentes aconteceram nas últimas semanas. Alguma coisa deve ter desencadeado esse tipo de reação nele. Tommy nunca tinha tido um mau temperamento até recentemente.

— Vou ver o que consigo descobrir.

Ele pegou as folhas de volta e as empilhou sobre a mesa. Estava nervoso e não era burro. Passara a vida toda procurando deixas, analisando gestos e tiques de maneira a poder manter seu segredo oculto.

Sara colocou a mão sobre o seu braço.

— Will…

Ele se levantou, afastando-se dela.

— Obrigado, Dra. Linton.

Sara também se levantou. Viu-se pensando no que dizer.

— Eu sinto não ter podido ajudar mais.

— Você foi ótima. — Ele caminhou até a porta e a manteve aberta para ela. — Por favor, agradeça à sua mãe pela hospitalidade.

Sara saiu antes de ser expulsa. Chegou ao pé da escada e se virou, mas Will já havia entrado.

— Meu Deus — murmurou ela enquanto atravessava a grama molhada. No final das contas, tinha conseguido deixar Will mais desconfortável do que a mãe.

O barulho distante de um carro foi ficando mais alto. Sara observou uma patrulha passar. Dessa vez, o policial que estava no volante não a cumprimentou erguendo o quepe. Na verdade, pareceu olhá-la de cara feia.

Will lhe avisara que isso poderia acontecer, que a cidade se voltaria contra ela. Sara não achara que o momento chegaria tão rápido. Riu de si mesma, das circunstâncias, enquanto atravessava o acesso da garagem e entrava em casa. Talvez Will tivesse dificuldade em ler palavras em uma folha de papel, mas era bom demais em ler pessoas.

8

Jason Howell andava de um lado para o outro de seu minúsculo quarto no dormitório da faculdade, o ruído dos pés se misturando ao barulho da chuva lá fora. Havia papéis espalhados pelo chão, e a mesa estava atulhada de livros abertos e latas vazias de Red Bull. Seu velho laptop emitiu um som como o de um suspiro de exaustão quando entrou no modo de espera. Ele precisava trabalhar, mas o cérebro girava em sua cabeça. Nada conseguia prender sua atenção por mais de alguns minutos — nem a luminária quebrada sobre a mesa, nem os e-mails que lotavam sua caixa de entrada, certamente não o trabalho que deveria estar fazendo.

Jason descansou a palma da mão no laptop, logo abaixo do teclado. O plástico estava quente. A ventoinha que esfriava a placa-mãe havia começado a emitir uns estalidos fazia algumas semanas, na mesma época em que ele quase tivera uma queimadura de terceiro grau nas pernas por ficar com o computador no colo. Ele achava que havia algum problema com a bateria e o carregador conectado à parede. Ainda agora havia um leve cheiro de plástico queimado no ar. Jason agarrou a tomada, mas deteve-se antes de arrancá-la da parede. Mordeu a ponta da língua enquanto fitava o fio coleante em sua mão. Queria que o aparelho superaquecesse? Um laptop quebrado era uma catástrofe capaz de mudar o rumo da vida de alguém. Talvez seu trabalho se perdesse, suas notas de rodapé, sua pesquisa — o último ano de sua vida se dissolvendo em uma massa gigante de plástico fedorento.

O que fazer então?

Não lhe restava mais nenhum amigo. Todos do dormitório o evitavam quando ele andava pelo corredor. Ninguém falava com ele nas aulas nem pedia suas anotações emprestadas. Fazia meses que ele não saía para beber. Com exceção dos professores, Jason não se lembrava de nenhuma conversa significativa com alguém desde o feriado da Páscoa.

Com exceção de Allison, mas isso não contava. Eles praticamente não conversavam mais nos últimos tempos. Só o que faziam era gritar um com o outro por causa de coisas idiotas — quem deveria pedir a pizza, quem se esqueceu de fechar a porta. Até o sexo andava ruim. Combativo. Mecânico. Decepcionante.

Jason não poderia culpar Allison se ela o odiasse naquele momento. Ele não conseguia fazer nada certo. Seu trabalho estava uma droga. Suas notas tinham começado a cair. O dinheiro do fundo deixado pelo avô estava acabando. O vovô tinha lhe deixado 12 mil

dólares para complementar as bolsas de estudo e o crédito educativo de Jason. Àquela época, a quantia parecera enorme. Agora, um ano depois de Jason ingressar na graduação, parecia uma ninharia. E essa ninharia ficava menor a cada dia.

Não era de se admirar que estivesse tão deprimido que mal tinha forças para erguer a cabeça.

O que ele queria mesmo era Allison. Não, esqueça — queria a Allison que conhecera por um ano e onze meses. A que sorria ao vê-lo. A que não se debulhava em lágrimas de cinco em cinco minutos e gritava que ele era um filho da puta quando Jason perguntava por que ela estava tão triste.

"Por sua causa", dizia ela. E quem queria ouvir isso? Quem queria ser culpado pelo sofrimento de outra pessoa quando estava atolado até os joelhos em sua própria dor?

E Jason *estava* sofrendo. Dor irradiava dele como a lâmpada de calor acima das batatas fritas no McDonald's. Já não se lembrava da última vez em que tomara um banho. Não conseguia dormir. Nada conseguia fazer seu cérebro desligar por tempo suficiente para descansar. Assim que ele se deitava, suas pálpebras começavam a subir e a descer como um ioiô preguiçoso. A escuridão tendia a trazer tudo de volta à sua mente, e não demorava até que o peso da solidão começasse a pressionar seu peito de tal forma que ele tinha a sensação de não conseguir respirar.

Não que Allison se importasse com isso. Ele poderia estar morto agora e ela nem saberia. Ele não via outro ser humano desde que o dormitório ficara vazio havia três dias, por causa do feriado de Ação de Graças. Até a biblioteca tinha fechado cedo no domingo, os últimos retardatários demorando-se na escada enquanto os funcionários finalmente trancavam as portas. De sua janela, Jason observara-os partir, perguntando-se se ficariam sozinhos, se tinham alguém com quem passar o feriado.

A não ser pelo zumbido constante do Cartoon Network e dos ocasionais resmungos de Jason consigo mesmo, o lugar estava completamente silencioso. Nem o zelador dava as caras havia dias. Jason provavelmente não deveria estar no prédio. A calefação fora desligada quando os últimos alunos partiram. Ele vinha dormindo com suas roupas mais quentes, enrolado no casaco de inverno. E a única pessoa que supostamente deveria se importar com isso claramente não dava a mínima.

Allison Spooner. Como ele fora se apaixonar por uma garota com um nome tão idiota?

Ela ligara para ele enlouquecidamente por dias, e então, desde ontem, nada. Jason tinha visto seu telefone se acender todas as vezes com o nome de Allison e não atendera a nenhuma chamada. O recado que ela deixava era sempre o mesmo: *"Ei, me ligue."* Por acaso ela morreria se dissesse mais alguma coisa? Morreria se dissesse que sentia saudades dele? Ele elaborava conversas na cabeça em que lhe fazia essas perguntas e ela dizia: "Sabe de uma coisa? Você tem razão. Eu deveria me esforçar mais como namorada."

Conversas... Estavam mais para fantasias.

Durante três dias, seu telefone não parou de tocar. Ele começou a temer que o identificador de Allison ficasse gravado na tela do telefone. Ele observara as barras do indicador de bateria desaparecerem uma a uma. A cada barra, ele dizia a si mesmo que atenderia se ela ligasse antes que a próxima desaparecesse. Então a barra se apagava sem nenhuma ligação, e ele dizia que atenderia na próxima. Depois na outra. Finalmente, o telefone desligara sozinho enquanto ele estava dormindo. Jason havia entrado em pânico enquanto procurava o carregador. Ele o conectara à tomada e... nada.

O silêncio dela era claro. Não se desistia de alguém desse jeito quando o amava. Continuava-se ligando. Deixava-se mensagens que dissessem algo mais profundo e pessoal do que *"Ei, me ligue"*. Pedia-se desculpas. Não se mandava uma estúpida mensagem de texto a cada vinte minutos dizendo "kd vc?". Batia-se na porta da pessoa e gritava a plenos pulmões para que ela por favor, por favor, abrisse.

Por que ela desistira dele?

Porque ele não tinha colhões. Foi isso o que ela dissera na última vez em que conversaram. Jason não era homem suficiente para fazer o que precisava ser feito. Não era homem suficiente para cuidar dela. Talvez tivesse razão. Ele estava *mesmo* com medo. Todas as vezes que falavam sobre o que iam fazer, ele tinha a sensação de que seus intestinos estavam sendo espremidos. Ele queria nunca ter falado com aquele babaca da cidade. Queria poder desfazer tudo — tudo o que tinham feito nas duas últimas semanas. Allison agia como se não tivesse nenhum problema com isso, mas ele sabia que ela também estava com medo. Ainda não era tarde demais. Eles ainda podiam dar para trás. Podiam fingir que não tinha acontecido. Se ao menos Allison visse que aquilo não podia dar em boa coisa. Por que Jason era a única pessoa metida naquela abominável confusão que parecia ter sido amaldiçoada com uma consciência?

De repente, ele ouviu um barulho lá fora. Abriu a porta e saiu para o corredor. Jason ficou ali parado no escuro, correndo os olhos à sua volta, como um louco. Não havia ninguém ali. Não estava sendo vigiado por ninguém. Ele só estava sendo paranoico. Levando-se em conta o número de Red Bulls que havia bebido e os dois pacotes de Cheetos que se encontravam em seu estômago, pesando como um tijolo, não era de se espantar que estivesse nervoso.

Jason voltou para o quarto. Abriu a janela para deixar entrar um pouco de ar. A chuva havia abrandado, mas o céu não mostrava o sol havia dias. Consultou o relógio ao lado da cama, sem ter certeza se era manhã ou noite. Dali a poucos minutos seria meia-noite. Um vento forte soprava, mas ele estava trancado no quarto havia tanto tempo que acolheu com satisfação o ar fresco, mesmo que estivesse frio o bastante para fazer seu hálito se condensar como uma nuvem na frente do rosto. Lá fora, podia ver o estacionamento dos alunos vazio. À distância, um cachorro latiu.

Sentou-se à mesa. Olhou para a luminária ao lado do laptop. A estrutura regulável estava quebrada. A cúpula pendia de dois arames, a cabeça baixa, como se envergonhada. A luz lançava estranhas sombras no quarto. Ele nunca gostara da escuridão. Fazia com que se sentisse vulnerável e solitário. Fazia com que pensasse em coisas nas quais não queria pensar.

O Dia de Ação de Graças estava chegando. Na semana anterior, Jason dera o telefonema habitual para a mãe, mas ela não estava interessada em vê-lo. Nunca estava. Jason era filho do primeiro casamento dela, com um homem que um dia saíra para tomar uma cerveja e nunca mais voltara. O segundo marido deixara claro desde o início que Jason não era filho dele. Tiveram três filhas que mal sabiam que Jason existia. Ele não era convidado para as reuniões de família. Não recebia convites para casamentos ou feriados. A única ligação da mãe com ele era através do Serviço Postal dos Estados Unidos. Ela lhe enviava um cheque de 25 dólares em todo aniversário e em todo Natal.

Era para Allison tornar as coisas diferentes. Era para eles passarem todos os feriados juntos. Era para criarem a própria família. Era o que haviam feito no último um ano e

onze meses. Iam ao cinema ou comiam comida chinesa enquanto o restante do planeta estava trancado com parentes de que não gostava, comendo o que não lhes apetecia. Era isso o que os unia — eram eles dois contra o mundo, cheios de uma harmônica alegria porque tinham um ao outro. Jason nunca soubera como era estar mesmo em uma coisa boa. Estava sempre de fora com o rosto pressionado contra a vidraça. Allison lhe dera isso e agora levara embora.

Ele nem sabia se ela ainda estava na cidade. Talvez tivesse ido para casa visitar a tia. Talvez tivesse fugido com outro cara. Allison era atraente. Ela podia arranjar coisa muito melhor do que Jason. Ele não ficaria surpreso se ela estivesse trepando com outro cara naquele momento.

Outro cara.

Esse pensamento o atravessou como uma faca. Pernas e braços enroscados, o cabelo comprido dela caindo sobre o peito de outro cara. Provavelmente um peito cabeludo, o tipo de peito que os homens tinham, não um peito pálido e côncavo que não mudara desde o início da adolescência. Esse outro cara teria colhões do tamanho de toranjas. Ele pegaria Allison nos braços e a devoraria como um animal, sempre que quisesse.

Como ela podia estar com outro cara? Jason soube desde a primeira vez que se beijaram que ia se casar com ela. Ele lhe dera aquele anel com a promessa de que, assim que aquilo tudo acabasse, compraria um melhor. Um de verdade. Será que Allison se esquecera disso? Ela podia mesmo ser tão cruel assim?

Jason ficou mordendo a língua, raspando-a contra os dentes da frente até sentir o gosto de sangue. Então se levantou e recomeçou a andar de um lado para o outro. A luminária quebrada acompanhava seus movimentos com uma lúgubre sombra que oscilava para a frente e para trás na parede. Seis passos em uma direção. Seis passos de volta. A sombra hesitou, parou e recomeçou, agarrando-se a Jason como um pesadelo. Ele ergueu as mãos, curvou os ombros, e a sombra se transformou em um monstro.

Jason baixou as mãos, pensando que ia ficar maluco se não parasse com aquilo.

Se ao menos conseguisse aguentar passar pelo feriado de Ação de Graças, tudo aquilo estaria acabado. Ele e Allison ficariam ricos, ou pelo menos não tão pobres. Tommy poderia comprar equipamento suficiente para começar o próprio negócio de jardinagem. Allison poderia deixar o emprego na lanchonete e se concentrar na faculdade. Jason iria... O que Jason faria?

Ele compraria aquele anel para Allison. Tiraria o outro cara com seu peito cabeludo idiota da cabeça, e então ele e Allison seguiriam em frente e viveriam suas vidas juntos. Poderiam se casar. Ter filhos. Ambos seriam cientistas, médicos. Poderiam comprar uma casa nova, carros novos, deixar o ar-condicionado a quinze graus o verão inteiro se quisessem. Os últimos três meses seriam uma lembrança distante, algo sobre o que falariam em dez, quinze anos, quando tivessem deixado tudo para trás. Estariam numa festa de jantar. Allison teria bebido um pouco demais. A conversa se voltaria para os loucos dias da faculdade, e os olhos dela cintilariam à luz das velas enquanto ela olhasse para Jason, um sorriso repuxando os lábios.

"Ah, fizemos mais do que isso", diria ela, e prosseguiria, chocando todos os presentes com aquela loucura toda em que tinham se metido nas últimas semanas.

Tudo não passaria disso — uma história para ser contada em festas, igual à que ele contava sobre a primeira vez em que o avô o levara para caçar patos e Jason

acidentalmente estropiara dois chamarizes.

Ele precisava terminar o trabalho da faculdade para que isso acontecesse. Não podia se resignar a simplesmente conseguir o diploma. Tinha de ser o melhor, o primeiro da turma, porque Allison não dizia isso, mas gostava de ter coisas boas. Gostava da ideia de poder entrar numa loja e comprar o que quisesse. Ela odiava ter de controlar o dinheiro até o último centavo todo mês. Jason não ia ser o tipo de marido que perguntava quanto um par de sapatos custara ou por que ela precisava de outro vestido preto. Ele ia ser o tipo de marido que ganhava tanto dinheiro que Allison poderia encher dez closets com roupas de grife e ainda sobraria dinheiro para ir a Cancún ou a Saint Croix ou aonde quer que as pessoas podres de ricas iam nos feriados em seus jatinhos particulares.

Jason pousou os dedos no teclado, mas não digitou. Sentia-se febril. A culpa sempre fora um problema para ele. Nenhuma punição que alguém pudesse lhe aplicar era pior do que a angústia causada pela decepção consigo mesmo. E ele *devia* mesmo estar decepcionado. Devia estar horrorizado com o que fizera. Devia ter protegido Allison daquilo tudo, dito a ela que, independentemente de quanto dinheiro estivesse envolvido, não valia a pena. Ele a colocara em perigo. E envolvera Tommy também, porque Tommy era tão burro que concordava com qualquer coisa desde que alguém o guiasse na direção certa. Jason era responsável por ambos. Devia proteger os amigos, não empurrá-los para o meio dos carros. Será que a vida deles valia mesmo tão pouco? Será que era a isso que tudo se resumia no fim das contas, vinte e tantos anos de vida por menos dinheiro do que um zelador ganhava?

— Não — disse ele, a voz abafada pelo uivo da chuva.

Não podia permitir que todos eles fossem arrastados para baixo por causa daquilo. Allison estava errada. Jason tinha colhões. Tinha colhões suficientes para fazer a coisa certa.

Em vez de fazer o trabalho da faculdade, ele abriu o navegador da internet. Uma busca rápida o levou ao lugar certo. Encontrou as informações de contato escondidas no mapa do site. Jason clicou no ícone para enviar um e-mail, mas mudou de ideia. Não queria que a mensagem fosse rastreada até ele. Era uma saída covarde, mas Jason preferia ser um covarde honesto a um delator encarcerado. Não havia como negar sua culpa naquilo tudo — extorsão, fraude, sabe-se lá o que mais. Os agentes federais seriam envolvidos. Aquilo talvez até fosse considerado tentativa de homicídio.

Jason abriu a conta do Yahoo que usava para ver vídeos pornô e colou o endereço de contato no e-mail. Enquanto escrevia, falava em voz alta:

— Não sei se você é a pessoa certa para falar sobre isso, mas tem uma coisa muito errada acontecendo no condado de Grant, em seu... — A voz de Jason foi perdendo a força enquanto ele procurava a palavra certa. Seria um lugar? Uma localização? Instituição?

— Ei.

Jason levantou a cabeça bruscamente, surpreso.

— Você quase me matou de susto.

Ele procurou o mouse às pressas para fechar o navegador.

— Você está bem?

Jason olhou, nervoso, para o computador.

— O que você está fazendo aqui?

O programa de e-mail imbecil estava perguntando se ele queria salvar o que escrevera. Jason tornou a mexer no mouse para minimizar a página. O programa continuava perguntando se ele queria salvar.

— O que você está escrevendo?

— Coisa da faculdade. — Em vez de clicar Salvar, Jason pressionou a tecla Delete. O programa fechou. Dava para ouvir a ventoinha do laptop estalando, tentando esfriar o processador o suficiente para completar a solicitação. O trabalho apareceu num lampejo, então desapareceu. A tela ficou escura.

— Merda — sussurrou. — Não, não, não...

— Jason.

— Me dê só um minuto. — Jason pressionou a barra de espaço, tentando acordar o computador. Às vezes bastava isso. Às vezes, ele só precisava saber que Jason estava prestando atenção.

— Você pediu isso.

— O qu... — Jason caiu para a frente, a mandíbula se fechando bruscamente no momento em que o rosto bateu com violência no computador. O plástico estava quente de encontro ao seu rosto. Um líquido escuro começou a se acumular em torno das teclas. Ocorreu-lhe o louco pensamento de que o computador estava machucado, sangrando.

Uma rajada de vento entrou pela janela aberta. Jason tentou tossir. A garganta não obedecia. Ele tornou a tossir. Alguma coisa molhada e grossa saiu de sua boca. Ele olhou, pensando que parecia ser um pedaço de carne de porco. Uma carne rosada. Crua.

Jason engasgou.

Estava olhando para a própria língua.

TERÇA-FEIRA

9

Will sentiu-se como um ladrão ao se esgueirar pelo quintal dos Lintons e entrar em seu Porsche. Pelo menos a chuva forte lhe dava uma desculpa para manter a cabeça baixa e andar rápido. Enfiou a chave na fechadura e já estava dentro do carro quando se deu conta de que havia algo preso no limpador do para-brisa. Deixou escapar um gemido. Em seguida abriu a porta e tentou alcançar o limpador, mas seu braço não era comprido o suficiente. Quando tornou a sair do carro para pegar o saco plástico de sanduíche, a manga já estava quase ensopada.

Alguém lhe deixara um bilhete. O papel estava dobrado ao meio, protegido pelo plástico. Will olhou à sua volta, tentando ver alguém na rua. Não havia ninguém passando, o que não era nenhuma surpresa, considerando-se o tempo horrível. Tampouco havia carros estacionados com o motor ligado. Will abriu o saco. Captou o sopro de um aroma familiar.

Sabonete de luxo.

Fitou o pedaço de papel dobrado, perguntando-se se Sara estaria fazendo algum tipo de brincadeira. Ele andara de um lado para o outro no apartamento da família acima da garagem por metade da noite, repassando em sua mente os últimos cinco minutos da conversa deles. Ela não tinha dito nada, na verdade. Ou tinha? Havia definitivamente algo em seus olhos. Alguma coisa havia mudado entre eles, e não era uma mudança boa.

Além da mulher de Will, só havia outras duas pessoas em sua vida que sabiam sobre sua dislexia. Ambas haviam encontrado um jeito todo especial de infernizar sua vida por causa disso. Amanda Wagner, sua chefe, de vez em quando tinha umas tiradas sobre ele, na melhor das hipóteses, ser profissionalmente incompetente e, na pior, mentalmente incapacitado. Faith era mais bem-intencionada, porém intrometida demais. Uma vez, ela infernizara Will com tantas perguntas sobre seu distúrbio que ele parara de falar com ela por dois dias inteiros.

Sua mulher, Angie, era uma combinação das duas reações. Crescera com Will, ajudara-o a fazer os trabalhos da escola e a preencher formulários. Era ela quem revisava seus relatórios e cuidava para que ele não parecesse um chimpanzé retardado. Ela também era propensa a oferecer ajuda em troca de coisas que queria. E nunca eram coisas boas. Pelo menos, não para Will.

Cada uma à sua maneira, as três mulheres deixavam claro que achavam que havia alguma coisa errada com ele. Que alguma coisa não estava muito certa com sua cabeça.

Com seu modo de pensar. Com sua maneira de lidar com as coisas. Não era pena que tinham dele. Will tinha certeza de que Amanda nem mesmo gostava dele. Mas elas o tratavam de maneira diferente. Tratavam-no como se ele tivesse uma doença.

O que Sara faria? Talvez nada. Will não tinha nem mesmo certeza se ela havia descoberto. Ou talvez ele estivesse apenas se enganando. Sara era esperta — isso era parte do problema. Era muito mais esperta do que ele. Será que ele tinha se entregado? Será que ela contava com algum tipo de instrumento médico especial para apanhar idiotas desprevenidos? Ele tinha de ter dito ou feito alguma coisa que o entregara. Mas o quê?

Will olhou para a casa dos Lintons a fim de se certificar de que ninguém o estava observando. Sara havia desenvolvido um estranho hábito de ficar à espreita por trás de portas fechadas. Ele desdobrou a folha de caderno. Havia uma carinha sorridente no pé da folha.

Por acaso ela pensava que ele era uma criança? Tinha ficado sem estrelinhas douradas para colar na página?

Ele pressionou os dedos sobre os olhos, sentindo-se idiota. Não havia nada de sexy em um homem de 35 anos que mal era alfabetizado.

Ele tornou a olhar o bilhete.

Felizmente, Sara não escrevera com letra cursiva. Tampouco tinha letra de médico. Will pôs o dedo sob cada letra, movendo os lábios enquanto lia.

— Est... — Seu coração deu uma cambalhota dupla dentro do peito, mas ele rapidamente compreendeu seu erro. — Estarei na funerária. — Em seguida vinham números, que nunca tinham sido problema para ele.

Ele voltou a olhar para a porta da casa. Não havia ninguém à janela. Leu o bilhete novamente. "Estarei na funerária 11:30."

E uma carinha sorridente porque, pelo visto, ela achava que ele tinha uma deficiência intelectual.

Will enfiou a chave na ignição. Obviamente, se referia ao horário das autópsias. Mas seria também um tipo de teste para ver o quanto ele conseguia ler? A ideia de Sara Linton examinando-o como um rato de laboratório o fez querer fazer as malas e mudar-se para Honduras. Ela sentiria pena dele. Pior: talvez tentasse ajudá-lo.

— Olá!

Will deu um pulo tão grande que bateu a cabeça no teto do carro. Cathy Linton estava parada ao lado do carro com uma expressão agradável no rosto. Estava protegida por um guarda-chuva grande e fez um gesto para que ele baixasse a janela.

— Bom dia, Sr. Trent. — Ela era toda sorrisos novamente, mas ele já caíra em sua conversa de doce senhora sulista.

— Bom dia, Sra. Linton.

A respiração dela era visível no frio.

— Espero que tenha dormido bem.

Ele olhou na direção da casa, perguntando-se por que essa era a única hora em que Sara não estava espreitando atrás da porta.

— Sim, senhora. Obrigado.

— Acabei de voltar da minha caminhada. O exercício é a melhor maneira de começar o dia. — Ela tornou a sorrir. — Não vai entrar e tomar café conosco?

Seu estômago roncou tão alto que ele teve certeza de que o carro sacudira. A barrinha

de cereais que ele havia encontrado no fundo da mala naquela manhã não fora exatamente o bastante para ele. Uma mulher como Cathy Linton saberia como fazer um bom pãozinho fresco sulista. Haveria manteiga e presunto. Provavelmente mingau de milho. Ovos. Hambúrguer de linguiça. Era como se ela o estivesse convidando para entrar na floresta e visitar sua casinha feita de doces.

— Sr. Trent?

— Não, senhora. Preciso ir trabalhar, mas agradeço.

— O jantar, então. — Ela tinha um jeito de dizer coisas que inicialmente pareciam uma sugestão, mas acabavam sendo uma ordem. — Espero que o apartamento não tenha tornado a noite muito desagradável.

— Não, senhora. Estava ótimo.

— Vou até lá mais tarde fazer uma limpeza. Eddie e eu não usamos o lugar desde que as meninas foram embora. Estremeço só de pensar no estado em que deve estar.

Will pensou nas roupas sujas que deixara empilhadas no sofá. Colocara-as na mala em Atlanta pensando em lavar tudo no hotel.

— Está tudo bem. Eu...

— Bobagem. — Ela bateu a mão na porta do carro, como um juiz aprovando um decreto. — Não posso deixá-lo respirar aquela poeira toda.

Ele sabia que não havia como impedi-la.

— Só... hã... só ignore a minha bagunça. Por favor. Me desculpe.

O sorriso dela tornou-se bem mais gentil do que o que ele vira até agora. Naquele momento percebeu de quem Sara herdara a beleza. Cathy estendeu a mão para o interior do carro e a pousou delicadamente no braço dele. Sara havia tocado seu braço muitas vezes na noite passada. Eram obviamente uma família que cultivava o contato físico, o que era tão estranho para Will quanto se tivessem vindo de Marte.

Ela apertou seu braço.

— O jantar é servido às sete e meia em ponto.

Ele assentiu.

— Obrigado.

— Não se atrase. — O sorriso dela voltou ao que ele estava mais familiarizado. Então ela piscou para ele antes de dar meia-volta e seguir para a casa.

Will fechou a janela, ligou o carro e subiu a rua, lembrando-se tarde demais de que estava indo na direção errada. Ou talvez não. Sara lhe dissera que Lakeshore era um grande círculo. Ultimamente Will havia andado em círculos suficientes para uma vida inteira, mas não ia correr o risco de passar pela casa dos Lintons outra vez.

A rua estava vazia e ele deduziu que isso se devia ao fato de ser muito cedo. Will havia planejado chegar à delegacia antes que a maioria dos policiais começasse o turno. Queria parecer disposto e alerta. Queria que sentissem que estava no pé deles.

Will reduziu a velocidade ao fazer uma curva. A rua mais parecia um riacho, a água da chuva cobrindo o asfalto. Ele manobrou o Porsche para o lado oposto da rua no intuito de manter o piso do carro fora d'água. Will gastara dez anos de sua vida e uma boa parte de suas economias restaurando o veículo à mão. A maior parte desse período ele passara debruçado sobre manuais e diagramas, tentando descobrir como o carro funcionava. Havia aprendido a soldar. Aprendera a fazer lanternagem. E aprendera que não gostava particularmente de nenhum dos dois.

O motor era bom, mas as marchas eram temperamentais. Ele sentiu a embreagem deslizar ao reduzir a marcha. Assim que se viu fora d'água, pôs o carro em ponto morto, pensando em deixar o chassi drenar, perguntando-se se tal coisa seria possível. Adiante, uma caixa de correio azul, com o logo da Universidade de Auburn pintado, era sacudida pelo vento forte. Lembrou-se do primeiro número da casa que Sara havia escrito na parte externa da pasta quando estava lhe dando o endereço da casa dos pais. Will sempre tivera memória boa para números.

Em Atlanta, Sara morava na antiga fábrica de laticínios, um daqueles complexos industriais transformados em lofts luxuosos durante o boom imobiliário. Ele havia observado na ocasião que o lugar não parecia ser, de fato, o tipo de residência para ela. As linhas eram duras demais. A mobília, sofisticada demais. Ele imaginara que ela morasse em um lugar agradável e acolhedor, mais como um chalé.

Estava certo.

A caixa de correio de Auburn pertencia a uma casa comprida de um único andar, com plantas crescendo de forma descontrolada no quintal da frente. Sara havia morado junto ao lago, e a claridade do céu era suficiente para que Will visse o glorioso aspecto do quintal dos fundos. Ele se perguntou como teria sido a vida de Sara quando morava ali. Ela não lhe parecia ser o tipo de esposa que teria o jantar e um martíni à espera do marido quando ele chegasse em casa, mas talvez tivesse desempenhado esse papel ocasionalmente por gentileza. Algo nela indicava uma tremenda capacidade de amar.

A luz da varanda se acendeu. Will engatou o carro e continuou a circundar o lago. Passou direto pela saída para a Main Street e teve de voltar. Sentiu a aliança de casamento em sua mão, fazendo uma anotação mental de que a saída seria daquele lado. Com o passar dos anos, ele havia treinado a mente para reconhecer o relógio, não a aliança. Provavelmente porque o relógio era mais permanente.

Will havia conhecido Angie Polaski quando tinha 8 anos. Angie tinha 3 e fora jogada no sistema porque a mãe tomara uma overdose de uma sinistra combinação de heroína e anfetamina. Com Diedre Polaski caída em coma no banheiro, Angie ficara sob os cuidados do cafetão da mãe. Por fim, alguém havia chamado a polícia. Diedre foi ligada a aparelhos de suporte de vida no hospital público, onde continuava até hoje, e Angie foi enviada para o Lar para Crianças de Atlanta pelos sete anos que lhe restavam de uma infância já perdida. Will se apaixonara por ela à primeira vista. Aos 11, ela já tinha o pavio muito curto e os olhos injetados de ódio. Quando não estava batendo punheta para os meninos no armário de casacos, estava esmurrando-os, com punhos previsivelmente muito rápidos.

Will a amara por sua ferocidade, e quando essa ferocidade o esgotara, ele se agarrara a ela por sua familiaridade. No ano anterior, ela se casara com ele como resposta a um desafio depois de anos de promessas vazias. Ela o traía. Ela o empurrava até seu limite, então cravava as garras na carne dele e o puxava de volta. Seu relacionamento com Angie era abusivamente instável. Ela entrava e saía da vida dele a seu bel-prazer e fazia dele gato e sapato.

Will encontrou a Main Street depois de errar o caminho algumas vezes. A chuva não estava mais caindo torrencialmente, portanto ele conseguia enxergar as lojinhas que ladeavam a rua. Uma delas era claramente uma loja de ferragens. A outra parecia uma loja de roupas femininas. Bem em frente à delegacia havia uma lavanderia. Will lembrou-

se de sua roupa suja empilhada no sofá. Talvez encontrasse tempo para voltar lá sem ser visto e pegá-la. Em geral, trabalhava de terno e gravata, mas nessa manhã não tivera muitas opções. Só lhe restavam uma camisa e duas cuecas. Seus jeans estavam suficientemente limpos para resistirem a mais um dia. O suéter era o mesmo que usara na noite anterior, mas a caxemira não reagira bem à chuva. Ele sentia a lã apertar todas as vezes que flexionava os ombros.

Will parou na vaga mais distante da porta de entrada, entrando de ré para que o Porsche ficasse virado para a rua. Do outro lado da rua, situado diagonalmente à delegacia, ele viu um prédio comercial baixo, com a fachada de tijolos de vidro. A placa da frente desbotada mostrava um ursinho segurando balões de gás. Provavelmente uma creche. Uma viatura da polícia desceu a rua, mas não parou, seguindo adiante e passando pelos portões do que deveria ser a faculdade. O carro de Will era o único no estacionamento. Ele supôs que Larry Knox estivesse na delegacia, ou talvez tivessem lhe dado uma dispensa quando Will saíra na noite anterior. De uma forma ou de outra, não ia passar os próximos vinte minutos de pé na chuva, diante da porta trancada.

Ligou para o número de Amanda Wagner, nutrindo a tênue esperança de que ela ainda não tivesse chegado ao escritório.

Deu azar. A própria Amanda atendeu o telefone.

— Sou eu, Will — disse ele. — Estou em frente à delegacia.

Amanda nunca dava a ninguém o benefício da dúvida, muito menos a Will.

— Você acabou de chegar aí?

— Eu estive aqui ontem à noite. — Ele sentiu um ligeiro alívio. No fundo de sua mente, estivera preocupado com a possibilidade de Sara ligar para Amanda e pedir a ela que Will fosse tirado do caso. Ela iria querer o melhor que o GBI tinha a oferecer, não um analfabeto funcional com uma mala cheia de roupas sujas.

O tom de Amanda foi cortante.

— Me atualize logo, Will. Não tenho o dia todo.

Ele contou a história de Sara: que ela recebera um telefonema de Julie Smith, depois outro de Frank Wallace. Que fora à delegacia e encontrara Tommy Braham morto. Não falou sobre a mágoa de Sara em relação a Lena Adams, passando direto para as canetas Cross que Jeffrey Tolliver tinha dado à sua equipe.

— Tenho certeza de que a carga de tinta que Braham usou veio de uma dessas canetas.

— Boa sorte para descobrir de quem. — Amanda puxou o mesmo fio que Will avistara. — Não tem como saber exatamente quando Tommy Braham morreu... se antes ou depois de Frank Wallace ter ligado para Sara.

— Vamos ver o que a autópsia revela. A Dra. Linton é quem vai fazer.

— Eis um raio de sol em um dia sombrio.

— É bom ter alguém aqui que sabe o que está fazendo.

— Esse não deveria ser você, Will?

Ele deixou o comentário passar sem responder.

— Qual a sua impressão sobre o homicídio de Allison Spooner? — perguntou ela.

— Estou entre duas possibilidades. Talvez tenha sido Tommy Braham. Ou talvez o assassino dela esteja presumindo que se safou impunemente.

— Bem, descubra isso e volte rápido para cá, porque não vão gostar muito de você se provar que ele é inocente.

Ela tinha razão. Uma coisa que os policiais odiavam mais do que bandidos era que provassem que estavam errados em relação aos criminosos. Will vira um detetive de Atlanta quase ter convulsões enquanto argumentava que o exame de DNA que absolvia seu suspeito só podia estar errado.

— Liguei para o Macon General hoje de manhã — disse Amanda. — Brad Stephens teve de voltar a ser operado. Deixaram passar um ponto de hemorragia da primeira vez.

— Ele está bem?

— Estão sendo cautelosos com o prognóstico. Ele está sendo mantido sedado, portanto não vai falar com ninguém por enquanto.

— Tenho certeza de que não vai se lembrar de nada útil exceto que seus colegas policiais salvaram sua vida.

— Seja lá como for, ele ainda é um policial. Você precisa ir lá em algum momento e ser solidário. Doar sangue. Comprar uma revista para ele.

— Sim, senhora.

— Qual é o seu plano?

— Vou ver se descubro alguma coisa por aqui agora de manhã. Faith está tentando rastrear Julie Smith e Carl Phillips. Falar com eles é minha prioridade, mas primeiro temos de encontrá-los. Quero ver o lago onde Spooner foi encontrada, depois ir ver a garagem onde ela morava. Tenho a sensação de que o assassinato dela está no centro disso. O que quer que estejam escondendo de mim tem a ver com a morte dela.

— Você não acha que eles estão enrolando por causa do suicídio?

— Pode ser, mas meus instintos me dizem que há outra coisa por trás disso.

— Ah, sua famosa intuição feminina. — Amanda nunca perdia uma oportunidade de insultá-lo. — E quanto a Adams?

— Vou mantê-la por perto.

— Eu a encontrei uma vez. Vai ser osso duro de roer.

— É o que me dizem.

— Ligue de volta no fim do dia para me atualizar.

Ela desligou o telefone antes que Will pudesse responder. Ele passou os dedos pelos cabelos, perguntando-se se estavam molhados de chuva ou de suor.

Pela segunda vez naquela manhã, Will deu um salto quando alguém bateu na janela do seu carro. Dessa vez quem o abordava era um homem negro idoso, que ficou parado ao lado da porta do passageiro, rindo da reação de Will. Ele fez um movimento giratório com o braço. Will se inclinou e abriu a porta.

— Entre, saia da chuva — ofereceu Will, pensando que o homem era o primeiro rosto não branco que ele via desde sua chegada ao condado de Grant. Não queria fazer suposições, mas teria apostado metade de seu contracheque que os afro-americanos da cidade não costumavam abordar investigadores bem na frente da delegacia de polícia.

O homem gemeu ao sentar-se na poltrona. Will viu que ele usava uma bengala. Sua perna era rígida e se dobrava estranhamente no joelho. A chuva pingava de seu casaco pesado. Uma leve névoa agarrava-se à barba grisalha. Ele não era tão velho quanto Will pensara a princípio — uns 60 e poucos, talvez. Quando ele falou, sua voz era como uma lixa raspando no cascalho.

— Lionel Harris.

— Will Trent.

Lionel tirou a luva, e eles trocaram um aperto de mãos.

— Meu pai era chamado de Will. Apelido de William.

— Eu também — disse Will, embora não fosse o que dissesse sua certidão de nascimento.

Lionel apontou para a rua.

— Papai trabalhou na lanchonete por 43 anos. O velho Pete a fechou em 2001. — Ele passou a mão pelo painel de couro. — De que ano é?

Will presumiu que ele se referia ao carro.

— É de 1979.

— Você fez o trabalho todo sozinho?

— É assim tão óbvio?

— Não — disse ele, embora tivesse percebido o defeito no couro embaixo do puxador do porta-luvas. — Você fez um bom trabalho, filho. Um ótimo trabalho.

— Suponho que você tenha interesse em carros...

— Minha mulher lhe diria que tenho interesse até demais para o meu próprio bem. — Ele olhou significativamente para a aliança de casamento de Will. — Você conhece Sara há muito tempo?

— Não muito.

— Ela cuidou do meu neto. Ele tinha uma asma muito grave. Ela corria para atendê-lo no meio da noite. Às vezes ainda de pijama.

Will tentou não pensar em Sara de pijama, embora ele imaginasse, pela história de Lionel, que provavelmente não se tratava do tipo de pijama que sua mente havia evocado.

— Sara é de boa família. — Ele correu o dedo pelo acabamento da porta, em cujo revestimento, felizmente, Will fizera um trabalho melhor. Lionel pareceu concordar. — Você aprendeu com os erros. Fez uma boa dobra neste canto aqui.

— Levei meio dia nisso.

— Valeu cada minuto — aprovou ele.

Will sentiu-se tolo ainda quando formulava a pergunta:

— Seu filho não é Carl Phillips, é?

Lionel deu uma risada profunda de satisfação.

— Porque ele é preto e eu sou preto...

— Não — interrompeu-o Will. — Bem, sim. — Ele se sentiu desconfortável ao explicar: — Não parece haver muitos representantes de minorias étnicas por aqui.

— Acho que, vindo de Atlanta, você teve certo choque cultural.

Ele tinha razão. Em Atlanta, a pele clara de Will o tornava minoria. O condado de Grant era um nítido contraste.

— Desculpe.

— Tudo bem. Você não é a primeira pessoa a fazer isso. Carl frequenta a minha igreja, mas eu não o conheço muito bem.

Will tentou mudar de assunto.

— Como sabe que sou de Atlanta?

— A placa do carro diz condado de Fulton.

Will sorriu, paciente.

— Muito bem, você me pegou — disse Lionel. — Você está aqui para investigar o caso do Tommy?

— Sim, senhor.

— Ele era um bom garoto.

— O senhor o conhecia?

— Eu o via muito na cidade. Era o tipo de garoto que fazia uns trinta tipos diferentes de trabalho: cortava grama, passeava com cachorros, levava o lixo, ajudava as pessoas nas mudanças. Praticamente todos na cidade o conheciam.

— Como vocês reagiram ao fato de ele ter esfaqueado Brad Stephens?

— Como era de se esperar. Ficamos confusos. Com raiva. Divididos entre pensar que houve algum erro e pensar... — Sua voz falhou. — Ele era um pouco perturbado na cabeça.

— Ele nunca foi violento antes?

— Não, mas nunca se sabe. Talvez alguma coisa tenha desencadeado isso, deixado ele louco.

Na experiência de Will, as pessoas ou tinham uma propensão à violência ou não tinham. Ele não achava que Tommy Braham fosse uma exceção.

— Acha que foi isso que aconteceu... que ele simplesmente surtou?

— Não sei o que pensar a respeito de mais nada, e essa é a mais pura verdade. — Ele dirigiu a Will um olhar cansado. — Meu Deus, hoje estou me sentindo velho.

— Esse tempo penetra nos ossos da gente — concordou Will. Havia muitos anos ele tinha quebrado a mão, e, todas as vezes que o tempo esfriava assim, seus dedos doíam. — O senhor morou aqui a vida toda?

Lionel tornou a sorrir, mostrando os dentes.

— Quando eu era garoto, as pessoas chamavam o lugar onde morávamos de Colored Town. — Ele virou-se para Will. — Dá para acreditar nisso? Colored Town, e agora moro em uma rua com um punhado de professores universitários. — Ele deu uma risada. — Muita coisa mudou em cinquenta anos.

— A força policial também?

Lionel fitou Will abertamente, como se tentasse decidir o quanto dizer. Finalmente, pareceu chegar a uma conclusão.

— Ben Carver era o chefe quando saí da cidade. Eu não fui o único jovem negro que achou uma boa ideia ir embora enquanto podia. Me alistei no Exército e consegui isto como recompensa. — Ele bateu na perna, produzindo um som oco, e Will percebeu que o homem usava uma prótese. — Laos. Em 1974. — Lionel fez uma pausa por um minuto, como se para refletir sobre sua perda. — Havia dois tipos de vida para as pessoas naquela época, assim como havia dois tipos de lei sob o comando do chefe Carver: uma para os negros e outra para os brancos.

— Ouvi dizer que Carver se aposentou.

Lionel assentiu, aprovando.

— Tolliver.

— Ele era um bom policial?

— Nunca conheci o homem, mas posso lhe dizer uma coisa: há muito tempo, meu pai trabalhava na lanchonete quando uma professora da faculdade foi assassinada. Todos viam um rosto negro e faziam suas suposições. O chefe Tolliver passou a noite na casa do meu pai só para se assegurar de que ele acordaria na manhã seguinte.

— Foi tão ruim assim?

— O chefe Tolliver era bom assim. — Lionel acrescentou: — Allison também era uma boa menina.

Will teve a sensação de que eles haviam finalmente chegado à razão da visita inesperada de Lionel.

— O senhor a conhecia?

— Eu agora sou o dono da lanchonete. Acredita? — Ele balançou a cabeça, como se ele mesmo ainda não conseguisse acreditar. — Voltei há alguns anos e a comprei de Pete.

— Os negócios vão bem?

— Foram devagar no início, mas hoje em dia estamos quase sempre lotados. Minha mulher faz a contabilidade. Às vezes minha irmã ajuda, mas é melhor quando ela não vai.

— Qual foi a última vez que viu Allison?

— Sábado à noite. Fechamos aos domingos. Acho que, com exceção de Tommy, fui uma das últimas pessoas a vê-la com vida.

— Como ela estava?

— O mesmo de sempre. Cansada. Feliz com o fim do expediente.

— Como ela era?

Ele engoliu em seco e esperou alguns instantes para se recompor antes de continuar.

— Eu nunca contrato os garotos da faculdade. Eles não sabem falar com as pessoas. Só sabem digitar em seus computadores e telefones. Não têm nenhuma ética de trabalho e nunca nada é culpa deles, mesmo que sejam pegos em flagrante. Mas Allison era diferente.

— Em que sentido?

— Ela sabia trabalhar para sobreviver. — Ele apontou para os portões abertos na extremidade da Main Street. — Nenhum garoto ou garota dessa faculdade sabe o que é ter um dia de trabalho honesto. A economia atual é o chamado para que acordem. Vão ter de aprender da forma mais difícil que um emprego é algo que se conquista, não algo que lhes é dado.

— Sabe alguma coisa sobre a família de Allison? — perguntou Will.

— A mãe dela morreu. Tinha uma tia de quem não falava muito.

— Namorado?

— Tinha um, mas ele nunca a incomodava no trabalho.

— Sabe o nome dele?

— Ela nunca mencionava o garoto, só *en passant*, como quando eu perguntava o que ela ia fazer durante o fim de semana e ela respondia que ia estudar com o namorado.

— Ele nunca ligava para ela ou a deixava no trabalho? Nenhuma vez?

— Nunca — confirmou ele. — Ela tinha consciência de que eu estava pagando pelo seu tempo, sabe? Eu nunca a via no celular. Nunca apareciam amigos para tomar o seu tempo. Para Allison, era trabalho, e ela sabia que precisava cuidar das coisas.

— Ela ganhava bem?

— Claro que não. — Ele riu do que devia ter sido uma expressão de surpresa no rosto de Will. — Eu não pago muito, e meus clientes são avarentos... a maior parte velhos e policiais, às vezes alunos da faculdade que acham engraçado fugir sem pagar a conta. Ou tentar fugir. Tem de ser bem idiota para achar que vai escapar da conta em um lugar cheio de policiais.

— Ela andava com alguma bolsa ou mochila?

— Tinha uma bolsa de livros cor-de-rosa com uma borla no zíper. Deixava no carro

quando estava trabalhando. Menos a carteira. Ela não era uma dessas garotas excessivamente vaidosas que não conseguem ficar longe de um espelho.

— Percebeu alguém suspeito abordá-la? Clientes atenciosos demais?

— Eu mesmo teria cuidado disso. Não que precisasse. Aquela garota era safa. Sabia cuidar de si mesma.

— Ela andava com alguma arma? Quem sabe um spray de pimenta ou um canivete?

— Não que eu saiba. — Ele ergueu as mãos. — Mas não quero que fique com a impressão de que ela era dura. Era uma garota muito doce, só queria conviver bem com as pessoas. Não era dada a confrontos, mas sabia se defender quando era necessário.

— A atitude dela havia mudado recentemente?

— Ela parecia um pouco mais estressada do que o normal. Perguntou algumas vezes se podia estudar quando o movimento estivesse devagar. Não me entenda mal: sou um patrão tranquilo, desde que você faça o seu trabalho. Eu deixava que ela abrisse os livros quando não estávamos ocupados. E garantia que ela fizesse uma boa refeição antes de ir para casa.

— Sabe que carro ela tinha?

— Um velho Dodge Daytona, com placa do Alabama. Você se lembra deles? Montados sobre a plataforma do Chrysler G. Tração dianteira, um tanto baixo.

— Quatro portas?

— Hatch. Os pistões estavam estourados. Ela mantinha o porta-malas amarrado com uma corda elástica. Acho que era de 1992, 1993. — Ele deu um tapinha na cabeça. — A memória não é mais tão boa quanto era antigamente.

— Que cor?

— Vermelho, pode-se dizer. A maior parte é primer e ferrugem. Cuspia fumaça do cano de descarga toda vez que ela ligava o motor.

— Onde ela estacionava?

— Atrás da lanchonete. Verifiquei hoje de manhã. Não está lá.

— Alguma vez ela voltou a pé do trabalho para casa?

— Às vezes voltava, quando o tempo estava bom, mas há muito tempo que isso não acontece, e ela não estava indo para casa. — Ele apontou para trás deles. — O lago fica para lá. Atrás da delegacia. Atrás da lanchonete. — Ele apontou para o outro lado da rua. — Quando ela ia para casa a pé, sempre pegava aquela direção, saindo pela porta da frente.

— Conhece Gordon Braham?

— Acredito que ele trabalhe para a companhia de eletricidade. E namora a mulher que trabalha na loja de 1,99 que fica em frente à lanchonete. Eles aparecem para almoçar a cada três dias, mais ou menos.

— O senhor parece saber um bocado sobre as pessoas.

— Moramos numa cidade pequena, Sr. Trent. Todos sabem muito sobre a vida dos outros. É por isso que vivemos aqui. Mais barato do que TV a cabo.

— Quem o senhor acha que matou Allison?

Lionel não pareceu surpreso com a pergunta, mas deu a resposta esperada.

— A polícia diz que foi Tommy Braham.

— E o que o senhor acha?

Ele olhou para o relógio.

— Acho que é melhor eu ir ligar a grelha antes que a turma do café da manhã chegue. — Ele pôs a mão na porta, mas Will o deteve.

— Sr. Harris, se acha que alguém...

— Eu não sei o que pensar — admitiu ele. — Se não foi Tommy, então por que ele esfaquearia Brad? E por que se mataria?

— O senhor acha que não foi ele. — Will não estava fazendo uma pergunta.

Lionel deixou escapar outro suspiro cansado.

— Acho que sou um pouco como o velho chefe Carver. Existe gente boa e existe gente ruim. Allison era boa. Tommy era bom. Pessoas boas podem fazer coisas ruins, mas não tão ruins assim.

Ele se preparou novamente para sair.

— Posso fazer uma pergunta... — Will esperou até que o homem tivesse se virado de volta para ele. — Por que veio falar comigo?

— Porque eu sabia que Frank não viria bater na minha porta. Não que eu possa dizer muita coisa a você, mas queria falar alguma coisa a favor da garota. Ela não tem ninguém falando por ela neste momento. Tudo se resume a Tommy e por que ele faria uma coisa dessas, mas ninguém fala de Allison e de como era uma boa garota.

— Por que acha que o chefe Wallace não ia querer falar com o senhor?

— Conheceu o patrão antigo? É igual ao patrão novo.

Will sabia que ele não estava se referindo a Jeffrey Tolliver.

— Ben Carver?

— Frank e Ben... são farinha do mesmo saco. Farinha branca, se é que me entende.

— Acho que sim.

Lionel ainda estava com a mão na maçaneta.

— Quando voltei para a cidade, depois que papai morreu, vi que muitas pessoas haviam mudado. Por fora, quero dizer, não por dentro. Você precisa passar por um tipo especial de inferno ou de amor para mudar quem é por dentro. Por fora, a história é totalmente diferente. — Ele esfregou a barba, provavelmente pensando no seu tom grisalho. — Por exemplo, a Srta. Sara, ela ficou mais bonita. O pai dela, o Sr. Eddie, está com mais pelos brotando das sobrancelhas. Minha irmã ficou mais velha e mais gorda, o que nunca é uma boa combinação para uma mulher.

— E Frank?

— Ele ficou cuidadoso — disse Lionel. — Posso não estar mais morando em Colored Town, mas ainda me lembro da sensação de ter o pé daquele homem no meu pescoço. — Ele puxou a maçaneta da porta. — Arranje uma pistola de calor e aplique só um pouquinho nesse couro do seu porta-luvas, então você vai conseguir tirar esse defeito. — Ele moveu a perna com a mão para conseguir sair do carro. — Mas só um pouquinho. Se aplicar calor demais, pode abrir um buraco aí. — Ele fitou Will de modo que ficasse bem claro o que queria dizer. — Não exagere no calor, filho.

— Agradeço seu conselho.

Lionel saiu do Porsche com dificuldade, agarrando o teto e erguendo o corpo. Ele se equilibrou com a ajuda da bengala e estendeu o braço, como um ginasta finalizando a apresentação num "tan-tan", antes de fechar a porta com delicadeza.

Will observou Lionel apoiar-se pesadamente na bengala ao seguir pela rua. Ele parou em frente à loja de ferragens para conversar com um homem que varria a calçada. A

chuva havia diminuído, e eles não pareciam com pressa. Will imaginou que estivessem falando de Allison Spooner e Tommy Braham. Em um lugar tão pequeno quanto o condado de Grant, não havia mais nada para ocupar a mente das pessoas.

Um velho Cadillac parou no estacionamento. Mesmo à distância, a música gospel zumbiu nos ouvidos de Will. Marla Simms estacionou o carro o mais distante que pôde do de Will. Ela verificou a maquiagem no espelho, arrumou os óculos — fez todas as coisas que tornavam óbvio o fato de que o estava ignorando —, antes de saltar do carro.

Ele atravessou o estacionamento para ir ao encontro dela, pondo na voz o máximo de animação que conseguia.

— Bom dia, Sra. Simms.

Ela lhe dirigiu um olhar desconfiado.

— Não chegou ninguém ainda.

— Estou vendo. — Ele ergueu a maleta. — Pensei em entrar e me instalar. Se não se importar de me trazer as provas recolhidas no lago e qualquer coisa que estivesse com Tommy Braham...

Marla não se deu ao trabalho de responder ao mover o ferrolho da porta. Acendeu as luzes e entrou no saguão. Mais uma vez, inclinou-se sobre o portão, que se abriu com um zumbido, deixando-a passar. Will segurou a porta antes que se fechasse.

— Está frio aqui — disse Will. — Algum problema com a calefação?

— A calefação está ótima — replicou ela, em tom defensivo.

— É nova?

— Eu tenho cara de quem trabalha para a companhia de calefação?

— Sra. Simms, eu estaria mentindo se não dissesse que a senhora parece ser alguém que sabe tudo o que acontece nesta delegacia, senão na cidade inteira.

Ela emitiu um resmungo ao pegar a jarra da cafeteira.

— A senhora conhecia Tommy Braham?

— Sim.

— Como ele era?

— Lento.

— E quanto a Allison Spooner?

— Não era lenta.

Will sorriu.

— Quero lhe agradecer, Sra. Simms, por aqueles relatórios de ocorrências que a senhora enviou para minha parceira ontem à noite. Mostram um interessante padrão de comportamento de Tommy. Ele vinha tendo problemas de temperamento ultimamente. Era isso que a senhora queria que eu soubesse?

Ela lhe lançou um olhar por cima dos óculos, mas sua boca se manteve fechada enquanto ela se dirigia ao fundo da sala. Will a observou abrir a pesada porta de aço e deixá-lo sozinho no escuro.

Ele se dirigiu ao aparelho de fax e olhou embaixo da mesa, dando a Marla Simms o benefício da dúvida. Não havia páginas soltas ali embaixo, nenhuma transcrição de ligações para a Emergência que houvesse caído pelas frestas. Ele abriu a copiadora e viu apenas o vidro que o encarava de volta. Havia alguma coisa grudenta no centro. Will usou o polegar para desgrudar a substância, que se transferiria para todas as cópias feitas naquela máquina. Examinou-a contra a luz. Cola, talvez? Chiclete?

Ele a lançou na lixeira com um peteleco. Nenhuma das cópias que Sara fizera para ele no dia anterior mostrava uma marca. Talvez alguém mais houvesse usado a máquina depois dela e inadvertidamente transferira o chiclete para o vidro.

O escritório ao lado da sala dos policiais estava vazio, exatamente como ele imaginara. Will tentou a maçaneta. A porta estava destrancada. Ele entrou e abriu as persianas, o que lhe deu uma bela visão das mesas nas quais os detetives se sentavam. Havia buracos de pregos nas paredes. No tênue raio de luz que entrava pela janela externa, pôde ver as sombras onde um dia tinham ficado fotografias. A mesa encontrava-se vazia, exceto por um telefone. Todas as gavetas tinham sido limpas. A cadeira fez barulho quando ele se sentou.

Se fosse do tipo jogador, Will teria apostado dez dólares que essa era a sala de Jeffrey Tolliver.

Ele abriu a maleta e organizou seus papéis. Finalmente, as luzes do teto se acenderam. Will viu Marla pelo vidro da parede. Ela o encarava fixamente, boquiaberta. Com o coque apertado e os óculos sujos, parecia uma daquelas velhas baixinhas e gorduchas de uma tirinha de Gary Larson. Will colou um sorriso no rosto e acenou para ela. Marla segurava a alça da jarra com tanta força que ele quase podia sentir seu desejo de jogá-la na cara dele.

Will levou a mão ao bolso e pegou o gravador digital. Todo policial no mundo tinha um bloco no qual registrava detalhes de suas investigações. Will não tinha esse luxo, mas aprendera a compensar.

Voltou a olhar para a janela, em busca de Marla, antes de levar o gravador ao ouvido e apertar o play. O volume estava baixo, e ele ouviu a voz de Faith lendo a confissão de Tommy Braham. Will não havia desperdiçado a noite toda preocupado com sua paixonite adolescente por Sara Linton. Tinha se preparado para o dia, lendo palavra por palavra dos relatórios e ouvindo a confissão de Tommy Braham repetidamente até ter memorizado quase todas as palavras. Então, ali, naquele escritório, ouviu tudo novamente, a cadência da voz de Faith tão familiar que poderia ter recitado junto com ela.

O tom dela era impessoal, não oferecia nenhuma inflexão.

— "Eu estava no apartamento de Allison. Isso foi na noite passada. Não sei que horas eram. Pippy, minha cachorra, estava doente. Isso foi depois que levei ela no médico. Allison disse que faria sexo comigo. Nós começamos a fazer sexo. Ela mudou de ideia. Fiquei com raiva. Estava com uma faca. Esfaqueei ela uma vez no pescoço. Peguei uma corrente com cadeado que eu tinha e levei ela para o lago. Escrevi o bilhete para as pessoas acharem que ela tinha se matado. Allison estava triste. Achei que isso era motivo suficiente."

Ouviram-se murmúrios na sala dos policiais. Will levantou a cabeça e se deparou com dois policiais uniformizados olhando-o, incrédulos. Um deles começou a seguir para a sala, provavelmente para confrontá-lo, mas seu parceiro o deteve.

Will reclinou-se na cadeira, tornando a ouvir o barulho. Sacou o celular e ligou para Faith. Ela atendeu no quarto toque. Seu alô foi mais um grunhido.

— Acordei você?

— São sete e meia da manhã. É claro que me acordou.

— Posso ligar mais tarde.

— Só me dê um minuto. — Ele percebeu que ela andava de um lado para o outro. Bocejou tão alto que Will sentiu a própria mandíbula se contrair para abrir. — Consegui algumas informações sobre Lena Adams.

— E...?

Ela tornou a bocejar.

— Deixe eu pegar o laptop.

Will não pôde reprimir o próprio bocejo.

— Desculpe por ter tirado você da cama.

— Estou disponível até as quatro da tarde hoje. É quando tenho uma consulta com o meu médico no hospital.

Will começou a falar para que ela não explicasse o procedimento de novo.

— Que ótimo, Faith. Imagino que sua mãe vá levá-la. Ela deve estar animada. E o seu irmão? Ligou para ele?

— Já pode calar a boca. Estou com o computador. — Ele ouviu o som das teclas enquanto ela digitava. — Salena Marie Adams — disse Faith, provavelmente lendo da ficha da mulher no departamento pessoal da polícia. — Detetive de primeira classe. Tem 35 anos de idade, 1,65 metro e 54 quilos. — Faith praguejou baixinho. — Deus, isso já basta para me fazer odiá-la.

— E quanto ao histórico?

— Ela foi estuprada.

Will ficou espantado com sua brusquidão. Ele estava esperando data de nascimento, talvez algumas condecorações. Sara tinha dito que suspeitava que Lena tivesse sido estuprada pelo ex-namorado, mas ele tivera a impressão de que não fora feita uma queixa formal. Então perguntou a Faith:

— Como você sabe disso?

— O caso apareceu quando eu cruzei informações da ficha. Você deveria usar mais o Google.

— Quando foi isso?

— Há dez anos. — Ele ouviu os dedos dela digitando no teclado. — Ela tem ficha limpa. Trabalhou em alguns casos interessantes. Você se lembra daquela rede de pedofilia no sul da Geórgia há algum tempo? Ela e Tolliver a desvendaram.

— Ela tem alguma mancha na carreira?

— A polícia de cidades pequenas não costuma divulgar seus podres — disse Faith. — Ela tirou uma licença do trabalho há seis anos. Trabalhou como segurança na faculdade por menos de um ano e então voltou para o emprego. Isso é tudo que tenho sobre ela. Você descobriu mais alguma coisa?

— Tive uma conversa interessante hoje de manhã com o dono da lanchonete.

— O que foi que ele disse?

— Não muito. Allison era uma boa garota. Trabalhadora. Ele não sabia muito sobre a vida pessoal dela.

— Você acha que ele a matou?

— Ele tem 60 e poucos anos e uma prótese na perna.

— Uma prótese?

Will pensou em Lionel batendo na prótese, no som oco.

— Vou ver se consigo confirmar, mas, se a perna for de verdade, ele fez uma encenação

e tanto.

— Nunca se sabe nessas cidadezinhas. Ed Gein era babá.

Faith nunca perderia a oportunidade de comparar um velhinho gentil com um dos mais famosos serial killers do século XX.

— A investigação do passado de Spooner também não rendeu muita coisa — disse Faith. — Ela tem uma conta bancária com dezoito dólares e uns trocados. Deve ser do tipo que só faz pagamentos em dinheiro. Os únicos cheques que passou nos últimos seis meses foram para a faculdade e para a livraria do campus. Os extratos são enviados para o endereço na Taylor Drive. Fora isso, ela não tem cartão de crédito. Nenhuma conta de serviço público em seu nome. Nenhum histórico de crédito. Nenhum celular registrado. Nenhum carro.

— O dono da lanchonete disse que ela tinha um Dodge Daytona com placa do Alabama.

— Deve estar registrado no nome de outra pessoa. Você acha que o pessoal daí sabe disso?

— Não sei. Minha fonte disse também que Allison tinha uma bolsa de livros cor-de-rosa que deixava no carro quando estava trabalhando.

— Espere um segundo. — Faith obviamente estava fazendo alguma coisa no computador. — Muito bem, não estou encontrando nenhum alerta para o carro expedido para o condado de Grant ou para nenhuma das cidades nos arredores. — Se Frank Wallace soubesse do carro, teria postado um alerta para todos os condados vizinhos.

— Talvez já saibam onde o carro está, mas não querem que eu o encontre — disse Will.

— Estou postando um alerta para todo o estado neste momento. O chefe vai ter de mandar os homens procurem por ele durante a instrução desta manhã.

— É um carro velho. Allison morou aqui por alguns anos sem mudar a placa.

— Cidade universitária. Não seria estranho ter carros com placas de outro estado. A única razão para não registrar um carro é ele não ter seguro — observou Faith. — Eu iria por aí. Essa garota estava vivendo à margem. Praticamente um zero à esquerda.

Will viu que a delegacia estava ficando cheia. A aglomeração de policiais estava aumentando. Alguém mais receoso talvez os chamasse de turba crescente. Lançavam constantes olhares de soslaio para Will. Marla estava servindo café para eles, fuzilando Will com os olhos por cima do ombro. Então, como se obedecessem a um sinal, todos olharam na direção da entrada. Will se perguntou se Frank Wallace tinha se dignado a aparecer, mas rapidamente viu que não era esse o caso. Uma mulher de pele morena e cabelos castanhos encaracolados na altura dos ombros juntou-se ao grupo. Era a menor pessoa ali, mas eles abriram caminho para que ela passasse como se fossem o Mar Vermelho.

— Acho que a detetive Adams decidiu nos agraciar com sua presença — Will disse a Faith.

— Como ela é?

Lena o avistara. Os olhos dela queimavam de ódio.

— É alguém que parece querer rasgar minha garganta com os dentes.

— Cuidado. Você sabe que tem uma fraqueza por megeras vingativas.

Will não se deu ao trabalho de discutir. Lena Adams tinha a mesma cor de pele e de

cabelo que Angie, embora fosse obviamente de ascendência latina, enquanto a origem de Angie era vagamente mediterrânea. Lena era mais baixa, mais atlética. Não tinha nada da feminilidade de Angie — Lena era uma típica policial —, mas era uma mulher atraente. Também parecia partilhar do mesmo talento de Angie para agitar as coisas. Vários dos policiais agora fitavam Will com a expressão abertamente hostil. Não demoraria muito para que alguém viesse atrás dele com um forcado.

— Que e-mail foi esse? — perguntou Faith, respondendo em seguida à própria pergunta: — Julie Smith. Muito bem, vou ver se consigo rastrear o número. O mandado para obter o registro telefônico de Tommy Braham não deve ser nenhum problema, já que ele está morto, mas posso precisar de um relatório oficial com a causa da morte para termos acesso.

Will manteve os olhos fixos em Lena. Ela estava dizendo alguma coisa ao grupo. Provavelmente instruindo que verificassem suas armas.

— Tem como você dar um jeito nisso? Julie Smith disse a Sara que Tommy mandou uma mensagem para ela da prisão. A transcrição talvez ajude a descobrir quem é ela. Talvez Amanda possa cobrar alguns favores.

— Ah, ótimo. Justamente a primeira pessoa com quem eu queria falar hoje.

— Dá para pedir a ela que corra com um mandado de busca para a garagem também? Quero mostrar ao pessoal local como se faz um procedimento corretamente.

— Tenho certeza de que ela está louquinha para atender a seus pedidos. — Faith soltou um resmungo grave. — Vai querer que eu peça mais alguma coisa a ela?

— Diga que quero os meus testículos de volta.

— Já devem ter virado troféu.

Lena tirou o casaco e o atirou em uma das mesas.

— Preciso ir. — Will desligou o telefone no momento em que a detetive se dirigia para a sala com passos decididos.

Will se levantou e abriu um de seus largos sorrisos.

— Você deve ser a detetive Adams. Prazer em finalmente conhecê-la.

Ela olhou para a mão que ele oferecia. Por um minuto, Will achou que ela fosse arrancá-la.

— Algum problema, detetive?

Estava claramente tão furiosa que mal conseguia falar.

— Esta sala...

— Espero que não se importe — interrompeu-a Will. — Estava vazia, e eu quero fazer o possível para ficar fora do caminho de vocês. — A mão dele ainda estava estendida entre os dois. — Ainda não chegamos ao ponto em que você não possa apertar minha mão, não é, detetive?

— Passamos desse ponto no minuto em que você se sentou a essa mesa.

Will baixou a mão.

— Eu estava esperando o chefe Wallace.

— Chefe interino — corrigiu ela, tão ríspida quanto Sara nesse assunto. — Frank está no hospital com Brad.

— Soube que o detetive Stephens teve uma noite difícil, mas acordou bem hoje de manhã.

Ela não respondeu, mas tudo bem. O sotaque dela era cheio dos sons anasalados do sul

da Geórgia, e a raiva se misturava às palavras como massa de bolo.

Will indicou a cadeira.

— Por favor, sente-se.

— Vou ficar de pé.

— Espero que não se importe se eu me sentar.

A cadeira fez um barulho quando ele tornou a se acomodar nela. Will uniu as pontas dos dedos. Notou uma caneta presa no bolso da blusa de Lena. Era prateada, uma Cross igual à que Larry Knox trouxera presa à camisa na noite anterior. Will olhou para o grupo de policiais reunidos em torno da cafeteira. Todos tinham canetas presas ao bolso do peito também.

Will sorriu.

— Tenho certeza de que seu chefe já disse por que estou aqui.

Ele viu as pálpebras dela se contraírem.

— Tommy.

— Certo, Tommy Braham e, por extensão, Allison Spooner. Espero que a gente possa resolver isso rápido. Tenho certeza de que todos nós gostaríamos de estar livres no dia de Ação de Graças.

— Essa palhaçada do cara bonzinho não vai funcionar comigo.

— Nós dois temos distintivos, detetive. Não acha que deveria tentar cooperar para que possamos chegar à verdade desta questão?

— Sabe o que eu acho? — Ela cruzou os braços bem alto no peito. — Acho que você está aqui, onde não é o seu lugar, pernoitando em lugares onde não tem direito de estar, tentando arranjar encrenca para muita gente boa por coisas que estão além do controle delas.

Houve uma batida alta na porta aberta. Marla Simms estava ali parada, muito empertigada, uma caixa de papelão de tamanho médio nas mãos. Ela se dirigiu à mesa e deixou a caixa cair com um baque diante de Will.

— Obrigado — disse ele quando ela já se retirava. — Sra. Simms? — Ela não se virou, mas parou. — Se não se importa, preciso da fita com a gravação do telefonema para a Emergência relatando o suposto suicídio de Allison Spooner.

Ela saiu sem confirmar se atenderia ao pedido.

Will olhou o interior da caixa. Havia vários sacos de provas, obviamente tirados da cena da morte de Allison Spooner. Um par de tênis brancos estava em um deles. Tinha lama subindo em riscos pelas laterais e grudada nas solas.

O anel e o relógio mencionados no relatório de Lena estavam no outro saco. Ele examinou o anel, que era barato, do tipo que se dava a uma garota quando se tinha 15 anos e que gastar cinquenta dólares em uma joia da vitrine trancada da Walgreens ainda era grande coisa.

Ele ergueu o anel.

— Dei à minha mulher um destes quando éramos crianças.

O olhar desagradável de Lena foi parecido com o que Angie lhe dirigira quando ele lhe dera o anel.

Ele pegou outro saco na caixa. Havia uma carteira fechada dentro dele. Will conseguiu abri-la através do plástico. Viu a foto de uma mulher mais velha ao lado de uma jovem e outra de um gato ruivo. Havia algumas cédulas no compartimento do dinheiro. As

carteiras de estudante e de motorista de Allison Spooner estavam enfiadas nos últimos compartimentos.

Will olhou para a foto da garota. Faith tinha acertado em sua suposição. Allison era muito bonita. Também parecia mais nova do que era de fato. Talvez fosse seu tamanho. Parecia delicada, quase frágil. Ele voltou para a fotografia da mulher mais velha, dando-se conta agora de que a garota ao lado dela era Allison Spooner. A foto claramente fora tirada alguns anos antes. Allison parecia ser adolescente.

— Isso é tudo que vocês encontraram na carteira? — perguntou ele a Lena, listando os itens para ela. — Duas fotos, quarenta dólares, a carteira de motorista e a de estudante?

Ela fitava a carteira aberta nas mãos dele.

— Foi Frank quem catalogou.

Não era exatamente uma resposta, mas Will sabia que teria de escolher suas batalhas. Viu que havia mais um saco de prova na caixa. Deduziu que tivesse o conteúdo dos bolsos de Tommy.

— Chiclete, 38 centavos e uma peça de carro de metal, do jogo Monopoly. — Ele ergueu os olhos para Lena. — Não tinha uma carteira com ele?

— Não.

— Celular?

— Tem algum aí no saco?

As respostas combativas que ela lhe dava contavam a ele muito mais do que ela se dava conta.

— E as roupas e os sapatos dele? — perguntou Will. — Havia sangue neles? Manchas?

— Como manda o protocolo no caso de um suicídio na prisão, Frank os enviou para o laboratório. O seu laboratório.

— Para o laboratório central do GBI em Dry Branch?

Ela assentiu.

— E a bainha?

Ela pareceu confusa.

— Na confissão de Tommy, ele disse que portava uma faca quando matou Allison. Imagino que ele tivesse uma bainha no cinto... A bainha da faca.

Ela balançou a cabeça.

— Ele provavelmente se livrou dela.

— Ele não menciona na confissão que tipo de faca usou.

— Não, não menciona.

— Você encontrou alguma faca na casa onde Tommy morava?

— Não podemos fazer uma busca na casa sem um mandado ou a permissão do pai, que é o proprietário do imóvel.

Bem, pelo menos ela conhecia a lei. O fato de estar optando por segui-la agora era um mistério.

— Vocês estão supondo que Tommy usou a mesma faca com a qual matou Allison Spooner para ferir o detetive Stephens?

Lena ficou em silêncio por alguns segundos. Ela havia conduzido um número suficiente de interrogatórios para reconhecer quando estava sendo encurralada.

— Aprendi em minha carreira que é melhor não fazer suposições sobre o que um suspeito faz ou deixa de fazer.

— É uma lição valiosa para qualquer policial — disse ele. — Alguma razão para que as provas de Spooner não tenham sido enviadas para o laboratório?

Ela hesitou novamente.

— Presumo que seja porque o caso está encerrado.

— Tem certeza disso?

— Tommy fugiu da polícia. Ele esfaqueou um policial. Confessou o crime. E ele se matou porque não conseguiu suportar a culpa. Não sei como vocês fazem em Atlanta, mas aqui a gente costuma parar de gastar dinheiro com uma investigação quando ela está encerrada.

Will esfregou a nuca.

— Eu gostaria de verdade que você se sentasse. Isso vai levar algum tempo e não creio que eu possa continuar olhando para cima sem acabar com um torcicolo.

— O que vai levar algum tempo?

— Detetive Adams, talvez não compreenda a relevância dessa investigação. Estou aqui para interrogá-la sobre a morte de um prisioneiro que estava sob sua responsabilidade, em sua prisão, em sua cidade. Além disso, uma jovem foi assassinada. Um policial foi ferido gravemente. Isto não vai ser um bate-papo rapidinho enquanto tomamos café e comemos uma rosquinha, até porque fui aconselhado a não comer nada que vocês me oferecessem, a não ser que estivesse embalado e lacrado. — Ele sorriu. Ela não retribuiu o sorriso. — Você pode, por favor, se sentar para que possamos conversar como pessoas racionais? — Como ela continuava imóvel, Will foi um pouco além. — Se você preferir ir para uma das salas de interrogatório em vez de ficar na sala do seu falecido chefe, então ficarei mais do que feliz em acompanhá-la.

Ela contraiu a mandíbula. Eles se encararam demoradamente numa disputa que Will quase perdeu. Era difícil olhar para Lena. Sua dor e sua exaustão mostravam-se em cada linha do rosto. Os olhos estavam inchados, a esclerótica, injetada de sangue. Apesar da mão apoiada na cadeira à sua frente, ela oscilava, como se os joelhos quisessem ceder.

Por fim, ela disse:

— Sim.

— Sim, o quê?

— Sim, acho que você é o inimigo. — No entanto, ela puxou a cadeira e se sentou.

— Agradeço sua sinceridade.

— Que seja. — Ela ficava abrindo e fechando a mão. Ele viu dois band-aids cor de pele envolvendo a palma de sua mão. Os dedos pareciam inchados.

— Isso aconteceu ontem? — perguntou ele.

Ela não respondeu.

Will tirou uma pasta vermelha de dentro da maleta e a colocou fechada em cima da mesa. Lena olhou para ela com nervosismo.

— Você quer a presença de um advogado?

— Preciso de um?

— Você deve saber que um investigador não é exatamente a melhor fonte de aconselhamento legal, detetive. Que tal o representante do seu sindicato?

Ela soltou uma risada curta e aguda.

— Não temos sindicatos aqui. Mal temos uniformes.

Ele devia ter se lembrado disso.

— Preciso recordá-la de seus Direitos de Miranda?

— Não.

— Devo mencionar que mentir para um investigador do Estado durante o curso de uma investigação ativa é um crime grave que pode resultar em multas e prisão de até cinco anos?

— Você não acabou de fazer isso?

— Acho que sim. Onde ela foi esfaqueada?

— O quê? — Ela foi pega de surpresa.

— Allison Spooner. Onde ela foi esfaqueada?

— Aqui. — Ela pôs a mão na nuca, os dedos repousando a alguns centímetros da espinha.

— Esse foi o único ferimento?

Ela abriu a boca, mas tornou a fechar. Por fim, respondeu:

— Frank notou marcas de amarras em seus punhos.

— Você as viu?

— O corpo ficou na água por bastante tempo. Não tenho muita certeza do que vi, exceto pelo ferimento à faca no pescoço.

O detalhe o incomodava, principalmente porque era o primeiro ponto em que a história de Frank Wallace não se encaixava com a de Lena.

— Vocês encontraram o carro de Spooner?

— Ela não tem carro.

— Isso me parece estranho.

— Esta é uma cidade universitária. Os garotos vão a pé de um lado para o outro ou andam de lambreta. — Lena deu de ombros. — Se precisam ir a algum lugar, costumam pegar carona.

— Allison poderia ter um carro sem que vocês soubessem?

— Não na faculdade. Eles rebocam se você ocupar duas vagas. São muito bons em policiar o campus. E não existem muitos lugares pela cidade onde se possa desovar um carro, também. Posso emitir um alerta na instrução da manhã, se você quiser, mas é inútil. Aqui não é Atlanta. Se as pessoas veem carros abandonados, elas chamam a polícia.

Will estudou Lena, tentando detectar alguma mentira.

— E o patrão de Allison, na lanchonete? Vocês falaram com ele?

— Lionel Harris. Frank disse que conversou com ele ontem à noite. Ele não sabe de nada.

Ou Frank mentira ou Lena estava inventando as coisas à medida que conversavam.

— Que tal o Sr. Harris como suspeito do assassinato? — perguntou Will.

— Ele só tem uma perna e é mais velho que Jesus.

— Vou entender isso como um "improvável". — Will abriu a pasta vermelha. A cópia da confissão de Tommy Braham estava no topo. Ele viu um lampejo de reconhecimento nos olhos de Lena. — Me fale sobre isso.

— Qual parte?

Ele sabia que ela esperava que ele fosse direto ao ponto — o ataque com a faca, o que aconteceu diante da garagem. Ele seguiu na direção oposta, na esperança de desestabilizá-la.

— Vamos começar com você trazendo Tommy Braham para a delegacia e seguir nosso caminho daí para a frente. Ele disse alguma coisa no carro?

— Não.

Will ainda não vira as fotos do fichamento policial nem as da cena do crime que Sara havia tirado de Tommy Braham na cela, mas sabia que um policial tinha sido esfaqueado enquanto dois outros agentes fisicamente aptos estavam presentes. Arriscou um palpite sobre o que acontecera em seguida.

— Em que condições Tommy estava nesse momento?

Ela o fitou, sem entender.

— Chegou a cair algumas vezes enquanto era preso?

Mais uma vez, ela demorou a responder.

— Vai ter de perguntar a Frank sobre isso. Eu estava cuidando de Brad.

— Você viu Tommy no carro. Qual era o estado dele?

Lena puxou um bloco do bolso de trás da calça. Passou as páginas lentamente até chegar aonde queria. Will notou que as folhas estavam presas de volta com durex no caderno e presumiu que fossem os originais que Sara havia copiado na noite anterior.

Lena pigarreou.

— Eu trouxe o suspeito, Thomas Adam Braham, aproximadamente às oito e meia da manhã de ontem. — Lena olhou para ele. — Você não vai anotar nada?

— Por que, vai querer me emprestar a sua caneta?

Sua compostura ficou ligeiramente abalada, e Will viu o que estivera procurando desde o primeiro minuto em que Lena entrara na sala. Independentemente do que ela pensava sobre Tommy Braham, estava chateada com a morte dele. Não chateada porque poderia ficar encrencada, mas porque ele era um ser humano que estivera sob seus cuidados.

— Eu já li suas anotações, detetive — disse Will. — Conte-me o que não está nessas páginas.

Ela começou a cutucar o band-aid.

— Quem fez a notificação das mortes?

— Eu.

— Tanto de Spooner quanto de Braham?

Ela assentiu.

— Elba, de onde Allison vem, é uma cidade pequena. O detetive com quem eu falei frequentou a mesma escola que ela. Ele disse que a mãe dela morreu há oito anos. Ninguém sabe quem é o pai dela. Tem uma tia, Sheila McGhee, mas ela não passa muito tempo em casa. Trabalha para um grupo que está reformando hotéis decadentes de beira de estrada na região de Panhandle. O detetive vai tentar localizá-la. Deixei uma mensagem na secretária eletrônica, mas ela só vai ouvir quando voltar para casa ou quando ligar para verificar as mensagens.

Agora Lena estava falando como uma detetive.

— Nenhum telefone celular? — perguntou Will.

— Não que eu tenha encontrado.

— Havia um caderno de endereços no apartamento de Allison?

— Não tivemos tempo de fazer uma busca. — Seu tom tornou-se novamente seco. — Muita coisa aconteceu ontem. Meu parceiro estava à beira da morte, sangrando na rua.

— Eu gostaria de saber quando a Sra. McGhee retornar sua ligação.

Ela assentiu.

— E os parentes de Tommy?

— Só tem o pai, Gordon. Falei com ele hoje de manhã, contei o que aconteceu.

— Como ele recebeu a notícia?

— Nenhum pai quer ouvir que o filho confessou um homicídio.

— Como ele recebeu a notícia do suicídio?

— Como era de se esperar. — Lena baixou os olhos para suas anotações, embora Will pudesse ver que ela estava ganhando tempo para se recompor. — Gordon está vindo da Flórida de carro neste momento. Não sei quanto tempo vai levar. Sete, talvez oito horas.

Will se perguntou onde Frank Wallace estava no meio daquilo tudo, e por que as partes mais difíceis do caso tinham ficado com Lena.

— Você conhecia Allison Spooner? — perguntou ele.

— Metade da cidade a conhecia. Ela trabalhava na lanchonete que fica um pouco mais para o fim da rua.

— *Você* a conhecia?

— Nunca a vi.

— Não frequenta a lanchonete?

— Que importância isso tem? — Ela não estava procurando uma resposta. — Tommy pôs tudo para fora. Você tem a confissão dele bem aí na sua frente. Ele disse que queria fazer sexo com ela. Ela não quis. Então ele a matou.

— Quanto tempo levou para que ele confessasse?

— Ele enrolou por cerca de uma hora, então eu arranquei a confissão dele.

— Ele deu algum álibi? Inicialmente, quero dizer.

— Disse que estava no veterinário. Ele tem uma cadela, Pippy, que engoliu uma meia ou algo assim. Tommy a levou para a emergência veterinária em Conford. Os funcionários da clínica não podem garantir que ele tenha estado lá o tempo todo.

— Ele tem carro?

— Um Chevrolet Malibu verde. Está na oficina. Tommy disse que o motor de arranque estava com defeito. Jogou as chaves no cofre de Earnshaw ontem de manhã.

Will não esperava por isso.

— Earnshaw?

— O tio da Sara.

— O local tem câmeras de segurança?

— Não, mas eu liguei para a oficina. O carro está lá. — Ela deu de ombros. — Tommy pode ter deixado lá depois de matar Allison.

— Você examinou o carro?

— Planejava fazer isso hoje. — O tom dela indicava que Will era o principal obstáculo que se interpunha entre ela e a execução de seu trabalho.

Will não desistiu.

— Como Tommy conhecia Allison?

— Ela alugava a garagem convertida em apartamento do pai dele. — Lena olhou para o relógio em seu pulso.

— Como Tommy era?

— Burro — respondeu ela. — Lento de raciocínio. Tenho certeza de que Sara já falou isso tudo para você.

— Segundo a Dra. Linton, o QI de Tommy era mais ou menos oitenta. Ele não era brilhante, mas conseguia manter o emprego no boliche. Era um bom garoto. Bom, exceto pelas encrencas nas quais vinha se metendo ultimamente.

— Eu chamaria assassinato de algo mais que uma encrenca.

— Eu estava me referindo aos relatórios de ocorrência.

Ela escondeu bem a surpresa, mas ele pôde ver o brilho de uma pergunta em seus olhos.

— Há três relatórios detalhando confusões no último mês. A Sra. Simms foi muito gentil em fornecê-los. — Como ela permaneceu calada, ele perguntou: — Você sabia disso, certo?

Lena continuou sem responder. Will deslizou os relatórios sobre a mesa para que ela pudesse vê-los.

Ela passou os olhos pelos resumos.

— Pequenos problemas. Ele claramente tinha um temperamento ruim.

— Quem mandou você prender Tommy pelo homicídio de Allison?

— Frank... — Ela pareceu querer recolher a palavra. — Frank e eu discutimos a questão. Foi uma decisão conjunta.

Pelo menos ele sabia que cara ela fazia quando mentia. A má notícia era que se parecia muito com a cara de quando estava falando a verdade.

— Quando você foi informada de que havia um corpo no lago?

— Brad me telefonou por volta das três da manhã de ontem. Eu acordei todos os outros e nós começamos a investigação.

— Você já falou com algum dos professores da Allison na faculdade?

— Não tem ninguém na faculdade por causa do feriado de Ação de Graças. Tenho os números deles, mas ainda não liguei. A maioria é daqui. Não vão a lugar nenhum. Eu ia procurá-los hoje de manhã, mas... — Ela estendeu os braços, indicando o espaço entre eles.

— O que mais você ia fazer? — Ele listou os planos dela até aquele momento. — Falar com os professores. Talvez falar com os funcionários da clínica veterinária. Olhar o carro de Tommy. Tentar rastrear as pessoas que conheciam Allison. Imagino que fosse conseguir isso através da faculdade, talvez de Lionel Harris?

Ela deu de ombros.

— Talvez.

— Você estava planejando falar novamente com Tommy? Se ele estivesse vivo, eu quero dizer.

— Sim.

— Por quê?

— Eu queria filmar a confissão dele. Era uma testemunha convincente contra si mesmo.

— Mas tudo mais fez sentido para você... as motivações dele, o ferimento a faca no pescoço?

— Havia coisas que eu queria esclarecer. É óbvio que eu queria encontrar a arma do crime. Presumo que esteja em algum lugar na garagem dele. Ou no carro. Ele deve ter levado Allison para o lago no carro. Deve haver vestígios. Me interrompa se alguma dessas coisas o fizer se lembrar de algo que deve ter lido em uma cartilha quando estava

na escola do GBI.

— É uma boa palavra para isso... "cartilha". — Ele observou: — Parece muito trabalho para um caso que você considerava encerrado. Não foi isso que você me disse há alguns minutos, que estava encerrado?

Ela tornou a fitá-lo. Will sabia que ela estava esperando que ele perguntasse sobre o telefonema para a Emergência.

— Você deve estar cansada — disse ele.

— Estou bem.

— Você teve dois dias bem difíceis. — Ele indicou as anotações dela. — Você recebeu o telefonema de Brad ontem por volta das três da manhã. Suspeita de suicídio. Você foi para o lago. Descobriu que Spooner estava morta, possivelmente assassinada. Foi para a casa da vítima, seu chefe se machucou e seu parceiro foi esfaqueado. Você prendeu Tommy. Obteve a confissão dele. Tenho certeza de que ficou no hospital a noite toda.

— Aonde você quer chegar?

— Tommy era uma pessoa maldosa?

Ela não tentou ser evasiva.

— Não.

— Demonstrou raiva durante o interrogatório?

Ela ficou em silêncio novamente, organizando os pensamentos.

— Não acho que ele tenha tido a intenção de machucar Brad. Mas ainda assim o esfaqueou. E matou Allison, então...

— Então?

Ela tornou a cruzar os braços.

— Olhe, estamos andando em círculos aqui. O que aconteceu com Tommy foi péssimo, mas ele confessou ter matado Allison Spooner. Esfaqueou meu parceiro. Frank se machucou.

Will considerou cuidadosamente as palavras dela. Estava claro que ela acreditava que Tommy fosse culpado pela morte de Allison Spooner. Entretanto, ficava insegura quando falava sobre Brad Stephens ter sido esfaqueado e Frank Wallace, ferido.

Lena consultou o relógio mais uma vez.

— Terminamos aqui?

Ela era muito boa naquilo, mas não ia conseguir continuar assim para sempre.

— O lago fica atrás da delegacia, certo?

— Certo.

— Entre a faculdade e a Ponta dos Amantes.

— Não exatamente entre.

— Acha que pode me emprestar um casaco?

— O quê?

— Uma capa de chuva. Jaqueta. O que tiver. — Will se levantou da cadeira. — Gostaria que me acompanhasse em um passeio.

A chuva havia se tornado implacável, nuvens escuras corriam pelo céu e despejavam baldes de água que pareciam todos cair diretamente na cabeça de Will. Ele estava usando uma jaqueta policial feita para um homem com uma circunferência consideravelmente

maior do que a sua. As mangas ultrapassavam seus polegares. O capuz cobria-lhe os olhos. As chapas refletivas na frente e nas costas batiam nele a cada passo.

Will sempre tivera dificuldade em encontrar roupas que lhe servissem, mas em geral o problema era o oposto: mangas curtas, costuras apertadas se esticando nos ombros. Ele esperava que Lena lhe oferecesse um de seus próprios casacos como uma espécie de brincadeira. Aparentemente, ela tivera uma ideia melhor. Will baixou os olhos para o bordado no bolso, na altura do peito, enquanto andavam em torno do lago. A jaqueta pertencia ao policial Carl Phillips.

Ele enfiou as mãos nos bolsos quando o vento ficou mais forte. Pôde perceber que havia ali luvas de látex, uma fita métrica, uma caneta de plástico e uma pequena lanterna. Pelo menos ele esperava que fosse uma lanterna. Apesar das piores intenções de Lena, a jaqueta era boa, uma cópia da North Face, com toneladas de bolsos fechados com zíper e isolamento térmico suficiente para impedir o vento de atravessá-la. Will tinha a versão original em casa. Ele não a trouxera porque em Atlanta o tempo frio nunca durava mais do que alguns dias, e mesmo nesses dias o sol sempre surgia para espantar o frio. A imagem da jaqueta pendurada em seu armário despertou nele um desejo de estar em casa que o surpreendeu.

Lena parou, voltando-se na direção da delegacia. Ela elevou a voz para se fazer ouvir acima da chuva.

— A faculdade fica lá atrás, depois da delegacia.

Will calculou que estivessem andando havia uns quinze minutos. Ele mal conseguia enxergar um aglomerado de construções situado na curva do lago, um pouco além da delegacia.

— Não teria por que Allison vir por aqui — disse Lena.

— Onde fica a Ponta dos Amantes?

Ela apontou na direção oposta.

— É aquela enseada a uns 800 metros daqui.

Will seguiu a linha do dedo dela até a reentrância na margem. A enseada era menor do que ele havia imaginado. Ou talvez a distância a fizesse parecer assim. Grandes rochas se espalhavam pela margem. Ele imaginou que as pessoas fizessem fogueiras ali quando o tempo estava melhor. Parecia o tipo de lugar onde uma família atracaria o barco para fazer um demorado piquenique.

— Vamos ficar aqui parados?

Lena tinha as mãos enterradas nos bolsos, a cabeça abaixada para se proteger do vento. Will não precisava ser clarividente para perceber que ela não queria estar ali, no meio daquela chuvarada. Estava tão frio na beira d'água que ele precisava se esforçar para evitar que os dentes batessem.

— Onde ficam as estradas mesmo? — perguntou ele.

Ela lhe dirigiu um olhar que dizia que não ia fazer aquele jogo por muito mais tempo.

— Ali. — Ela apontou para algum ponto à distância. — Aquela é a estrada para controle de incêndios. Não é usada há anos. Verificamos quando tiramos o corpo do lago. Não há nada lá.

— Essa é a única saída daqui até a Ponta dos Amantes, certo?

— Como eu lhe mostrei no mapa lá na delegacia.

Will nunca fora bom com mapas.

— Aquele lugar lá. — Ele apontou para uma área logo depois da enseada. — É a segunda estrada que as pessoas normalmente usam para chegar à enseada, correto?

— Vazia, como eu lhe disse. Nós inspecionamos o local, está bom? Não somos idiotas. Procuramos carros. Procuramos marcas de pneus, pegadas. Verificamos ambas as estradas, e nenhuma das duas mostrou nenhum sinal de uso.

Will tentou se orientar. O sol não estava ajudando muito a iluminar o caminho. O céu estava tão escuro que bem que poderia ser noite, em vez de exatamente o meio da manhã.

— Onde fica a área residencial?

Ela apontou para o outro lado do lago.

— É lá que Sara mora. Os pais dela. A partir dali. — Ela apontou para um ponto mais distante. — Toda essa orla, inclusive o local em que estamos, pertence à Divisão Estadual de Florestas.

— As pessoas saem de barco?

— Existe um píer no campus para as equipes de remo. Muitos moradores saem de barco no verão. Ninguém seria idiota a ponto de estar aqui no lago com essa chuva.

— Exceto nós. — Will pôs na voz toda a animação que conseguiu. — Vamos em frente.

Ela avançava com dificuldade à frente dele. Will podia ver que os tênis dela estavam encharcados. O par de tênis de corrida que ele havia encontrado no porta-malas do carro não estava muito melhor. Os tênis de Allison, ou pelo menos os que haviam sido encontrados perto do corpo, estavam sujos, mas não incrustados de lama. Se ela tivesse caminhado ao longo da orla, o terreno estaria bem mais duro do que o barro vermelho da Geórgia que agora escorregava debaixo dos pés dele.

Will havia consultado a previsão do tempo semanal na noite anterior em seu computador. A temperatura estivera mais baixa na manhã em que Allison fora encontrada, mas a mesma chuva que eles estavam vendo agora desabara na noite anterior. Era um bom momento para matar alguém. Os vestígios na orla se perderiam. A água fria faria com que fosse quase impossível calcular o momento do homicídio. Exceto por quem telefonara para a Emergência, ninguém saberia que havia um corpo no lago.

Lena escorregou na lama. Will estendeu a mão, segurando-a antes que ela caísse na água. Lena era tão leve que ele quase podia levantá-la com uma mão só.

— Jesus! — Ela segurou em uma árvore para se equilibrar. Sua respiração estava pesada. Ele se deu conta de que estivera andando rápido para manter alguns passos de distância entre eles.

— Você está bem? — perguntou Will.

Ela se afastou da árvore, uma expressão determinada no rosto. Will ficou de olho nos pés dela enquanto Lena andava com cautela, transpondo as grandes raízes e os galhos caídos que se espalhavam pela orla. Ele não tinha como saber se Allison havia percorrido essa mesma rota a caminho da Ponta dos Amantes. Seu objetivo era tirar Lena Adams da delegacia, de seu território, para que ela falasse. Entre a chuva implacável e o trajeto acidentado, achou que talvez fosse melhor baixar as próprias expectativas. Por exemplo, ele podia ter como meta não permitir que ambos congelassem até a morte.

Lena estava certa de que Tommy Braham havia matado Allison Spooner — tão certa quanto Sara estava de que Tommy não a matara. Will se via preso no meio das duas, consciente de que seria errado deixar qualquer uma das mulheres influenciar seu

pensamento. Ele supunha que, para Lena, a questão da inocência de Tommy trazia mais culpa do que ela queria carregar. Acreditar em outra coisa significaria que o garoto havia se matado por nada. Que ela lhe dera os meios — e a motivação — para tirar a própria vida. Já para Sara, admitir que Tommy era um assassino significaria que Lena não era tão cruel quanto ela queria acreditar.

Will mais ouviu do que sentiu a chuva abrandar. O constante batuque da água nas folhas diminuiu até se transformar num suave sussurro. Escutou um pássaro e um bando de grilos. Mais adiante, uma árvore grande bloqueava o caminho. As raízes grossas se projetavam no ar, a terra pingando das ramificações. Lena as transpôs com cuidado. Will a seguiu, olhando à sua volta, tentando se orientar novamente. Estavam perto da estrada para controle de incêndios. Ou era o que pensava.

— Ali — disse ela, apontando para uma pilha de troncos empilhados. — Ali é o fim da estrada.

Ela tirou o capuz. Will fez o mesmo. Duas faixas de terra com a largura aproximada da frente de um carro ladeavam a estrada por cerca de 3 metros e então davam lugar a uma densa floresta. Ele entendeu por que Lena estava convencida de que a estrada não fora usada. Seria preciso um trator para passar por ali.

— A estrada do outro lado é a que a maioria das pessoas usa, mas fica a uns 90 metros a oeste da enseada — observou ela. — Como eu disse, tivemos de abrir um caminho para que os veículos de emergência chegassem até aqui.

Will imaginou que não tivessem procurado rastros de pneus a caminho de um suicídio. Era provável que tivessem destruído qualquer evidência de outro carro próximo à enseada.

— Se Allison não tinha carro, como ela chegou aqui? — perguntou ele.

Lena o fitou.

— Tommy a trouxe até aqui.

— Mas você acabou de dizer que examinou o lugar atrás de vestígios de carros.

— Ele tinha uma lambreta. Pode ter vindo nela.

Will concordou, mas não conseguia visualizar Tommy equilibrando um cadáver nos guidons enquanto percorria uma trilha na floresta.

— Onde ela estava antes de Tommy matá-la?

— Em casa, esperando ser morta. — Ela bateu o pé no chão, lutando contra o frio. — Muito bem. A biblioteca da faculdade fechou ao meio-dia no domingo. Ela pode ter estado lá.

— E o trabalho?

— A lanchonete não abre aos domingos.

— Allison poderia ir para casa por aqui?

Lena balançou a cabeça.

— Ela atravessaria o bosque na altura da delegacia. Estaria em casa em dez minutos.

Pelo menos ela estava sendo sincera em relação a isso. Lionel Harris dissera a Will a mesma coisa.

— Então, por que Allison estava aqui? — perguntou ele.

Lena enfiou as mãos nos bolsos enquanto o vento aumentava.

— Detetive?

— Ela estava aqui porque Tommy a trouxe para cá.

Ela recomeçou a andar, avançando com dificuldade em meio à lama. Seus tênis faziam um ruído de sucção a cada passo.

A passada de Will era duas vezes a de Lena. Ele a alcançou facilmente.

— Vamos traçar o perfil de nosso assassino.

Ela deu uma risada sarcástica.

— Você acredita nessa merda?

— Na realidade, não, mas estamos com tempo.

— Isso é uma idiotice. — Ela escorregou novamente, mas se equilibrou a tempo. — Você vai mesmo me obrigar a andar o caminho inteiro até a enseada?

Se Will pudesse obrigá-la a fazer alguma coisa, seria a falar a verdade. Como isso não parecia ser uma opção, ele disse:

— Vamos traçar o perfil.

— Claro — murmurou ela, indo em frente. — Ele é um garoto retardado com cerca de 19 anos, que dirige um Chevrolet Malibu verde e mora com o pai.

— Vamos deixar Tommy fora disso por um minuto.

Ela dirigiu a ele um olhar desconfiado.

— O que aconteceu? — perguntou Will.

Lena contornou outra árvore caída.

— O que aconteceu? — repetiu ele.

Ela deixou sua relutância evidente em cada palavra.

— Você se refere ao homicídio?

— Isso. O que aconteceu?

— Allison Spooner foi esfaqueada no pescoço na noite de domingo ou segunda de manhã bem cedo.

— Haveria muito sangue?

Ela deu de ombros, mas disse:

— Provavelmente. Tem todo tipo de coisa no pescoço. Artérias e veias. Deve ter tido muito sangue, o que explica por que Tommy estava com um balde e uma esponja no apartamento de Allison. Estava tentando limpar a sujeira.

— Por que aconteceu?

Ela riu, incrédula.

— Isso é traçar o perfil?

Na versão de Will, pelo menos. Ele não partilhava da certeza de Lena. Ela estava tão certa de que tinha razão sobre Tommy Braham que não considerara a possibilidade de que um assassino feroz pudesse estar afiando a faca para matar a próxima vítima.

— Por que o assassino resolveu matar? Raiva? Oportunidade? Dinheiro?

— Matou porque ela não quis fazer sexo com ele. Você leu mesmo a confissão?

— Pensei que fôssemos deixar Tommy de fora.

Ela balançou a cabeça e Will tentou novamente:

— Só me acompanhe, detetive. Digamos que exista um assassino misterioso por aí que quisesse Allison morta. Alguém que não fosse Tommy Braham.

— Isso é uma fantasia e tanto, considerando que ele admitiu ter cometido o crime.

Ele segurou o cotovelo dela para ajudá-la a transpor uma grande poça.

— O assassino trouxe a arma para o local em que o corpo foi encontrado?

Lena pareceu ponderar a pergunta.

— Talvez. Ele também trouxe os blocos de concreto, a corrente e o cadeado.

Will supunha que os blocos e a corrente houvessem sido deixados no local antecipadamente, mas aquele não parecia ser um bom momento para mencionar a teoria.

— Então foi premeditado.

— Ou essas eram coisas que ele tinha em casa. — Ela acrescentou: — Na Taylor Drive.

Will não mordeu a isca. Se Allison tivesse sido morta no lago, e não na garagem, então toda a teoria de Lena sobre a culpa de Tommy começava a ruir.

— O assassino estava com raiva? — perguntou ele.

— O ferimento no pescoço dela é bastante violento.

— Mas não furioso. Foi controlado. Deliberado.

— Ele provavelmente surtou quando tomou um jato de sangue no meio da cara. — Ela saltou mais uma poça. — O que mais?

— Vamos examinar o que nós sabemos: nosso assassino é organizado. Nada oportunista. Conhece bem a área. Conhece Allison. Dirige um carro.

Ela assentiu.

— Até aí, tudo bem.

— Repasse a sequência de eventos.

Lena parou. Estavam a cerca de 10 metros da enseada.

— Muito bem. Tommy, ou o seu cara misterioso, mata Allison e traz o corpo para cá. — Ela estreitou os olhos. — Provavelmente deita o cadáver na margem. Enrola a corrente na cintura dela, a amarra nos blocos de concreto, então a joga na água.

— Joga como?

Lena olhou para a enseada. Will quase podia ouvir a mente dela trabalhando.

— Ele teria de carregá-la. Ela foi encontrada na água, a uns 5 metros da margem, onde o lago começa a ficar fundo. Os blocos de concreto eram pesados. Talvez ele a tenha levado até lá nadando, e então a prendeu e a acorrentou aos blocos. Isso faz mais sentido. Não tem como ela ter sido jogada na água da margem e ido parar lá.

Will continuou a conduzi-la.

— Então o assassino entra na água com ela e a acorrenta. A noite estava fria.

— Ele precisaria de uma roupa impermeável especial ou algo assim. Teria de voltar para o carro e dirigir. Qual o sentido de jogar o corpo na água se você vai levar o lago com você de volta para o carro?

— Entrar na água não seria necessariamente uma má ideia.

— Certo. Ele estaria coberto de sangue.

— Nosso assassino não queria que o corpo fosse encontrado. Ele a levou até uma profundidade maior para que ela ficasse lá. Usou lastros para afundar o corpo.

Lena estava em silêncio novamente, mas ele sabia que ela era muito esperta para não estar pensando a mesma coisa que ele.

Will falou por ela.

— *Alguém* queria que o corpo fosse encontrado. Por isso houve o telefonema para a Emergência.

— Talvez um dos vizinhos de Tommy tenha visto alguma coisa.

— E o seguiu até o lago, ficou observando enquanto ele se livrava do corpo e...

— Você acha que ele tinha um cúmplice?

— O que você acha?

— Acho que, na melhor das hipóteses, temos uma testemunha decisiva. Precisaremos falar com ela em algum momento, mas que importância tem isso quando o cara que admitiu ter matado Allison está morto?

Will olhou à sua volta. Estavam parados, enterrados na lama até os tornozelos. A terra aqui era mais escura, tornando-se quase preta ao alcançar a água. Os sapatos de Allison tinham lama preta neles, não barro vermelho.

— Tommy mencionou se Allison tinha ou não um namorado? — perguntou Will.

— Você não acha que estaríamos falando com ele agora se Tommy tivesse falado alguma coisa?

Will viu um esquilo gordo subir uma árvore, a cauda se contraindo com pequenos espasmos. Vários galhos haviam sido partidos ao meio. A cobertura do solo estava amassada. Ele ouviu um carro à distância.

— Tem uma estrada aqui perto?

— A menos de 2 quilômetros. — Ela apontou para a direção do barulho. — Uma rodovia de pista dupla.

— Residências?

Lena comprimiu os lábios. Não olhou para ele.

— Detetive?

Ela baixou os olhos para o solo, chutou um pouco de lama do tênis.

— Tommy morava para lá.

— Assim como Allison Spooner. — Will tornou a olhar para o lago. As águas estavam agitadas. O vento que soprava de lá era como gelo em sua pele. — Você já ouviu o nome Julie Smith?

Lena balançou a cabeça.

— Quem é ela?

— Tommy mencionou algum amigo? Dele ou de Allison?

— Não foi esse o foco do interrogatório. — O tom dela foi curto e grosso. — Eu estava tentando fazê-lo confessar um homicídio, não me contar a história da vida dele.

Will manteve os olhos no lago. Estava pensando naquilo da maneira errada. O assassino era esperto. Sabia que a água apagaria os vestígios de provas. Sabia que tinha de levar o corpo até a parte mais funda do lago. Provavelmente atraíra Allison até ali depois de cuidadosa reflexão. O terreno molhado, a lama e a vegetação rasteira, tudo serviria para ajudar a encobrir seus rastros.

Will enrolou a barra da calça. Seus tênis já estavam molhados, portanto ele não se deu ao trabalho de tirá-los antes de entrar no lago. A água gelada entrou como cascata em seus tênis.

— O que você está fazendo?

Ele andou alguns passos na água e examinou a orla, estudando as árvores e a vegetação rasteira.

Lena estava com as mãos nos quadris.

— Você é louco? Vai ter hipotermia.

Will estudou cada árvore, cada galho, cada seção de ervas e musgo. Seus pés estavam completamente dormentes quando finalmente encontrou o que estava procurando. Ele andou na direção de um grande carvalho que se inclinava para fora da água. Suas raízes nodosas enroscavam-se, entrando no lago, como uma mão aberta. A princípio, Will

pensara que estava vendo uma sombra na casca da árvore, mas então se lembrou de que era preciso ter sol ou alguma outra fonte de luz para lançar uma sombra.

Will parou na frente da árvore, seus tênis afundando no lodo no fundo do lago. A árvore era decídua, a copa magra elevando-se a pelo menos 30 metros do chão. O tronco tinha cerca de 90 centímetros de circunferência e se curvava em direção à terra. Will não era um especialista em árvores, mas havia bastante carvalho em Atlanta para que ele soubesse que as estrias marrom-avermelhadas da casca ficavam da cor de carvão à medida que a árvore envelhecia. A casca escamosa tinha absorvido a chuva como uma esponja, mas Will observara algo mais de sua posição estratégica na água. Raspou uma pequena área da casca com as unhas. A madeira soltou um resíduo molhado, cor de ferrugem. Ele rolou o resíduo entre os dedos, espremendo a umidade.

Sangue era de fato mais espesso que água.

— O que foi? — perguntou Lena, mantendo as mãos nos bolsos enquanto se inclinava sobre a água.

Will se lembrou da lanterna no bolso da jaqueta.

— Olhe.

Ele acompanhou com a luz uma mancha escura que borrifava a extensão do tronco. Ele pensou no que Sara dissera sobre o ferimento de Allison, que haveria um jato em alta velocidade, como uma mangueira ligada no máximo. De 1,9 a 2,4 litros de sangue. Mais de meio galão.

— Ela devia estar de cara no chão, na beira d'água. Seu sangue espirrou para cima e para trás, num arco. Dá para ver que a dispersão é mais espessa aqui na base da árvore, mais perto de onde estava o pescoço. Então começa a se dissipar no alto.

— Isso não é... — Lena se deteve. Agora, ela viu. Ele pôde perceber pela expressão de choque no rosto dela.

Will olhou para o céu. As nuvens estavam liberando algumas gotas de cada vez. Não tinham tido uma trégua muito grande. Mas não importava. A não ser que escovassem a casca, não havia como limpar a árvore por completo. A madeira absorvera a marca da morte da mesma forma que absorveria a fumaça de uma fogueira.

— Ainda acha que nosso assassino é um garoto de 19 anos que mora com o pai? — perguntou Will.

O vento foi ganhando velocidade por cima do lago enquanto Lena fitava a árvore. Seus olhos se encheram de lágrimas. Sua voz soou trêmula.

— Ele confessou.

Will recitou as palavras de Tommy para ela.

— "Fiquei com raiva. Estava com uma faca. Esfaqueei ela uma vez no pescoço." — Então perguntou: — Encontraram sangue na garagem?

— Sim. — Ela enxugou os olhos com a palma da mão. — Ele estava limpando quando chegamos lá. Eu vi um balde, e havia... — Sua voz falhou. — Havia sangue no chão. Eu vi.

Will desceu a barra da calça jeans. Seus tênis estavam afundando na lama, na base da árvore. Percebeu que havia uma cor nova misturada ao solo, um ferrugem escuro que encharcou a trama na ponta do tênis.

Lena também viu. Ela caiu de joelhos. Cravou os dedos fundo no solo e agarrou um punhado de terra. O solo estava encharcado, mas não era só água da chuva. Deixou a

terra cair de volta. Sua mão tinha um tom vermelho vivo, raiada com o sangue de Allison Spooner.

10

Lena pressionou uma toalha de papel no pescoço. Estava sentada, encostada no cubículo do banheiro do vestiário. Um patrulheiro tentara entrar enquanto ela estava tendo ânsias de vômito. Ele saíra sem dizer uma palavra.

Seu estômago nunca fora dos mais fortes. Seu tio Hank costumava dizer que Lena não tinha estômago para aguentar o tipo de vida que levava. Ele não sentiria o menor prazer em constatar que tinha razão.

— Ah, Deus — sussurrou ela, o mais próximo de uma prece que chegava havia um bom tempo. No que aquele garoto imbecil havia se metido? O que mais ela não havia percebido?

Fechou os olhos. Nada fazia sentido naquele momento. Nada se encaixava da mesma forma que ontem de manhã.

Ele havia cometido o crime. Lena sabia que Tommy matara Allison. As pessoas não confessavam ter cometido homicídio a não ser que fossem culpadas. Mesmo sem isso, menos de quinze minutos depois de tirarem a garota de dentro do lago, tinham encontrado Tommy dentro do apartamento de Allison revistando os pertences dela. Usando uma máscara de esqui preta. Ele havia corrido quando o confrontaram. Apunhalara Brad, mesmo que tivesse sido com um abridor de cartas. Lena o vira apunhalar Brad com os próprios olhos. Escutara a confissão de Tommy. Observara-o escrever tudo com suas próprias palavras idiotas. E ele se matara. A culpa o apanhara e ele abrira os pulsos porque sabia que o que fizera com Allison era errado.

Então, por que Lena estava duvidando de si mesma?

Suspeitos mentiam o tempo todo. Nunca queriam confessar todos os horrores que haviam cometido. Discutiam sobre detalhes. Admitiam ter estuprado, mas não assassinado. Admitiam ter socado, mas não espancado; esfaqueado, mas não matado. Seria simples assim? Teria Tommy mentido sobre ter matado Allison na garagem porque queria fazer o crime parecer mais compreensível, mais improvisado?

Lena pressionou a cabeça na parede.

O perfil idiota montado por Will Trent ficava voltando à sua mente. Frio. Calculista. Deliberado. Esse não era Tommy. Ele não era inteligente o bastante para pensar em todas as variáveis. Teria tido de planejar com antecedência, aprontar os blocos de concreto e as correntes, levá-los até o lago de antemão. Ainda que Tommy tivesse arranjado os blocos de concreto após o fato, teria tido de prever o sangue e planejar para que a chuva cobrisse

os seus rastros.

Aquele sangue todo. O chão estava encharcado dele.

Lena se ajoelhou desajeitadamente e segurou a cabeça acima da privada. O estômago se contraiu, mas não tinha mais nada para sair. Sentou-se sobre os calcanhares, olhando fixamente para trás da caixa da descarga. A porcelana branca e fria a fitou de volta. Aquele cubículo era seu e só seu. Aquela privada era o único pedacinho de chão que conseguira conquistar só para si naquele vestiário unissex. Os mictórios eram manchados como os dentes de uma velha. Os outros dois cubículos eram nojentos. Fediam a excremento, independentemente de quantas vezes fossem limpos. Hoje de manhã, isso não parecia se limitar aos dois. O lugar como um todo fedia a merda. E vinha tudo de cima para baixo.

Lena limpou a boca com a toalha de papel. A mão latejava no lugar onde levara o tiro. Era provável que estivesse infeccionando. A pele estava quente até o punho. Ela fechou bem os olhos. Queria estar longe dali. Queria estar de volta na cama com Jared. Queria voltar para o dia anterior e sacudir Tommy Braham até que ele lhe contasse a verdade sobre o que de fato acontecera. Por que ele estivera no apartamento de Allison? Por que estivera revistando os pertences dela? Por que estivera usando uma máscara de esqui? Por que tinha saído correndo? E por que, pelo amor de Deus, por que havia se matado?

— Lena? — A voz áspera de Marla Simms era pouco mais do que um sussurro. — Posso falar com você um minuto?

Lena se forçou para se levantar. Não ignorava o fato de que o único espaço naquele lugar esquecido por Deus que podia chamar de seu era uma privada.

Marla segurava uma folha de papel dobrada.

— Você está bem?

— Não — respondeu ela, pois não havia sentido em mentir. Bastaria uma rápida olhada no espelho para enxergar a verdade.

Seus cabelos estavam desgrenhados. Seu rosto estava vermelho e manchado. Ela estava tonta devido à falta de sono, e os nervos estavam tão à flor da pele que ela se sentia vibrar mesmo parada no lugar.

— O agente Trent queria isto. — Marla estendeu a folha de papel entre os dedos, dando a Lena uma olhada carregada de significado, como se fossem duas espiãs passando uma maleta na frente do Kremlin. — Ele não chegou a vê-lo ontem à noite.

Lena precisou puxar a folha antes que Marla a soltasse. Reconheceu a própria caligrafia. A página fotocopiada era do seu próprio bloco de anotações. Era a transcrição que fizera da ligação para a Emergência. Tentou ler as palavras, mas a vista embaçou.

— Pensei que ele tivesse pedido a fita.

— Se ele quiser mais do que isso, vai ter de ir até Eaton pegar. — Ela colocou as mãos nos amplos quadris. — E pode lhe dizer que não sou secretária particular dele. Não sei quem ele pensa que é, dando ordens para as pessoas.

Era o homem que desmontaria aquele departamento de polícia se eles não fizessem tudo o que ele mandasse.

— Já falou com Frank hoje?

— Imagino que tenha passado por aqui ontem à noite. Minhas pastas estavam uma verdadeira bagunça quando cheguei.

Lena já sabia que Frank roubara o telefone de Tommy e que tirara a foto de dentro da

carteira de Allison, mas aquela nova informação fez seu peito gelar.

— Quais pastas?

— Todas. Não sei o que ele estava procurando, mas espero que tenha encontrado.

— Você deu a Trent aqueles relatórios de ocorrência.

— E o que é que tem?

— Por quê?

— Ninguém gosta de falar mal dos mortos, mas eu digo para quem quiser saber: Tommy não vinha agindo direito ultimamente. Vivia arranjando encrenca, berrando com as pessoas, ameaçando-as. Não me leve a mal. Ele era um bom garoto quando era pequeno. Tinha cachos louros preciosos e lindos olhos azuis. É disso que Sara se lembra. Mas ela não sabe como ele andava ultimamente. Acho que alguma coisa fez clique dentro da cabeça dele. Talvez tenha estado lá o tempo todo, e a gente é que não notou. Não quis notar. — Marla balançou a cabeça. — Isto tudo está uma bagunça. Uma pilha de titica de primeira.

Lena se concentrou em Marla pela primeira vez. A velha não era uma das suas maiores fãs. Na melhor das hipóteses, conseguia fazer um aceno com a cabeça para Lena quando ela passava pela porta de manhã. Na maioria das vezes, nem se dava ao trabalho de erguer a cabeça da mesa.

— Por que você está falando comigo? Você nunca fala comigo.

Marla se eriçou toda.

— Me desculpe por tentar ajudar. — Ela deu meia-volta e saiu pisando duro.

Lena observou a porta se fechar lentamente.

O aposento lhe pareceu pequeno, claustrofóbico. Não podia passar o dia inteiro ali dentro, mas estava com dificuldade de superar o instinto de se esconder de Will Trent. Larry Knox dissera a Frank que Will era um burocrata, não um policial. A primeira impressão de Lena fora a mesma. Com seu casaco de caxemira e corte de cabelo metrossexual, Will tinha cara de quem se sentia mais à vontade sentado a uma mesa, batendo o cartão às cinco da tarde, para ir para casa ficar com a mulher e com os filhos. A velha Lena o teria considerado uma fraude, alguém que não se encontrava no mesmo nível que ela, que não merecia o distintivo que carregava.

Essa velha Lena já havia se ferrado tantas vezes pelo seu julgamento precipitado que praticamente se autoimolara. Hoje em dia conseguia enxergar para além de sua reação automática e ver a verdade. Will fora enviado por uma vice-diretora que estava a um passo do cargo mais alto. Lena conhecera Amanda Wagner havia muitos anos. A vaca era osso duro de roer. Não havia a menor chance de Amanda ter enviado um agente de segunda linha para lá, especialmente a pedido de Sara Linton. Will era, provavelmente, um dos melhores investigadores de seu time. Tinha de ser. Em menos de duas horas, havia feito o caso de Lena contra Tommy Braham em pedacinhos.

E agora ela teria de voltar e enfrentá-lo outra vez.

Os pés de Lena doíam da longa caminhada pela floresta. Seus sapatos estavam encharcados. Ela foi até seu armário. O segredo do cadeado sumiu da sua mente no instante em que começou a girar o mostrador. Encostou a cabeça no metal frio. Por que ela ainda estava ali? Não ia conseguir manter aquela versão por muito tempo com Will Trent. Havia tantas mentiras e meias-verdades pairando no ar que ela não conseguia se lembrar de todas. Ele ficava colocando armadilhas e, a cada uma, ela se sentia cada vez

mais perto de cair. Devia ir para casa antes que falasse demais. Se Trent quisesse detê-la, ia ter de fazer isso com algemas.

Os números do segredo lhe vieram à mente. Lena girou o disco mostrador e abriu o armário. Olhou para a capa de chuva, para os produtos de higiene pessoal, para as várias porcarias que juntara ao longo dos anos. Não havia nada ali que quisesse a não ser o par de tênis sobressalente que guardava na parte inferior do armário. Ia fechando a porta, mas parou no último minuto. Dentro de uma caixa de absorventes internos, tinha uma foto de Jared tirada havia três anos. Ele estava de pé do lado de fora do estádio Sanford, na Universidade da Geórgia. O lugar estava lotado. A Geórgia jogava com a Universidade do Estado da Louisiana. Havia uma multidão de alunos ao seu redor, mas ele era o único que estava olhando para a câmera. Olhando para Lena.

A foto registrava o momento em que ela se apaixonara por ele — do lado de fora daquele estádio barulhento, rodeado de desconhecidos embriagados. Lena, na verdade, conseguira capturar em filme aquele momento exato em que tudo na sua vida havia mudado. Quem estaria por perto para capturá-lo quando tudo voltasse a ser como antes?

Provavelmente o agente de registros que tiraria a foto da sua ficha criminal.

A porta se abriu. Quatro patrulheiros entraram, tão perdidos em sua conversa que mal notaram a presença de Lena. Ela enfiou a foto de Jared no bolso traseiro. Suas meias estavam encharcadas, mas ela calçou os tênis sobressalentes mesmo assim. Só queria sair dali. Atravessaria a sala dos policiais, passaria direto por Will Trent, entraria no carro e seguiria para casa, para Jared.

Lena começaria a fazer as malas naquela noite. Seria uma dessas pessoas que devolvem a chave do imóvel para o banco deixando-a na caixa de correio. Seu carro estava em bom estado. Tinha dinheiro suficiente guardado para durar três meses, quatro se Jared não esperasse que ela ajudasse com o aluguel. Ela iria morar com ele e tentaria esquecer aquilo tudo, tentaria encontrar uma forma de viver sua vida sem ser policial.

Isso se não estivesse presa por obstruir uma investigação. Se não fosse condenada por negligência. Se Gordon Braham não a processasse. Se Frank não enchesse o ouvido de Jared de veneno. Veneno no qual Jared acreditaria, porque o mais fantástico sobre mentir era que as pessoas acreditavam, contanto que a mentira fosse próxima o bastante da verdade.

Lena fechou a porta do armário com violência, pressionando a mão no metal frio.

Um dos patrulheiros disse:

— Se você fizer aquele babaca do GBI escorregar e bater com a cabeça, nós não vamos chorar uma única lágrima.

Estavam todos vestindo o equipamento para chuva pesada. Will havia tirado fotos e pegado amostras da casca da árvore e da terra próxima, mas havia solicitado uma busca exaustiva do bosque. Queria mais fotografias, desenhos e diagramas. Queria se certificar de que o departamento soubesse que cometera um erro. Que Lena cometera um erro.

— Retardado de merda — disse outro policial.

Lena não sabia se ele estava se referindo a Will ou a Tommy. De qualquer forma, ela conseguiu se sair com uma falsa bravata.

— Eu queria que ele fosse só um pouco mais esperto para se dar conta do quanto é burro.

Estavam todos rindo quando ela deixou o vestiário. Lena vestiu o casaco. Atravessou a

sala dos policiais com mais autoconfiança do que sentia. Precisava recuperar a compostura. Tinha de se preparar para a próxima enxurrada de perguntas de Will Trent. Quanto menos respostas lhe desse, melhor a situação ficaria para ela.

O papel que Marla lhe entregara estava em sua mão. Lena foi varrendo as palavras com os olhos enquanto caminhava, de forma que não tivesse de conversar com ninguém. Parou ao chegar à porta da frente. Leu a transcrição mais uma vez. As palavras estavam na sua caligrafia, mas as últimas linhas da ligação estavam faltando. A pessoa que ligara mencionara que Allison brigara com o namorado. Por que essa parte fora suprimida?

Olhou para Marla por trás do balcão da recepção. Marla a fitou, uma das sobrancelhas erguidas acima dos óculos. Ou continuava puta da vida ou estava mandando algum recado para Lena. Era difícil dizer. Lena olhou outra vez para a transcrição. A última parte havia sumido, o corte tão limpo que ninguém jamais saberia que faltava algo ali. Teria Marla se arriscado a adulterar uma prova policial? Frank vasculhara seu arquivo na noite anterior. Por que editaria a transcrição sem avisar a Lena? Jesus, ela estava com o bloquinho contendo a transcrição original no bolso traseiro da calça. Só o que Trent precisava fazer era lhe pedir para olhá-lo e Lena se veria diante de uma acusação de obstrução por ter adulterado uma prova.

A porta da delegacia se abriu antes que Lena conseguisse chegar a ela. Will Trent obviamente ficara impaciente esperando do lado de fora.

— Detetive — disse ele, à guisa de cumprimento. Calçara os sapatos sociais outra vez e tirara o casaco de Carl Phillips. Demonstrava avidez na mesma medida em que ela exibia reticência.

Lena entregou-lhe o papel.

— Marla me pediu que lhe desse isso. Disse que você vai ter que localizar o áudio em Eaton por conta própria.

— Obrigado, Sra. Simms — gritou Will para Marla, sentada atrás do balcão. Tomou a folha da mão de Lena. Seus olhos varriam a folha de um lado para o outro. — Você escutou a ligação, não foi? — Ergueu a vista. — Fez a transcrição direto do áudio?

— Ditaram para mim da tela. As fitas de áudio ficam guardadas fora. Não são difíceis de conseguir. — Lena segurou a respiração, rezando para que ele não lhe pedisse para correr atrás delas.

— Alguma ideia de quem fez a ligação?

Ela balançou a cabeça.

— A voz era de mulher. O número era bloqueado, e ela não quis deixar seus dados.

— Você fez esta cópia para mim?

— Não. Marla me deu.

Ele apontou para uma bolota preta na folha.

— Vocês estão com um chiclete no vidro da copiadora.

Lena se perguntou por que diabos ele estaria lhe dizendo aquilo. Will Trent não era igual a nenhum policial que ela já conhecera. Tinha o hábito de fazer rodeios, comentários ou observações aleatórias que pareciam não conduzir a lugar algum até, de repente, ser tarde demais e ela sentir a corda apertar ao redor do pescoço. Enquanto ele jogava xadrez, ela levava uma surra no jogo de damas.

Lena tentou mudar de assunto.

— Devíamos ir logo para a cena do crime se você quiser estar de volta a tempo para as

autópsias.

— Mas nós não estávamos justamente na cena do crime?

— Não sabemos ao certo o que aconteceu. Tommy pode ter mentido. Isso acontece em Atlanta, não foi? De bandidos mentirem para a polícia?

— Com mais frequência do que eu gostaria. — Ele enfiou a transcrição na maleta. — A que horas os procedimentos devem começar?

— Frank disse que às onze e meia.

— Isso quando você falou com ele ontem à noite?

Lena tentou se recordar da resposta que dera a Will na primeira vez em que ele lhe fizera aquela pergunta. Ela falara com Frank duas vezes. Nas duas vezes, ele lhe questionara duramente a respeito da confissão de Tommy. Nas duas vezes renovara a ameaça de destruir sua vida se ela não o acobertasse.

Lena deu uma evasiva como resposta, esperando que Will caísse.

— Foi como eu já disse.

Ele abriu a porta para ela.

— Alguma ideia de por que a imprensa ainda não pulou em cima desse caso?

— A imprensa? — Ela teria rido se não estivesse atolada na merda até os joelhos. — O jornal está fechado para o feriado de Ação de Graças. Thomas Ross sempre viaja para esquiar nesta época do ano.

Will riu, achando graça.

— Cidadezinhas pequenas são mesmo adoráveis. — Um vento frio o fez usar o ombro para fechar a porta de vidro. Enfiou as mãos nos bolsos dos jeans. A barra da calça continuava molhada. — Vamos no seu carro.

Ela se sentiu pouco à vontade com o fato de tê-lo em seu Celica, então fez um aceno com a cabeça em direção ao Town Car de Frank. Lena sacou um chaveiro de dentro do bolso. O orçamento do condado andava apertado, e teoricamente os dois tinham de ir no mesmo carro.

Ela apertou o botão para destrancar as portas.

Will não entrou. Em vez disso, fez uma careta diante do cheiro que escapou do interior e se misturou ao ar matinal.

— Fumante?

— Frank — respondeu ela. O fedor estava pior do que de costume. Ele devia ter fumado um cigarro atrás do outro na viagem para Macon e no caminho de volta, na noite anterior.

— Este é o carro do chefe Wallace? — indagou Will.

Ela fez que sim.

— Onde está o chefe Wallace se este é o carro dele?

Lena conseguiu engolir a bílis alojada em sua garganta.

— Foi de patrulha para o hospital.

Will não teceu comentários, embora ela se perguntasse se ele acabava de fazer mais uma anotação em seu livrinho. Frank fora na patrulha para não ser parado no caminho. Ultrapassar o limite de velocidade durante uma situação não emergencial era ilegal, mas o tipo de coisa ilegal que a polícia ignorava o tempo todo.

— Você sabe dirigir carro com câmbio manual?

Era a vez de ela fazer careta. É claro que sabia dirigir um carro com câmbio manual.

— Vamos no meu carro — disse Will.

— Você está brincando? — Lena soubera do Porsche antes mesmo de chegar à delegacia naquela manhã. A cidade toda estava comentando a respeito: quanto devia ter custado, por que um investigador estadual estaria dirigindo um carro daqueles e, o mais importante, por que tinha passado a noite toda estacionado na frente da casa dos Lintons.

Will não esperou para ver se ela o seguia enquanto se encaminhava para o lado oposto do estacionamento. Ia falando enquanto se dirigia ao carro, a maleta de couro balançando suavemente ao seu lado.

— Estou curioso a respeito de Allison Spooner. Você disse que ela era do Alabama?

— Sim.

— E é aluna da Grant Tech?

Lena pensou na resposta.

— Está matriculada na universidade.

Will se virou para ela.

— Isso quer dizer que é aluna?

— Quer dizer que está matriculada. Ainda não conversamos com os professores dela. Não sabemos se estava frequentando as aulas. Recebemos um bocado de ligações dos pais nesta época do ano querendo saber por que não estão recebendo boletins.

Ele voltou a perguntar:

— Você acha que Allison Spooner abandonou os estudos?

Ela tentou uma nova estratégia.

— Acho que não vou lhe dizer uma coisa a não ser que eu tenha certeza de que é verdade.

Ele deu um dos seus rápidos acenos com a cabeça.

— Justo.

Lena ficou esperando mais uma pergunta, mais uma insinuação. Will apenas seguiu andando, de boca fechada. Se ele achava que essa nova técnica ia fazê-la falar, estava redondamente enganado. Lena vinha lidando com a reprovação silenciosa alheia a vida toda. Transformara em arte o ato de ignorá-la.

Baixou e encolheu os ombros para se proteger do frio. Sua mente ficava voltando à conversa que tivera com Will mais cedo. Ficara tão furiosa com o fato de ele estar na sala de Jeffrey que não prestara atenção ao que ele dissera de início. Mas, então, ele sacara a carteira de Allison, e ela havia visto que a terceira fotografia estava faltando.

A foto mostrava Allison sentada ao lado de um garoto com o braço ao redor da sua cintura. Uma mulher mais velha sentava-se à esquerda, deixando alguma distância entre eles. Estavam sentados num banco do lado de fora do centro estudantil. Lena estudara a foto por tempo suficiente para se recordar dos detalhes. O garoto tinha mais ou menos a idade de Allison. Estava com o capuz do casaco puxado bem baixo na cabeça, mas dava para perceber que tinha cabelos e olhos castanhos. Havia uma sombra de cavanhaque sobre o queixo pouco definido. Era gorducho, daquela maneira que a maioria dos rapazes da Grant Tech costumava ser, devido a dias demais passados em salas de aula e noites desperdiçadas jogando video games.

A mulher da fotografia era claramente da parte pobre da cidade. Devia estar na faixa dos 40, ou um pouco mais velha. Depois de certa idade, era difícil saber, no caso de mulheres de aparência durona. A boa notícia era que paravam de envelhecer. A má

notícia é que já pareciam ter 90 anos. Cada ruga em seu rosto dizia que era fumante. Os cabelos platinados eram tão secos que mais pareciam palha.

Também estava faltando das evidências o telefone de Tommy. Frank o entregara para Lena na rua. Encontrara-o no bolso traseiro do rapaz quando o revistara, antes de colocá-lo na traseira da viatura. Ela lacrara o telefone num saco plástico, anotara os detalhes e o registrara como evidência.

E, em algum momento da noite de ontem, tanto a foto da carteira de Allison quanto o telefone de Tommy haviam sumido.

Só uma pessoa poderia ter escondido a evidência, e essa pessoa era Frank. Marla contara que ele vasculhara seus arquivos. Provavelmente alterara a transcrição da chamada de emergência, também. Mas por quê? Tanto a foto quanto a ligação apontavam para a possibilidade de Allison ter um namorado. Talvez Frank estivesse tentando localizar o garoto antes que Will Trent o encontrasse. Frank dissera a Lena que os dois deviam se ater à verdade, ou pelo menos a uma versão próxima da verdade. Por que ele estaria agindo pelas costas dela e procurando outro suspeito?

Lena esfregou os olhos. O vento era cortante, fazendo seu nariz escorrer e os olhos lacrimejarem. Precisava arranjar dez, quinze minutos para si para pensar naquilo direito. A presença de Will a impossibilitava de fazer qualquer coisa além de se preocupar com a próxima pergunta que sairia de sua boca.

— Pronta? — perguntou Will.

Haviam chegado ao Porsche. O carro era um modelo mais antigo do que Lena imaginara. Não havia controle remoto para destrancar a porta. Will fez as honras e lhe entregou as chaves.

Lena sentiu mais uma onda de nervosismo invadi-la.

— E se eu bater com este troço?

— Eu ficaria muito satisfeito se não fizesse isso. — Ele entrou no carro e enfiou a maleta atrás do banco da frente.

Lena não conseguia se mexer. Aquilo lhe dava a sensação de ser uma armadilha, mas ela não conseguia enxergar o motivo.

— Algum problema? — perguntou Will.

Lena desistiu. Acomodou-se no assento que mais parecia uma poltrona reclinável. Com os pés estendidos em direção aos pedais, as panturrilhas ficavam a poucos centímetros do chão do carro.

Will abriu a porta do carona.

— Você não tem um carro do trabalho? — perguntou ela.

— Minha chefe queria que eu chegasse aqui o mais rápido possível. — Ele teve de chegar o assento para trás antes de conseguir entrar pelo lado do carona. — O ajuste é na frente — disse a Lena. Ela baixou a mão e se arrastou para mais perto do volante. As pernas de Will eram uns 3 metros mais compridas do que as dela. Lena já estava com o peito praticamente encostado no volante quando os pés encontraram a embreagem e o acelerador.

Will, por sua vez, não conseguia acertar o próprio assento. Empurrou-o até o final do trilho, depois o baixou até o máximo que ia para que a cabeça não batesse no teto. Por fim, dobrou-se dentro do carro como um origami. Ela esperou até que ele colocasse o cinto de segurança e arriscou uma olhada. Ele era bem comum, exceto pela altura. Era

magro, mas os ombros eram largos e musculosos como se passasse muito tempo na academia. O nariz obviamente fora quebrado em algum momento da vida. Havia cicatrizes claras em seu rosto, o tipo de estrago que se arranjava lutando com os próprios punhos.

Não, ele definitivamente não fazia parte do segundo escalão de Amanda Wagner.

— Muito bem — disse Will, finalmente se acomodando na poltrona.

Ela estendeu a mão em direção à ignição, mas não havia uma.

— É do outro lado.

Ela encontrou a ignição do lado esquerdo do volante.

— É por causa das corridas de Le Mans — explicou Will. — Para você poder dar partida no motor com uma das mãos enquanto troca a marcha com a outra.

Ela era destra, e foram necessárias algumas tentativas até que conseguisse girar a chave. O motor rugiu e ganhou vida. O assento vibrou debaixo dela. Sentiu a embreagem responder por baixo da planta do pé.

Will a deteve.

— Pode esperar alguns minutos para esquentar um pouco?

Lena tirou o pé do pedal. Olhou fixamente para o outro lado da rua. Ele estacionara no final do estacionamento, com a frente do carro para fora. Ela tinha visão total da clínica pediátrica em frente. A clínica de Sara. Perguntou-se se ele teria estacionado ali de propósito. Will parecia fazer tudo de forma proposital. Ou talvez a paranoia dela fosse tanta que não conseguia olhar o peito dele subir e descer sem achar que aquilo fosse parte de algum plano-mestre para pegá-la desprevenida.

Will fez uma de suas perguntas aleatórias:

— O que acha da ligação para a Emergência?

Ela lhe disse a verdade.

— Me incomoda o fato de ter sido feita de um número bloqueado.

— Ela notificou um falso suicídio. Por quê?

Lena balançou a cabeça. A pessoa que fizera a ligação era a última coisa na qual estava pensando naquele momento.

— Talvez Tommy tenha falado com ela. Pode ser uma colega de trabalho. Uma cúmplice. Uma namorada ciumenta.

— Tommy não me deu a impressão de ser um pegador.

Não, mesmo. Durante o interrogatório, Lena lhe pedira para ser explícito porque não tinha certeza se ele sabia de fato o que era sexo.

— Tommy disse alguma coisa sobre estar namorando alguém? — perguntou Will.

Ela balançou a cabeça.

— Podemos perguntar por aí — continuou Will. No mínimo, a garota que notificou o falso suicídio sabia que alguma coisa não estava certa. Estava obviamente lançando a base da defesa de Tommy.

Lena virou a cabeça de supetão.

— Como assim?

— A ligação. Ela disse que Allison tinha brigado com o namorado. Por isso estava com medo de que ela cometesse suicídio. Não disse nada a respeito de Tommy.

Lena sentiu cada mililitro de sangue do seu corpo congelar. A mão agarrou o volante. A transcrição editada de Frank não mencionava um namorado. Will já devia ter entrado

em contato com a central de Eaton. Então por que pedira o áudio para Marla?

Para armar uma armadilha para ela. E Lena acabara de cair.

O tom de voz de Will era sereno.

— É óbvio que nós temos que encontrar o namorado. É provável que ele nos leve à pessoa que fez a chamada. Allison tinha alguma fotografia no apartamento? Cartas de amor? Um computador?

Fotografias. Será que ele sabia da foto que estava faltando? A garganta de Lena estava tão dolorida que ela não conseguia engolir. Balançou a cabeça.

Will tirou a maleta de trás do assento. Abriu os fechos com um estalo. Ela podia ouvir um alarme estridente nos ouvidos. O peito estava comprimido. A visão, turva. Perguntou-se se seria assim um ataque de pânico.

— Hmm — murmurou Will, vasculhando a maleta. — Meus óculos de leitura não estão aqui. — Ele estendeu a transcrição em sua direção. — Importa-se?

O coração de Lena chacoalhou dentro do peito. Will segurou o papel, a beirada tremulando com a corrente de ar que saía da calefação.

A voz dela era pouco mais que um sussurro.

— Por que está fazendo isso?

O medo encharcou cada palavra pronunciada por ela. Will a encarou por um longo tempo — tão longo que ela sentiu que sua alma estava sendo descascada do corpo. Por fim, ele fez um daqueles seus acenos com a cabeça, como se tivesse tomado uma decisão. Colocou a transcrição de volta na maleta e a trancou com um estalo.

— Vamos à casa de Allison.

Taylor Drive ficava a menos de dez minutos da delegacia, mas o trajeto pareceu levar horas. Lena encontrava-se em tal estado de pânico que diminuiu a velocidade algumas vezes, achando que fosse vomitar. Precisava se concentrar em Frank, imaginar quantos pregos ele colocaria em seu caixão, mas em vez disso pensava em Tommy Braham.

Ele havia morrido sob sua tutela. Era seu prisioneiro. Sua responsabilidade. Ela não o revistara ao colocá-lo na cela. Presumira que, por ele ser lento, não tinha malícia. E agora, quem era a idiota? Lena acreditara que o garoto era capaz de cometer um homicídio, mas o considerara tão inofensivo que o deixara entrar numa cela com um objeto pontiagudo consigo. Frank tinha razão: sorte dela Tommy não ter virado aquela arma contra outra pessoa.

Quando Tommy teria tirado a carga da caneta? Tinha de ter sabido, quando o fizera, que a usaria para algo ruim. Ao terminar de escrever a confissão, Tommy estava aos prantos. A caixa de lenços de papel estava vazia. Lena não o deixara sozinho por mais de meio minuto para pegar mais lenços. Ao voltar à sala, as mãos dele encontravam-se debaixo da mesa. Ela o fizera assoar o nariz como se ele fosse uma criança. Ela o acalmara, massageara seus ombros, lhe dissera que tudo ia ficar bem. Ele pareceu acreditar nela. Assoou o nariz, enxugou os olhos. Ela achara, na ocasião, que Tommy conformara-se com o próprio destino, mas talvez o destino que decidira para si fosse bem diferente do que aquele que Lena imaginara.

Teria sido compaixão por Tommy ou sua instintiva necessidade de autopreservação que impedira Lena de se livrar do abridor de cartas que ele usara contra Brad Stephens?

Na noite anterior, ela pensara em atirá-lo de cima de um dos milhares de pontes de concreto existentes entre ali e Macon. Mas não o fizera. Continuava embrulhado em seu saco, enterrado debaixo do estepe, na mala do carro dela. Lena não queria que ficasse dentro de casa. Agora não estava gostando do fato de estar tão perto da delegacia. Frank havia alterado documentos. Quebrado a cadeia de custódia. Adulterado provas. Não estranharia se o velho vasculhasse seu carro.

Meu Deus. Do que mais ele era capaz?

Ela dobrou à direita na Taylor Drive. A chuva caíra torrencialmente na noite anterior, lavando o sangue da rua. Ainda assim, ela o via em sua mente. A maneira como Brad piscara para livrar os olhos da chuva. A maneira como sua pele já havia começado a ficar cinza quando o helicóptero pousou.

Lena guiou o carro até o final da rua e parou.

— Foi aqui que Brad foi esfaqueado.

— Onde fica o apartamento de Spooner? — perguntou Will.

Ela apontou para a direção.

— Quatro casas, lado esquerdo.

Ele olhou fixamente para o final da rua.

— Qual é o número?

— Dezesseis e meio. — Lena passou a marcha e deixou para trás o local onde Brad fora esfaqueado. — Conseguimos o endereço com a faculdade. Viemos aqui para ver se havia uma colega de quarto ou um proprietário com quem pudéssemos conversar.

— Vocês tinham mandado de busca?

Ele já havia feito essa pergunta. Ela lhe deu a mesma resposta.

— Não. Não viemos fazer busca na casa.

Ela esperou Will perguntar mais alguma coisa, mas ele ficou em silêncio. Lena se perguntou se o que lhe dissera era verdade. Se Tommy não estivesse dentro do apartamento de Allison, eles teriam encontrado uma forma de entrar na garagem ainda assim. Gordon Braham estava viajando. Conhecendo Frank, ele teria arrebentado a fechadura e entrado no apartamento de Allison de qualquer forma. Teria feito um comentário qualquer sobre como era melhor pedir perdão do que permissão. Ninguém ia se importar com um simples arrombamento quando uma jovem universitária havia sido assassinada.

— Vocês interrogaram os vizinhos? — perguntou Will.

Lena parou o carro na frente da casa dos Brahams.

— A patrulha falou com eles. Ninguém viu nada além do que aconteceu.

— E o que *exatamente* aconteceu?

— Brad foi esfaqueado.

— Me conte desde o início. Vocês pararam aqui...

Ela tentou respirar. Os pulmões só conseguiram se encher até a metade da capacidade.

— Nos aproximamos da garagem...

— Não — interrompeu ele. — Volte para o início. Vocês chegaram ao local. E então?

— Brad já estava aqui. — Ela não lhe contou a respeito do guarda-chuva cor-de-rosa ou do ataque de Frank.

— Vocês saltaram do carro? — Will a incitou a ir em frente. Ele realmente ia fazê-la percorrer aquilo tudo passo a passo.

Ela abriu a porta. A chuva borrifou pingos indolentes e grossos em seu rosto. Will também foi saltando do carro.

— A chuva tinha diminuído. A visibilidade estava boa — continuou ela.

Lena começou a percorrer a rampa da entrada da garagem. Will estava ao seu lado segurando a maleta. Já no alto da rampa, ela viu que a garagem estava marcada com a fita amarela que designava a cena de um crime. Frank devia ter voltado ali na noite anterior. Ou talvez tivesse mandado uma patrulha marcar o espaço para fazer parecer que estavam levando aquilo a sério. Não havia mais como saber o que ele estava fazendo nem por quê.

Will abriu a maleta e tirou uma folha de papel de dentro dela.

— O mandado de busca chegou enquanto você pegava o casaco.

Ele entregou o documento para Lena. Ela percebeu que havia sido expedido por um juiz de Atlanta.

— E depois? — perguntou ele. — Imagino que a porta da garagem estivesse fechada quando se aproximaram?

Ela fez que sim.

— Estávamos mais ou menos aqui. Nós três. As luzes estavam apagadas. Não tinha carro nenhum na entrada da garagem ou na rua. — Ela apontou para a lambreta. Havia lama emplastrada ao redor do para-choque de plástico. — O cadeado e a corrente pareciam ser iguais. — Lena olhou fixamente para a lambreta, feliz pela sujeira alojada nos pneus. Tommy podia ter ido até o bosque de lambreta. Eles não conseguiriam encontrar rastros, mas a lama das rodas corresponderia à lama que se encontrava em torno do lago.

— Detetive?

Lena se virou. Ela não ouvira a pergunta.

— Vocês bateram na porta da casa?

Ela olhou outra vez para a casa. As luzes continuavam apagadas. Havia um pequeno buquê de flores ao lado da porta.

— Não.

Will se abaixou e abriu a porta de metal da garagem. O barulho, enquanto ela rolava para cima, foi ensurdecedor, um estrondo que deve ter sido ouvido por metade do bairro. Lena viu a cama, a mesa, os papéis e as revistas espalhados. Havia uma pequena poça de sangue onde Frank caíra, bem próximo à entrada. Uma fina camada de gelo cobria a superfície. O corte em seu braço fora mais profundo do que ela imaginara. Não havia forma de o abridor de cartas ter feito um estrago daqueles. Teria ele próprio se esfaqueado?

— Foi assim que vocês encontraram a garagem? — perguntou Will.

— Basicamente.

Lena cruzou os braços por cima do peito. Dava para sentir a friagem penetrar no casaco. Devia ter voltado ao local após a confissão de Tommy e revistado os pertences de Allison atrás de mais pistas que confirmassem a história dele. Agora era tarde demais para isso. O melhor que Lena podia fazer a seu favor era começar a pensar como uma detetive em vez de agir como suspeita. A arma do crime provavelmente estava ali dentro. A lambreta era uma boa pista. A mancha ao lado da cama era uma pista ainda melhor. Tommy podia ter golpeado Allison na cabeça, então levado-a para o bosque para matá-la.

Talvez seu plano fosse afogá-la no lago. A garota voltara a si e ele a esfaqueara na nuca. Tommy morara no condado de Grant a vida toda. Provavelmente estivera na enseada centenas de vezes. Ele saberia em que parte o lago ficava fundo. Saberia que devia levar o corpo até as profundezas de forma que não fosse facilmente encontrado.

Lena deixou escapar o ar. Agora conseguia respirar. Aquilo estava fazendo sentido. Tommy mentira para sobre como matara Allison, mas a matara, *sim*.

Will pigarreou.

— Vamos voltar alguns passos. Vocês três estavam de pé aqui. A garagem estava fechada. A casa parecia estar vazia. E então?

Lena levou um minuto para recuperar a compostura. Contou a ele sobre Brad ter visto o invasor mascarado lá dentro, sobre como ele dera a volta na construção antes de se separarem para confrontar o suspeito.

Will parecia estar ouvindo apenas algumas partes enquanto ela ia expondo os eventos. Ele estava logo abaixo do portão da garagem com as mãos por trás das costas, varrendo os conteúdos do aposento com os olhos. Lena lhe contava sobre Tommy ter se recusado a baixar a faca quando notou que Will estava focado na mancha marrom ao lado da cama. Ele caminhou para dentro da garagem e se ajoelhou para olhar melhor. Ao lado, estava o balde de água turva que vira no dia anterior. Junto com a esponja.

Ele ergueu a vista para olhá-la.

— Continue.

Lena precisou pensar para recordar onde estava.

— Tommy estava atrás daquela mesa. — Ela indicou com a cabeça a mesa, que estava torta.

— Essa porta não é exatamente silenciosa quando é aberta — comentou Will. — Ele já estava com a faca na mão?

Lena parou, tentando se lembrar do que havia dito na primeira vez que Will lhe fizera aquela pergunta. Ele queria saber se Tommy tinha uma bainha no cinto para guardar uma faca. Queria saber se tinha sido a mesma faca que matara Allison Spooner.

— Quando o vi, ele já estava com a faca na mão — disse ela. — Não sei de onde saiu. Talvez da mesa. — É claro que tinha vindo da mesa. Havia um envelope parcialmente aberto ali: correspondência não solicitada recheada de cupons que ninguém usava.

— O que mais você notou?

Ela indicou o balde de água marrom ao lado da cama.

— Ele estava limpando o local. Meu palpite é que ele a golpeou na cabeça ou a deixou desacordada aqui. Então, a colocou na lambreta e...

— Ele não mencionou ter limpado nada na confissão.

Não, não mencionou. Lena nem mesmo pensara em lhe perguntar a respeito do balde. Ela só pensava em Brad e no quanto sua pele lhe parecera cinzenta da última vez que o vira.

— Suspeitos mentem. Tommy não quis admitir como fez o que fez. Inventou uma história que o deixava com uma imagem melhor. Acontece o tempo todo.

— O que aconteceu em seguida? — perguntou Will.

Lena engoliu em seco, lutando contra a imagem de Brad que insistia em surgir em sua mente.

— Eu me aproximei do suspeito pela direita.

Will abrira a maleta sobre a cama.

— Pela sua direita ou pela direita dele?

— Pela minha direita. — Ela parou de falar. Will sacara alguma espécie de kit de campo de dentro da maleta. Ela reconheceu os três pequenos frascos de vidro que tirou da bolsa plástica. Ia fazer um teste Kastle-Meyer na mancha.

Will não a incitou a continuar a história. Pegou um cotonete limpo de dentro do kit. Abriu o primeiro frasco e usou o conta-gotas para molhar a ponta de algodão com etanol. Levou o cotonete até a mancha, girando-o lentamente, de maneira que a substância marrom se transferisse para ele. Acrescentou, então, o reagente, fenolftaleína, do segundo frasco. Lena prendeu a respiração enquanto ele usava o último conta-gotas para acrescentar água oxigenada à mistura. Havia estudado o processo em sala de aula, ela própria o havia realizado centena de vezes. Se a mancha marrom fosse sangue humano, a ponta do cotonete ficaria rapidamente rosa-shocking.

O cotonete não mudou de cor.

Will começou a guardar o kit.

— E o que aconteceu depois?

Lena se perdera. Não conseguia tirar os olhos da mancha. Como era possível que aquilo não fosse sangue? Tinha o mesmo formato, a mesma cor que uma mancha de sangue. Tommy estivera no apartamento de Allison, mexendo nas coisas dela. Estivera vestido como um ladrão. Estivera a sessenta centímetros do sangue dela com uma faca na mão.

Faca, não. Abridor de cartas.

E não era o sangue de Allison.

Will a encorajou a continuar.

— Então, você abordou Tommy pela direita. O chefe interino Wallace estava à sua direita?

— À minha esquerda, sua direita.

— Foi nesse momento que vocês se identificaram como policiais?

Lena prendeu a respiração. Teria de mentir para ele. Não havia como dizer que não se lembrava porque aquilo seria como admitir que ela não seguira o mais básico dos procedimentos ao confrontar um suspeito.

— Detetive?

Lena deixou escapar o ar lentamente. Tentou ser sarcástica.

— Eu sei fazer o meu trabalho.

Ele assentiu com a cabeça, solenemente.

— Espero que sim. — Em vez de discutir, ele deixou passar. — Me conte o que aconteceu depois.

Lena continuou a história enquanto Will caminhava pela garagem. O espaço era pequeno, mas não havia um centímetro que ele não tivesse estudado em algum momento. A cada vez que ele se detinha para examinar algum objeto com mais cuidado — os suportes da parede dos fundos, uma tira de metal se projetando do trilho da porta da garagem —, o coração dela dava um salto.

Ainda assim, ela lhe contou sobre Tommy ter corrido para a rua, sobre Brad tê-lo perseguido. O golpe. A chegada do helicóptero de salvamento. Lena terminou:

— O helicóptero levantou voo e eu me dirigi para o carro. Tommy já estava lá dentro,

algemado. Eu o levei para a delegacia. Você sabe o que aconteceu a partir daí.

Will coçou o queixo.

— Quanto tempo você diria que se passou desde o momento em que Tommy a atirou no chão até você conseguir se colocar de pé?

— Não sei. Cinco segundos. Dez.

— Você bateu com a cabeça?

A cabeça de Lena ainda estava doendo do baque.

— Não sei.

Will estava nos fundos do aposento.

— Você notou isso?

Ela teve de se esforçar para entrar na garagem. Seguiu o dedo que ele apontava até um buraco na parede. Era redondo com bordas denteadas, mais ou menos do tamanho de uma bala. Sem pensar, Lena olhou de volta para a frente da garagem, para onde Frank estivera em pé. A trajetória correspondia. Não havia cartucho no chão. Pediu a Deus que Frank tivesse pensado em olhar atrás da garagem. A bala não havia parado depois de passar de raspão pela mão dela e fazer um buraco no revestimento de metal. Estava lá fora em algum lugar, provavelmente enterrada na lama.

— Alguém usou arma de fogo? — indagou Will.

— A minha não foi usada.

Ele olhou para o band-aid na lateral da mão dela.

— Então você estava no chão. — Ele caminhou até a cama e ficou de pé no local onde ela caíra.

— Isso mesmo.

— Você se levantou e viu que Frank Wallace estava caído. Ele estava com o rosto voltado para baixo ou estava de lado?

— De lado.

Lena seguiu Will enquanto ele caminhava, lentamente, até a frente da garagem. Passou por cima das revistas que haviam sido espalhadas durante a luta. Viu de relance um Mustang de modelo mais antigo agarrado à lateral de uma pista de corrida.

Will apontou para o metal denteado que se projetava do trilho da porta da garagem.

— Isto parece perigoso.

Ele abriu a maleta outra vez. Com a mão firme, usou uma pinça para puxar alguns fios de tecido cáqui claro do metal afiado. O casaco de Frank era cáqui, um London Fog que ele usava havia tanto tempo quanto Lena o conhecia.

Will lhe passou o kit de teste Kastle-Meyer.

— Estou certo de que sabe fazer isso.

As mãos dela tremeram ao aceitar o kit. Ela seguiu o mesmo procedimento que Will havia feito, usando o conta-gotas para acrescentar o reagente. Quando a ponta do cotonete ficou rosa-shocking, Lena não achou que nenhum dos dois tivesse ficado muito surpreso.

Will se virou outra vez e olhou para a garagem. Ela quase podia ouvir a mente dele funcionando. Lena, por sua vez, tinha a vantagem do próprio envolvimento para pintar um quadro do que acontecera de fato. Tommy empurrara a mesa em direção a Lena. Frank entrara em pânico ou se sobressaltara — por qualquer que tenha sido o motivo, ele acabara puxando o gatilho da arma. Dado a esmo, o disparo arrancara um naco da mão

de Lena. Frank deixara a arma cair. O coice da Glock provavelmente fora inesperado. Ou talvez Frank estivesse tão bêbado que seu equilíbrio ficara prejudicado. Ele dera um solavanco para o lado, abrindo o braço no metal afiado do trilho da porta. Caíra no chão. Ele estava segurando o braço quando Lena se levantara. A essa altura, Tommy corria pela rampa da garagem empunhando o abridor de cartas.

Guardas Keystone. Que porra de piada eles eram.

Quantas doses Frank teria tomado ontem pela manhã? Estivera sentado no carro com sua garrafinha enquanto Lena observava Allison ser tirada de dentro do lago. Ele tomara três ou quatro goles na viagem até lá. E antes disso? Quantas doses eram necessárias só para ele se levantar da cama, hoje em dia?

Will estava em silêncio. Pegou o cotonete, os frascos e pôs tudo de volta em seu devido lugar. Ela esperou o detetive fazer algum comentário sobre o local, sobre o que de fato acontecera. Em vez disso, ele perguntou:

— Onde fica o banheiro?

Lena ficou confusa demais para responder qualquer coisa além de:

— O quê?

— O banheiro. — Ele indicou o plano aberto e Lena se deu conta de que ele tinha razão. O aposento não passava de uma grande caixa. Não havia banheiro. Não havia nem mesmo um guarda-roupa. Os móveis eram austeros, nada além de uma cama que parecia ter sido comprada em uma loja que vende produtos de segunda mão e uma mesa dobrável dessas usadas em bazares de igreja. Havia uma pequena televisão no canto com papel alumínio enrolado na antena e um Playstation ligado na frente. Em vez de cômoda, havia prateleiras de metal parafusadas às paredes. Delas transbordavam camisas. Jeans. Bonés de beisebol.

— O que foi que Tommy disse sobre o motivo de estar usando uma máscara de esqui?

Lena teve a sensação de ter engolido um punhado de cascalho.

— Ele disse que estava de máscara porque fazia frio.

— É realmente frio aqui dentro — concordou Will.

Ele colocou o kit na mala. Lena se encolheu quando ele trancou os fechos com um estalo. O som ecoou como um tiro. Ou uma porta de cela se fechando.

As revistas de carros. Os lençóis sujos na cama. A inexistência de um banheiro dos mais básicos. Não tinha como Allison Spooner ter morado naquela garagem desolada.

Fora Tommy Braham que morara ali.

11

Aagência funerária de Brock se localizava em um dos edifícios mais antigos do condado de Grant. O castelo vitoriano, que contava até com torreões, fora construído no início da década de 1900 pelo homem encarregado da manutenção no estaleiro ferroviário. O fato de ele ter usado fundos desviados da companhia ferroviária na construção foi uma questão mais tarde resolvida pelo promotor público. Por fim, o castelo fora levado a leilão pelo condado e arrematado por John Brock, agente funerário local.

Sara ouvira de seu avô Earnshaw que todos na cidade haviam suspirado aliviados quando os Brocks deixaram a Main Street — principalmente o açougueiro, que tivera a infelicidade de ser seu vizinho de porta. O porão e o primeiro piso do castelo vitoriano tinham sido transformados em uma funerária, ao passo que o andar superior fora reservado para a família.

Sara crescera com Dan Brock. Ele fora um garoto sério e desajeitado, o tipo de criança que ficava mais à vontade na companhia de adultos do que de crianças da sua idade. Ela foi testemunha ocular do bullying que Dan sofrera no ensino fundamental. Os valentões iam para cima dele como piranhas, e só pararam no segundo ciclo do ensino fundamental, quando Dan estirou, passando de 1,80 metro de altura. Como a garota mais alta da turma e a pessoa mais alta da escola depois de Dan, Sara sempre apreciara tê-lo por perto.

E, no entanto, ela não conseguia olhar para ele sem ver o garoto desengonçado de 10 anos de quem as meninas no ônibus fugiam gritando por ele estar contaminado com os germes dos mortos.

Havia um enterro acontecendo quando Sara parou no estacionamento. A morte era um negócio dinâmico, mesmo nas piores economias. O velho castelo vitoriano estava bem-conservado. A pintura era recente, e o telhado, novo. Sara observou o cortejo deixar a construção, preparando-se para fazer a breve caminhada até o cemitério.

Havia uma lápide de mármore no cemitério com o nome de Jeffrey. Sara tinha suas cinzas guardadas em Atlanta, mas a mãe dele havia subitamente redescoberto sua religião e insistira em fazer um velório apropriado. A igreja estivera tão cheia durante o culto que as portas de trás ficaram abertas para que as pessoas que se enfileiravam nos degraus pudessem ouvir o pastor. As pessoas foram a pé para o cemitério em vez de seguirem o carro funerário com seus veículos.

Os mais próximos de Jeffrey haviam colocado no caixão algo que os fazia lembrar o amigo, o chefe, o mentor. Houvera um folheto do time de futebol americano de Auburn

com Jeffrey na capa, levado pelos amigos da juventude. Eddie havia colocado um martelo que Jeffrey usara para ajudá-lo a construir um galpão em seu quintal dos fundos. A mãe de Sara colocara sua antiga frigideira, porque tinha sido nela que ensinara Jeffrey a fazer frango frito. Tessa levara um cartão-postal que ele lhe enviara da Flórida. Ele sempre gostou de implicar com ela. O cartão-postal dizia: *Que bom que você não está aqui!*

Algumas semanas antes de Jeffrey ser morto, Sara lhe dera um exemplar da primeira edição autografada de *Andersonville*, de MacKinlay Kantor. Fora difícil para Sara abrir mão do livro, embora ela soubesse que tinha de fazê-lo. Não podia deixar a terra cobrir o caixão de lembranças de Jeffrey sem sua contribuição. Dan Brock tinha se sentado com ela na sala de sua casa durante horas até que ela estivesse pronta para abdicar do livro. Ela havia olhado cada página, tocado com os dedos os lugares onde as mãos de Jeffrey tinham descansado. Dan fora paciente, silencioso, mas, quando chegara a hora de ir, ele chorara tanto quanto Sara.

Ela pegou um lenço de papel no porta-luvas e enxugou os olhos. Ia acabar chorando como um bebê se deixasse a mente seguir esse caminho. Seu casaco estava no assento ao seu lado, mas Sara não se deu ao trabalho de vesti-lo. Pegou uma presilha no bolso e puxou os cabelos para trás. Estudou a bagunça desgrenhada no espelho. Devia ter passado um pouco de maquiagem de manhã. As sardas em seu nariz estavam mais destacadas. Sua pele estava pálida. Sara empurrou o espelho. Agora era tarde demais para fazer alguma coisa a respeito.

O último carro juntou-se ao cortejo fúnebre. Sara saltou do utilitário, conseguindo evitar por um triz uma poça funda. A chuva caía com força, e ela cobriu em vão a cabeça com as mãos. Brock encontrava-se parado à porta, acenando para ela. O cabelo parecia um pouco mais ralo no alto da cabeça, mas com o terno de três peças e o corpo magro, Dan Brock ainda tinha praticamente a mesma aparência de quando estava no ensino médio.

— Olá! — Ele lhe dirigiu um breve sorriso. — Você foi a primeira a chegar. Eu disse a Frank que começaríamos por volta das onze e meia.

— Pensei em adiantar as coisas arrumando tudo.

— Acho que fui mais rápido que você. — O sorriso que ele lhe dirigiu nesse momento pareceu o que reservava aos enlutados. — Como você está, Sara?

Ela tentou retribuir o sorriso, mas foi incapaz de responder à pergunta. No dia anterior, na delegacia, ela havia pulado as amenidades quando Brock aparecera para buscar o corpo de Tommy Braham e agora sentia-se um pouco constrangida perto dele. Como sempre, Brock aliviou a tensão.

— Ah, venha cá. — Ele a agarrou em um abraço de urso. — Você está com uma aparência ótima, Sara. De verdade. Fico feliz que tenha vindo para o feriado. Sua mãe deve estar adorando.

— Meu pai, pelo menos, está.

Ele manteve o braço ao redor dela e a conduziu para o interior do prédio.

— Vamos sair desse tempo inclemente.

— Uau. — Ela parou à porta, correndo os olhos pelo amplo vestíbulo central. Os pais dela não eram os únicos que andaram fazendo reformas. A decoração austera da casa fora consideravelmente modernizada. As pesadas cortinas de veludo e o carpete verde-escuro tinham sido substituídos por persianas e um discreto tapete oriental que cobria um lindo

piso de madeira. Até mesmo as salas de observação haviam sido reformadas de modo que se não pareciam mais solenes salões vitorianos.

— Mamãe odiou — contou ele —, então devo ter acertado.

— Você fez um belo trabalho — disse ela, sabendo que Brock provavelmente não recebera muitos elogios.

— Os negócios estão indo bem. — Brock manteve a mão nas costas dela enquanto a conduzia pelo corredor. — Tenho que admitir que estou realmente abalado em relação a Tommy. Ele era um bom garoto. Cortava a grama para mim. — Brock parou onde estava. Ele olhou para Sara, e sua atitude mudou. — Sei que as pessoas pensam que sou ingênuo, que erro ao dar às pessoas o benefício da dúvida, mas não consigo vê-lo fazendo nada disso.

— Se matando ou matando a garota?

— As duas coisas. — Brock mordeu o lábio inferior por um instante. — Tommy era um garoto feliz. Você sabe como ele era. Nunca deu uma resposta atravessada a ninguém.

Sara manteve-se circunspecta.

— As pessoas podem nos surpreender.

— Talvez com sua ignorância, pensando que, só porque o garoto era lento, um dia algo estourou em seu cérebro e ele teve um ataque de fúria.

— Você tem razão. — Tommy era deficiente. Não era psicótico. Uma coisa não tinha nada a ver com a outra.

— O que me deixa encucado é que ela não foi morta com requintes de violência. Não como num ataque de fúria.

— Como assim?

Ele enfiou a mão por entre os botões do colete.

— Acho que se esperaria mais, só isso.

— Mais?

Sua atitude voltou ao que era de forma igualmente rápida.

— Ouça. Você é a médica aqui. Vai ver por si mesma e provavelmente vai descobrir muito mais do que eu seria capaz de notar. — Ele pôs a mão no ombro dela. — É muito bom ter você por aqui de novo, Sara. E quero que saiba que estou feliz de verdade por você. Não dê ouvidos para o que as outras pessoas dizem.

Sara não gostou de como aquilo estava soando.

— Feliz em relação a quê?

— Seu novo namorado.

— Meu novo...

— A cidade inteira está comentando. Mamãe passou a noite inteira ontem no telefone.

Sara sentiu o rosto ficar vermelho.

— Brock... Dan. Ele não é...

— Shh — disse Brock. Ela ouviu o ruído de pés se arrastando na escada acima deles. Ele ergueu a voz: — Mamãe, estou indo para o cemitério agora ajudar o pessoal do Sr. Billingham. Sara vai ficar aqui embaixo trabalhando, então não vá incomodá-la. Está ouvindo?

A voz de Audra Brock era débil, embora a velha jararaca provavelmente fosse viver mais que todos eles.

— O que foi que você disse?

Ele tornou a elevar a voz, indo direto ao ponto.

— Eu disse: deixe Sara em paz.

Ouviu-se um resmungo, seguido por mais passos arrastados enquanto ela voltava para o quarto.

Brock revirou os olhos, mas ainda estava com um sorriso gentil no rosto.

— Aqui embaixo está tudo como você deixou. Devo estar de volta daqui a uma hora, mais ou menos, para lhe dar uma mão. Quer que eu coloque um aviso na porta para o seu namorado?

— Ele... — Sara se deteve. — Eu faço isso.

— Meu escritório ainda é na cozinha. Dei uma melhorada nele. Depois me diga o que achou. — Ele acenou antes de sair pela porta.

Sara foi até os fundos da casa. Tinha deixado a bolsa no carro, de modo que não tinha nem papel nem caneta para deixar um bilhete para Will. A cozinha da construção vitoriana sempre servira de escritório. Brock havia finalmente tirado a velha pia e o tanque, tornando o espaço mais propício ao negócio de administrar a morte. O display de caixões ficava no recuo do que fora a copa. Catálogos de arranjos de flores encontravam-se dispostos sobre a mesa de mogno. A mesa de Brock era de vidro e aço com um design muito moderno, considerando que ele era a alma mais velha que Sara já conhecera.

Ela pegou um post-it na mesa e começou a escrever um bilhete para Will, mas se deteve. Frank planejava aparecer. O que escrever naquele quadradinho de papel para dizer a Will aonde ir sem levantar as suspeitas de Frank?

Sara batucou com a caneta nos dentes enquanto se dirigia à porta. Finalmente, se decidiu por "lá embaixo", escrevendo cada palavra em uma linha. Para tornar a coisa o mais clara possível, ela desenhou uma enorme seta apontando para baixo. Aquilo, no entanto, talvez não servisse para nada. Cada disléxico era diferente, mas havia certas características que a maioria compartilhava. A principal delas era a falta de qualquer senso de direção. Não era de se admirar que Will tivesse se perdido vindo de Atlanta. Telefonar não teria ajudado em nada. Dizer a um disléxico para dobrar à direita era praticamente tão útil quanto mandar um gato sapatear.

Sara colou o bilhete no vidro da porta. Ela havia ficado agoniada com a mensagem dessa manhã, escrevendo-a seis vezes, assinando, não assinando. A carinha sorridente fora um acréscimo de última hora, sua maneira de tentar fazer Will saber que estava tudo bem entre eles. Um cego teria visto o quanto ele ficara perturbado na noite anterior. Sara sentiu-se péssima por deixá-lo constrangido. Nunca fora de sair distribuindo carinhas sorridentes, mas desenhara dois olhos e uma boca no canto do bilhete antes de prendê-lo num saco plástico debaixo do limpador de para-brisa, torcendo para que ele o interpretasse da forma correta.

Parecia absurdamente impróprio deixar uma carinha sorridente na porta de uma funerária, mas ela desenhou uma figurinha — dois olhos e uma boca curva —, pensando que ao menos ganharia pontos pela coerência.

As tábuas do piso rangeram lá em cima, e Sara voltou rapidamente para a cozinha. Deixou a porta do porão escancarada e desceu os degraus de dois em dois para evitar a mãe de Brock. Havia uma porta de segurança na base do patamar. Barras de metal pretas e uma tela impediam que alguém invadisse a área de embalsamamento. Ninguém imaginaria que alguém ia querer ir lá embaixo a menos que fosse necessário, mas, muitos

anos antes, alguns estudantes universitários haviam arrombado a antiga porta na tentativa de roubar um pouco de formaldeído, uma opção popular na produção de cocaína em pó. Sara supôs que a combinação da senha não tivesse mudado. Digitou 1-5-9, e a porta se abriu com um clique.

Brock mantinha vazia a área imediatamente em frente à porta para que ninguém que olhasse acidentalmente pela tela visse algo que não devesse ver nunca. A zona de segurança continuava ao longo do corredor comprido e bem-iluminado. Prateleiras continham várias substâncias químicas e suprimentos com os rótulos voltados para a parede, de modo que quem olhasse não soubesse o que estava vendo. Pequenas caixas de sapato enchiam o último armário de metal; cinzas resultantes de cremações que ninguém jamais se dera ao trabalho de ir buscar.

No fim do corredor, Brock havia colocado uma placa que Sara reconheceu do necrotério do hospital: *Hic locus est ubi mors gaudet succurrere vitae*. Traduzindo, dizia mais ou menos: "Este é o lugar onde a morte deleita-se ao ensinar os vivos."

As portas de vaivém para o salão de embalsamamento estavam mantidas abertas com velhos tijolos da própria casa. A luz artificial se refletia nas paredes de azulejos brancos. Enquanto o andar térreo fora drasticamente modificado, ali embaixo estava exatamente como Sara lembrava. Havia duas macas de aço inoxidável no meio da sala com grandes luzes industriais instaladas em cima. Uma estação de trabalho encontrava-se ao pé de cada maca, com um encanamento conectado às extremidades para ajudar a esvaziar os corpos. Brock já havia arrumado os instrumentos para a autópsia — as serras, os bisturis, o fórceps e as tesouras. Ele ainda usava a tesoura de podar que Sara comprara na loja de ferragens para cortar o esterno.

Os fundos da sala eram totalmente dedicados à funerária. Ao lado do imenso freezer, via-se uma bandeja deslizante contendo o trocarte de metal usado para perfurar e limpar órgãos durante o processo de embalsamamento. Posicionada no canto via-se a máquina de embalsamento, que parecia uma mistura de aquecedor de café, do tipo usado nos bufês, e liquidificador. O tubo arterial pendia flacidamente da pia. Grossas luvas de borracha encontravam-se dispostas na cuba. Um avental. Um par de óculos de proteção, do tipo usado em construções. Uma máscara para se proteger dos respingos. Uma caixa de rolos de algodão de tamanho industrial para estancar humores.

Incongruentemente, havia um secador de cabelos e um kit de maquiagem cor-de-rosa aberto em cima da caixa de algodão. Potes de base e vários tons de sombras e brilhos labiais faziam parte do kit. O logo da "maquiagem funerária Peason" estava gravado na parte interna da tampa.

Sara pegou um par de luvas descartáveis da caixa presa à parede e abriu a porta do freezer. Uma rajada de ar frio veio ao seu encontro. Havia três corpos ali dentro, todos em sacos fechados por zíper. Procurou pela etiqueta de Allison Spooner.

O saco abriu-se com a dificuldade de sempre, o zíper prendendo no plástico preto grosso. A pele de Allison havia adquirido o tom ceroso e iridescente da morte. Os lábios estavam azul-escuros, quase negros. Pedaços de grama e ramos estavam colados à sua pele e às roupas. Pequenas contusões marcavam-lhe a boca e o rosto. Sara vestiu as luvas cirúrgicas e delicadamente puxou para trás o lábio inferior da garota. Marcas de dente cortavam a carne macia onde o rosto de Allison havia sido pressionado no chão. O ferimento havia sangrado antes de a menina morrer. O assassino a havia forçado contra o

chão para matá-la.

Cuidadosamente, Sara virou a cabeça de Allison para o lado. O *rigor mortis* já havia se dissipado. Ela pôde ver facilmente a ferida aberta pela faca na parte posterior do pescoço.

Brock tinha razão. Ela não fora morta com grande violência. Não havia fúria visível no corpo, somente uma incisão letal e precisa.

Sara pressionou os dedos no alto e na base do ferimento, esticando a pele para reconstruir sua provável posição na hora da lesão. A faca teria sido fina, com cerca de 1 centímetro e meio de largura e, provavelmente, por volta de 10 centímetros de comprimento, no máximo. A lâmina penetrara em ângulo. A base da incisão parecia curva, o que significava que a faca havia sido retorcida para garantir o máximo de dano.

Sara puxou o casaco da menina para cima, combinando o corte no tecido com o ferimento do pescoço. Lena estava certa nesse aspecto, pelo menos. A garota fora esfaqueada por trás. Sara deduziu que o assassino fosse destro e muito seguro. O golpe deve ter sido tão rápido quanto fora mortal. O punho da faca havia machucado a pele em torno do ferimento. Quem quer que tivesse matado Allison não hesitara em cravar a lâmina e então torcê-la para maximizar o efeito.

Aquilo não era obra de Tommy Braham.

Sara tornou a fechar o saco com a mesma dificuldade. Antes de sair do freezer, pôs a mão sobre a perna de Tommy. Obviamente, ele não podia sentir a pressão — era tarde demais para Sara lhe oferecer algum conforto —, mas sentiu-se melhor sabendo que seria ela quem cuidaria dele.

Tirou as luvas e as jogou no lixo enquanto se dirigia para os fundos do porão. Havia ali um pequeno quarto sem janela que, nos primeiros tempos do castelo vitoriano, servira de adega. Tijolos vermelhos revestiam as paredes e continuavam pelo chão e pelo teto. Brock usava o espaço como escritório, apesar de a temperatura ser muito mais baixa ali dentro. Sara pegou o casaco pendurado ao lado da porta, depois mudou rapidamente de ideia quando sentiu o cheiro da loção pós-barba de Brock.

A mesa estava vazia exceto pelos formulários da autópsia e uma caneta tinteiro. Brock havia preparado dois pacotes para os procedimentos e colara post-its em cada um com o nome, a data de nascimento e o último endereço conhecido de cada vítima.

As leis da Geórgia exigiam que uma autópsia médica fosse realizada apenas sob certas circunstâncias. Morte violenta, morte no local de trabalho, morte suspeita, morte súbita, morte desacompanhada e morte cirúrgica, todas requeriam investigação. Na maior parte das vezes, as informações reunidas eram sempre as mesmas: nome legal, pseudônimos, idade, altura, peso, causa da morte. Radiografias eram feitas. O conteúdo do estômago era examinado. Pesavam-se os órgãos. Artérias, válvulas e veias eram exploradas. Observavam-se contusões. Traumas. Marcas de mordida. Estrias. Lacerações. Cicatrizes. Tatuagens. Marcas de nascença. Cada detalhe, significativo ou não, que fosse encontrado no corpo tinha de ser anotado no formulário correspondente.

Sara havia pendurado os óculos de leitura na blusa antes de sair do carro. Ela os colocou e começou a preencher os formulários. A maior parte da papelada teria de ser preenchida após o procedimento, mas cada etiqueta presa a um espécime ou amostra tinha de ter seu nome, o local, e a data e o horário corretos. Além disso, todo formulário tinha de ter a mesma informação no pé da página, junto com a assinatura dela e o número de sua licença médica. Ela já estava na metade do segundo grupo de documentos quando

ouviu alguém bater na porta de metal.

— Olá? — A voz de Will ecoou pelo porão.

Sara esfregou os olhos, com a sensação de que tinha acabado de acordar de um cochilo.

— Já vou. — Ela afastou a cadeira da mesa e se dirigiu à escada. Will estava de pé do outro lado da porta de segurança.

Ela abriu o trinco.

— Acho que meu bilhete funcionou.

Ele lhe dirigiu um olhar cauteloso, quase como um aviso.

Sara fez sinal para que ele a acompanhasse até a sala de autópsia.

— Um espaço e tanto — disse Will, observando a sala. Ele estava com as mãos nos bolsos. Ela viu que a calça dele estava com a barra molhada e enlameada.

— Como foi hoje de manhã? — perguntou ela.

— A boa notícia é que descobri onde Allison foi morta. — Ele contou sobre a caminhada pela floresta. — Tivemos sorte de a chuva não ter lavado tudo.

— O sangue é cinco vezes mais denso que a água. Levaria semanas para que o solo filtrasse tudo, e eu aposto que aquele carvalho vai conservar aquilo ali por anos. — Sara explicou: — O plasma iria se decompor, mas as proteínas e a globulina permaneceriam em estado coloidal por tempo indeterminado.

— Foi exatamente o que pensei.

Ela sorriu.

— E a má notícia?

Ele apoiou a mão na maca, depois pensou melhor.

— Efetuei um mandado de busca na propriedade errada e comprometi algumas provas.

Sara não falou, mas sua expressão deve ter transmitido surpresa.

— Era Tommy quem morava na garagem, não Allison. O mandado de busca que Faith conseguiu especificava o endereço da garagem. Qualquer coisa que eu tiver descoberto está comprometida. Duvido que algum juiz permita que seja incluída no processo.

Ela reprimiu uma risada pesarosa. Pelo menos ele estava vendo em primeira mão como Lena conseguia ferrar tudo e todos à sua volta.

— O que foi que você encontrou?

— Não havia uma grande quantidade de sangue, se é isso que você quer saber. Frank Wallace se machucou quando estava de pé na frente da garagem. A mancha no chão, ao lado da cama, provavelmente é da cachorrinha de Tommy, Pippy, tentando vomitar uma meia.

Sara estremeceu.

— Ainda acha que foi Tommy quem fez isso? A confissão dele não condiz com os fatos.

— Lena está trabalhando na teoria de que Tommy levou Allison para a floresta de lambreta e a assassinou lá. Eu suponho que ele ficaria sentado nos blocos de cimento do mesmo jeito que se coloca uma criança em cima de catálogos telefônicos à mesa da cozinha.

— Isso soa completamente plausível.

— Não é mesmo? — Ele coçou o queixo. — Já examinou o corpo de Allison?

— Dei uma olhada no ferimento. O agressor estava atrás dela. A maior parte dos

ferimentos à faca no pescoço são feitos por trás, mas em geral a lâmina é deslizada pela parte da frente da garganta, muitas vezes resultando em decapitação parcial. Allison foi apunhalada por trás, com a lâmina entrando no pescoço por essa direção, seguindo a trajetória até a frente. Foi um único golpe, muito bem calculado, quase como uma execução, então o assassino girou a lâmina só por garantia.

— Então ela morreu por causa da facada?

— Não posso dizer com certeza até colocá-la na mesa.

— Mas você tem uma ideia.

Sara nunca gostara de dar sua opinião a menos que tivesse fortes fatos médicos para sustentá-la.

— Não quero fazer suposições.

— Estamos só nós dois aqui embaixo. Prometo que não vou contar a ninguém.

Ela estava apenas vagamente ciente de que estava cedendo com muito mais facilidade do que deveria.

— O ângulo da lesão foi planejado para produzir uma morte rápida. Eu ainda não a abri, então não tenho certeza...

— Mas?

— Parece que a bainha carótica foi cortada, de modo que estamos falando de uma ruptura imediata da carótida comum e muito provavelmente da jugular interna. Elas se ramificam juntas assim. — Ela uniu os dedos indicadores de ambas as mãos. — A função da carótida é levar o sangue oxigenado rapidamente do coração para a cabeça e o pescoço. A jugular é uma veia. É alimentada pela gravidade. Ela coleta o sangue cujo oxigênio foi retirado e que vem da cabeça e do pescoço e o leva de volta para o coração pela veia cava superior, onde ele é novamente oxigenado e todo o processo recomeça. Entendeu?

Will assentiu.

— As artérias são o suprimento de água, as veias são o dreno. É um sistema fechado.

— Correto — concordou ela, dando-lhe pontos pela analogia com o sistema de encanamento. — Todas as artérias têm um pequeno músculo espiralando em torno delas que relaxa e se contrai para controlar o fluxo de sangue. Se cortarmos uma artéria em duas, se a rompermos, o músculo se contrai, ondulando como uma mangueira estourada. Isso ajuda a estancar o fluxo sanguíneo. Mas, se cortarmos a artéria sem parti-la em duas, a vítima morre de exsanguinação, em geral muito rápido. Em questão de segundos, não minutos. O sangue jorra, a pessoa entra em pânico, o coração bate mais rápido, o sangue jorra mais rápido e a pessoa está morta.

— Onde fica a carótida?

Ela pôs os dedos ao lado da traqueia.

— Temos uma carótida de cada lado, são espelhadas. Vou ter que extirpar a lesão, mas parece que a faca percorreu essa rota, entrando perto da sexta vértebra cervical e seguindo o ângulo da mandíbula.

Ele fitou o pescoço dela.

— O quão difícil é fazer isso dando um golpe por trás?

— Allison é bem miúda. O pescoço dela é da largura da palma da minha mão. Há tantas coisas na parte posterior do pescoço... músculos, vasos sanguíneos, vértebras. Seria preciso fazer uma pausa, parar um segundo, para calcular e atingir o ponto exato. Não

daria para fazer esse estrago enfiando a faca direto pela nuca. Seria preciso ir de trás para o lado. Com a faca certa, no ângulo certo, a probabilidade de que se acabe atingindo tanto a carótida quanto a jugular é grande.

— A faca certa?

— Estou supondo que tivesse uma lâmina de 9 ou 10 centímetros.

— Então estamos falando de uma faca de cozinha?

Ele obviamente não era bom com medidas. Ela lhe mostrou o tamanho usando o indicador e o polegar.

— Nove ou 10 centímetros. Pense no tamanho do pescoço dela. Ou no meu pescoço, para facilitar. — Sara manteve o espaço entre os dedos e levou a mão ao pescoço. — Se a lâmina fosse maior, teria saído pela frente do pescoço.

Ele cruzou os braços. Ela não saberia dizer se ele estava satisfeito ou aborrecido com os auxílios visuais.

— Que largura você acha que a lâmina tinha? — perguntou ele.

Ela estreitou o espaço entre o polegar e o indicador.

— Um centímetro e meio? Dois? A pele é elástica. Ela deve ter lutado. A incisão é mais larga na base, portanto o assassino cravou a faca até o punho e em seguida girou a lâmina para ter certeza de que causaria o máximo de dano. Tenho certeza de que não tinha mais de 2 centímetros e meio de largura.

— Isso parece um canivete grande.

Com base na lesão provocada pelo punho, Sara pensou que ele estava certo, mas disse:

— Eu realmente preciso examinar o ferimento em um ambiente mais apropriado do que dentro do freezer.

— É serrilhada?

— Acho que não, mas, sério, me deixe olhar o ferimento de perto e então poderei lhe dizer tudo o que precisa saber.

Ele mordeu o lábio, obviamente pensando no que ela havia dito.

— É preciso menos de 1 quilo de pressão para penetrar a pele.

— Desde que a faca seja pontiaguda e afiada e a lâmina seja empurrada com força.

— Parece algo que um caçador saberia fazer.

— Caçador, médico, agente funerário, açougueiro. — Ela sentiu necessidade de acrescentar: — Ou qualquer pessoa com uma boa ferramenta de busca. Tenho certeza de que dá para encontrar todo tipo de diagrama anatômico na internet. Se são precisos, é discutível, mas quem quer que tenha feito isso estava exibindo suas habilidades. Detesto ficar batendo na mesma tecla, mas Tommy tinha oitenta de QI. Ele levou dois meses para aprender a amarrar os sapatos. Você acha mesmo que ele cometeu esse crime?

— Não gosto de especular.

Ela repetiu palavras dele.

— Estamos só nós dois aqui embaixo. Prometo que não vou contar a ninguém.

Will não cedeu tão facilmente quanto ela.

— Tommy era caçador?

— Duvido que Gordon permitisse que ele tivesse uma arma de fogo.

Will pensou um momento antes de fazer a pergunta seguinte.

— Por que não afogá-la? Ela estava na beira de um lago.

— A água devia estar quase congelando. Havia a possibilidade de uma luta. Ela

poderia ter gritado. Minha casa é... era... do outro lado do lago, de frente para a Ponta dos Amantes, mas às vezes, quando o vento soprava em certa direção, eu podia ouvir música tocando, a risada da garotada. Certamente, algumas pessoas teriam ouvido uma menina gritando para salvar a própria vida.

— Não teria sido mais fácil cortar a garganta em vez de atacar por trás?

Ela assentiu.

— Cortando a traqueia, a vítima não pode falar, muito menos gritar por socorro.

— Mulheres tendem a usar facas — observou Will.

Sara não havia considerado essa possibilidade, mas sentiu-se grata porque a mente dele estava se afastando de Tommy.

— Allison era pequena. Uma mulher poderia tê-la dominado, depois levado-a para a água.

— O assassino era canhoto? Destro?

— Bem... — Sara ia perguntar se isso tinha importância para alguém que não sabia dizer a diferença, mas, em vez disso, respondeu: — Suponho que destro. — Sara ergueu a mão direita. — O agressor devia estar em uma posição superior, de pé por cima dela, provavelmente com uma perna de cada lado do corpo dela, quando a lâmina entrou. — Ela fez uma pausa. — É por isso que não gosto de fazer suposições. Preciso verificar o estômago e os pulmões. Se encontrarmos água do lago, isso significa que ela provavelmente estava com a cara na água quando foi apunhalada.

— Saber se ela estava na água ou na lama quando foi golpeada será essencial para a minha investigação.

Ela franziu a testa.

— Está bancando o espertinho, agente Trent?

— Com base em como foi feita essa pergunta, acho que minha resposta deveria ser não.

Sara riu.

— Sábia decisão.

— Obrigado, Dra. Linton. — Ele correu os olhos pela sala de embalsamamento e estremeceu. — Está frio aqui. Não está sentindo?

Ela percebeu que ele estava usando as mesmas roupas do dia anterior, exceto pela camiseta preta, que trocara por uma branca.

— Não trouxe casaco?

Ele balançou a cabeça.

— Estou em péssima situação com minhas roupas. Preciso pedir emprestadas a máquina de lavar e a secadora da sua mãe hoje à noite. Acha que ela vai se importar?

— Não. É claro que não.

— Teve notícias de Frank Wallace hoje?

Ela balançou a cabeça.

— Está começando a me incomodar o fato de ele não ter se dado ao trabalho de aparecer. Ele sempre deixa o trabalho pesado para Lena fazer?

— Não sei como trabalham juntos hoje em dia. Ela costumava se alternar entre Frank e meu marido, quem precisasse dela no momento.

— Só estou me perguntando se ela está se reportando a Frank ou se cada um está fazendo o que bem entende. — Will fez um gesto na direção das macas. — Posso ajudá-la

em alguma coisa?

— Qual o seu nível de resistência?

— Não gosto de ratos e não me sinto bem com vômito.

— Acho que estamos seguros então. — Sara queria começar logo para que não ficasse ali até depois da meia-noite. — Você pode me ajudar a colocar Allison na mesa?

As brincadeiras e a camaradagem de antes rapidamente deram lugar a uma cooperação mais séria. Trabalharam em silêncio, empurrando a maca até o freezer, erguendo o corpo simultaneamente. Havia uma balança o chão. O visor digital já descontava o peso da maca. Sara a empurrou até a plataforma. Allison Spooner pesava 46 quilos.

Quando Sara vestiu as luvas cirúrgicas, Will fez o mesmo. Ela deixou que ele a ajudasse a abrir o zíper do saco que continha o corpo e o rolasse para a esquerda, depois para a direita, para tirar o plástico preto de debaixo da garota. Ele segurou a ponta da fita métrica para que ela pudesse medir a altura.

— Um metro e sessenta — disse Will.

— Preciso anotar isso. — Sara sabia que não conseguiria de jeito nenhum se lembrar de todos aqueles números. Havia um quadro branco na parede dos fundos, acima do balcão. Sara usou um marcador pendurado em um barbante pare registrar a altura e o peso de Allison. Para que ficasse completo, então acrescentou: idade, sexo, raça e cor dos cabelos. Os olhos da menina estavam abertos, então observou que eram castanhos.

Quando Sara se virou, encontrou Will olhando para os números. Ela usara abreviações que até mesmo uma pessoa que lê sem problemas teria dificuldade em compreender. Ela apontou para as letras…

— Data de nascimento, altura, peso...

— Eu entendi — disse ele, o mais próximo de um tom rude que ela já o ouvira usar.

Sara resistiu ao impulso de falar sobre o problema dele, de dizer a ele que era bobagem sentir vergonha. Ele havia passado toda a vida escondendo a dislexia, e ela não ia consertar aquilo confrontando-o sobre a questão no porão de uma funerária. Sem falar que aquilo não era da sua conta.

Ela foi até o armário alto ao lado do escritório, supondo que Brock ainda guardasse seus suprimentos no mesmo lugar.

— Droga — resmungou. A câmera e todas as suas partes estavam dispostas sobre pedaços de veludo que cobriam duas prateleiras. Ela pegou uma lente. — Não tenho certeza se sei montar esta coisa.

— Importa-se se eu tentar?

Will não esperou pela resposta. Pegou a lente e girou, encaixando-a na câmera, então prendeu as luzes, o flash e a guia de metal que registrava profundidade. Pressionou vários botões até que o visor LCD piscou, quando então percorreu todos os ícones até encontrar o que estava procurando.

Sara tinha dois diplomas e uma certificação do Conselho de Medicina, mas o inferno teria congelado antes de ela conseguir decifrar qualquer coisa em relação àquela câmera. A curiosidade acabou com sua resolução anterior.

— Você já foi testado?

— Não. — Ele estava parado atrás de Sara, segurando a câmera à frente para que ela pudesse ver. — O zoom é aqui — disse ele, pressionando o botão de alternar.

— Você poderia...

— Aqui é o macro.

— Will...

— O supermacro. — Ele continuou falando ao mesmo tempo que Sara até ela desistir. — É aqui que você ajusta a cor. Aqui é a luz. Antivibração. Olhos vermelhos. — Ele foi passando pelos recursos como um instrutor de fotografia.

Sara finalmente cedeu.

— Por que eu não aponto e você fotografa?

— Tudo bem. — As costas dele estavam rígidas; dava para ver que estava irritado.

— Desculpe por eu ter...

— Por favor, não precisa se desculpar.

Sara sustentou o olhar dele por mais alguns instantes, desejando poder consertar aquilo. Não havia nada a dizer se ele não a deixava nem se desculpar.

— Vamos começar — disse ela, por fim.

Sara o conduziu ao redor da mesa enquanto ele fotografava Allison Spooner da cabeça aos pés. O agasalho esportivo. A punhalada que perpassava o pescoço. O tecido seccionado onde a faca tinha cortado. As marcas dos dentes na parte interna do lábio.

Ela dobrou os jeans rasgados, expondo o joelho. Havia um rasgo em forma de meia-lua, a pele pendurada por uma aba. Um hematoma escuro delineava a área de impacto.

— Esse tipo de laceração vem de um trauma obtuso. Ela caiu de joelhos com muita força, provavelmente com todo o peso do corpo, com certeza em cima de algo duro, como uma pedra. O impacto rompeu a pele.

— Podemos olhar os pulsos?

O casaco havia se embolado em torno das mãos da garota. Sara empurrou o tecido para cima.

Ele tirou algumas fotografias.

— Marcas de amarras?

Sara inclinou-se para olhar mais de perto. Em seguida verificou o outro pulso. As veias eram de um azul iridescente. Linhas vermelhas corriam pela pele onde coágulos mantinham o sangue no lugar.

— Os corpos começam a boiar em algum momento entre duas horas e dois dias depois de estarem na água — explicou. — A decomposição começa rapidamente... assim que o coração e os pulmões param, o corpo começa a se voltar contra si. Bactérias vazam dos intestinos. Gases se acumulam, fazendo o corpo boiar. Os blocos de cimento a impediriam de subir à superfície. A água gelada teria retardado a decomposição. Eu não sei qual era a temperatura do lago, mas podemos presumir que estava próxima do ponto de congelamento. Ela provavelmente estava de bruços, com as mãos pendendo à frente. O *livor mortis* instalou-se na ponta dos dedos, acumulou-se nos pulsos. Suponho que se possa confundir a descoloração com marcas de amarras. Devia estar escuro àquela hora da manhã. — Sara não conseguiu pensar em mais desculpas para Frank. — Sinceramente, achei que Frank estivesse mentindo para mim quando falou isso pela primeira vez.

— Por que mentiria sobre isso? — perguntou Will. — A punhalada é prova suficiente de que alguma coisa estava seriamente errada.

— Você vai ter que perguntar a Frank.

— Tenho muitas perguntas para ele, se ele algum dia ele se dignar a aparecer.

— Ele dever estar com Brad. Frank o conhece desde que era garoto. Aliás, todos nós.

Will limitou-se a assentir.

Sara pôs a régua ao lado do pulso de Allison para que ele pudesse fotografar. Quando Will terminou, ela virou a mão. Havia uma leve cicatriz ao longo da dobra do pulso. Ela verificou a outra mão.

— Ela já tentou se matar. Com uma navalha, talvez com uma faca afiada. Eu diria que há menos de dez anos.

Will estudou as linhas brancas salientes.

— Como Tommy era?

Ela ficou surpresa com a pergunta, porque sua atenção estava voltada para Allison. Sara não tinha dormido muito na noite anterior. Tivera muito tempo para pensar sobre Tommy.

— Era alegre. Não creio que tenha havido uma só ocasião em que eu não o tenha visto sorrir. Mesmo quando estava doente.

— Alguma vez o viu com raiva?

— Não.

— Tinha muitos ossos quebrados ou contusões?

Ela balançou a cabeça, sabendo aonde ele queria chegar.

— Gordon era muito cuidadoso com o filho. A única vez em que o vi zangado foi quando Tommy comeu um pote inteiro de cola caseira.

Will abriu um sorriso afetuoso.

— Eu costumava comer esse tipo de cola. — Ele segurou a câmera ao lado do corpo. — Eu me pergunto se o sabor ainda é tão bom quanto era.

Sara riu.

— Eu não recomendaria tentar descobrir. Tommy ficou doente por vários dias.

— Você não me contou que Lena foi estuprada.

A observação veio do nada. Sara foi apanhada desprevenida, o que provavelmente fora a intenção dele.

— Isso foi há muito tempo.

— Faith descobriu pela internet.

Ela se ocupou no balcão nos fundos, encontrando um rolo de papel pardo no armário para poder dispor as roupas.

— Isso tem importância?

— Não sei. Me incomoda o fato de você ter omitido essa informação.

Sara estendeu o papel.

— Muitas mulheres foram estupradas. — Ela ergueu os olhos ao não obter resposta. — Não tenha pena dela, Will. Ela é muito boa em fazer as pessoas sentirem pena dela.

— Eu acho que ela lamenta o que aconteceu com Tommy.

Sara balançou a cabeça.

— Não espere nada de bom vindo dela. Lena não é uma pessoa normal. Não há bondade nela.

Ele falou cautelosamente, transmitindo com o olhar o significado de suas palavras.

— Conheci muita gente verdadeiramente má na minha vida.

— Ainda assim...

— Não creio que Lena seja completamente destituída de alma. Acho que sente raiva, que tem um comportamento autodestrutivo e que está se sentindo encurralada.

— Eu também pensava assim. E sentia pena dela. Antes de ela fazer com que meu marido fosse morto.

Não havia muito mais o que Sara pudesse dizer depois disso. Desabotoou a camisa de Allison e continuou a despir a garota. Will trocou o cartão de memória da máquina e fotografava quando ela pedia. Ela não pediu a ajuda dele quando jogou um lençol branco e limpo por cima do corpo de Allison. O silêncio amistoso que haviam compartilhado era uma lembrança distante. A tensão era tamanha que Sara sentiu que estava ficando com dor de cabeça. Estava com raiva de si mesma por aquilo ter importância. Will Trent não era seu amigo. A dislexia, seu senso de humor peculiar, suas roupas sujas — nada disso era problema dela. Tudo que Sara precisava que ele fizesse era finalizar seu trabalho e, então, voltar para a mulher dele.

Lá fora, no corredor, a porta de metal foi fechada com um estrondo. Instantes depois, Frank Wallace entrou na sala carregando uma caixa de papelão. Usava um sobretudo comprido e luvas de couro. Os cabelos estavam molhados da chuva.

— Chefe Wallace — disse Will —, que bom finalmente conhecê-lo. Estava começando a achar que vinha me evitando.

— Você quer me dizer por que mandou metade dos meus homens correrem atrás do próprio rabo debaixo de uma chuva torrencial?

— Presumo que já saiba que encontramos o local onde Allison Spooner foi esfaqueada.

— Vocês já examinaram aquele sangue? Até onde sei, pode ser de um animal.

— Sim, eu o testei no local — disse-lhe Will. — É sangue humano.

— Muito bem, então ele a matou na floresta.

— É o que parece.

— Cancelei a busca. Você pode trazer sua própria equipe se quiser peneirar 15 centímetros de lama.

— É uma ótima ideia, chefe Wallace. Acho que vou convocar uma equipe.

Frank havia obviamente encerrado seu assunto com Will. Largou a caixa aos pés de Sara.

— Aqui estão todas as provas que temos.

Ela prendeu a respiração até que ele se afastasse. O cheiro de Frank era rançoso, uma combinação de antisséptico bucal, suor e cigarro.

— Espero que não se importe, chefe Wallace — disse Will. — Pedi à detetive Adams que interrogasse os vizinhos outra vez e que falasse com os professores de Allison na faculdade.

— Faça o que bem entender — resmungou Frank. — Não preciso mais dela.

— Algum problema?

— Você não estaria aqui se não houvesse. — Frank tossiu na mão enluvada. Sara encolheu-se diante do som. — Lena ferrou essa história toda, do início ao fim. Não vou mais acobertá-la. Ela é uma péssima policial. O trabalho dela é desleixado. Ela conseguiu causar a morte de uma pessoa. — Ele dirigiu a Sara um olhar significativo. — De mais uma pessoa.

Ela sentiu calor e frio ao mesmo tempo. Frank estava dizendo tudo o que ela queria ouvir — tudo o que ela sabia em seu coração —, mas as palavras soaram sujas saindo de sua boca. Ele estava explorando a morte de Jeffrey, ao passo que Sara estava tentando vingá-la.

— Lena me disse que o senhor conversou com Lionel Harris ontem à noite... — falou Will.

De repente, Frank se mostrou nervoso.

— Lionel não sabe de nada.

— Ainda assim, ele pode ter informações pessoais sobre Allison.

— O pai de Lionel o criou direito. Ele tem mais o que fazer do que ficar correndo atrás de uma garotinha branca da faculdade.

Sara sentiu que sua boca se abria, surpresa.

Frank deu de ombros, desconsiderando seu choque.

— Você sabe o que quero dizer, Docinho. Um negro de 63 anos não tem muito em comum com uma menina branca de 21. Pelo menos não se ele souber o que é bom para ele. — Frank fez um movimento de cabeça na direção de Allison. — O que vocês descobriram?

Sara não conseguiu encontrar a voz para responder.

— Ferimento a faca no pescoço — informou Will. — Ainda não temos a causa definitiva da morte.

Will buscou os olhos de Sara. Ela assentiu em cumplicidade, embora ainda estivesse chocada com o que Frank havia dito. Ele nunca falara dessa maneira perto dos pais dela. Eddie teria lhe indicado o caminho da porta, se Cathy já não o tivesse chutado para fora. Sara queria atribuir aquilo à exaustão. Ele certamente estava com uma aparência pior do que no dia anterior. Todas as suas roupas, do terno barato ao sobretudo, estavam amarrotadas, como se ele tivesse dormido com elas. A pele pendia flácida no rosto. Seus olhos brilhavam à luz. E ele ainda não tinha tirado as luvas de couro.

Will cortou o momento.

— Chefe Wallace, já finalizou seu relatório sobre o incidente na garagem?

A mandíbula de Frank se contraiu.

— Estou trabalhando nele.

— Pode repassar o ocorrido para mim agora? Só os pontos principais. Verei os detalhes quando o senhor entregar o relatório.

A voz de Frank era áspera, deixando claro que ele não gostava de ser questionado.

— Tommy estava na garagem com uma faca na mão. Nós lhe ordenamos que a largasse. Ele não largou.

Sara esperou que ele continuasse, mas foi Will quem o incentivou:

— E então?

Frank deu de ombros novamente, num gesto negligente.

— O garoto entrou em pânico. Empurrou Lena para fora do caminho. Eu fui ajudá-la. Ele veio para cima de mim com a faca, cortou meu braço. Quando fui ver, Tommy estava descendo a rampa da garagem em disparada. Brad foi atrás dele. Eu disse a Lena que fosse também. — Ele parou. — Ela não teve a menor pressa.

— Ela hesitou?

— Lena geralmente corre para o lado contrário quando há um incêndio.

Ele olhou para Sara, como se esperasse que ela concordasse. Na experiência de Sara, o oposto era verdade. Lena chegava o mais perto possível do fogo. Era a posição mais estratégica para ver as pessoas queimando.

— Ela foi atrás deles, sem muita pressa — continuou Frank. — Quem acabou pagando

por isso foi Brad.

Will recostou-se no balcão, uma das mãos descansando na borda. Seu estilo de interrogar certamente era incomum. Colocando-se uma cerveja em sua mão, ele poderia estar conversando sobre futebol em um churrasco.

— Alguém descarregou a arma?

— Não.

Will assentiu lentamente, prolongando bem a próxima pergunta.

— Quando abriram a porta da garagem, Tommy já estava segurando a faca?

Frank abaixou-se e pegou um saco de provas na caixa de papelão.

— Esta faca.

Will não pegou o saco, então Sara pegou. A faca de caça era serrilhada em um dos lados e afiada no outro. O punho era grande. A lâmina tinha no mínimo 12 centímetros de comprimento e 4 de largura. Era um milagre que Brad ainda estivesse vivo. Sem pensar, ela deixou escapar:

— Esta não é a faca que foi usada em Allison.

Will pegou a arma das mãos de Sara, dirigindo a ela um olhar do tipo que Tommy Braham provavelmente recebera todos os dias de sua vida. Então, Will disse a Frank:

— Esta faca parece nova.

Frank lançou um olhar rápido para faca.

— E daí?

— Tommy era um apreciador de facas?

Frank tornou a cruzar os braços. Havia uma gota de suor em sua testa. Mesmo com a temperatura mais fria no porão, ele parecia estar pegando fogo com o casaco e as luvas.

— Obviamente, ele tinha pelo menos duas. Como a doutora disse. Esta não é a mesma que foi usada na garota.

Sara teria se enfiado em um buraco no chão, se pudesse.

— O que o fez suspeitar de que Tommy estava envolvido no homicídio de Allison? — perguntou Will. — Além da faca que ele segurava?

— Ele estava no apartamento dela.

Will não ofereceu nenhuma informação contrária, mas Sara viu que ele conseguira a resposta para uma de suas perguntas. Se Lena tivesse falado com Frank, então ela não mencionara que era Tommy quem morava na garagem, não Allison.

A paciência de Frank claramente se esgotara.

— Ouça, filho, eu trabalho nisso há muito tempo. Existem duas razões para um homem fazer isso com uma mulher: sexo e sexo. Tommy já confessou. Qual o sentido disso tudo?

Will sorriu.

— Dra. Linton, sei que ainda não fez um exame completo em Allison Spooner, mas existe algum sinal de violência sexual?

Sara ficou surpresa ao se ver novamente tomando parte na conversa.

— Não que eu tenha visto.

— As roupas dela estavam rasgadas?

— Havia um rasgo no joelho da calça jeans onde ela se apoiou ao cair. O casaco foi cortado pela faca.

— Existem outros ferimentos significativos além da facada no pescoço?

— Não que eu tenha encontrado.

— Então, Tommy queria fazer sexo com Allison. Ela lhe disse não. Ele não rasgou as roupas dela. Não tentou forçá-la de nenhuma forma. Ele a coloca na lambreta e a leva para o lago. E a apunhala uma única vez no pescoço. E então a joga no lago com as correntes e os blocos de concreto, escreve um bilhete de suicídio falso e volta para limpar o apartamento dela. É isso mesmo, chefe Wallace?

Frank ergueu o queixo. A hostilidade irradiava dele como o calor de uma fogueira.

— O bilhete é que está me incomodando — disse Will. — Por que não jogá-la simplesmente no lago? Era improvável que alguém a encontrasse. O lago é bem fundo, certo? — Como Frank não respondeu, ele olhou para Sara. — Certo?

Ela assentiu.

— Certo.

Will parecia estar esperando de Frank uma resposta que não viria. Sara esperou que ele perguntasse sobre o telefonema para a Emergência, sobre o namorado. Will não perguntou. Continuou recostado no balcão, esperando que Frank dissesse alguma coisa. Frank, por sua vez, parecia estar se esforçando para encontrar uma explicação.

Finalmente encontrou uma.

— O garoto era retardado. Certo, doutora?

— Gostaria que não usasse essa palavra — disse Sara. — Ele...

— É o que ele era — interrompeu Frank. — Tommy era burro. Não se pode esperar atitudes racionais de gente burra. Ele a esfaqueou uma única vez? E daí? Ele deixou um bilhete? E daí? Ele era retardado.

Will deixou as palavras de Frank pairarem no ar por alguns segundos.

— O senhor conhecia Allison, certo? Da lanchonete?

— Eu a via por aí.

— Já encontrou o carro dela?

— Não.

Will sorriu.

— Já examinaram o carro de Tommy?

— Detesto ter de dar essa notícia a você, Einstein, mas o retardado confessou. Fim de papo. — Ele consultou o relógio em seu pulso. — Não posso ficar aqui batendo punheta pra você o resto do dia. Eu só queria me certificar de que tivessem todas as provas. — Fez um aceno com a cabeça para Sara. — Pode ligar para o meu celular se precisar de mim. Preciso voltar para o hospital.

Will não reclamou da partida abrupta.

— Obrigado, chefe. Agradeço sua cooperação.

Frank não conseguiu decifrar se ele estava sendo sarcástico ou não. Ignorou o comentário, dizendo a Sara:

— Darei notícias de Brad. — Então saiu intempestivamente da sala.

Sara não sabia bem o que dizer. Will deixara todas as perguntas importantes sem resposta. O estilo de Jeffrey de interrogar era muito mais agressivo. Uma vez que tivesse encostado Frank na parede, nunca teria deixado o homem ir embora. Ela se virou para Will, que ainda estava recostado no balcão.

— Por que não perguntou a Frank sobre o namorado?

Ele deu de ombros.

— Uma resposta não é importante se for mentira.

— Reconheço que ele foi babaca, mas também se mostrou disponível. — Ela tirou as luvas e as lançou na lixeira. — Por acaso lhe ocorreu que ele não tem a menor ideia de que Lena vem adulterando essas provas todas?

Will coçou o queixo.

— Descobri que as pessoas tendem a esconder coisas por diferentes razões. Não querem que pegue mal para outra pessoa. Acreditam que estão fazendo a coisa certa, mas na realidade não estão. Na verdade, estão obstruindo uma investigação.

Sara não tinha a menor ideia de aonde ele queria chegar com aquilo.

— Conheço Frank há muito tempo. Apesar daquela coisa estúpida e ignorante que ele disse sobre Lionel, não é má pessoa.

— Docinho.

Ela revirou os olhos.

— Eu sei que parece que somos muito próximos...

— Aquelas luvas que ele estava usando eram bem bacanas.

Sara se pegou prendendo a respiração.

— Eu caí nessa direitinho, não foi?

— Tommy foi espancado.

Ela soltou o ar. O instinto de Sara fora proteger Frank. Ela nunca havia considerado que Will enxergaria aquilo pelo que era de fato: ocultação de provas.

— A mão de Frank sofreu cortes feios. Devem ter suturado no hospital.

— Não imagino que tenham feito muitas perguntas.

— Provavelmente, não. — Mesmo no Grady, policiais tinham passe livre no caso de ferimentos suspeitos.

— Quão perigoso é um ferimento por arma de fogo se a bala passar de raspão em sua mão?

— Quem foi ferido?

Will não respondeu.

— Digamos que você tenha sido ferida de raspão na mão por uma bala. Você não recebeu atendimento médico. Você mesma limpou o ferimento com um kit de primeiros socorros, depois cobriu com alguns band-aids. Quais são as chances de ter uma infecção?

— Extremamente altas.

— Quais são os sintomas?

— Depende do tipo de infecção, se chega ou não à corrente sanguínea. Pode ser qualquer coisa, desde febre e calafrios, até falência de órgãos e dano cerebral. — Ela repetiu a pergunta. — Quem foi ferido?

— Lena. — Will ergueu a mão e apontou para a palma. — Aqui do lado.

Sara sentiu um aperto no coração, embora não por Lena. Ela era mais do que capaz de cuidar de si mesma.

— Frank atirou nela?

Ele deu de ombros.

— É provável. Você viu o corte no braço dele?

Ela tornou a balançar a cabeça.

— Acho que ele se machucou numa viga de metal que se projetava da porta da garagem.

Sara pôs a mão no balcão, pois precisava de apoio. Frank tinha dito na cara dela que Tommy o havia ferido com a faca.

— Por que ele mentiria sobre isso?

— Ele é alcoólatra, não é?

Ela balançou a cabeça, mas dessa vez foi mais por causa de sua própria confusão.

— Ele nunca bebeu no trabalho antes. Pelo menos, não que eu tenha visto.

— E agora?

— Ele estava bebendo ontem. Não sei quanto, mas senti o cheiro quando cheguei à delegacia. Só achei que estivesse abalado por causa de Brad. Essa geração... — Ela deixou a voz morrer. — Acho que omiti o fato porque Frank é de uma época em que não havia problema em tomar alguns drinques no meio do dia. Meu marido jamais teria tolerado isso. Não enquanto Frank estivesse de serviço.

— Muita coisa mudou desde que ele morreu, Sara. — A voz de Will foi gentil. — Essa não é a mais a força policial de Jeffrey. Ele não está aqui para mantê-los na linha.

Ela sentiu as lágrimas aflorarem em seus olhos. Sara as enxugou, rindo de si mesma.

— Meu Deus, Will. Por que estou sempre chorando perto de você?

— Espero que não seja minha loção pós-barba.

Ela deu uma risadinha, sem vontade.

— E agora?

Will ajoelhou-se e começou a mexer na caixa de provas.

— Frank sabe que Allison tem um carro. Lena não sabia. Lena sabe que Allison não morava na garagem. Frank não sabe. — Ele encontrou uma carteira feminina e abriu o fecho. — É estranho que eles não estejam trabalhando juntos nisso.

— Frank deixou claro que está cheio dela. Deixando de lado minha vingança pessoal, ele tem muitas razões para querer ficar longe dela.

— Entendo que eles vêm passando por muita coisa. Por que afastá-la agora?

Sara não conseguiu pensar em uma resposta. Will tinha razão. Lena havia feito muita coisa em sua carreira que Frank acobertara.

— Talvez essa seja a gota d'água. Tommy está morto. Brad foi gravemente ferido.

— Falei com Faith no caminho para cá. Não existe nenhuma Julie Smith que ela consiga encontrar. O número do telefone celular que você me deu era de um pré-pago comprado na Radio Shack em Cooperstown.

— Isso fica a 45 minutos daqui.

— Tommy e Allison também deviam ter pré-pagos. Nenhum dos dois tem registro de telefone. Vamos precisar dos números antes de conseguirmos rastrear onde os telefones foram comprados, mas isso não vai fazer muita diferença, eu acho. — Ele ergueu a faca que Frank lhes dera. — Isso não parece ter sangue. Eles a limpariam durante a cirurgia?

— Jogariam iodo nela, mas não limpariam assim. — Ela estudou a arma. — Seria de se esperar que tivesse sangue em torno do punho.

— Sim, seria — concordou ele. — Vou pedir ao agente de campo local para fazer um teste de laboratório para mim. Posso deixar algumas amostras aqui para ele pegar tudo junto quando você tiver acabado?

— Nick Shelton?

— Você o conhece?

— Ele costumava trabalhar com meu marido. Ligo para ele quando tiver terminado.

Will ergueu o bilhete de suicídio e olhou fixamente as palavras.

— Não entendo isso.

— Diz: "Quero que acabe."

Ele lhe dirigiu um olhar penetrante.

— Obrigado, Sara. Eu sei o que diz. O que não entendo é quem o escreveu.

— O assassino? — tentou ela.

— Possivelmente. — Will relaxou, olhando a linha de texto que corria ao longo da seção superior do papel. — Estou achando que existem duas pessoas soltas por aí: o assassino e quem quer que tenha ligado para a Emergência. O assassino fez isso com Allison, e o autor da chamada está tentando encrencá-lo por isso. Então Julie Smith tentou livrar Tommy apelando para a sua ajuda.

— Está parecendo que você o tirou da sua lista de suspeitos.

— Pensei que você não gostasse de fazer suposições.

— Eu não me importo quando outras pessoas fazem.

Will deu uma risadinha, mas manteve o olhar fixo no bilhete.

— Se o assassino escreveu isto, a quem ele está dizendo que quer que acabe?

Ela se ajoelhou para olhar sobre o ombro dele.

— A letra não parece a de Tommy. — Ela apontou para o "Q" no início da frase. — Está vendo isso? Na confissão de Tommy, ele usou uma maiúscula de forma com... — Sara percebeu o quanto suas palavras eram inúteis para ele. — OK, pense assim: se a perna do "Q" parece um galho... Bem, não exatamente um galho... Está mais para uma barra... — Ela deixou a voz morrer. A dificuldade em visualizar a forma das letras estava no cerne do problema de linguagem.

— É frustrante — concordou Will. — Se ao menos ele tivesse escrito algo mais fácil. Como uma carinha sorridente.

Sara foi salva de dar uma resposta pelo toque do telefone de Will.

— Will Trent. — Ele escutou por quase um minuto inteiro antes de dizer: — Não. Continue investigando. Diga a ele que estarei lá em alguns minutos. — Ele fechou o telefone. — O dia de hoje só piora.

— Qual o problema?

— Era Lena. Temos outro cadáver.

12

Will foi atrás de Sara em seu carro enquanto ela seguia para o campus. Estava começando a reconhecer pontos de referência: casas com cercas e brinquedos suficientemente familiares para que se lembrasse de onde dobrar. O campus era território novo e, como a maioria das faculdades, não parecia ter seguido um projeto definido. Prédios haviam sido acrescentados quando houvera dinheiro para construí-los. Consequentemente, o campus se estendia por diversos hectares, como uma mão com dedos demais.

Ele passara a manhã inteira com Lena Adams e acreditava já conseguir decifrar os seus humores. Achara seu tom ao telefone tenso. Ela estava chegando ao seu limite. Will queria pressioná-la um pouquinho mais, mas não havia como conseguir que Lena o encontrasse na cena do crime agora. Sara tinha deixado claro que não ficaria no mesmo espaço que a mulher que acreditava ter matado seu marido. E, naquele momento, Will precisava mais do olhar forense de Sara do que da confissão de Lena.

Ele discou o número de Faith enquanto fazia uma curva no lago. Will viu a garagem de barcos que Lena lhe mostrara mais cedo. Havia canoas e caiaques empilhados de encontro ao prédio.

— Você me tem por mais três horas — avisou Faith.

— Temos uma segunda vítima. Acham que o nome dele é Jason Howell.

— Isso é uma boa notícia.

Faith não tinha nada de otimista, mas tinha razão. Uma nova vítima queria dizer uma nova cena de crime, um novo conjunto de pistas para se seguir. Não tinham nenhuma informação útil a respeito de Allison Spooner. A tia dela estava fora do mapa. Allison não formara laço algum na cidade natal ou na faculdade. A única pessoa que parecia lamentar sua perda era Lionel Harris, da lanchonete, e ele não podia ser considerado exatamente um amigo próximo. Mas a morte de Jason Howell certamente proporcionaria novas pistas. Um segundo corpo significava um novo rumo nas investigações. Se encontrassem um detalhe, uma pessoa, amigo ou inimigo que ligasse Allison Spooner a Jason Howell, esse detalhe poderia conduzir ao assassino. Até mesmo o assassino mais cuidadoso cometia erros. Duas cenas de crime significavam o dobro deles.

— Você vai ter dificuldade em conseguir um mandado para lhe darem o nome de todos os estudantes que moram nesse alojamento.

— Eu espero que a faculdade coopere.

— E eu espero que este bebê saia daqui de dentro agarrado a um saco de ouro.

Ela estava certa. Faculdades eram famosas pelo seu desejo de privacidade.

— Qual a nossa posição com relação ao mandado para o quarto de Allison?

— Está falando do de verdade? — Ela parecia estar se divertindo com aquilo. — Mandei por fax para a delegacia há uns dez minutos. Não tem linha de telefone fixo na casa dos Brahams, então é um beco sem saída. Descobriram alguma coisa na autópsia?

Ele lhe contou a respeito do ferimento de Allison.

— É incomum que o assassino a tenha esfaqueado na nuca em vez de cortar o pescoço pela frente.

— Vou fazer uma busca no ViCAP neste instante. — Ela se referia ao Programa de Captura de Criminosos Violentos do FBI, uma base de dados projetada para detectar similaridades no comportamento de criminosos. Se o assassino de Allison já tivesse usado esse método anteriormente, o ViCAP teria um registro do caso.

— Será que você poderia ligar para Nick Shelton, também? — pediu Will. — Ele é o agente de campo local. Sara o conhece. Quero que ele leve umas coisas para o laboratório central para mim. Sara avisará a ele quando tiver tudo pronto.

— O que mais?

— Ainda preciso da fita de áudio da ligação para a Emergência. Quero que Sara escute a voz para ver se pertence à nossa Julie Smith.

— Acha que consegue falar alguma frase em que não tenha "Sara"?

Will coçou o queixo, os dedos encontrando a cicatriz que percorria seu rosto. Voltou a ficar agitado, da mesma forma que se sentira enquanto conversava com Sara no porão da agência funerária.

— Você sabia que Charlie está passando a semana no Laboratório Central? — perguntou ela.

— Não. — Charlie Reed era da equipe de Amanda. Era o melhor perito com quem Will já trabalhara. — O Central fica a uma hora daqui.

— Quer que eu dê uma ligada para ver se ele pode dar um pulo aí?

Will pensou na garagem, na cena do crime no bosque. Estava lidando com dois casos, agora: um contra Lena Adams e Frank Wallace, outro contra o homem que matara Allison Spooner e, possivelmente, a nova vítima.

— Eu disse ao chefe local que ia trazer uma equipe para cá. Não custa nada cumprir a promessa.

— Eu ligo para ele — ofereceu-se Faith. — O ViCAP não encontrou nenhuma correspondência sobre um assassino que use faca para cortar por trás do pescoço atravessando a bainha carótica, a carótida, a jugular ou a carótida e a jugular. Cruzei essa informação com a torcida da faca. Nenhum modus operandi correspondente.

— Acho que isso é uma boa notícia.

— Ou uma péssima notícia — contestou ela. — Ele foi eficiente, Will. Ninguém consegue isso na primeira tentativa. Eu tenho de concordar com Sara nesse ponto. Não consigo ver o seu moleque retardado fazendo isso.

— Deficiente intelectual. — Depois que Sara fizera a observação, a palavra começava a irritá-lo. Will supunha que devia sentir alguma solidariedade por Tommy Braham já que os dois tinham um problema. — Me ligue quando tiver notícias de Charlie.

— Ligarei.

Will fechou o telefone para encerrar a chamada. Mais adiante, o utilitário de Sara

virou numa pista de acesso circular que conduzia até um prédio de tijolos de três andares. Ela estacionou atrás de uma patrulha do campus, bem diante da porta. A chuva continuava implacável. Ela cobriu a cabeça com o capuz antes de subir correndo os degraus que conduziam à entrada.

Will saltou do carro e correu atrás dela, os sapatos chapinhando nas poças. As meias não haviam secado desde que ele entrara no lago naquela manhã. Estavam no processo de formar uma imensa bolha em seu calcanhar.

Sara esperou por ele numa pequena alcova entre duas portas de vidro. As mangas da jaqueta dela pingavam. Ela bateu à porta.

— Não tem ninguém dentro da patrulha, aqui fora. — Ela fez uma concha com as mãos e as levou até o vidro. — Era para ter alguém aqui?

— O segurança foi instruído a permanecer no prédio até a gente chegar. — Will apertou alguns botões no teclado localizado ao lado da porta. A tela de LCD continuou desligada. Ele se virou, tentando encontrar a câmera.

— A porta dos fundos está aberta.

Will olhou pelo vidro. O prédio era mais largo do que fundo. Havia uma escadaria de frente para a porta. Um longo corredor descia pela lateral. Nos fundos do prédio, uma placa de saída brilhava suavemente acima da porta de emergência aberta.

— Onde está a polícia? — perguntou Sara.

— Eu disse a Lena que não ligasse para ninguém.

Sara se virou para olhá-lo.

— Ela recebeu a ligação no celular. Ao que parece, a polícia do campus a tem como contato de emergência.

— Ela não ligou para Frank?

— Não. Engraçado, não?

— "Engraçado" não é a palavra que eu usaria.

Will não disse nada. As relações pessoais de Sara estavam obstruindo sua perspectiva. Ela não estava encarando aquilo como uma investigação criminal. Quando se tem dois suspeitos, sempre se joga um contra o outro para ver quem trai o outro primeiro para conseguir um acordo melhor. A autopreservação costumava vencer a lealdade. A garagem onde Tommy morava pintava um quadro bastante desfavorável para Frank e Lena. A essa altura, era só questão de quem abriria a boca primeiro.

Sara olhou outra vez pela porta de vidro.

— Aí está ele.

Will viu um homem negro franzino caminhar pelo corredor. Era jovem e magro, a camisa do uniforme inflando como uma blusa de mulher. Apertou o celular de encontro ao peito enquanto se aproximava deles. Com a outra mão, agitou o cartão magnético por cima de uma tela ao lado da porta. A fechadura abriu com um clique.

Sara entrou, apressada.

— Marty, você está bem?

Will percebeu por que ela estava preocupada. O homem estava pálido.

— Dra. Linton — começou ele. — Me desculpe. Eu só dei um pulo lá fora para respirar um pouco.

— Vamos nos sentar. — Sara o conduziu até um banco próximo à porta. Manteve o braço ao redor de seu ombro. — Onde está o seu inalador?

— Eu acabei de usar. — Ele estendeu a mão para Will. — Perdoe o meu estado. Sou Marty Harris. Acho que conheceu meu avô hoje de manhã.

— Will Trent. — Will apertou sua mão. O aperto do homem era fraco.

Marty sacudiu o telefone no ar.

— Eu estava contando a Lena o que aconteceu. — Ele tossiu. A cor foi retornando ao seu rosto, lentamente. — Eu sinto muito, me deixou todo nervoso outra vez.

Will se recostou na parede. Enfiou as mãos nos bolsos. Descobrira havia muito tempo que demonstrar irritação costumava gerar o resultado oposto ao que se buscava.

— Pode me contar o que disse à detetive Adams?

Ele tossiu mais algumas vezes. Sara esfregou as suas costas.

— Estou bem agora — disse ele. — É que é difícil de lembrar, só isso. Nunca vi nada igual em toda a minha vida.

Will lutou para manter-se paciente. Olhou de um lado para o outro do corredor. As luzes continuavam apagadas, mas seus olhos estavam se acostumando. Não havia câmera na entrada. Imaginou que o teclado da entrada tivesse sido planejado para pegar alunos e visitantes entrando no prédio. Havia, contudo, uma câmera próxima à saída de emergência, nos fundos, e ele percebeu que estava virada para o teto.

— Estava assim quando cheguei — disse Marty. Enfiou o telefone no bolso da camisa e empurrou os óculos pelo nariz.

— Quando foi isso?

— Há uns trinta minutos, eu acho. — Marty olhou para o relógio. — Parece que faz muito mais tempo.

— Pode me contar o que aconteceu?

Ele deu um tapinha no peito.

— Eu estava fazendo a minha ronda. Faço isso a cada três horas. Como os alunos estão fora por causa do feriado, eu não estava verificando os alojamentos. Passamos de carro para ter certeza de que as portas da frente e dos fundos estão OK, mas não entramos. — Ele tossiu antes de prosseguir. — Eu estava na biblioteca quando notei que uma das janelas do segundo andar estava aberta. Do segundo andar deste prédio. — Ele fez uma pausa para respirar. — Achei que o vento podia ter aberto. Essas janelas antigas nunca fecham direito. Com essa chuva, a água podia fazer um estrago e tanto se eu não tomasse alguma providência. — Ele fez outra pausa. Will percebeu que ele estava suando, apesar de fazer frio no prédio. — Eu fui lá em cima e o vi e... — Ele balançou a cabeça. — Liguei para o nosso número de emergência.

— Não para o serviço geral de emergência?

— É para ligarmos para um número direto caso alguma coisa aconteça no campus.

— O reitor não gosta de publicidade ruim — explicou Sara.

— Não dá para ficar pior do que isso. — Marty soltou uma risada áspera. — Meu Senhor, o que fizeram com aquele menino. O cheiro é a pior parte. Acho que nunca mais vai sair do meu nariz.

— Você entrou pela porta da frente ou pela dos fundos? — indagou Will.

— Pela da frente. — Ele indicou a saída de emergência. — Eu sei que não devia ter saído pelos fundos, mas precisava de ar.

— A porta dos fundos estava trancada?

Ele balançou a cabeça.

Will viu as placas de aviso vermelhas coladas em torno da porta.

— O alarme é acionado quando ela é aberta?

— Os alunos costumam aprender a desativar o alarme na primeira semana que chegam aqui. Não conseguimos competir com eles. No minuto que acionamos tudo, eles desligam outra vez. Tem muitos engenheiros e gente de computador neste lugar. Encaram isso como um desafio.

— Eles desconectam o alarme por diversão?

— É mais fácil chegar à biblioteca por ali. A entrada dos fundos do refeitório também fica ali. Não é para eles passarem pela plataforma de carga por motivo de segurança, mas passam de fininho por lá mesmo assim.

Will apontou para a câmera em cima da porta.

— É a única câmera do prédio?

— Não, senhor, e, como eu disse, estava virada para cima desse jeito quando eu cheguei aqui. Tem outra no segundo andar que também foi virada para cima.

Will viu como era fácil entrar no prédio sem ser detectado. Contanto que se soubesse onde estava a câmera, bastava posicionar-se debaixo dela e usar um cabo de vassoura ou coisa parecida para empurrá-la para cima e seguir em frente tranquilamente. Ainda assim, ele perguntou:

— Tem as imagens das câmeras?

— Sim, senhor. É tudo enviado para um prédio central aqui no campus. Não tenho a chave de lá, mas meu chefe, Demetrius, está a caminho. Deve chegar daqui a uma ou duas horas. Está em Griffin, com a família do pai dele.

— E as câmeras externas? — perguntou Will.

— O frio estragou. Estão todas quebradas. Metade delas congelou, e o resto rachou feito nozes. Outro dia mesmo uma delas caiu em cima do carro de um aluno. Quebrou o para-brisa traseiro.

Will esfregou o queixo.

— Alguém mais sabe que as câmeras não estão funcionando?

Ele pensou a respeito.

— Demetrius, o reitor, talvez mais algumas pessoas, caso tenham olhado para cima. Alguns danos são bastante óbvios mesmo vistos do chão.

— Percebi um teclado ao lado da porta. É a única forma de se entrar pela frente?

— É, e eu já verifiquei os registros. Consigo fazer um diagnóstico do sistema pelo próprio teclado. Ninguém entrou nem saiu pela porta da frente desde sábado à tarde. O único cartão magnético que não deu saída foi o de Jason Howell. O quarto onde ele está também está registrado nesse nome. Não sei por que ele ficaria aqui. A calefação está desligada. O campus está fechado. A biblioteca fechou no domingo, ao meio-dia. Achei que o lugar estivesse deserto.

— A culpa não é sua — disse Sara, embora Will tivesse algum problema com o homem ter aberto a porta de saída. Ela se redimiu perguntando: — Acha que conseguiria uma lista de todos os alunos que moram neste alojamento? Talvez fosse bom o agente Trent saber os nomes.

— Não há o menor problema. Posso imprimir uma lista para vocês agora mesmo.

— Consegue lembrar no que você encostou lá em cima? — perguntou Will.

— Em nada. A porta estava meio aberta. Eu tive uma sensação, uma dessas sensações

bem ruins. Empurrei a porta com o pé e o vi e... — Ele olhou para o chão. — Eu queria poder tomar um comprimido para esquecer tudo isso.

— Eu sinto muito pressioná-lo, Sr. Harris — disse Will —, mas lembra-se se as luzes estavam acesas ou apagadas?

— Todos os interruptores ficam aqui embaixo. — Ele apontou para uma caixa ao lado da escadaria. Ficava bem no alto, provavelmente para desencorajar os alunos de ficarem acendendo e apagando as luzes quando bem entendessem. — Acendi antes de subir, mas apaguei todas quando desci outra vez.

— Obrigado pelo seu tempo, Sr. Harris. — Will fez um aceno com a cabeça em direção às escadas, indicando que estava pronto para subir.

Sara se levantou, mas não saiu do lugar.

— Você conhecia Jason?

— Não, senhora. Eu tinha visto aquela menina lá na lanchonete, Allison. Sabe como é o vovô, fazia ela correr de um lado para o outro a cada segundo que estava a serviço dele. Eu sorria para ela, mas nós nunca conversamos. Uma coisa dessas acontece e a gente se dá conta de que precisa prestar mais atenção nas pessoas que estão à nossa volta. Detesto pensar que talvez eu pudesse ter feito alguma coisa para evitar isso tudo.

Will pôde perceber que o homem estava genuinamente angustiado. Colocou a mão sobre o ombro de Marty:

— Tenho certeza de que fez tudo o que pôde.

Eles caminharam até as escadas. Sara enfiou a mão no bolso da jaqueta e tirou dois pares de sapatilhas de papel para cobrir os pés de ambos. Will as calçou, observando-a fazer o mesmo. Ela vestiu luvas de látex e levantou a mão, ligando o interruptor. Uma luz iluminou a escada.

Will foi primeiro. A maneira certa de fazer aquilo seria mandar uma equipe vasculhar o prédio antes, mas Will sabia que o assassino já se fora havia muito. Corpos não fediam quando estavam frescos.

O prédio era antigo, porém consistente, passando uma sensação institucional que não era exatamente acolhedora. As escadas davam direto no terceiro andar, criando um túnel de vento para o ar frio. Will baixou os olhos para rastros de borracha preta. Teriam de ser testados atrás de vestígios de sangue. Esperava que Faith tivesse conseguido entrar em contato com Charlie Reed. Estavam lidando com um assassino inteligente, que sabia encobrir os próprios rastros. Mas dessa vez não tinha a vantagem de um lago gigantesco para eliminar sua presença. Se alguém conseguiria encontrar algum vestígio, era Charlie.

A vista do topo do patamar do segundo andar era familiar: um longo corredor com portas fechadas, exceto uma. No fim do corredor havia um portal, o interior escondido pelas sombras.

— Banheiros — sugeriu Sara.

Will se virou e encontrou a câmera de segurança posicionada bem no alto, no canto ao lado da escada. A lente estava apontada para o teto. O assassino de Jason provavelmente se espremera contra o corrimão, parara no primeiro degrau que conduzia ao terceiro andar e usara algum objeto para empurrar a câmera para cima.

— Está sentindo o cheiro?

Will inspirou ligeiramente.

— Ele já está aqui há algum tempo.

Sara viera preparada. Enfiou a mão no bolso e sacou uma máscara de papel.

— Isto deve ajudar.

Will ficou dividido entre a necessidade de ser cavalheiro e a de não vomitar.

— Você só tem uma?

— Eu estou bem.

Ela seguiu pelo corredor. Will colocou a máscara. O ar ficou um pouco mais respirável. O quarto de Jason Howell ficava mais perto do banheiro do que das escadas. Os passos dos dois ecoavam à sua volta, amplificados pelas paredes. Quanto mais perto chegavam, mais forte ficava o cheiro. Will viu que todos os alunos tinham quadros de aviso em suas portas. Havia papéis presos com alfinetes por cima de fotografias e recados. O quadro da porta de Jason estava vazio.

Sara levou as costas da mão ao nariz.

— Meu Deus, como está ruim.

Ela respirou pela boca antes de entrar no quarto. Will ficou no vão da porta. Prendeu a respiração enquanto o cheiro de morte o encobria.

O garoto estava deitado de barriga para cima, seus olhos injetados fitando o teto. O rosto estava inchado, quase rubro. O nariz estava quebrado. Sangue seco circundava as narinas e a boca. Uma das mãos pendia em direção ao chão. O polegar havia sido cortado. A ponta do dedo mínimo permanecia presa por muito pouco.

— Acho que bate. — Sara encontrara a carteira de estudante de Jason pendurada na porta do armário. Mostrou a foto para Will. Mesmo com todo o estrago, não havia como se enganar quanto à semelhança.

Estranhamente, Jason usava várias camadas de roupa: calça de moletom por cima da de pijama, várias blusas, um roupão felpudo e uma jaqueta com o zíper fechado. O corpo estava inchado com os primeiros sinais de decomposição. Gases enchiam sua barriga. A pele das mãos começava a esverdear. Os sapatos estavam amarrados com laços frouxos, mas os pés estavam tão inchados que os cadarços cortavam as meias.

Ferimentos à faca perfuravam seu peito. O sangue secara em espessos torrões ao redor do tecido da jaqueta. Havia mais sangue no chão, formando um borrão que se estendia até a mesa, do lado oposto ao da cama. O computador, os cadernos e documentos espalhados estavam todos cobertos de sangue e pedaços de cérebro.

Sara levou a mão ao pulso do rapaz. Procurar um pulso era praxe, embora desnecessário.

— Conto oito ferimentos a faca desferidos no peito, outros três no pescoço. São as bactérias da cavidade abdominal que estão causando esse cheiro. O intestino foi perfurado. Ele está cheio de toxinas.

— Há quanto tempo acha que ele está morto? — perguntou Will.

— A julgar pela rigidez cadavérica, pelo menos 12 horas.

— Acha que estamos diante do mesmo assassino?

— Eu acho que quem quer que tenha matado Jason o conhecia. Isto é ódio. — Ela pressionou os dedos de encontro a um dos ferimentos do pescoço dele, esticando a pele de volta no lugar. — Olhe só para isto. A mesma torcida com a faca na base que vi no caso de Allison. — Ela estudou os outros ferimentos do pescoço. — Todos iguais. O assassino enterrou a lâmina, então torceu para ter certeza de que tinha alcançado seu objetivo. É possível ver o hematoma deixado pelo punho. Meu palpite é que o mesmo tipo de faca foi

usado. Eu teria de colocar os dois na mesa, mas arriscaria dizer, pela minha experiência, que isto é obra do mesmo assassino.

— Jason era bem maior do que Allison. Não seria tão fácil de dominar.

Ela deslizou a mão cuidadosamente por baixo da cabeça.

— O crânio está fraturado. — Quando retirou a mão, estava grudenta de sangue.

— A janela está fechada — observou ele.

Uma poça de tamanho significativo cobria o chão por baixo do parapeito. No fim das contas, Marty havia, sim, entrado no quarto.

Sara notou o mesmo.

— Ele fez um favor. A chuva poderia ter inundado o chão e levado embora qualquer vestígio.

— Charlie não vai ficar feliz com isso. — Will se deu conta de que não contara a ela que havia uma equipe a caminho. — É o nosso perito. É provável que ele queira manter o corpo aqui até terminar de examinar o local.

— Vou avisar a Brock. Quer que eu faça a autópsia?

Ele achou que talvez estivesse se metendo na seara dela.

— Se não for pedir demais.

— Faço o que você quiser.

Will não soube o que dizer. Estava a costumado a ver as mulheres de sua vida tornarem tudo mais difícil, não mais fácil.

— Obrigado.

— Você acha que Jason era namorado de Allison? — perguntou ela.

— Eles têm idades parecidas. Frequentam a mesma faculdade. Foram mortos pelo mesmo assassino. Não acho que seja um chute absurdo. Mesmo sabendo que você não gosta de lançar hipóteses, o que acha que aconteceu aqui? — perguntou Will.

Sara vestiu luvas novas e respondeu:

— Imagino que Jason estivesse no computador quando foi atingido por alguma coisa. Estatisticamente falando, podemos supor que tenha sido um taco de beisebol. Vou saber logo, logo. Encontraremos farpas no couro cabeludo dele. — Ela apontou para um respingo de sangue na parede que Will ainda não havia notado. Diferentemente do carvalho do lago, as paredes brancas do alojamento mostravam sinais claros da violência cometida. — Média velocidade. Não acho que a intenção do golpe tenha sido matá-lo. O assassino quis deixá-lo atordoado. — Ela apontou para os riscos vermelhos no chão. — Ele foi arrastado até a cama e esfaqueado, mas isso não faz sentido.

— Por quê?

Ela olhou debaixo da cama.

— Devia ter muito mais sangue do que isso. — Ela indicou um naco carnudo que se encontrava sobre a mesa. — Ele obviamente, mordeu a língua...

Will engasgou.

— Desculpe. Continue.

— Tem certeza?

A voz dele soou anormalmente aguda até mesmo para os próprios ouvidos:

— Tenho. Por favor, vá em frente.

Ela o olhou com cuidado antes de continuar.

— Não é incomum, no caso de golpes dados atrás da cabeça, a vítima morder a língua.

Normalmente, elas não são decepadas, mas isso explica o volume de sangue sobre o teclado. A boca teria ficado cheia de sangue. — Ela indicou a parede acima da mesa. — Aqui, vemos os borrifos que seriam esperados de um taco de beisebol fazendo contato com a cabeça, mas ali perto da cama a história é outra.

— Por quê?

— Pela posição dos ferimentos, dá para perceber que artérias importantes do peito e do pescoço foram atingidas — explicou Sara. — Imagine o seguinte: Jason está na cama. Estamos supondo que estivesse consciente, dadas as feridas defensivas da mão. Ele quase perdeu o dedo. Deve ter agarrado a faca pela lâmina. O coração devia estar batendo enlouquecidamente. — Ela bateu o punho cerrado no peito, imitando as batidas rápidas. — Esguicho, esguicho, esguicho. Por toda a parede.

Will olhou para a parede. Ela estava certa. A não ser por duas manchas mais borradas próximas ao corpo, a tinta branca praticamente não tinha marcas.

— Talvez o assassino estivesse usando um macacão impermeável — sugeriu Sara. — Pode ter forrado o chão com plástico. Teria de forrar o quarto, usar fita adesiva nas paredes. Isso foi planejado a fundo.

— Eu acho isso um pouco complicado. — Will ainda estava para conhecer um assassino minucioso a esse ponto. — A maioria dos assassinos tenta manter as coisas simples. São oportunistas.

— Eu não diria que levar dois blocos de concreto, um cadeado e uma corrente para o meio de um bosque é oportunismo.

— Eu só acho que você está complicando demais as coisas. Será que o assassino não poderia ter coberto o corpo de Jason com alguma coisa e o esfaqueado por baixo?

Sara olhou para o corpo.

— As facadas são próximas uma da outra. Não sei. A que você se refere? Plástico? — Ela assentiu para si mesma. — O assassino poderia tê-lo coberto com plástico. Olhe só para o chão. Tem uma fileira de pingos aqui.

Will viu a fileira. Era irregular e acompanhava o formato da cama.

— Plástico não absorve — disse ela. — A linha não seria estreita desse jeito. O sangue jorraria como um lençol de água.

— Lençol.

Sara se abaixou e verificou a cama.

— Um lençol de elástico, um lençol comum.

— Cobertor? — perguntou Will. O garoto estava congelando. Não fazia sentido que ele dormisse sem um cobertor.

Sara abriu a porta do armário.

— Nada. — Ela passou para as gavetas. — Acho que tem razão. Deve ter sido alguma coisa absorvente que...

Will foi pelo corredor até o banheiro. As luzes estavam apagadas, mas ele encontrou o interruptor ao lado da porta. As lâmpadas fluorescentes tremularam. Uma luz verde refletiu pelos azulejos azuis. Will nunca vivera num alojamento universitário, mas compartilhara um banheiro comunitário com quinze outros meninos até fazer 18 anos. Eram todos iguais: pias na frente, chuveiros ao fundo, privadas ao lado.

Ele encontrou um cobertor embolado no primeiro cubículo. Sangue cobria o algodão azul, deixando-o duro como papelão.

Sara chegou por trás dele.

— Simples — disse ele.

Will procurou a casa com o balanço que marcava a virada para a Taylor Drive. Embora a rota fosse familiar, ele relutava em tomá-la. Revistar o quarto de Allison Spooner era uma tarefa necessária, mas os instintos de Will lhe diziam que o quarto de Jason no alojamento continha pistas mais promissoras. Infelizmente, Will não era perito em cenas de crime. Não tinha as credenciais ou o equipamento necessário para examinar uma cena de crime complexa como aquela. Teria de esperar que Charlie Reed e sua equipe chegassem do Laboratório Central do GBI. Dois universitários já estavam mortos, e Will não tinha a menor ideia do que estava motivando o assassino. O tempo definitivamente não estava a seu favor.

Ainda assim, havia procedimentos a serem seguidos. Ele havia passado pela delegacia para apanhar o mandado de busca para a casa dos Brahams. Enquanto estava lá, mandara para Faith a lista que Marty Harris imprimira dos alunos que moravam no alojamento. Ela não tinha tempo de verificar os antecedentes de todos, mas começaria agora e enviaria o resto da lista para a secretária de Amanda antes de ir para o hospital.

A delegacia estivera estranhamente quieta. Imaginou que todos estivessem na rua ou no hospital com Brad Stephens, que continuava em coma induzido. Ainda assim, alguma coisa estava acontecendo. Os patrulheiros que circulavam pelas mesas não haviam fuzilado Will com o ódio esperado. Marla Simms lhe entregara o fax sem que ele pedisse. Até mesmo Larry Knox fitara o chão enquanto caminhava até a cafeteira para encher a caneca.

Havia dois carros estacionados na frente da casa dos Brahams. Um deles era uma viatura. O outro era uma picape Ford de quatro portas. Will parou atrás da caminhonete. Os gases de escape se dispersavam pelo cano de descarga. Podia ver dois vultos dentro da cabine. Lena Adams estava no banco do carona. Havia um homem no volante. Sua janela estava aberta, embora a chuva não tivesse dado trégua. Segurava um cigarro.

Will se aproximou do lado do motorista. Seus cabelos estavam emplastrados na cabeça. Estava morrendo de frio. As meias continuavam encharcadas.

Lena fez as apresentações:

— Gordon, este é o agente de Atlanta do qual lhe falei. Will Trent.

Will lançou um olhar para ela que ele esperava que comunicasse o altíssimo grau da sua irritação. Lena estava sendo investigada pela participação na morte de Tommy. Não devia estar conversando com o pai dele.

— Sr. Braham, eu sinto muito estarmos nos conhecendo sob estas circunstâncias.

Gordon levou o cigarro à boca. Chorava abertamente, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Entre.

Will sentou-se no banco traseiro. Havia alguns sacos de *fast-food* no chão. Ordens de serviço com o logotipo da Georgia Power estavam empilhadas numa maleta aberta sobre o assento em frente. Mesmo com a janela aberta, a fumaça pairava no ar como uma mortalha.

Gordon olhava fixamente para a rua à sua frente. Os pingos de chuva estalavam sobre

o capô da picape.

— Eu não acredito que meu menino faria qualquer uma dessas coisas. Não faz parte da natureza dele ser ofensivo.

Will sabia que de nada adiantava perder tempo com gentilezas.

— Pode me dizer o que sabe a respeito de Allison?

Ele deu outro trago no cigarro.

— Pagava o aluguel em dia. Mantinha a casa limpa. Eu dava a ela um desconto por lavar a roupa, por tomar conta de Tommy.

— Ele precisava que tomassem conta dele?

Gordon olhou para Lena.

— Ele sabe, não sabe?

Will respondeu:

— Eu sei que ele era lento, Sr. Braham. Também sei que tinha vários empregos e que não era muito respeitado na cidade.

O homem baixou os olhos em direção às mãos. Os ombros se sacudiram.

— É verdade, senhor. Ele trabalhava muito.

— Me fale sobre Allison.

A compostura de Gordon foi retornando lentamente, mas os ombros continuaram curvados. Quando levou o cigarro à boca, a mão parecia pesada.

— Ela foi estuprada?

— Não, senhor. Não houve nenhum sinal disso.

Ele deixou escapar um suspiro cansado, aliviado.

— Tommy tinha uma quedinha por ela.

— Ela correspondia?

Ele balançou a cabeça.

— Não. E ele sabia disso. Eu ensinei a ele desde cedo a ter cuidado com as meninas. A olhar, mas não tocar. Ele nunca teve nenhum problema antes. As garotas o viam como um cachorrinho. Não percebiam que era um homem. — Ele se repetiu. — Ele era um homem.

Will lhe deu algum tempo antes de perguntar:

— Allison morava na casa?

Ele acendeu um cigarro novo no velho. Will podia sentir a fumaça grudar em seus cabelos e em roupas molhadas. Esforçou-se para não tossir.

— De início — disse Gordon —, ela alugou a garagem. Eu não quis deixar. Não é lugar para uma garota morar. Ela começou a reclamar de discriminação, disse que já tinha morado em lugar pior, então eu acabei concordando. Imaginei que iria embora depois de um mês.

— Há quanto tempo era sua inquilina?

— Quase um ano. Ela não queria morar no dormitório. Disse que as garotas que moravam lá só pensavam em meninos, que ficavam acordadas até tarde. Mas ela sabia flertar para conseguir o que queria. Tommy comia na palma da mão dela.

Will não comentou sobre o tom acusatório do pai.

— Mas não era ela quem morava na garagem.

Ele não respondeu imediatamente.

— Era Tommy. Ele disse que não era certo ela ficar lá fora no frio, tendo de correr

para lá e para cá para ir ao banheiro no meio da noite. Trocou de quarto com ela. Eu não soube até depois de acontecer. — Ele soprou uma pluma de fumaça escura que formou uma coroa ao redor de sua cabeça. — Foi o que eu disse, Tommy comia na palma da mão dela. Eu devia ter sido mais firme, ter prestado mais atenção no que estava acontecendo. — Ele deu um trago brusco, brigando com as próprias emoções. — Eu sabia que ele tinha uma queda por ela, mas ele já tinha tido isso por outras antes. Gostava da atenção que ela lhe dava. Ele não tinha muitos amigos.

Will sabia que não podia dar ao homem detalhes sobre um caso ainda em investigação, especialmente um que talvez resultasse num processo horroroso. Mas sentia-se mal pelo pai, desejou poder lhe oferecer alguma palavra de conforto com relação ao filho. Em vez disso, perguntou:

— O senhor passava muito tempo em casa?

— Não muito. Ficava a maior parte do tempo na casa da minha namorada. Tommy não sabia, mas estávamos planejando nos casar na primavera. — Ele deixou escapar o ar ruidosamente. — Eu ia pedir a ele que fosse meu padrinho assim que eu chegasse da Flórida.

Will deu ao homem algum tempo para se recompor.

— O senhor conhecia o namorado de Allison?

— Jay. James.

— Jason? — tentou Will.

— Isso mesmo. — Ele limpou o nariz com as costas da mão. — Não costumava aparecer muito por aqui. Eu não deixava ela trazer ninguém para dormir. Não era certo para uma garota daquela idade ficar de sem-vergonhice.

— Tommy conhecia Jason?

Ele balançou a cabeça, mas respondeu:

— Acho que sim. Não sei. Eu não estava tão envolvido na vida dele como na época em que era pequeno. Ele já estava crescido. Precisava aprender a se virar sozinho. — A respiração pareceu falhar enquanto ele tentava puxar a fumaça. — Eu conheço o meu filho. Ele nunca machucaria ninguém. Eu sei o que ele fez com Brad, mas esse não é o meu menino. Eu não o criei assim.

Lena pigarreou.

— Eu vi o que aconteceu, Gordon. Tommy estava correndo, mas aí ele se virou. Brad não teve tempo de diminuir a velocidade. Não acho que seu filho teve intenção de esfaqueá-lo. Acho que foi acidente.

Will mordeu a parte de dentro da bochecha, perguntando-se se ela estaria mentindo para ajudar o homem a se sentir melhor ou se dizia a verdade.

Gordon pareceu perguntar-se a mesma coisa. Secou os olhos outra vez.

— Obrigado. Obrigado por me contar isso.

— Tommy vinha agindo de maneira diferente ultimamente? — indagou Will.

Ele engoliu com dificuldade.

— Frank me telefonou há uma semana para me contar sobre uma encrenca na qual ele tinha se metido. Algum vizinho se zangou com ele. Tommy nunca tinha berrado com ninguém. Nunca teve mau temperamento. Eu me sentei com ele, e nós tivemos uma conversa. Ele disse que estavam pegando no pé dele porque a Pippy andava latindo demais. — Gordon soltou parte da fumaça. — Ele amava aquela cachorra idiota.

— Ele bebia?

— Nunca. Detestava o gosto da cerveja. Tentei fazer ele se acostumar, achei que a gente podia relaxar nas noites de sábado, tomar umas cervas e assistir ao jogo juntos, mas isso nunca virou hábito. Ele achava chato. O esporte dele era basquete. Não conseguia se lembrar de todas as regras do futebol americano.

— Ele tinha amigos? Alguém vinha lhe dando dores de cabeça recentemente?

— Ele nunca conheceu um estranho — comentou Gordon. — Mas eu não acho que houvesse uma pessoa em especial de quem ele fosse próximo. Como eu disse, ele gostava de Allison, e ela era boazinha com ele, mas mais do jeito que alguém seria com um irmãozinho mais novo.

— Faziam muita coisa juntos?

— Eu não estava aqui para ver. Ele falava um bocado dela. Não vou negar.

— Quando foi a última vez que falou com seu filho?

— Acho que foi na noite em que ele... — Gordon não terminou a frase. Deu um trago no cigarro. — Ele ligou porque precisava da minha permissão para usar o cartão de crédito. Achava que Pippy tinha engolido uma meia. Eu disse a ele para levá-la ao veterinário.

— Nós ainda não encontramos o celular dele.

— Eu fiz ele comprar um desses pré-pagos. Ele tinha um bom emprego. Era muito trabalhador. Não se importava em pagar as próprias contas. — Gordon atirou o cigarro na rua. — Eu não posso mais ficar aqui. Não posso entrar nessa casa. Não posso ver as coisas dele. — Ele disse a Lena: — Podem entrar. Peguem o que quiserem. Botem fogo na casa. Eu não ligo.

Will abriu a porta, mas não saltou.

— Tommy colecionava facas?

— Eu nunca o deixei chegar nem perto de facas. Não sei onde ele foi arranjar uma. Você sabe?

— Não, senhor — respondeu Will.

Gordon sacudiu o maço para tirar outro cigarro.

— Ele gostava de desmontar coisas — contou o homem. — Eu chegava ao trabalho e ia escrever as minhas ordens de serviço, e a caneta não funcionava. Tommy tirava as molas. Eu encontrava um monte delas nos bolsos dele quando ia lavar roupa. Acabou com o motor da secadora uma vez. Eu achei que tivesse a ver com o problema dele, mas Sara disse que ele estava de brincadeira comigo. Gostava de pregar peças. Gostava de fazer as pessoas rirem. — Gordon ainda não tinha terminado. Olhou pelo retrovisor, fitando Will dentro dos olhos. — Eu soube, desde cedo, que ele era diferente. Soube que não ia ter aquele tipo de vida com ele, o tipo de vida que os pais têm com seus filhos homens. Mas eu o amava e o criei direito. Meu filho não é um assassino.

Lena colocou a mão no braço de Gordon.

— Ele era um homem bom — disse ela. — Era um homem muito bom.

Gordon engrenou a marcha, deixando claro que não queria continuar aquela conversa. Will e Lena saltaram. Observaram a Ford subir a rua.

A chuva havia diminuído, mas ainda assim Lena puxou o capuz da jaqueta para cobrir a cabeça. Respirou fundo e deixou o ar escapar, lentamente.

— Tommy não matou Allison.

Will concluíra isso havia algum tempo, mas ficou surpreso em ouvi-la admitir isso.

— O que ocasionou essa epifania?

— Eu passei a maior parte do dia conversando com gente que o conhecia. O mesmo que eu teria feito se Tommy ainda estivesse vivo. — Ela cruzou os braços. — Era um bom garoto. Acabou se metendo numa encrenca igual a muitos bons garotos: estava no lugar errado na hora errada. E segurando uma faca.

— Eu acho que você quis dizer que ele estava no lugar certo na hora errada. Tommy estava dentro do apartamento *dele*. Dentro do apartamento-garagem dele.

Ela não o contradisse.

— Ele esfaqueou um policial.

— Acidentalmente, pelo que ouvi dizer.

— Acidentalmente — concordou ela. — E, legalmente falando, nós não tínhamos o menor direito de entrar naquela garagem. Brad pegou o endereço, mas não está escrito no prédio. Eu nos conduzi até lá. Fui eu quem disse que a garagem era o apartamento de Allison. Foi por isso que Brad olhou pela janela. Foi isso que deu início a tudo. — Lena respirou superficialmente. Ele percebeu que ela estava com medo, mas decidida. — Como isso funciona? Eu dou um depoimento? Faço uma confissão por escrito?

Will tentou entender qual seria o grande plano dela. Não podia ser tão fácil assim.

— Vamos voltar um segundo. O que você está confessando?

— A falsa busca do apartamento. Acho que isso se chama arrombamento. Minha negligência fez com que um policial fosse ferido. Dois policiais. Eu extraí uma confissão falsa. Fui eu que acompanhei Tommy de volta à cela. Eu que não o revistei. A carga saiu da minha caneta. Eu tinha umas sobressalentes, então peguei uma nova, mas Tommy catou a carga de mim. E nós dois sabemos que eu passei o dia todo enrolando você. — Ela soltou uma risada forçada. — Então, isso é obstrução de justiça, certo?

— Certo — concordou ele. — Você está disposta a colocar isso tudo no papel?

— Deixo você gravar. — Ela afastou o capuz da cabeça e ergueu os olhos para Will. — Qual vai ser a minha punição? Cadeia?

— Não sei — admitiu ele, embora a verdade fosse que ela estava galgando um limite muito tênue. Sua negligência não fora proposital. A falsa confissão fora tomada de boa-fé. E ela estava cooperando agora, apesar da relutância anterior. Não estava se esquivando da culpa. — De imediato, eu imagino que seja suspensa, aguardando revisão da decisão, quando eu concluir a minha investigação. Vai ter de se apresentar diante do conselho. Talvez sejam duros com você, talvez não. É provável que perca a aposentadoria. Se não a perder inteira, talvez perca um bom número de anos de contribuição, ou seja forçada a tirar uma licença sem vencimento. Se não tirarem o seu distintivo, isso vai permanecer no seu histórico até você morrer. Talvez seja difícil encontrar alguém que a contrate. E talvez Gordon Braham mova uma ação civil contra você.

Nada daquilo pareceu surpreendê-la. Ela enfiou a mão no bolso.

— Devo lhe entregar o meu distintivo agora?

— Não — disse-lhe Will. — Eu não sou encarregado dessa parte. Eu apenas entrego o meu relatório. É capaz de haver algum envolvimento político da sua câmara municipal e de vários outros conselhos civis. Quanto a você ser ou não suspensa dependendo do resultado, eu suponho que o chefe Wallace é quem vai decidir o que fazer com você.

Ela deu uma risada de pesar.

— Eu acho que ele já decidiu.

Will sentiu-se estranhamento dividido. Sabia que Lena fizera merda, mas aquele fiasco não era culpa exclusiva dela. As evidências encontradas na garagem contavam uma história que ela poderia usar para se safar daquela confusão ou pelo menos diminuir uma parte da dor. Ele se sentiu forçado a perguntar:

— Você está certa com relação a isso?

— Tommy era meu prisioneiro. Era minha responsabilidade.

Isso Will não tinha como discutir.

— Por que ligou para Marty Harris depois que falou comigo?

Ela hesitou, e ele observou parte de sua velha malícia retornar.

— Eu queria saber os detalhes.

— Sendo esses?

Ela lhe deu uma versão pouco convicta da mesma história que Will escutara de Marty Harris há uma hora. Ela disse a Will:

— Peguei as informações de contato de Jason e liguei para a mãe dele. Ela mora na Virgínia Ocidental. Não me pareceu muito preocupada da polícia estar lhe ligando a respeito do filho.

— Como teve certeza da identidade da vítima? — Will se deu conta da resposta antes mesmo de terminar a frase. — Você foi à faculdade. — Ela devia ter ligado para Will do próprio prédio, um detalhe que Lena achara por bem omitir. — E então? — incitou ele.

— Eu já estava lá olhando os registros acadêmicos de Allison quando Marty me ligou. — Ela deu de ombros. — Eu precisava ver se era o mesmo assassino.

— E?

— Não sei. Faz sentido. Jason era namorado de Allison. Os dois aparecem assassinados com um espaço de um dia entre um e outro. Tommy já não se encaixa mais no quebra-cabeça.

Isso explicava, pelo menos em parte, a súbita mudança nela. Tommy morrera antes de Jason ser morto. Lena saberia que ele era inocente do primeiro crime porque não poderia ter cometido o segundo.

— Você fechou a janela do quarto de Jason no alojamento?

— Usei luvas. Não quis que a chuva levasse embora quaisquer vestígios. Também protegi os sapatos e os cabelos. Fui cuidadosa, mas você pode pegar as minhas amostras para exclusão na delegacia. Devem estar no arquivo do GBI.

Will não ia perder tempo chamando a atenção dela.

— O que você descobriu na faculdade? Disse que estava olhando os registros de Allison.

Ela sacou o caderninho em espiral e folheou até a página correta.

— Allison estava fazendo quatro aulas este semestre. Não vou entediá-lo com os detalhes: coisas de química. Consegui falar com três dos seus professores. Um pelo telefone e dois pessoalmente. Disseram que Allison era boa aluna, que ficava na dela e fazia os deveres. Nunca a viram saindo com nenhum grupo. Era um pouco solitária. Sua frequência era perfeita. Não faltou um só dia. Suas notas eram entre A e B, altíssima pontuação. A segurança do campus desconhecia seu nome. Ela nunca registrou uma ocorrência com a segurança ou foi objeto de uma.

— E o quarto professor?

— Alexandra Coulter. Está passando o feriado fora da cidade. Deixei um recado no celular e na casa dela.

— Mais algum conhecido?

— Nenhum deles sabia a respeito de Jason, mas faz sentido. Estava dois anos à frente dela, fazendo pós-graduação. Ela estava na graduação. Não se misturariam a não ser fora de sala. Ela não tinha amigos. Mencionei o nome Julie Smith, porque você o mencionou mais cedo. Não é aluna.

— Você pegou um mandado para olhar os registros de Allison?

— Ninguém pediu, então eu não ofereci. — Ela acrescentou: — Também conversei com o chefe de Tommy no boliche. Mostrei a ele a foto de Allison. Ele disse que já a viu por lá com um outro garoto: cabelos escuros, gorducho, obviamente Jason Howell. Tommy deixava eles jogarem de graça, mas o gerente deu um basta quando descobriu.

— Pelo menos sabemos que eles todos se conheciam — comentou Will. — O que mais?

— Não tem nenhuma Julie Smith na cidade. Verifiquei o catálogo telefônico. Tem quatro Smiths: três em Heartsdale, um em Avondale. Liguei para os quatro. Ninguém conhece uma Julie ou tem parentesco com uma Julie. Você vai me contar quem é ela?

— Não — respondeu Will, mas só porque ele próprio não sabia a resposta. — Já teve notícias da tia de Allison?

— Nada. Liguei para o detetive de Elba há alguns minutos. Ele pareceu irritado em receber outra ligação minha e disse que me ligará quando tiver alguma coisa para contar.

— Irritado porque achou que você o estivesse pressionando?

— Não me pareceu ser do tipo que gosta que uma mulher lhe diga o que fazer.

Ele devia experimentar o emprego de Will.

— O que mais?

— Conversei com os vizinhos, todo mundo com exceção da Sra. Barnes, que mora ali. — Ela apontou para a casa amarela estilo rancho que ficava em frente. Havia um Honda Accord antigo estacionado ao lado da caixa de correio. — Não tinha correspondência dentro da caixa, o jornal foi colocado para dentro e o carro não está na garagem, então eu presumo que tenha saído para resolver algum assunto.

— E o Accord?

— Olhei pelas janelas. É impecável. Posso verificar a placa pelo computador.

— Faça isso — disse ele. — O que foi que os outros vizinhos disseram?

— Exatamente o que os nossos rapazes descobriram quando entrevistaram a rua toda ontem. Tommy era ótimo. Allison era quietinha. Nenhum dos dois era sociável; esta é uma rua de gente idosa. Não tem muita garotada.

— Alguma atividade criminosa?

— Não muita. Tem duas casas sob execução hipotecária. O garoto que mora no final da quadra foi pego dirigindo o Cadillac da mãe sem permissão. Duas casas mais adiante, tem um ex-viciado em crack morando com os avós. Ele está limpo, até onde se sabe. Três casas na outra direção, tem um voyeur preso a uma cadeira de rodas. Não sai mais tanto quanto saía, desde que o pai tirou a rampa da varanda da frente de casa.

— E este parecia ser um bairro tão simpático.

— Só duas pessoas estavam em casa quando Brad foi esfaqueado. — Ela apontou para uma casa que ficava a duas de distância da residência dos Barnes. — Vanessa Livingston. Se atrasou para o trabalho porque o porão inundou. Estava esperando o bombeiro e

olhando pela janela bem no instante em que Brad foi esfaqueado.

— E ela viu...?

— Exatamente o que eu vi. Brad estava perseguindo Tommy. Tommy se virou. Trazia a faca aqui. — Ela pôs a mão na altura da cintura. — Brad foi esfaqueado.

— E o segundo vizinho?

— Scott Shepherd. É jogador profissional, então passa o dia todo no computador. Não viu nada antes do fato. Só Brad no chão. E eu ao lado dele.

— Frank prendendo Tommy?

Ela franziu os lábios.

— Quer conversar com Shepherd?

— Ele vai me contar que Frank espancou Tommy ou vai me dizer que não se lembra?

— Ele me disse que não viu Frank. Entrou em casa e ligou para a delegacia.

— Não para a Emergência?

— Scott é voluntário do corpo de bombeiros. Sabe o telefone direto da delegacia.

— Que sorte, a sua.

— É, eu estou me sentindo bem sortuda neste momento. — Lena fechou o bloco bruscamente. — É só o que eu tenho. Gordon disse que tem uma chave sobressalente debaixo do capacho. Acho que eu devia ir para casa e dar uns telefonemas atrás de um advogado.

— Por que não me ajuda, em vez disso?

Ela não desviou os olhos dos dele.

— Você acabou de me dizer que vou perder o meu distintivo.

— Você ainda está com ele no bolso, não está?

— Não me enrole, cara. Só consigo me lembrar de dois outros dias na minha vida que foram piores do que este: o dia em que minha irmã morreu e o dia em que perdi Jeffrey.

— Você é uma boa detetive quando quer ser.

— Não acho que isso vá mais importar.

— Então o que você tem a perder?

Will subiu a rampa da garagem ouvindo os passos de Lena atrás dele. Não precisava da ajuda dela, na verdade, mas Will odiava que mentissem para ele. Frank Wallace estava atolado até os joelhos naquela merda e parecia satisfeito em permitir que um de seus policiais arcasse com a culpa do seu próprio fracasso como líder. Will não sentia a menor lealdade com relação a Lena, mas a ideia de um policial bêbado e corrupto chefiar a força policial daquela cidade não estava descendo bem pela sua garganta.

Will encontrou a chave debaixo do capacho da porta da frente. Estava abrindo a porta quando Lena se juntou a ele nos degraus da varanda.

— Teve alguma notícia do detetive Stephens?

— Nenhuma mudança. Imagino que isso seja bom.

— Por que não ligou para o chefe Wallace sobre o corpo encontrado no alojamento da faculdade?

Ela deu de ombros.

— Como você disse, eu só sou uma boa policial quando quero ser.

Will abriu a porta da frente com um empurrão. Lena entrou primeiro. A mão estava erguida ao lado do corpo, um gesto que provavelmente não se deu conta de estar fazendo. Will já observara Faith fazer a mesma pose muitas vezes. Fora policial de patrulha

durante dez anos. Havia determinadas coisas que os músculos não conseguiam desaprender.

A sala de estar ficava à direita da entrada. Os móveis eram velhos e tristes, fita adesiva mantinha o enchimento dentro dos estofados. O carpete era laranja e felpudo e adentrava o corredor. Will sentiu-o grudar nos sapatos enquanto seguia até a cozinha. O carpete deu lugar a um piso de linóleo amarelo. Gordon não se dera ao trabalho de fazer modernização alguma ali, a não ser pelo micro-ondas de aço inox que se encontrava em cima de uma velha mesa de fórmica.

— Louças — comentou Lena. Havia dois pratos, dois garfos e dois copos no escorredor dentro da pia. Allison fizera uma refeição com alguém antes de morrer e limpara a cozinha em seguida.

Lena puxou uma folha de papel toalha do rolo e cobriu a mão de forma a poder abrir a geladeira. Havia uma linha de fita crepe azul demarcando a metade. Refrigerantes de uma marca de supermercado enchiam todas as prateleiras. Não havia comida a não ser por uma laranja murcha e um pote de pudim. Lena abriu o congelador. A mesma fita dividia o compartimento, mas a umidade enfraquecera o adesivo. Um dos lados estava empilhado com refeições congeladas. O outro continha uma caixa de picolés e sanduíches de sorvete.

Will usou a beirada da mão para erguer a tampa da lata de lixo da cozinha. Viu duas caixas vazias de pizza de pão francês da marca Stouffer.

— Vou perguntar a Sara sobre o conteúdo do estômago.

— Tommy teria tido mais tempo para fazer a digestão.

— Verdade.

Ele usou a ponta do sapato para abrir um par de portas de ripas de madeira esperando encontrar uma despensa, mas encontrou uma privada, um pequeno box e uma pia ainda menor. O banheiro ficava ao lado da porta dos fundos. Imaginava que aquele fosse o banheiro usado pelos inquilinos que alugavam a garagem. Certamente parecia que um rapaz usara o local. A pia estava imunda. Cabelos entupiam o ralo do chuveiro. Toalhas espalhavam-se pelo chão. Havia uma cueca encardida embolada no canto e uma meia soquete no chão. Will imaginou o outro pé passando, lentamente, pelo trato digestivo de Pippy.

Will se deu conta de que Lena já não estava atrás dele. Atravessou a sala de jantar, que tinha uma mesa de vidro e duas cadeiras, e a encontrou num pequeno escritório localizado à saída da sala comum. O aposento parecia ter sido abandonado apressadamente. Pilhas de papéis cobriam o chão — revistas, contas antigas, jornais. Gordon devia estar usando o local como depósito para toda a papelada relacionada à sua vida. Lena verificou as gavetas da escrivaninha. Pelo que Will pôde perceber, estavam ainda mais abarrotadas de notas fiscais e recibos. A única estante do lugar estava vazia e empoeirada, a não ser por um prato contendo algum alimento bolorento e irreconhecível. Havia um copo ao lado, com líquido escuro e turvo.

O carpete exibia as marcas de um aspirador, mas ainda assim passava a mesma sensação de sujeira do resto da casa. Havia um monitor de computador de aparência muito antiga em cima da escrivaninha. Lena apertou o botão de energia, mas nada aconteceu. Will inclinou o corpo e viu que o negócio não estava ligado à tomada. Ou a um computador.

Lena notou o mesmo.

— Deve ter levado o computador para a casa de Jill June. É a namorada dele.

— Você notou um laptop na garagem?

Ela balançou a cabeça.

— Acha que Tommy saberia usar um?

— Ele provavelmente controlava o funcionamento das máquinas do boliche. Aquilo tudo é controlado por computador. — Will deu de ombros porque não sabia ao certo. — Gordon desligou a linha telefônica. Duvido que estivesse pagando por serviços de internet.

— Provavelmente não. — Lena abriu a última gaveta da escrivaninha. Ergueu uma folha de papel que parecia ser uma conta.

— Cinquenta e dois dólares. Esse lugar deve ter um isolamento térmico bem melhor do que aparenta ter.

Will imaginou que ela tivesse encontrado a conta de luz ou de gás.

— Ou então, Allison mantinha a calefação no mínimo. Ela cresceu pobre. Estava disposta a morar na garagem. É provável que não gostasse de desperdiçar dinheiro.

— O próprio Gordon é bastante pão-duro. Este lugar é uma espelunca. — Ela deixou a conta cair sobre a mesa. — Comida mofada na prateleira. Roupa suja no chão. Eu não andaria nesse carpete sem sapato.

Will concordou silenciosamente.

— Os quartos devem ser lá em cima.

A casa fora projetada em vários níveis, como uma típica *split-level*, com a escada saindo dos fundos da sala comum. O corrimão estava se soltando da parede. O carpete estava gasto até o forro. No topo da escada, ele viu um corredor estreito. Duas portas estavam abertas de um dos lados. Havia uma porta fechada do outro lado. À entrada do corredor, via-se um banheiro de azulejos cor-de-rosa.

Will espiou para dentro do primeiro quarto, vazio a não ser por alguns papéis e outros detritos grudados no carpete laranja felpudo. O quarto ao lado continha poucos móveis e era um pouco maior do que o primeiro. Havia um cesto com roupas dobradas sobre o colchão descoberto. Lena apontou para o armário vazio, para as gavetas abertas da cômoda.

— Alguém se mudou daqui.

— Gordon Braham — sugeriu Will.

Olhou para o cesto de roupas cuidadosamente dobradas. Por algum motivo, entristeceu-lhe o fato de Allison ter lavado as roupas do homem antes de morrer.

Lena vestiu luvas de látex antes de tentar o último quarto. A mão subiu em direção à arma ao abrir a porta. Mais uma vez, não encontrou nenhuma surpresa ali.

— Deve ser o de Allison.

O quarto era mais limpo do que o resto da casa, o que não era grande coisa. Allison Spooner não era a mulher mais organizada do planeta, mas pelo menos conseguira manter suas roupas fora do chão. E tinha muitas roupas. Camisas, blusas, calças e vestidos enchiam o guarda-roupa de tal maneira que a vara da qual pendiam estava envergada no meio. Havia cabides enganchados no suporte da cortina e na porta do armário. Mais roupas cobriam uma velha cadeira de balanço.

— Parece que ela gostava de roupas — observou Will.

Lena apanhou um par de jeans de uma pilha ao lado da porta.

— São da marca Seven. Não são baratos. Queria saber onde ela arrumava dinheiro.

Will podia arriscar um palpite. As roupas que usara quando criança tinham todas saído de uma pilha comunitária. Não havia a menor garantia de que se encontraria ali algo que coubesse direito, quanto mais algo do qual se gostasse.

— Provavelmente passou a vida toda vestindo roupas de segunda mão. Primeira vez dela longe de casa, ganhando o próprio dinheiro. Talvez fosse importante para ela ter coisas bacanas.

— Ou talvez andasse furtando.

Lena atirou os jeans de volta na pilha. Continuou a busca, erguendo o colchão, enfiando a mão no meio das roupas, apanhando sapatos e os colocando de volta no lugar. Will permaneceu na porta, observando Lena se deslocar pelo quarto. Parecia mais segura de si. Ele queria saber o que havia mudado. Confissões faziam bem para a alma, mas aquela nova atitude não podia ser atribuída unicamente à sua revelação a respeito de Tommy. A Lena que ele deixara naquela manhã estava pronta para se debulhar em lágrimas a qualquer instante. A única coisa da qual tivera certeza era da culpa de Tommy. Alguma outra coisa estivera pesando sobre ela, mas agora havia sumido.

A certeza dela o estava deixando desconfiado.

— Olhe só para isso. — Will apontou para a mesinha de cabeceira.

A gaveta estava entreaberta. Lena usou a mão enluvada para abri-la por completo. Dentro, havia um bloco, um lápis e uma lanterna.

— Você já leu Nancy Drew? — perguntou ele, mas ela já estava um passo à sua frente. Lena usou o lápis para escurecer a folha do bloco.

Mostrou para Will.

— Nenhum bilhete secreto.

— Valeu a tentativa.

— Podemos virar este lugar do avesso, mas não tem nada que me chame a atenção.

— Nenhuma bolsa de livros cor-de-rosa.

Ela o fitou.

— Alguém lhe disse que Allison tinha uma bolsa de livros cor-de-rosa?

— Alguém também me disse que tinha um carro.

— Um Dodge Daytona vermelho enferrujado? — perguntou ela. Devia ter ouvido falar da notificação expedida por Faith naquela manhã.

— Vamos tentar o banheiro — sugeriu ele.

Ele a seguiu pelo corredor. De novo, Will permitiu que ela conduzisse a busca. Lena abriu o armário do banheiro. Encontraram a coleção de artigos femininos de sempre: absorventes, um frasco de perfume, Tylenol e alguns outros analgésicos, além de uma escova. Lena abriu a caixa de pílulas anticoncepcionais. Restava menos de um terço.

— Estava em dia.

Ele olhou para o rótulo contendo a prescrição nas pílulas. O logotipo não lhe pareceu familiar.

— É uma farmácia local?

— É o dispensário da faculdade.

— E o médico que as receitou?

Ela verificou o nome e balançou a cabeça.

— Não tenho ideia. Deve ser da cidade natal dela. — Lena abriu o armário debaixo da

pia. — Papel higiênico. Absorventes internos e externos. — Ela olhou dentro das caixas. — Nada que não devesse estar aqui dentro.

Will olhou fixamente para o armário aberto. Algo estava errado ali. Havia duas prateleiras, e o batente inferior servia como uma terceira. A do meio parecia ser exclusiva para remédios. As pílulas anticoncepcionais estavam enfiadas entre o Motrin e o Advil, por sua vez empurrados para o final da prateleira, próximo às dobradiças. O Tylenol encontrava-se na extremidade oposta, também enfiado na ponta. Ele estudou o espaço vazio, perguntando-se se algum outro frasco estaria faltando.

— O que foi? — perguntou Lena.

— Você devia mandar alguém olhar a sua mão.

Ela flexionou os dedos. Os band-aids estavam com uma aparência esfarrapada.

— Eu estou bem.

— Está parecendo infeccionado. Não vai querer que isso entre na sua corrente sanguínea.

Ela se levantou do armário do chão.

— O único médico da cidade aluga um consultório na clínica pediátrica. Hare Earnshaw.

— Primo de Sara.

— Ele não me receberia exatamente de braços abertos como paciente.

— Quem é o seu médico, normalmente?

— Isso não é da sua conta. — Ela puxou a persiana vagabunda da janela para trás. — Tem um carro estacionado na entrada da garagem da Sra. Barnes.

— Espere por mim do lado de fora.

— Por que você... — Ela se deteve. — Tudo bem.

Will a seguiu pelo corredor. Quando parou do lado de fora do quarto de Allison, Lena se virou. Não disse nada, mas continuou escada abaixo. Will não achava que houvesse nada de impressionante no quarto da menina. Lena fizera uma busca minuciosa. O que mais chamou a atenção de Will foi o que faltava ali: não havia laptop. Não havia livros escolares. Cadernos. Uma bolsa de livros cor-de-rosa. Nenhum sinal de que uma universitária morava ali a não ser pela imensa quantidade de roupas. Teria alguém levado embora o material escolar de Allison? Era mais do que provável que estivessem em seu Dodge Daytona, cujo paradeiro continuava desconhecido.

Will ouviu a porta da frente se abrir e se fechar. Olhou pela janela e viu Lena descer a rampa da garagem em direção à viatura. Falava ao telefone. Sabia que ela não estava ligando para Frank. Talvez estivesse procurando um advogado.

Will tinha assuntos mais urgentes nos quais pensar no momento. Foi até o banheiro e usou a câmera do celular para tirar uma foto do armário do banheiro. Em seguida, desceu e foi até o banheiro de Tommy Braham. Passou por cima das toalhas e da cueca para chegar até o armário. Abriu a porta espelhada. Um frasco plástico laranja de comprimidos era a única coisa que havia ali dentro. Will aproximou o corpo. As palavras escritas na etiqueta eram miúdas. A iluminação era ruim. E ele era disléxico.

Usou o telefone para tirar outra foto. Dessa vez, mandou a imagem para Faith junto com três pontos de interrogação como mensagem.

Sara ficara com seu lenço outra vez. Will olhou à sua volta atrás de alguma coisa para usar de maneira que as impressões digitais não passassem para o frasco. A cueca e a meia

suja de Tommy estavam fora de questão. Will desenrolou um pedaço de papel higiênico do rolo preso atrás da privada e o usou para pegar o frasco. A tampa não estava bem atarraxada. Ele a tirou e viu um punhado de cápsulas transparentes contendo um pó branco. Will jogou uma delas na mão. Não havia nada escrito na lateral, nenhum logotipo de empresa farmacêutica ou marca de fabricante.

Nos filmes, os policiais sempre provavam o pó branco que encontravam. Will se perguntava por que traficantes não deixavam montes de veneno de rato pelos cantos exatamente por isso. Colocou o frasco na beirada da pia para poder fotografar a cápsula que se encontrava em sua mão. Em seguida tirou uma foto mais próxima do rótulo com a prescrição e enviou as duas imagens para Faith.

Como regra, Will mantinha distância de médicos. Não conseguia ler para eles os dados do plano de saúde quando ligava para marcar hora. Não conseguia preencher seus formulários enquanto aguardava na sala de espera. Uma vez, Angie tivera a gentileza de lhe passar sífilis e ele tivera de tomar quatro pílulas ao dia durante duas semanas. Consequentemente, Will sabia como era uma etiqueta de prescrição médica. Sempre havia um logotipo oficial da farmácia no topo. O nome do médico e a data vinham listados, junto com o número da receita, o nome do paciente, a dosagem e adesivos com alguma advertência especial.

Aquele rótulo não parecia conter nenhuma daquelas coisas. Nem mesmo era do tamanho correto — ele calculou que tivesse metade da altura costumeira e que fosse mais curto. Havia um bocado de números datilografados em cima, mas o resto das informações fora escrito à mão. Em letra cursiva, de maneira que Will não sabia se estava olhando para heroína ou acetaminofeno.

Seu telefone tocou. Faith perguntou:

— Que diabos é isso?

— Encontrei no armário do banheiro de Tommy.

— "Sete, nove, nove, três, dois, seis, cinco, três" — leu ela. — Está escrito "Tommy, não tome nenhum desses" bem no meio, em letra cursiva. Ponto de exclamação no final. O "não tome" está sublinhado.

Will fez uma prece silenciosa agradecendo por não ter provado o pó branco.

— A letra é feminina?

— Parece ser. Grande e cheia de curvas. Inclinada para a direita, então ela é destra.

— Por que Tommy teria um frasco de comprimidos que diz para ele não tomá-los?

— E essas três letras embaixo? Parecem ser O-P-H ou C-P-H...?

Will olhou para as letrinhas miúdas no canto da etiqueta. As palavras estavam tão borradas que a cabeça começou a doer.

— Não tenho ideia. A última foto é o mais perto que consigo chegar. Vou pedir a Nick que leve para o laboratório junto com as outras coisas. Alguma coisa a respeito de Jason Howell?

— Ele é pior do que Allison, se isso for possível. Não tem telefone. Não tem endereço físico, só uma caixa postal na faculdade. Tem 4 mil dólares numa poupança em um banco da Virgínia Ocidental.

— Interessante.

— Não tanto quanto se pensaria. A quantia vem diminuído lentamente nos últimos quatro anos. Acho que é algum tipo de fundo para a faculdade. — Ela lhe disse: — Além

disso, tem um carro registrado em seu nome. Uma *station wagon* Saturn 1999. Verde. Já expedi um alerta.

Isso, pelo menos, já era alguma coisa.

— Vou verificar com a faculdade se está por lá. Como vão as verificações dos antecedentes dos alunos que moram no alojamento de Jason?

— Lentas e enfadonhas. Nenhum desses garotos tem nem mesmo uma multa por estacionar em local proibido. Minha mãe já tinha livrado a minha cara de uma multa por dirigir embriagada e uma acusação de furto quando eu tinha essa idade. — Ela riu. — Me prometa, por favor, que não vai me lembrar disso quando meus filhos se meterem em alguma encrenca.

Will estava chocado demais para prometer qualquer coisa.

— Conseguiu o áudio da ligação para a Emergência?

— Falaram que mandariam para mim por e-mail, mas ainda não apareceu por aqui. — Ela parecia ofegante, e ele imaginou que estivesse caminhando pela casa. — Me deixe fazer uma busca no computador dessas iniciais no frasco de remédio.

— Vou perguntar a Gordon se o filho dele estava tomando algum medicamento.

— Tem certeza de que deve fazer isso?

— Como assim?

— E se Tommy estivesse vendendo drogas ilegais?

Will teve dificuldade em imaginar Tommy Braham como algum chefão do tráfico. Mesmo assim, admitiu:

— Tommy conhecia todo mundo da cidade. Estava sempre andando pelas ruas. Seria o disfarce perfeito.

— O que o pai faz da vida?

— Acho que é eletricista da Georgia Power.

— E como eles vivem?

Will passou os olhos pela cozinha vagabunda.

— Não muito bem. A caminhonete de Gordon deve ter uns dez anos. Tommy estava morando numa garagem sem banheiro. Alugando um dos quartos para ajudar nas despesas. A casa deve ter sido muito bacana há uns trinta anos, mas eles não fizeram muita coisa para mantê-la assim.

— Quando eu dei uma investigada em Tommy, encontrei uma conta corrente no banco local. O saldo dele era de 31,68 dólares. Você disse que o pai estava na Flórida?

Ele percebeu aonde ela estava querendo chegar com aquilo. A Flórida era o início de um importante corredor de tráfico que subia dos Keys, entrando na Geórgia e seguindo até a Nova Inglaterra e o Canadá.

— Isso não me parece estar relacionado com drogas.

— A facada no pescoço me parece coisa de gangue.

Will não podia negar que ela tinha razão.

— O que mais você tem? — perguntou Faith.

— A detetive Adams achou por bem aceitar a participação dela no suicídio de Tommy Braham.

Pela primeira vez na vida, Faith não teve uma resposta sarcástica na ponta da língua.

— Ela disse que Tommy não matou Allison, que a culpa é dela de ele ter se matado sob tutela da polícia e que vai assumir a culpa.

Faith fez barulho de quem está pensando.

— O que ela está escondendo?

— O que ela *não* está escondendo? — devolveu Will. — Ela já mentiu e encobriu tantas coisas, que seria um pouco como puxar a ponta de um fio de um novelo de lã. — Ele foi até a cozinha na esperança de encontrar um saco plástico. — Allison tinha um bocado de roupas boas.

— O que estava estudando na faculdade?

— Química.

— Como você consegue se vestir por conta própria de manhã? — Faith parecia irritada com a lentidão dele. — Química? A síntese de substâncias químicas para criar produtos mais complexos, como transformar pseudoefedrina em metanfetamina?

Will encontrou uma caixa de sacos Ziploc na última gaveta em que olhou.

— Se Allison estava fabricando ou usando metanfetamina, estava sendo muito cuidadosa. Não tinha marcas de agulhas. Não tem nenhum cachimbo ou parafernália de drogas pela casa ou na garagem. Sara vai fazer um exame toxicológico como parte da autópsia, mas não estou achando provável.

— E Tommy?

— Vou ter de ligar para Sara. — Ele esperou que ela fizesse algum comentário cretino sobre ele usar o nome de Sara em excesso.

Miraculosamente, Faith deixou a oportunidade passar.

— Não tem O-P-H nem C-P-H no condado de Grant. Vou tentar o número que está em cima da etiqueta. Oito dígitos. Comprido demais para ser um código postal de cinco dígitos e curto demais para um de nove. Tem um dígito a mais que um número de telefone. Um a menos que um número de seguridade social. Deixe eu colocá-lo aqui para ver se encontro alguma coisa.

Will lacrou o frasco de comprimidos no saco plástico enquanto aguardava o resultado.

Faith soltou um gemido.

— Meu Deus, será que toda busca tem de acabar em pornografia?

— É o presente de Deus para nós.

— Eu preferiria uma babá que morasse aqui em casa — devolveu ela. — Não estou encontrando nada. Posso dar uns telefonemas aqui pelo estado. Você sabe como alguns desses caipiras demoram para colocar os números dos processos em que estão trabalhando no sistema. Só estou esperando a mamãe vir me buscar para me levar para o hospital.

— Eu fico agradecido por qualquer coisa que você estiver disposta a fazer.

— Se eu assistir a mais um programa de reformas, vou para aí e torcer para alguém enfiar uma faca na minha nuca. Sem contar que estou cheia de gases. Tenho a sensação...

— Bem, é melhor eu ir andando. Obrigado mais uma vez pela ajuda. — Will fechou o telefone para encerrar a ligação. Trancou a casa e colocou o frasco de comprimidos no Porsche.

Lena continuava ao telefone, mas desligou quando viu Will.

— O Honda pertence a Darla Jackson. Está em liberdade condicional por uma série de fraudes cometidas com cheques há dois anos. Já pagou o que devia. A acusação sai da ficha dela em janeiro.

— Falou com ela?

Lena olhou por cima do ombro dele.

— Acho que estamos prestes a ter essa oportunidade.

Ele se virou. Uma senhora idosa vinha descendo a rampa da garagem da casa em frente. Inclinava-se pesadamente sobre um andador com um cesto de arame na frente. Bolas de tênis amarelo vivo calçavam as pernas de trás do andador. A porta da frente se abriu, e uma mulher de uniforme cor-de-rosa de enfermeira gritou:

— Sra. Barnes! A senhora esqueceu o casaco.

A velha senhora não se mostrou preocupada, embora não estivesse usando mais do que um vestido simples de tecido fino e chinelos. O vento soprava com tanta força que a bainha do vestido subiu enquanto ela se deslocava pela pista íngreme. Felizmente, as solas de borracha dos chinelos felpudos impediam que escorregasse no concreto.

— Sra. Barnes! — A enfermeira desceu a rampa correndo, carregando o casaco.

Era uma moça grandalhona, de ombros largos e seios fartos. Estava sem fôlego quando finalmente alcançou a senhora. Passou o casaco pelos seus ombros, dizendo:

— Está se arriscando aqui fora.

Lena se aproximou da mulher.

— Sra. Barnes, este é o agente Trent, do Georgia Bureau of Investigation.

A Sra. Barnes por pouco não torceu o nariz.

— O que vocês querem?

Will se sentiu como se estivesse de volta à terceira série, levando bronca por diversas atrocidades típicas de um garoto.

— Eu gostaria de falar com a senhora a respeito de Allison e de Tommy, se tiver um minuto.

— Me parece que você já decidiu fazer isso.

Will olhou na direção da caixa de correio, recordando o número da casa de um dos relatórios de ocorrência.

— Alguém da sua casa ligou para a polícia a respeito dos latidos da cachorra de Tommy. O seu nome não estava no relatório.

— Fui eu — ofereceu a enfermeira. — Eu cuido da Sra. Barnes durante a noite. Normalmente, eu não chego aqui até as sete, mas ela precisava de ajuda com algumas tarefas e eu não tinha nada de melhor para fazer.

Will não se dera conta do quanto já era tarde. Verificou o celular e viu que já eram quase três da tarde. Faith tinha pouco mais de uma hora até ter de ir para o hospital. Ele perguntou à enfermeira:

— Você vem toda noite?

— Toda noite menos quinta-feira, e eu tenho o último domingo do mês de folga. — Will teve de desacelerar as palavras dela dentro da cabeça para compreender o que estava dizendo. A mulher tinha um sotaque mais anasalado do que qualquer outra pessoa que Will já tinha conhecido no condado de Grant.

Lena sacou a caneta e o caderninho e perguntou à enfermeira:

— Poderia me dizer o seu nome, por favor?

— Darla Jackson. — Ela enfiou a mão no bolso e tirou um cartão de visitas. Usava unhas postiças vermelho-vivo que complementavam a maquiagem pesada. — Trabalho no edifício E-Med, na Rodovia 5.

Lena apontou para o Accord antigo estacionado à frente da casa. Já sabia a resposta,

mas perguntou:

— É seu?

— Sim, senhora. Não é grande coisa, mas está pago. Eu pago todas as minhas contas em dia. — Ela os fitou com um olhar cheio de significado, e Will concluiu que a Sra. Barnes não sabia a respeito dos cheques sem fundo.

Lena entregou o cartão para Will. Ele o olhou durante alguns segundos antes de perguntar a Darla:

— Por que ligou para a polícia a respeito de Tommy?

Ela abriu a boca para responder, mas a Sra. Barnes tomou a palavra, dirigindo-as a Will.

— Aquele menino nunca fez mal a ninguém. Tinha o coração mais doce e o temperamento mais afável do mundo.

Will enfiou as mãos nos bolsos com a sensação de que o frio partiria seus dedos em dois. Precisava descobrir mais a respeito da súbita mudança de humor de Tommy caso Faith estivesse certa com relação às drogas que ele encontrara no armário do banheiro do garoto.

— O relatório de ocorrência diz que Tommy estava berrando com alguém. Imagino que tenha sido com você, Srta. Jackson?

A enfermeira fez que sim, e Will se perguntou por que o nome de Darla não fora listado no relatório. Era estranho que o policial não o tivesse registrado junto com todos os outros detalhes.

— Pode me contar o que aconteceu?

— Bem, em primeiro lugar, eu não sabia que ele era retardado — disse ela, quase como um pedido de desculpas. — Como enfermeira formada, eu tento ter mais compaixão pelas pessoas com necessidades especiais, mas aquele cachorro não parava de latir, e a Sra. Barnes estava tentando dormir e...

— Eu tenho uma insônia terrível — interveio a senhora.

— Acho que deixei meu mau humor levar a melhor. Fui lá para mandar ele acalmar o cachorro, e ele disse que não tinha como, então eu falei que chamaria o canil municipal se ele não achasse um jeito e que deixariam o cachorro bem quietinho. Tipo morto de quieto. — Ela parecia envergonhada. — Logo em seguida ouvi um estrondo. Olhei pela janela da frente e estava rachada. Dá para ver que colei com fita. — Will olhou em direção à casa. A vidraça da janela tinha uma linha torta de *silver tape* embaixo. — Isso não apareceu no relatório.

A Sra. Barnes continuou a partir daí.

— Por sorte, mandaram Carl Phillips. Fui professora dele na quinta série. — Ela levou a mão ao peito. — Concordamos que seria melhor eu resolver isso com Gordon quando ele voltasse da Flórida.

Will perguntou à enfermeira:

— Você está aqui todas as noites. Isso inclui domingo à noite e ontem à noite?

— Sim. Estou acordada com a Sra. Barnes há três dias. O remédio novo que ela está tomando tem piorado muito a insônia dela.

— É verdade — concordou a mulher. — Não tenho conseguido nem fechar os olhos.

— Viu alguma coisa acontecer lá na casa? Carros chegando e saindo? Viram se Tommy usou a lambreta para alguma coisa?

— O quarto fica nos fundos da casa — explicou Darla. — Passamos a noite toda lá, já que fica perto do banheiro.

— Darla, por favor — advertiu a Sra. Barnes. — Não há necessidade de eles saberem disso.

— Alguma de vocês conhecia Allison Spooner? — perguntou Lena. — Ela morava aqui em frente, na casa de Tommy.

As duas ficaram mais circunspectas.

— Eu a via por aí — ofereceu Darla.

— Via o namorado dela?

— De vez em quando.

— Sabia o nome dele?

Darla balançou a cabeça.

— Ele entrava e saía um bocado. Eu os ouvia berrar às vezes. Discutindo. Me deu a impressão de ser um rapaz estourado.

Na experiência de Will, professores eram bons em fazer julgamentos precisos das pessoas, mesmo de estalo. Perguntou:

— E a senhora, Sra. Barnes?

— Eu o vi uma ou duas vezes — respondeu ela.

— Alguma vez o ouviu brigar com Allison?

Ela levou os dedos ao ouvido.

— Eu não escuto muito bem.

Will achou que ela estava sendo atipicamente educada, uma vez que certamente escutara a cachorra latir. Claro, poucas pessoas gostavam de falar mal dos mortos. Imaginou que a Sra. Barnes teria tido muito a dizer a respeito de Allison na semana anterior.

— A senhora viu o carro dela na entrada da garagem recentemente?

— Gordon pediu a ela que estacionasse na rua porque estava vazando óleo — disse a Sra. Barnes. — Não o vejo aqui já há algum tempo. Pelo menos não neste fim de semana.

— Eu também não — confirmou Darla.

— E o carro do namorado? Sabem o que ele dirigia?

As duas mulheres sacudiram a cabeça. Mais uma vez, Darla se manifestou:

— Não sou boa com esse tipo de coisa. Era uma *station wagon*. Verde ou azul. Sei que isso não é muito útil.

— Allison recebia visitas de amigos? — perguntou ele. — Homens ou mulheres?

— Só do namorado — respondeu Darla. — Ele era uma coisinha de olhos nervosos.

Will sentiu uma gota de chuva cair em sua cabeça.

— Alguma vez conversou com ele?

— Não, mas eu consigo detectar um babaca a um quilômetro de distância. — Ela soltou uma gargalhada chocantemente áspera. — Eu certamente já namorei um monte deles na minha vida.

— O importante aqui é — interveio a Sra. Barnes — que Tommy não machucou aquela menina. — Ela fuzilou Lena com os olhos. — E você sabe disso.

— Sei, sim — disse Lena.

Isso a calou. Ela olhou outra vez para a enfermeira.

— Acho que devemos ir agora.

— Sra. Barnes... — começou Will.

Ela o interrompeu.

— Meu filho é advogado. Qualquer outra pergunta que tiver para mim deve ser dirigida a ele. Vamos, Darla. Está na hora do meu programa.

Com isso, ela virou o andador e iniciou a lenta subida pela rampa. Darla encolheu os ombros num pedido de desculpas antes de segui-la.

— Acho que é a primeira vez que uma velhinha de andador cala a minha boca ameaçando chamar o advogado.

Havia um zumbido no ar, como se um bando de cigarras tivesse decidido cantar ao mesmo tempo. A chuva já não caía com tanta intensidade; na verdade, transformara-se numa névoa fina. Will piscou, sentindo contas d'água formarem-se sobre os seus cílios.

— E agora? — perguntou Lena.

— Acho que depende de você. — Will voltou a consultar o celular para ver a hora. Charlie logo estaria ali. — Pode voltar comigo para a faculdade ou ir atrás de um advogado.

Ela não precisou pensar na resposta.

— No meu carro ou no seu?

13

Eles mal haviam deixado a Taylor Drive quando o céu desabou. A visibilidade ficou limitada. Lena manteve o velocímetro um pouco abaixo dos 50 quilômetros por hora enquanto percorria as ruas alagadas. A friagem fazia sua mão machucada doer. Ela flexionou os dedos tentando fazer o sangue circular. Estava definitivamente infeccionada. Ela sentia calor e frio ao mesmo tempo. Uma dor lenta ia invadindo a cabeça por trás.

Ainda assim, sentia-se melhor do que em muito tempo. Não só por ter assumido a responsabilidade por Tommy, mas por ter encontrado uma forma de sair bem de uma situação como aquela, pela última vez. E seria, *sim*, a última vez. Lena ia fazer as coisas direito de agora em diante. Não pegaria mais atalhos. Não correria riscos.

Frank não podia culpá-la por ter dado a própria cara a tapa, mas, se o fizesse, ele que fosse se ferrar. Will Trent havia descoberto tudo o que acontecera na garagem, mas não tinha como provar nada sem Lena, e Lena não ia dizer nada. Era essa a vantagem que tinha sobre Frank. Era esse o seu passe para a liberdade. Se Frank queria se matar de beber, se queria arriscar a própria vida nas ruas, isso era problema dele. Ela lavava as mãos.

A morte de Tommy Braham era a única coisa que ainda pesava em sua consciência. Precisava conversar com um advogado sobre como administrar a questão junto ao condado, embora não fosse brigar. Merecia ser punida. Tommy fora seu prisioneiro. Lena praticamente lhe dera os meios para tirar a própria vida. Enganar o sistema, encontrar uma brecha na lei, estava fora de cogitação. Talvez Gordon Braham a processasse, talvez não. A única coisa que Lena sabia era que não tinha mais nada para fazer naquela cidade. Por mais que amasse ser policial, por mais que precisasse da adrenalina, da sensação de fazer um trabalho que quase ninguém no mundo queria — ou conseguia — fazer, ela precisava seguir adiante.

Will se remexeu na poltrona ao seu lado. Tinha passado metade do dia debaixo de chuva. Seu suéter estava molhado. Os jeans nunca haviam chegado a secar, na verdade. Podiam dizer um monte de coisas a respeito daquele homem, mas ninguém podia dizer que lhe faltava determinação.

— Quando vamos fazer isso? — perguntou ela. — A minha confissão, eu digo.

— Por que a pressa?

Ela deu de ombros. Ele não entenderia. Lena tinha 35 anos e pretendia começar a vida do zero no pior mercado de trabalho desde a Grande Depressão. Só queria acabar logo

com aquilo. O não saber era a parte mais difícil. Ela ia embora, mas quanto sangue ia ter de deixar em cima da mesa?

— Você ainda pode fazer um acordo — disse ele.

— É preciso ter alguma coisa de valor para se conseguir um acordo.

— Eu acho que você tem.

Ela não concordou nem discordou. Ambos sabiam que derrubar Frank tornaria o tombo dela mais leve. Mas Frank segurava trunfos que Will desconhecia. Para fazer aquilo funcionar, Lena teria de ficar quieta. Era tarde demais agora para voltar atrás.

— Me fale da situação com drogas na cidade — pediu ele.

A pergunta a surpreendeu.

— Não tem muito o que contar. A segurança do campus lida com a maioria das pequenas infrações da faculdade: maconha, um pouco de cocaína aqui, um pouco de metanfetamina ali.

— E na cidade?

— Heartsdale é bastante endinheirada. Gente rica sabe esconder melhor os vícios. — Ela desacelerou ao se aproximar de um sinal vermelho na Main Street. — Avondale é OK, mais ou menos o que se esperaria: a maioria gente de classe média, mães trabalhadoras que fumam metanfetamina depois que colocam os filhos na cama. Madison é o problema. Muito pobre. Alta taxa de desemprego, cem por cento das crianças matriculadas no programa federal de merenda escolar. Temos umas duas gangues pequenas vendendo metanfetamina. Tendem a se matar entre si, não civis. Não temos muito dinheiro no orçamento da polícia para operações de flagrante a apreensão. Nós os pegamos quando conseguimos, mas são como baratas. Você pega um e tem outros dez esperando para ocupar a vaga.

— Acha que Tommy podia estar vendendo drogas?

A risada dela foi autêntica.

— Está de brincadeira?

— Não.

— De jeito nenhum. — Ela balançou a cabeça com veemência. — Se estivesse, a Sra. Barnes teria dado aquele telefonema antes da enfermeira Darla. Tinha gente demais na vida dele o vigiando constantemente.

— E quanto a Allison? Acha que ela podia estar usando?

Lena considerou a pergunta mais seriamente.

— Não descobrimos nada que sugira drogas no caso dela. Ela mal conseguia pagar as contas, morava num lixo de casa. As notas eram boas. Não perdeu um dia de aula. Se vendia drogas, estava fazendo um péssimo trabalho, e, se usava, estava segurando a onda muito bem.

— Todas boas observações. — Ele não mudou de assunto. — É muito conveniente que Jason Howell tenha morrido antes de podermos questioná-lo.

Ela olhou para o sinal, perguntando-se se deveria simplesmente avançá-lo.

— Vai ver o assassino estava com medo de que ele falasse.

— Talvez.

— Sara encontrou alguma coisa?

— Nada demais.

Lena olhou rapidamente para Will. Ele era bom em não contar as coisas.

Ele deu de ombros.

— Vamos ver o que ela encontra nas autópsias.

O sinal finalmente abriu. Lena virou o volante bruscamente. Os pneus traseiros derraparam quando ela pisou no acelerador.

— Ouça, eu sei que está dormindo com ela.

Will deu uma risada surpresa.

— Está bem.

— Isso não é ruim — disse ela, embora lhe doesse admiti-lo. — Eu conhecia Jeffrey. Trabalhei com ele a maior parte da minha carreira. Não era o tipo do sujeito que saía por aí falando dos próprios sentimentos, mas, com relação a Sara, todo mundo sabia o nível que era. Ele ia querer que ela encontrasse alguém. Ela não é o tipo de pessoa que fica bem sozinha.

Ele não falou por alguns segundos.

— Acho que é simpático da sua parte dizer isso.

— É, bem, eu vou esperar sentada até ela dizer alguma coisa simpática sobre mim. — Lena ligou o limpador de para-brisa no máximo enquanto a chuva açoitava o carro. — Tenho certeza de que ela já lhe contou um monte de histórias.

— O que ela me contaria?

— Nada de bom.

— Ela está certa?

Foi a vez de Lena de rir.

— Você vive fazendo perguntas para as quais já sabe a resposta. — O celular dela tocou, invadindo o carro com os primeiros acordes de "Barracuda", do Heart. Ela verificou o identificador de chamada. Frank. Lena deixou que a ligação caísse direto na caixa postal.

— Por que a faculdade tem o seu telefone de contato para o caso de acontecer algum problema? — perguntou.

— Eu conheço vários dos rapazes da equipe de segurança.

— De quando você trabalhou lá?

Ela estava prestes a lhe perguntar como sabia disso, mas não achou que conseguiria uma boa resposta.

— Não, eu os conheço pois trabalhava como a agente de ligação. Todos os caras que trabalhavam lá na minha época já saíram.

— Frank certamente deixa um bocado do trabalho para você fazer.

— Eu aguento — respondeu ela, então se deu conta de que não importava mais. De agora em diante, os únicos telefonemas que seriam dados para a casa dela de manhã cedo seriam enganos.

— Qual é a configuração da segurança no campus? A mesma de quando você trabalhou lá?

— Mudou muito depois da Virginia Tech.

Will estava familiarizado com o massacre ocorrido na faculdade, o mais brutal da história norte-americana.

— Sabe como são as instituições: reativas, não preventivas — explicou ela. O grosso dos assassinatos ocorridos na Virginia Tech foi no prédio de engenharia, então todas as outras universidades aumentaram a segurança nas salas de aula e nos laboratórios.

— As primeiras vítimas foram mortas dentro dos alojamentos.

— É difícil policiar isso. Os alunos têm de ter cartões magnéticos para entrar e sair, mas não é um sistema à prova de falhas. Olhe só o que fizeram no dormitório de Jason. Pense só na estupidez que é cortar o alarme de incêndio.

O telefone dela voltou a tocar. Frank. Lena rejeitou para que a ligação caísse direto na caixa postal.

— Alguém está tentando entrar em contato com você.

— Tem razão.

Lena se deu conta de que estava começando a falar como Will Trent. Talvez não fosse ruim, considerando que ele estava dando um banho nela. Ela diminuiu a velocidade para 25 quilômetros por hora enquanto a chuva chacoalhava o carro. A água inundava a rua, fazendo o asfalto parecer ondulado. Os limpadores de para-brisa não conseguiam dar conta do aguaceiro. Ela desacelerou até parar, dizendo:

— Não consigo enxergar nada à minha frente. Quer dirigir?

— Não consigo fazer melhor do que você. Vamos esperar passar enquanto conversamos sobre o assassino.

Lena colocou o carro em ponto morto. Fitou a brancura à sua frente.

— Acha que estamos diante de um serial killer?

— É preciso que se tenha pelo menos três vítimas, em três locais diferentes, para os crimes serem qualificados como seriais.

Lena se virou no assento para encará-lo.

— Então temos de esperar um terceiro corpo?

— Espero que não chegue a isso.

— E quanto ao perfil que você traçou?

— O que tem?

Ela tentou recordar as perguntas que ele havia feito.

— O que aconteceu? Dois jovens foram mortos, ambos à faca, os dois quando se encontravam sozinhos. Por que aconteceu? O assassino planejou tudo. Tinha a faca consigo. Conhecia as vítimas, é provável que conhecesse Jason melhor do que Allison, pois estava obviamente furioso quando o matou.

Will continuou:

— Ele tem carro. Conhece a cidade, a topografia do lago e o posicionamento da câmera do alojamento da faculdade. Então, trata-se de alguém que já estudou ou que estuda na faculdade atualmente.

Ela balançou a cabeça, rindo de si mesma.

— Esse é o problema dos perfis. Você podia estar falando de mim.

— É possível que uma mulher tenha cometido esses crimes.

Lena lhe deu um sorriso forçado.

— Eu estava com meu namorado, Jared, ontem à noite e com você o dia todo.

— Obrigado pelo álibi — disse Will —, mas estou falando sério. Allison era miúda. Uma mulher poderia tê-la dominado. Uma mulher poderia ter entrado no lago com o corpo dela, para então acorrentá-la e fazê-la afundar com os blocos de concreto.

— Você tem razão — admitiu ela. — Mulheres gostam de facas. São mais pessoais. — Ela própria andara armada com uma faca havia alguns anos.

— Quem são as mulheres com as quais já topamos neste caso? — perguntou Will.

Ela as listou:

— Julie Smith, quem quer que ela seja. Vanessa Livingston, a mulher cujo porão alagou. Alexandra Coulter, uma das professoras de Allison. Sheila, tia de Allison, que ainda não retornou as minhas ligações. A Sra. Barnes, da casa em frente. Darla, a enfermeira de unhas vermelhas compridas.

— A Sra. Barnes dá a Darla um álibi bastante restritivo. Disse que passou as duas noites em claro com ela.

— Pois é. Bem, meu tio Hank diz que não dorme nunca, mas toda vez que durmo na casa dele, ele ronca igual a uma merda de uma serra elétrica.

Lena sacou o bloquinho. Um calor percorreu o seu corpo, mas não por causa da infecção da mão. Ela manteve o bloquinho virado para longe de Will enquanto passava pela transcrição da ligação para a Emergência, então foi rapidamente até a página em que registrara as informações de Darla.

— O celular da pessoa que ligou para a Emergência tinha o código de área 912. O de Darla é 706.

— O sotaque dela lhe soou incomum?

— Um pouco sem classe, mas ela claramente conseguiu fazer alguma coisa da vida.

— Ela não lhe pareceu ser da região de Appalachia, pareceu?

Lena o encarou escancaradamente.

— Ela me soou como todo mundo com quem cresci no sul da Geórgia. De onde você tirou Appalachia?

— Conhece alguma mulher na cidade que veio das montanhas para cá nos últimos anos?

Ela imaginou que aquele fosse mais outro pequeno dado que ele guardaria para si. Mas ela também podia jogar o mesmo jogo.

— Agora que você mencionou, tivemos uma família de caipiras por estas bandas há alguns anos, mas eles enfiaram tudo numa caminhonete e se mudaram para Los Angeles.

— A família Buscapé, é? — Ele riu, achando graça, antes de fazer outra de suas bruscas mudanças de assunto. — Devia pedir para alguém dar uma olhada nessa mão.

Lena olhou para a palma da mão ferida. A pele suava tanto que os band-aids estavam se soltando.

— Eu vou ficar bem.

— Conversei com a Dra. Linton sobre feridas à bala hoje mesmo — disse ele.

— Crianças, vocês sabem mesmo se divertir juntos.

— Ela disse que a probabilidade de um ferimento à bala sem tratamento infeccionar é muito alta.

Jura?, ela quis dizer. Em vez disso, falou:

— Vamos voltar ao perfil.

Ele hesitou tempo o bastante para que ela soubesse que ele não gostava de deixar outra pessoa mudar de assunto.

— Qual é a sequência dos eventos?

Lena quebrou a cabeça com a pergunta.

— Nós já repassamos o que aconteceu com Allison. Com Jason, eu imagino que o assassino tenha entrado no alojamento, deslocado as câmeras, o esfaqueado e ido embora.

— Ele cobriu o corpo de Jason com um cobertor. Sabia que ia ter muito sangue.

Aquilo era novidade.

— Onde estava o cobertor?

— Eu o encontrei no banheiro do final do corredor.

— Devia verificar os ralos, o... — Ela se deteve. Will sabia que devia fazer todas essas coisas. Não precisava de sua ajuda. — Eram quatro as perguntas para o perfil, certo?

— A última é: você tem de se perguntar quem teria feito essas coisas, nessa ordem, por esses motivos.

— Allison foi morta antes de Jason. Ela pode ter sido um aviso que Jason não acatou.

— Jason estava enclausurado no quarto do alojamento. Nós nem mesmo sabemos se ele soube do assassinato.

— Então o assassino fica ansioso, preocupado de a mensagem não ter sido recebida. — Uma ideia lhe ocorreu. — O bilhete de suicídio. O assassino o deixou como um aviso: "Quero que acabe."

— Certo — concordou ele, e ela supôs que Will já tivesse se dado conta disso havia algum tempo sem contar a ela.

Ainda assim, Lena disse:

— Faria sentido o assassino ficar com raiva de Jason por não ter tomado a morte de Allison como um aviso. Ele recebeu pelo menos oito ou nove facadas. Isso demonstra muita raiva.

Will ergueu os olhos para o céu.

— A chuva diminuiu.

Lena ajeitou-se no assento, engatando a marcha. Arrastava o carro lentamente para a frente. A estrada ainda estava inundada. Riachos seguiam em direção à Main Street.

— Tanto Allison quanto Jason eram estudantes. Podiam estar envolvidos com alguma coisa relacionada à faculdade.

— Como o quê?

— Não sei. Algum subsídio. Existe toda a espécie de financiamentos do governo entrando e saindo daquele lugar. Gastos com segurança. O departamento de engenharia trabalha com equipamentos médicos, com nanotecnologia. Os laboratórios de polímeros estão testando um monte de adesivos. Estamos falando de centenas de milhares de dólares.

— Um aluno de pós-graduação teria acesso a esse dinheiro?

Ela pensou naquilo.

— Não. Os doutorandos, talvez, mas os de pós basicamente fazem as tarefinhas de merda no laboratório e os de graduação não podem nem limpar a bunda sem pedir permissão. Eu saí um tempo com um cara que estava no programa de mestrado. Não estão envolvidos em nada que seja nem remotamente interessante.

Eles haviam chegado ao alojamento de Jason Howell. Havia dois furgões pretos estacionados do lado de fora. Ambos tinham o logotipo do GBI na porta e UNIDADE DE PERÍCIA CRIMINAL escrito em branco nas laterais. Apesar de tudo, Lena ficou animada, como um cão de caça que fareja alguma coisa. Mas a sensação sumiu rapidamente. Ela havia passado incontáveis horas naquela faculdade estudando para ter um diploma que provavelmente nunca poderia usar. Na melhor das hipóteses, o que aprendera seria usado para transformá-la numa daquelas pessoas irritantes que apontam tudo o que há de errado em *CSI*.

Will olhou para o celular.

— Preciso dar um telefonema rápido para a minha parceira, se não se importa.

— Claro. — Lena estacionou o carro.

A chuva ainda caía, então ela saltou rapidamente do carro e subiu as escadas segurando o capuz da jaqueta com as duas mãos.

Marty estava sentado no interior lendo uma revista. Ela bateu à porta. Ele ergueu a cabeça de súbito, os óculos entortados sobre o nariz. Usou o cartão magnético para deixá-la entrar.

— Você não me parece bem — disse ele.

Lena se surpreendeu com o comentário. Passou os dedos pelos cabelos, sentindo uma umidade que não viera da chuva.

— Está sendo um dia longo.

— Para você e para mim. — Marty sentou-se de volta no banco. — Vou ficar satisfeito quando isso acabar.

— Tem alguma coisa acontecendo?

— Três homens estão lá em cima. Outros dois foram até o edifício-garagem. O sujeito encarregado tem um bigode *handlebar* que o deixa com cara de quem fugiu do circo. Encontrou uma chave de carro no quarto e saiu dirigindo por aí clicando no alarme até que ele disparasse.

Lena assentiu com a cabeça em sinal de aprovação, pensando que o sujeito era bem esperto para um número circense.

— Eu não chequei em momento nenhum o edifício-garagem — admitiu Marty. — Ele estava estacionado no terceiro andar, perto da rampa.

Lena o apaziguou.

— Eu também nunca verificava o edifício-garagem quando a garotada toda ia embora.

— Xi. Lá vem ele. — Marty estendeu o braço e encostou o cartão magnético no leitor.

Will abriu a porta com um empurrão, batendo com os pés no chão.

— Perdão — desculpou-se. — Sr. Harris, obrigado por ter nos dedicado o seu tempo hoje. Sinto estarmos tirando você do convívio com a sua família.

— Demetrius me instruiu para ficar aqui pelo tempo que precisarem de mim.

— Pode me dizer quem estava de plantão ontem à noite?

— Demetrius. Meu chefe. A gente tem revezado para conseguir tirar alguma folga no feriado. — Ele baixou a revista. — Ele não se lembra de nada, mas ficará satisfeito em falar com o senhor quando quiser.

Lena achava que havia coisas mais importantes que mereciam a atenção de Will naquele momento.

— Marty me contou que um dos integrantes da sua equipe encontrou o carro de Jason no edifício-garagem. Estão dando uma olhada nele agora.

Will sorriu. Ela quase sentiu seu alívio.

— Que bom. Obrigado, Sr. Harris.

— Demetrius está no escritório juntando todas as fitas de vídeo para vocês. Posso levá-los até lá de carro se quiserem.

Will olhou para Lena. Passar horas olhando fixamente para filmagens em vídeo na esperança de encontrar dois segundos de pistas era o tipo de trabalho entediante que dava vontade de colocar uma bala na cabeça. Lena queria mesmo era estar naquele carro

passando pente fino nas fibras do tapete, procurando vestígios de sangue ou impressões digitais, mas não havia motivo para isso.

— Eu posso assistir às fitas, se você quiser — sugeriu ela.

— Não vai ser nada divertido.

— Acho que tenho me divertido o bastante ultimamente.

Lena sentou-se na sala de interrogatórios da delegacia na qual conversara com Tommy Braham dois dias antes. Trouxera o carrinho de televisão contendo o velho videocassete e o equipamento digital mais recente com o qual às vezes filmavam entrevistas. As gravações das câmeras de segurança do campus eram uma combinação das duas coisas: digital para as câmeras externas e fita de vídeo normal para as internas. Demetrius, o chefe da segurança, havia lhe dado tudo o que tinha.

Até onde Lena sabia, ela era a única pessoa presente na delegacia, com exceção de Marla Simms, que nunca deixava sua mesa, e Carl Phillips, que estava lá atrás, nas celas, trabalhando como agente de registros à noite. Carl era um sujeito grandalhão que não levava desaforo de ninguém para casa, motivo pelo qual Frank lhe dera a tarefa de registrar os presos. Carl era incrivelmente honesto. Frank estava fazendo todo o possível para manter o homem longe de Will Trent.

Lena já arrancara a história de Larry Knox, que gostava bastante de uma fofoca. Ela sabia que Carl protestara expulsando alguns dos presos mais tagarelas das celas depois que o corpo de Tommy fora encontrado. Frank mandara Carl ir embora se não aprovasse, e ele aceitara a oferta. Os únicos presos que Frank não deixara ir estavam em coma ou eram idiotas. No topo dessa última designação encontrava-se Ronald Porter, um merda de homem que já espancara a mulher tantas vezes que o rosto dela afundara. Frank havia encontrado uma forma de forçar Ronny a ficar calado. Estava tentando pressionar Carl. Andava mentindo para Will Trent. Vinha escondendo provas, provavelmente retardando a entrega das fitas de áudio da chamada para a Emergência. Achava estar chantageando Lena.

O velho estava cheio de problemas.

Lena esfregou os olhos, tentando limpar a vista. A sala estava abafada, quente, mas esse não era o problema. Tinha quase certeza de que estava com febre. A mão já estava suando, fazendo com que os band-aids novos que encontrara no kit de primeiros socorros descolassem. A carne por baixo estava irritada e quente. Ela soubera por Delia Stephens que acordariam Brad pela manhã. Lena iria até o hospital bem cedo e pediria a uma enfermeira que desse uma olhada no seu ferimento. Provavelmente precisaria de uma injeção e teria de responder a um monte de perguntas.

Mas haveria perguntas piores naquela noite. Ela teria de contar a Jared o que estava acontecendo. Pelo menos parte do que estava acontecendo. Lena não queria sobrecarregá-lo com a verdade toda. Não havia se atirado na frente de um trem em movimento a troco de nada. Perder Jared, mais do que abrir mão do distintivo, era o tipo de sacrifício que ela não estava disposta a fazer.

Lena voltou a atenção para o trabalho. As fitas a que vinha assistindo pelas duas últimas horas variavam entre entediantes e chatas. Devia simplesmente ter ido para casa, mas ela sentia uma estranha sensação de dever com relação a Will Trent. Ele a

transformara numa Cinderela relutante. Lena imaginava que levaria até meia-noite para assistir a todas aquelas fitas, mais ou menos na mesma hora em que seu distintivo se transformasse em abóbora.

Ela encontrara o filé mignon logo no começo. De acordo com a minutagem, na noite anterior, às 23h16m22s, a porta de incêndio dos fundos do prédio de Jason fora aberta. Lena estava familiarizada com a disposição da época em que trabalhara para a segurança do campus. O alojamento, o refeitório e os fundos da biblioteca formavam um "U" aberto com a plataforma de carga no meio. A faculdade não permitia que os alunos usassem o local como atalho porque um moleque havia caído de cima de uma das plataformas e quebrado a perna em três lugares vários anos antes. O processo resultante fora um duro golpe, e a instituição acabara gastando ainda mais dinheiro instalando lâmpadas de xênon que iluminavam o lugar como se fosse um palco da Broadway.

A câmera acima da porta de emergência gravava em cores. A luz que apareceu quando a porta foi aberta era azul xênon. Em seguida, a câmera chacoalhou e mostrou o teto com uma fatia de luz azul cortando a escuridão. A porta foi fechada e o teto escureceu.

Às 23h16m28s, um vulto entrou no corredor do segundo andar. A câmera não era equipada com visão noturna, mas a luz do quarto aberto iluminou o vulto. As roupas de Jason Howell eram volumosas, as mesmas que Lena havia visto quando o menino estivera deitado, morto, em sua cama. Jason olhou à sua volta, nervoso. Os movimentos revelavam seu pânico. Obviamente escutara algum barulho, mas o desconsiderou rapidamente. Às 23h16m37s, entrou de volta no quarto. Pela faixa de luz no corredor, ela percebeu que ele deixara a porta ligeiramente entreaberta.

O assassino se demorou subindo as escadas. Talvez quisesse ter certeza de que Jason seria pego mesmo desprevenido. Foi só às 23h18m em ponto que a segunda câmera foi virada para cima. O assassino não foi tão apto dessa vez, no entanto. Lena imaginou que tivesse escorregado na escada. A câmera só inclinara ligeiramente, formando um ângulo, em vez de ser virada completamente para cima, e ela foi usando o botão de pausa até conseguir enxergar a ponta de madeira de um taco de beisebol. A extremidade arredondada foi fácil de identificar, mas foi o logotipo da marca Rawlings que o revelou de vez. Ela reconheceu o estilo das letras dos tempos em que jogava softbol.

Às 23h26m02s, a luz de xênon piscou mais uma vez no teto do primeiro andar enquanto a porta de emergência era aberta. O assassino levara mais ou menos oito minutos para dar fim à vida de Jason.

Marla bateu à porta enquanto já entrava na sala. Lena pausou a fita na imagem para a qual vinha olhando fixamente: a imagem digital do estacionamento vazio em frente à biblioteca.

— O que foi?

— Você tem visita. — Marla girou sobre os calcanhares e saiu.

Lena atirou o controle remoto longe, pensando que Marla Simms era alguém de quem não sentiria falta quando deixasse aquele lugar. Na verdade, agora que parara para pensar um pouco, Lena não conseguia listar uma única pessoa da cidade sem a qual conseguiria viver. Pareceu-lhe estranho que se sentisse tão distante do grupo de pessoas que havia constituído o seu mundo por tantos anos. Lena sempre pensara no condado de Grant como seu lar, na força policial como sua família. Agora, só conseguia pensar no quanto seria boa a sensação de finalmente ver-se livre deles.

Abriu a porta corta-fogo de metal com um empurrão e entrou na sala dos policiais. Lena parou quando viu a mulher que aguardava no lobby, imediatamente reconhecendo Sheila McGhee da fotografia que Frank tirara da carteira de Allison. Na foto, estavam todos sentados num banco em frente ao centro estudantil. O rapaz, que Lena agora sabia ser Jason Howell, estava com o braço ao redor da cintura de Allison. Sheila encontrava-se sentada ao lado da sobrinha, próxima, porém não muito. O céu atrás deles era de um azul profundo. As folhas haviam começado a cair.

Pessoalmente, Sheila McGhee parecia ser mais magra e mais endurecida. Pela foto, Lena achara se tratar de alguma vagabunda das redondezas, e agora imaginava que Sheila fosse isso na versão de Elba, Alabama. Tinha o tipo de magreza-palito que se conseguia comendo de menos e fumando demais. A pele pendia flácida dos ossos do rosto. Os olhos eram fundos. A mulher da foto estava sorrindo. Sheila McGhee parecia que não sorriria nunca mais.

Nervosa, ela segurou a bolsa na frente da barriga quando Lena se aproximou.

— É verdade?

Marla estava à sua mesa. Lena estendeu o braço por cima e apertou o botão para liberar o portão.

— Por que não vem comigo por aqui?

— Me diga logo. — Ela agarrou o braço de Lena. Era forte. As veias do dorso de sua mão pareciam cordas trançadas.

— É, sim — confirmou Lena. — Allison está morta.

Sheila não se convenceu.

— Ela se parecia com muitas garotas.

Lena cobriu a mão da mulher com a sua.

— Ela trabalhava na lanchonete que fica mais adiante, aqui na rua, Sra. McGhee. A maioria dos policiais que trabalha aqui a conhecia. Era tida como uma menina muito doce.

Sheila piscou diversas vezes, mas seus olhos estavam secos.

— Me acompanhe por aqui — sugeriu Lena.

Em vez de conduzi-la até a sala de interrogatório, seguiu para o escritório de Jeffrey. Estranhamente, Lena sentiu uma súbita pontada de perda. Compreendeu que, em algum lugar de sua mente, achara que dali a uns dez, talvez quinze anos, aquela sala seria sua por direito. Lena nem se dera conta de que o sonho existia até tê-lo perdido.

Mas agora não era hora de ficar pensando no sonho destruído. Indicou as duas cadeiras do outro lado da mesa.

— Eu lamento muito pela sua perda.

Sheila sentou-se na beirada do assento com a bolsa no colo.

— Ela foi estuprada? Me fale de uma vez. Ela foi estuprada, não foi?

— Não, ela não foi estuprada.

A mulher pareceu confusa.

— Foi aquele namorado dela que a matou?

— Não, senhora.

— Tem certeza?

— Sim, senhora.

Lena sentou-se ao seu lado. Manteve a mão sobre o colo. A pele estava mais quente do

que antes. Cada batida do coração fazia os dedos latejarem.

— O nome dele é Jason Howell — contou Sheila. — Ela o namorava há uns dois anos. Não vinham se dando bem, ultimamente. Não sei o que estava acontecendo. Algum tipo de desentendimento ou coisa assim. Allison estava muito triste com isso, mas eu disse a ela que terminasse com ele. Nenhum homem vale aquela tristeza toda.

Lena flexionou a mão.

— Eu acabo de voltar da faculdade, Sra. McGhee. Jason Howell está morto. Foi assassinado ontem à noite.

Ela se mostrou tão chocada quanto Lena ficara ao receber a notícia de Marty.

— Assassinado? Como?

— Achamos que foi morto pelo mesmo homem que matou sua sobrinha.

— Nossa... — Ela balançou a cabeça, confusa. — Quem mataria dois estudantes universitários? Não tinham nem dez centavos, os dois juntos.

— É o que estamos tentando descobrir. — Lena fez uma pausa, dando à mulher tempo para se recompor. — Se conseguir pensar em qualquer pessoa na vida de Allison, alguém que ela tenha mencionado, talvez alguma coisa na qual tenha se envolvido e que não pôde...

— Isso nem faz sentido. O que Allison poderia fazer para qualquer pessoa? Ela nunca machucou ninguém.

— Alguma vez ela lhe falou dos amigos? De alguém que fizesse parte de sua vida?

— Tinha aquele tal de Tommy. Ele é retardado, é a fim dela. — Ela pareceu se dar conta de alguma coisa. — Já falaram com ele?

— Sim, senhora. Já o eliminamos como suspeito.

Ela continuou a agarrar a bolsa que se encontrava em seu colo.

— E aquele proprietário? Parece que ele tinha uma namorada ciumenta.

— Os dois estavam na Flórida quando o crime foi cometido.

Lágrimas umedeceram seus olhos, mas não caíram. Estava claramente tentando pensar em alguém que pudesse ter feito aquilo. Finalmente, desistiu, dando uma respirada rápida e deixando o ar escapar por entre os lábios. Os ombros se curvaram.

— Nada disso faz sentido. Nada.

Lena não emitiu opinião alguma. Era policial havia quinze anos e ainda havia de trabalhar em um caso de homicídio que fizesse muito sentido. As pessoas sempre matavam pelos motivos mais estúpidos. Era deprimente pensar que a vida tinha tão pouco valor.

Sheila abriu a bolsa.

— Posso fumar aqui dentro?

— Não, senhora. Gostaria de ir lá fora?

— Está um frio dos diabos.

Ela roeu a unha do polegar enquanto fitava a parede. O resto das unhas estavam roídas até o sabugo. Lena se perguntou se Allison teria herdado o vício da tia. As unhas da menina eram dolorosamente curtas.

Sheila disse:

— Allison tinha um professor de quem estava com raiva porque lhe deu uma nota ruim.

— Lembra-se do nome dele?

— Williams. Ela nunca tinha tirado um "C" num trabalho a vida toda. Ficou bem aborrecida.

— Vamos investigar isso — disse Lena, embora já tivesse conversado com Rex Williams. Ele estava em Nova York com a família desde sábado à tarde. Um telefonema para a Delta confirmara seu álibi. — Allison tinha carro?

Os olhos dela desceram para o chão.

— Era da mãe dela. Ela o deixou no nome de Judy porque o seguro era mais barato.

— Lembra-se da marca e do modelo?

— Não sei. Era velho, continuava inteiro à base de cuspe e de ferrugem. Posso tentar descobrir quando chegar em casa. — Ela agarrou a bolsa como se estivesse pronta para ir embora. — Precisa que eu faça isso agora?

— Não — disse Lena. Estava quase certa de que Allison tinha um Dodge Daytona vermelho. — Falava com sua sobrinha no telefone com frequência?

— Uma vez por mês. Ficamos mais próximas depois que a mãe dela morreu. — Uma expressão diferente cruzou seu rosto. — Acho que agora só sobrou eu mesmo. — Engoliu com dificuldade. — Eu tenho um filho na Holman que fabrica placas de carros. É praticamente a única coisa que ele já fez direito na vida.

Ela se referia à Prisão Estadual Holman, no Alabama.

— Por que ele foi preso?

— Por ser idiota. — Sua raiva era tão palpável que Lena resistiu à tentação de se recostar na cadeira. — Tentou assaltar uma loja de bebidas com uma pistola d'água. Aquele menino já passou mais tempo dentro da cadeia do que fora.

— Ele tem filiação com alguma gangue?

— E que infeliz vai saber disso? — esbravejou ela. — Eu é que não sei, pode ter certeza. Não falo com ele desde que foi levado para lá. Lavei as minhas mãos disso tudo.

— Ele era próximo de Allison?

— A última vez que estiveram juntos ela tinha 13, 14 anos. Saíram para nadar e ele segurou a cabeça dela debaixo d'água até ela vomitar. O merdinha não é muito melhor do que o pai. — Ela começou a vasculhar a bolsa, mas depois pareceu recordar que não podia fumar. Sacou uma caixa de chicletes de dentro e enfiou dois na boca.

— E o pai de Allison?

— Mora na Califórnia, em algum lugar. Não a reconheceria se passasse por ela na rua.

— Ela estava se consultando com um terapeuta aqui na faculdade?

Sheila lhe lançou um olhar incisivo.

— Como soube disso? Foi a terapeuta que a matou?

— Nós não sabemos quem foi — lembrou-lhe Lena. — Estamos analisando todos os ângulos. Sabe o nome do terapeuta?

— Uma judia. Mulher.

— Jill Rosenburg? — Lena conhecia a psiquiatra de outro caso.

— Acho que é isso mesmo. Acha que pode ter sido ela?

— Não é provável, mas vamos conversar com ela. Por que Allison estava se consultando com a Dra. Rosenburg?

— Ela disse que a faculdade obrigou.

Lena estava ciente de que os alunos de primeiro ano eram obrigados a se consultar com um terapeuta uma vez por semestre, mas que, depois disso, a frequência era opcional. A

maioria dos alunos encontrava forma melhor de gastar o tempo.

— Allison andava deprimida? Alguma vez lhe pareceu suicida?

Sheila baixou os olhos para as unhas rotas. Lena identificou vergonha em seu rosto.

— Sra. McGhee, não tem problema falar sobre isso aqui dentro. Todos nós queremos descobrir quem fez isso com Allison. Até mesmo o menor dos detalhes talvez ajude.

Ela respirou fundo antes de confirmar:

— Ela cortou os pulsos há oito anos quando a mãe morreu.

— Ela foi hospitalizada?

— Ficaram com ela uns dias, fez terapia depois que teve alta. Era para a gente continuar o tratamento, mas não sobra dinheiro para médico quando mal se consegue colocar comida na mesa.

— Allison lhe parecia melhor?

— Ela ficava bem, ficava mal. Como eu. Provavelmente como você. Tem dias bons e dias ruins e, contanto que não se tenha muitos de nenhum dos dois, a gente toca a vida adiante direitinho.

Lena achou que aquela era uma das descrições mais deprimentes de como viver a vida que já ouvira.

— Ela estava tomando algum remédio?

— Ela contou que a médica lhe deu uma coisa nova para experimentar. Até onde eu pude perceber, não estava ajudando em grande coisa.

— Ela se queixava da faculdade? Do trabalho?

— Nunca. Como eu disse, ela mantinha as aparências. A vida é dura, mas não dá para a gente se abater com cada merdinha que acontece.

— Eu encontrei uma foto sua na carteira de Allison. Ela estava com você e com Jason. Parece que estavam todos sentados num banco na frente do centro estudantil.

— Ela guardava isso na carteira? — Pela primeira vez, a fisionomia de Sheila relaxou e se moldou em algo semelhante a um sorriso. Vasculhou a bolsa e encontrou uma foto igual à da carteira da sobrinha. Fitou a imagem por um bom tempo antes de mostrá-la a Lena. — Eu não sabia que ela guardava uma cópia.

— Quando foi tirada?

— Há dois meses.

— Setembro.

Ela fez que sim, estalando o chiclete.

— No dia 23. Eu tive alguns dias de folga e achei que seria bacana vir aqui, fazer uma surpresa a ela.

— E como era Jason?

— Calado. Arrogante. Grudento. Ficava segurando a mão dela o tempo todo. Passando a mão no cabelo dela. Aquilo teria me feito subir pelas paredes, ter um garoto me cutucando daquele jeito, mas Allison não se importava. Estava *apaixonada*. — Ela colocou sarcasmo suficiente na voz para fazer a palavra soar obscena.

— Quanto tempo você passou com Jason? — perguntou Lena.

— Dez, quinze minutos. Ele disse que tinha aula, mas acho que ficou ansioso comigo por perto.

Lena conseguia entender por quê. Sheila não parecia ter uma boa opinião sobre os homens.

— O que a fez pensar que Jason era arrogante?

— Ele tinha aquela cara de gente que acha que caga cheiroso. Sabe o que quero dizer?

Lena teve dificuldade em conciliar o aluno de pós-graduação gorducho que havia visto na carteira de estudante de Jason com o babaca arrogante que Sheila estava pintando.

— Ele disse alguma coisa, especificamente?

— Tinha acabado de comprar um anel para ela. Uma coisinha bem vagabunda, não combinava nada com o tom de pele dela, mas ele estava orgulhoso igual a um pavão. Disse que o anel era uma promessa de que compraria um melhor para ela até o dia de Ação de Graças.

— Não até o Natal?

Ela fez que não.

Lena sentou-se outra vez na cadeira, pensando no que a mulher havia dito. Ninguém dava presentes de Ação de Graças.

— Algum dos dois mencionou estar esperando receber algum dinheiro?

— Nenhum dos dois ia receber nenhum dinheiro. Eram pobres como ratos de igreja. — Sheila estalou os dedos. — E aquele senhor de cor da lanchonete?

Lena achara que Frank Wallace fosse a única pessoa que ainda usava aquele termo.

— Já conversamos com o Sr. Harris. Ele não está envolvido nisso.

— Ele era duro com ela, mas eu disse que era bom para ela aprender a trabalhar com gente de cor. Você olha as grandes empresas hoje em dia, e estão cheias de pretos.

— É verdade — disse Lena, perguntando-se se a mulher achava que sua pele marrom era produto de algum experimento de bronzeamento caseiro que dera errado. — Allison falava sobre outros amigos?

— Não. Era só Jason, o tempo todo. O mundo dela todinho girava em torno dele, apesar de eu viver dizendo a ela para não apostar todas as fichas nele.

— Allison namorou alguém no ensino médio?

— Ninguém. As notas eram tudo para ela. Ela só queria saber de entrar para uma faculdade. Ela achou que isso a salvaria de... — Sheila balançou a cabeça.

— Salvaria do quê?

Uma lágrima finalmente escorreu de seu olho.

— De terminar exatamente como terminou. — O lábio começou a tremer. — Eu sabia que não devia ter esperanças por ela. Sabia que alguma coisa de ruim iria acontecer.

Lena estendeu o braço e tomou a mão ossuda da mulher.

— Eu sinto muito por isso.

Sheila endireitou a coluna, deixando claro que não precisava de consolo.

— Eu posso vê-la?

— Seria melhor se esperasse até amanhã. As pessoas que estão com ela agora estão cuidando dela para você.

Ela fez que sim, o queixo mergulhando uma única vez, então subindo outra vez com um gesto brusco. Seus olhos estavam focados em algum ponto da parede. Seu peito subia e descia com um leve chiado causado por anos de tabagismo.

Lena passou os olhos pela sala, dando à mulher algum tempo para se recompor. Até o dia anterior, não havia entrado no escritório de Jeffrey desde sua morte. Todos os pertences dele haviam sido enviados para a casa dos Lintons depois que ele morrera, mas Lena ainda podia se lembrar de como era a sala: os troféus de tiro e as fotos nas paredes,

os papéis cuidadosamente empilhados sobre a mesa. Jeffrey sempre mantivera um pequeno porta-retratos com uma foto de Sara ao lado do telefone. Não era o tipo de momento glamouroso que se esperaria que um marido tivesse da mulher. Sara estava sentada na arquibancada da escola no ensino médio. Suas mãos estavam enfiadas num casaco de moletom volumoso. Seus cabelos sopravam ao vento. Lena supunha que a cena tivesse algum significado mais profundo, igual à foto que tinha de Jared no estádio de futebol americano. Jeffrey tendia a olhar a foto com frequência quando estava no meio de um caso difícil. Quase dava para sentir seu desejo de estar em casa com Sara.

A porta se entreabriu. Frank espiou lá dentro. Estava visivelmente irritado, os punhos cerrados e a mandíbula trancada com tanta fúria que os dentes talvez quebrassem.

— Preciso falar com você.

Lena sentiu um arrepio lhe percorrer o corpo ao ouvir seu tom, como se a temperatura da sala tivesse despencado mais de cinco graus.

— Vou daqui a um minuto.

— Agora.

Sheila se levantou atrapalhada, recolhendo a bolsa.

— Eu já vou andando.

— Não precisa se apressar.

— Não. — Ela olhou nervosa para Frank. Havia medo em sua voz, e Lena se deu conta, de repente, de que Sheila McGhee já fora alvo de muita raiva masculina durante a vida. — Eu já tomei muito seu tempo e sei que tem coisas mais importantes para fazer. — Sacou um pedaço de papel e o entregou a Lena enquanto se apressava em direção à porta. — Esse é o número do meu celular. Estou hospedada num hotel em Cooperstown. — Ela se virou para longe de Frank enquanto deixava a sala.

— Por que você fez isso? Ela ficou claramente assustada.

— Sente aí.

— Eu não...

— Eu mandei sentar! — Frank a atirou de encontro à cadeira. Lena quase caiu no chão. — Que diabos há de errado com você?

Ele fechou a porta com um chute.

— O que você está fazendo, caralho?

Lena olhou pela janela para a sala dos policiais vazia. O coração batia na garganta, o ribombar dificultando a fala.

— Não sei do que você está falando.

— Você disse a Gordon Braham que Tommy não tinha a intenção de esfaquear Brad.

Ela massageou o cotovelo. Estava sangrando.

— E daí?

— Puta merda! — Ele deu um soco na mesa. — Nós tínhamos um acordo.

— Ele está morto, Frank. Eu estava tentando dar alguma paz ao pai.

— E quanto à *minha* paz? — Ele agitou os punhos no ar. — Nós tínhamos um acordo, porra!

Lena ergueu as mãos, temendo que ele a atingisse outra vez. Ela sabia que Frank ficaria zangado, mas nunca o vira tão furioso em toda a sua vida.

— Idiota. — Ele caminhava de um lado para o outro na frente dela, os punhos ainda cerrados. — Como você é idiota, merda.

— Olhe aqui — começou ela —, acalme-se. Eu assumi a culpa de tudo. Disse a Trent que foi tudo culpa minha.

Ele a fitou, boquiaberto.

— Você fez o quê?

— Está feito, Frank. Acabou. Trent já está investigando os homicídios. É o melhor para você. Nós dois sabemos que Tommy não matou aquela menina.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Isso não é verdade.

— Você esteve na faculdade? Jason Howell foi assassinado ontem à noite. Não é possível...

Ele agarrou o punho dentro da outra mão como se precisasse se impedir de socá-la.

— Você disse que a confissão de Tommy era sólida.

A voz de Lena assumiu um tom de súplica.

— Ouça o que eu estou dizendo. — Ela mal conseguia recuperar o fôlego para falar. — Eu vou assumir a culpa de tudo. Incúria. Negligência. Obstrução. O que eles inventarem, eu aceito. Eu já disse a Trent que você não teve nada a ver com isso. — Ele começou a balançar a cabeça outra vez, mas Lena não parou de falar. — Somos só eu e você, Frank. Nós somos as únicas testemunhas, e as nossas histórias vão ser idênticas porque eu direi o que você quiser que eu diga. Brad não viu o que aconteceu na garagem. Mal ou bem, Tommy não vai voltar do túmulo para contar outra história para ninguém. Vai ser tudo como nós dissermos que foi.

— Tommy... — Ele levou a mão ao peito. — Tommy matou...

— Allison foi morta por outra pessoa. — Lena não sabia por que ele não conseguia aceitar isso. — Trent não está mais preocupado com Tommy. Está todo ouriçado com um serial killer.

A mão de Frank caiu. Toda a cor se esvaiu de seu rosto.

— Ele acha...

— Será que você não está entendendo? Ouça o que eu estou dizendo. Este caso acabou de ultrapassar a estratosfera. Trent está com os caras do laboratório dele vasculhando o quarto de alojamento de Jason Howell de cima a baixo. Vai mandá-los analisar o quarto de Allison, a garagem, o local no lago. Acha que ele vai lá se importar com uma policial latina imbecil que deixou um moleque se matar enquanto estava sob a responsabilidade dela?

Frank sentou-se pesadamente na cadeira de Jeffrey. As molas rangeram. Quantas vezes ela havia se sentado naquela sala com Jeffrey e ouvido aquela cadeira guinchar enquanto ele se acomodava no assento? Frank não merecia estar ali. Pensando bem, nem Lena.

— Acabou, Frank — disse Lena. — Esse é o fim de linha.

— Tem mais coisa, Lena. Você não compreende.

Lena se ajoelhou diante dele.

— Trent sabe que a transcrição da ligação para a Emergência foi alterada. Sabe que Tommy tinha um telefone que sumiu. Provavelmente sabe que você tirou aquela foto da carteira de Allison. Ele certamente sabe que Tommy voltou para aquela cela com a minha caneta e que a usou para abrir os pulsos. — Ela colocou a mão sobre o joelho dele. — Eu já disse a ele que pode gravar a minha confissão. Você estava no hospital. Ninguém vai culpar você.

Os olhos dele iam e vinham enquanto tentava ler o rosto dela.

— Isso não é nenhum golpe. Estou dizendo a verdade.

— A verdade não importa.

Lena se levantou, frustrada. Estava entregando tudo a ele de bandeja, e ele estava jogando tudo de volta na sua cara.

— Me diga por que não. Me diga como isso pode respingar em qualquer outra pessoa que não eu.

— Por que você não foi capaz de seguir as minhas ordens uma vez nessa sua merda de vida infeliz?

— Eu estou assumindo a culpa! — gritou ela. — Por que você não consegue enfiar isso na cabeça? Fui eu, está bem? A culpa é minha. Eu não impedi que Tommy corresse para a rua. Não impedi que ele esfaqueasse Brad. Ferrei com o interrogatório. Azucrinei o juízo dele até ele escrever uma falsa confissão. Deixei que ele voltasse para a cela. Sabia que estava transtornado. Não o revistei. Não o coloquei sob vigilância por risco de suicídio. Você pode me demitir ou eu posso pedir demissão ou o que você quiser. Me leve diante do conselho estadual. Eu juro sobre uma pilha de Bíblias que foi tudo culpa minha.

Ele a encarou como se ela fosse o ser humano mais imbecil a caminhar pela face da terra.

— Fácil assim, né? Você faz tudo isso, aí simplesmente vai embora.

— Me diga no que eu estou errada.

— Eu mandei você seguir a história que combinamos! — Ele bateu a mão com tanta força na parede que o vidro da janela chacoalhou. — Puta merda, Lena. — Ele se levantou. — Onde está aquele seu namorado, hein? Você acha que vai sair dessa fácil assim? Onde está Jared?

— Não. — Ela enfiou o dedo no peito dele. — Com ele você não fala. Você não conta nunca, nada para ele. Está me ouvindo? Esse é o acordo. É a única coisa que mantém a minha boca fechada.

Ele afastou a mão dela com um tapa.

— Eu digo a ele o que eu bem entender. — Ele se preparou para sair. Lena o segurou pelo braço, lembrando-se tarde demais do ferimento sofrido por ele na garagem.

— Merda! — gritou ele, os joelhos cedendo.

Ele se virou, atingindo a orelha dela com os punhos cerrados. O interior da cabeça de Lena retiniu como um sino. Ela viu estrelas. O estômago apertou. Ela apertou o braço dele com mais força ainda.

Frank estava de quatro, ofegante. Seus dedos enterraram na pele do dorso da mão dela. Lena o apertou com tanta força que os músculos do seu braço gritaram. Ela se abaixou para olhar seu rosto velho e contorcido.

— Você sabe o que eu descobri hoje de manhã? — Ele estava ofegante demais para responder. — Que você até pode ter alguma coisa contra mim, mas eu tenho muito mais contra você.

Ele abriu a boca. Sua saliva borrifou o chão.

— Sabe o que eu tenho? — Ele continuou sem responder. Seu rosto estava tão vermelho que dava para sentir o calor. — Eu tenho provas do que aconteceu naquela garagem.

Ele virou a cabeça, sobressaltado.

— Eu estou com a bala que você disparou contra mim, Frank. Eu a encontrei na lama,

atrás da garagem. Vai corresponder à sua arma.

Ele soltou outro palavrão. O suor escorria pelo seu rosto.

— Sabe aquelas aulas que eu venho fazendo? Aquelas das quais você vive tirando sarro? — Ela sentiu enorme prazer em dizer a ele: — Tem sangue seu suficiente no local para conseguirem saber o nível de álcool no seu sangue. O que você acha que vão encontrar? Quantos goles você tomou daquele cantil ontem?

— Isso não significa nada.

— Significa a sua aposentadoria, Frank. O seu plano de saúde. A sua boa reputaçãozinha de merda. Você trabalhou mais esse monte de anos e isso não vai significar nada quando demitirem você por beber no exercício da função. Não vai conseguir ser contratado nem pela faculdade.

Ele balançou a cabeça.

— Não vai funcionar.

Lena tomou algumas liberdades com a verdade.

— Greta Barnes viu você nocautear Tommy. Aposto que aquela enfermeira dela também tem histórias para contar.

Ele deu uma risada forçada.

— Pode convocar as duas. Vá em frente.

— Se eu fosse você, teria cuidado.

— Você não está vendo.

Lena se levantou e limpou a sujeira das calças.

— A única coisa que eu estou vendo é um velho bêbado e cansado.

Ele pelejou para se sentar. A respiração vinha com dificuldade.

— Você sempre teve tanta certeza de que estava certa, que não consegue enxergar a verdade nem se ela estiver na sua cara.

Ela tirou o distintivo do cinto e o atirou no chão ao lado dele. A Glock que carregava era sua, mas os cartuchos pertenciam ao condado. Lena ejetou o pente e foi retirando cada bala com o polegar. Os projéteis iam fazendo um tinido gratificante enquanto batiam no chão de piso frio.

— Isso ainda não acabou — disse ele.

Ela puxou o ferrolho para trás e ejetou a última bala da agulha.

— Para mim, sim.

A porta estava emperrada. Ela teve de dar um puxão para abri-la. Carl Phillips encontrava-se no fundo da sala dos policiais. Inclinou o quepe para Lena enquanto ela deixava o escritório.

Marla se virou na cadeira, os braços cruzados por cima do peito amplo enquanto acompanhava a caminhada de Lena pela sala. Abaixou-se e apertou o botão que abria o portão.

— Já vai tarde.

Deveria ter havido alguma espécie de atração, algum tipo de lealdade que fizesse Lena olhar para trás, mas ela saiu em direção ao estacionamento respirando o ar úmido de novembro, sentindo finalmente ter se libertado do pior tipo de prisão.

Respirou fundo. Os pulmões estremeceram. O tempo melhorara um pouco, mas um vento forte e frio secou o suor de seu rosto. A visão se aguçou. Havia um zumbido em seus ouvidos. Podia sentir o coração chocalhando dentro do peito, mas forçou-se a ir em

frente.

O Celica estava parado na outra extremidade do estacionamento. Olhou para a Main Street. Um sol minguado fazia uma breve aparição, lançando sobre tudo um tom surreal de azul. Lena se perguntou quantos dias de sua vida haviam sido gastos indo e vindo por aquele trecho infeliz. A faculdade. A loja de ferragens. A lavanderia. A loja de roupas femininas. Tudo parecia tão pequeno, tão sem sentido. Aquela cidade tinha lhe tirado tanta coisa: sua irmã, seu mentor e, agora, seu distintivo. Não havia mais nada que ela pudesse dar. Nada mais a fazer senão recomeçar.

Do outro lado da rua, viu a Clínica Pediátrica Heartsdale. O BMW de um bilhão de dólares de Hareton Earnshaw estava parada no estacionamento, ocupando duas vagas.

Lena passou direto pelo Celica e foi em frente, atravessando a rua. O velho Burgess acenou para ela da vitrine da lavanderia. Lena retribuiu o aceno enquanto subia o morro que conduzia à clínica. A mão a estava matando de dor. Não achava que conseguiria esperar até a manhã seguinte para ir ao hospital.

Enquanto Sara fora proprietária, a clínica sempre havia sido bem mantida. Agora o lugar começava a decair. A entrada para carros não era lavada com um jato de alta pressão havia anos. A tinta dos remates estava descascada e desbotada. Folhas e dejetos entupiam as calhas de tal maneira que a água escorria pela lateral do prédio.

Lena seguiu as placas até a entrada dos fundos. Havia um caminho de pedra vagabunda sobre a grama morta. Um dia houvera flores do campo ali. Agora, só restava um caminho de lama que conduzia até o riacho que corria para os fundos da propriedade. As chuvas torrenciais o haviam transformado num rio célere que parecia pronto para inundar a clínica. A erosão tomara conta. O canal estava mais largo agora, com pelo menos 4,5 metros de largura e 2 de profundidade.

Ela apertou a campainha que ficava ao lado da porta dos fundos e aguardou. Hare vinha alugando parte do prédio desde que Sara deixara a cidade. Lena achava que Sara nunca teria deixado o primo trabalhar lado a lado com ela enquanto era dona da clínica. Eram próximos, mas todo mundo sabia que Hare era um tipo diferente de médico. Ele encarava aquilo como profissão; Sara, como missão. Lena esperava que esse ainda fosse o caso: que um médico como Hare a visse como uma paciente faturável em vez de uma maldita inimiga.

Lena voltou a apertar a campainha. Podia ouvi-la tocar lá dentro, junto com o murmurar baixo de um rádio. Tentou flexionar a mão. Estava com menos movimento agora. Os dedos estavam gordos e inchados. Subiu a manga e soltou um gemido. Raias vermelhas subiam pelo antebraço.

— Merda — resmungou Lena.

Levou a mão à face. Estava ardendo em febre. O estômago estava azedo. Ela não se sentira bem pelas últimas duas horas, mas agora aquilo tudo parecia ter despencado sobre ela de uma só vez.

Seu telefone começou a tocar. Lena viu o número de Jared. Tocou a campainha ao lado da porta uma última vez antes de atender.

— Oi.

— Estou ligando em má hora?

Ela caminhou de um lado para o outro na frente da porta.

— Eu acabei de pedir demissão.

Ele riu como se ela tivesse acabado de contar uma piada inacreditável.

— Sério?

Ela se encostou na parede.

— Eu não mentiria para você sobre isso.

— Isso quer dizer que mentiria sobre outras coisas?

Ele estava brincando, mas Lena sentiu o coração apertar no peito ao pensar em como tudo aquilo podia ter se virado contra ela.

— Quero deixar a cidade o mais rápido possível.

— Está certo. A gente começa a encaixotar as coisas hoje à noite. Você pode vir morar comigo e a gente pensa mais tarde sobre o que você vai fazer.

Lena fitou o rio. Podia ouvir o burburinho da correnteza. O som parecia água fervendo em seus ouvidos. Apesar de a chuva já ter parado de cair, o rio continuava a subir. Ela imaginou uma imensa onda quebrando morro abaixo, inundando a rua e carregando a delegacia.

— Lee? — perguntou Jared.

— Eu estou bem... — A voz dela falhou. Não podia começar a chorar agora ou nunca mais pararia. — Eu devo chegar em casa daqui a uma ou duas horas. — A garganta começou a apertar. — Eu te amo.

Terminou a ligação antes que ele pudesse responder. Lena olhou para o relógio. Havia um pequeno ambulatório dentro da farmácia de Cooperstown. Talvez conseguisse encontrar um médico-assistente necessitado de um dinheirinho e que não fizesse perguntas. Ela se afastou da parede no mesmo instante em que a porta se abriu.

— Ah — disse Lena.

— Não vi o seu carro aqui na frente.

— Estacionei do outro lado da rua. — Lena ergueu a mão, exibindo os band-aids pendurados. — Eu... é... estou com um probleminha que não posso levar ao hospital.

Não houve nada da hesitação esperada por ela.

— Entre.

O cheiro de água sanitária atingiu Lena em cheio enquanto entrava no prédio. A equipe de limpeza fora minuciosa, mas o fedor fez seu estômago dar uma cambalhota.

— Vá para a sala um. Vou para lá em um instante.

— Está bem — concordou Lena.

Estar num consultório médico pareceu dar ao seu corpo permissão para doer. A mão latejava com cada batimento do coração. Não conseguiu fazer os dedos se fecharem num punho. Ouviu um assovio agudo dentro do ouvido. Depois mais um. Ela se deu conta de que ouvia sirenes.

Lena passou direto pela sala de exame e foi até a frente do prédio para ver o que estava acontecendo. A porta de correr que conduzia à recepção precisou de algum jeito para ser aberta. As persianas estavam fechadas; o aposento, escuro. Ela acendeu a luz e viu a origem do odor.

Havia dois galões de água sanitária em cima da mesa. Luvas de couro descansavam, de molho, dentro de uma bacia de aço inox. Cotonetes e toalhas de papel sujavam o chão. Havia um taco de beisebol de madeira deitado sobre uma folha de papel kraft. Sangue encrostado cercava as letras do logotipo da Rawlings.

Lena levou a mão ao revólver, mas era tarde demais. Sentiu uma gota de sangue

escorrer pelo seu pescoço antes de o corpo registrar a dor causada pelo aço frio de uma faca sendo pressionado em sua pele.

14

Charlie Reed desceu as escadas do alojamento aos pulos com um sorriso se insinuando debaixo do bigode. Usava um macacão impermeável branco, coberto da cabeça aos pés em Tyvek.

— Que bom que você chegou. Estávamos prestes a começar a mágica.

Will tentou retribuir o sorriso, mas o esforço falhou. Charlie era um perito forense. Podia se dar ao luxo de analisar casos através da lente de um microscópio. Via ossos e sangue que precisavam ser fotografados, analisados e catalogados enquanto Will via um ser humano cuja vida fora tirada por um assassino frio que parecia estar fazendo um ótimo trabalho em fugir da justiça.

Apesar das esperanças anteriores de Will, nenhuma das provas que haviam encontrado até ali haviam sido úteis. A van Saturn de Jason Howell era impressionantemente limpa. Além de algumas pastilhas de hortelã e uns CDs, não havia nada de pessoal no carro. O cobertor que Will encontrara no cubículo do banheiro era mais promissor, mas teria de ser analisado no laboratório. O processo poderia levar uma semana ou mais. A esperança era que o assassino tivesse se machucado ou encostado no cobertor, deixando vestígios que talvez o ligassem ao crime. Ainda que Charlie encontrasse DNA que não pertencesse a Jason no tecido, a única coisa a se fazer seria inseri-lo na base de dados e torcer para que o assassino constasse no sistema. Era mais frequente o DNA ser usado como ferramenta para eliminar um suspeito do que para rastreá-lo.

— Essa próxima parte deve ser um pouco mais rápida. — Charlie se abaixou e vasculhou uma das bolsas abertas que se encontrava ao pé da escada. Achou o que buscava e disse a Will: — Vista um macacão. Devemos estar prontos daqui a cinco minutos. — Subiu de volta a escada aos pulos, saltando dois degraus de cada vez.

Will pegou um dos macacões impermeáveis da pilha deixada ao pé da escada. Rasgou o pacote com os dentes. O intuito da roupa era limitar a transferência de pele e cabelo para a cena do crime. E tinha a vantagem adicional de deixar Will parecendo um marshmallow gigante e comprido. Ele estava cansado e com fome. Tinha quase certeza de que fedia, e, embora as meias já estivessem secas, tinham secado de tal maneira que pareciam lixas raspando a bolha formada em seus calcanhares.

Nada disso importava. Cada segundo que passava dava ao assassino de Jason e de Allison liberdade para se locomover à vontade e planejar sua fuga ou, pior, seu próximo homicídio.

Will olhou para Marty Harris. O homem continuava tomando conta da porta da frente com seu costumeiro grau de cuidado. Com a cabeça encostada na parede, os óculos estavam tortos no rosto. Seus roncos suaves foram seguindo Will escada acima.

Charlie estava ajoelhado no meio do corredor, ajustando um aparelho montado sobre um tripé. Havia mais tripés espaçados uniformemente pelo corredor e seguindo até o banheiro. Homens igualmente vestidos em Tyvek ajustavam medidores enquanto Charlie lhes mandava aumentar ou diminui-los. Estavam ali havia horas. Fotografando o local, diagramando as medidas do corredor, do banheiro, do quarto de Jason, da mesa e da cama. Haviam documentado cada objeto contido no quarto de Jason Howell, virando-o pelo avesso. Por fim, haviam dado permissão a Dan Brock para remover o corpo. Com Jason fora do quarto, haviam tirado ainda mais fotos, feito mais diagramas e, por fim, começado a ensacar qualquer prova que parecesse pertinente para o caso.

O laptop de Jason era um caso perdido, encharcado até a alma. Havia uma Sony Cyber-shot com algumas fotos provocantes de Allison Spooner de calcinha. Todos os trabalhos e cadernos de Jason pareciam ser o que se esperaria. Seu *nécessaire* continha os produtos de higiene pessoal normais e nenhum frasco de remédio vendido sob receita médica. A droga mais forte que ele tinha no quarto era um frasco vencido de Excedrin PM.

O celular de Jason era mais interessante, mesmo que não mais útil. A lista de contato continha três números. Um deles pertencia à mãe de Jason. Não ficara satisfeita em falar com a polícia duas vezes em um só dia sobre um filho com o qual aparentemente não se importava muito. O segundo número ligava para a central telefônica do prédio de engenharia física, fechado por causa do feriado. O terceiro pertencia a um celular que tocara uma vez, então avisara que a caixa de mensagens estava cheia. A companhia telefônica não tinha registro de quem era o dono da linha — era um pré-pago, uma revelação esperada, considerando que nenhum daqueles meninos parecia ter um histórico de crédito bom o suficiente para ter um telefone no próprio nome.

Will supôs que o número de celular com a caixa postal cheia pertencesse a Allison Spooner. Ela ligara para Jason 53 vezes durante o fim de semana. Nada mais entrara depois do domingo à tarde. A única ligação feita do telefone de Jason fora para a mãe, três dias antes de ele morrer. De todos os detalhes que Will descobrira sobre as vítimas daquele caso, a vida triste e solitária de Jason Howell era a mais deprimente.

— Quase prontos — avisou Charlie, a animação crescente em sua voz.

Will olhou para o corredor, desejando nunca mais ter de ver aquele lugar. O linóleo bege encardido do chão. As paredes brancas arranhadas e sujas. Para piorar tudo, havia o cheiro persistente do cadáver de Jason, mesmo o garoto tendo sido removido havia várias horas. Ou talvez estivesse tudo na cabeça de Will. Havia cenas de crimes nas quais ele estivera havia anos que pareciam ter deixado uma marca em suas fossas nasais. Só de lembrar, elas podiam evocar um determinado odor ou trazer um sabor azedo no fundo da garganta. Jason Howell ficaria para sempre preso no panteão de lembranças ruins de Will.

— Doug, desloque isso daí um pouco para a esquerda — disse Charlie. Ele havia dividido a cena do crime em três partes: o corredor, o quarto de Jason, e o banheiro. Todos haviam concordado que o lugar mais provável de encontrarem alguma coisa era no corredor. O grupo de homens não precisara articular as dificuldades associadas a procurar DNA num banheiro masculino comunitário, mas dava para Will perceber que

nenhum deles estava ansioso por se arrastar naquele chão em especial.

Charlie brincou com a luz do tripé.

— Este daqui é o aparelho do qual lhe falei.

— Legal.

Will já havia escutado um monte sobre as características extremamente fascinantes do Diodo Emissor de Radiação Eletromagnética Móvel, que até onde conseguira perceber, era um jargão extravagante para uma luz negra gigantesca que tinha um alcance maior do que as lâmpadas de Wood que precisavam ser carregadas na mão, para lá e para cá. As lâmpadas captavam qualquer traço visível de sangue, urina e sêmen ou qualquer outra coisa que contivesse moléculas fluorescentes.

Para os rastros menos visíveis, Charlie e a equipe haviam borrifado o corredor com Luminol, uma substância química que reage à presença de ferro no sangue. Programas policiais de televisão haviam tornado o público em geral bastante conhecedor do brilho azul emitido pelo Luminol quando as luzes eram apagadas. O que não mostravam era o fato de esse fulgor costumar durar uns trinta segundos. Era preciso usar câmeras de longa exposição para registrar o processo. Charlie as montara sobre tripés nos quatro cantos do corredor e escalonara outras ainda em torno da entrada do quarto de Jason. Por via das dúvidas, virara a câmera de segurança para baixo outra vez para capturar tudo em tempo real.

Will ficou na ponta da escada observando a equipe fazer os últimos ajustes. Perguntou-se se o assassino teria parado ali na escada para se concentrar antes da matança. Fora tudo tão premeditado, tão bem pensado. Entrar pela porta dos fundos. Virar as câmeras para cima. Subir as escadas. Armas em mãos. Luvas calçadas. Plano pronto: neutralizar Jason com o taco de beisebol. Arrastá-lo até a cama. Cobri-lo com o cobertor. Esfaqueá-lo repetidamente. Esconder o cobertor caso contivesse algum vestígio. Descer a escada outra vez. Sair pela porta dos fundos.

Teria sido, de fato, tão calculado assim? O que se passava pela mente de uma pessoa antes de ir ao quarto de alojamento de outra, à sua casa e fraturar seu crânio com um taco de beisebol? Será que o pulso do assassino acelerava? Será que seu estômago se contraía como o de Will quando pensava na tenebrosa cena do crime? Houvera tanto sangue, tantos pedaços de cérebro e tecido humano salpicados pelo cômodo que Charlie e sua equipe haviam precisado desenhar uma matriz para conseguirem abrir um caminho para documentar a carnificina integralmente.

Que tipo de pessoa conseguia pairar acima de uma cama e apunhalar outro ser humano metodicamente?

E quanto ao pobre Jason Howell? Lena provavelmente tinha razão sobre o assassino ter conhecido Jason bem o suficiente para odiá-lo. Para desprezá-lo. Em que tipo de encrenca teria o garoto se metido para se transformar no objeto de uma fúria daquele tamanho?

— Acho que estamos prontos. — Charlie pegou uma filmadora portátil e puxou Will em direção ao quarto de Jason. Ele disse a Doug: — Vá apagar a luz. — Doug desceu as escadas correndo e Charlie explicou o plano para Will: — Primeiro, a gente vê o que o Luminol consegue realçar, depois a gente passa para a luz negra.

— Prontos? — gritou Doug.

— Prontos — berrou Charlie de volta.

O corredor ficou escuro. O Luminol reagiu rapidamente. Dezenas de círculos pequenos e alongados brilharam azuis bem do lado de fora da porta aberta de Jason. Estavam borrados nos locais onde o assassino tentara limpá-los, mas o caminho era fácil de seguir. Os pingos revelavam seus movimentos. Depois de esfaquear Jason até a morte, o assassino deixou o quarto dirigindo-se às escadas, então mudou de ideia e voltou ao banheiro.

— O plano original devia ser levar o cobertor embora — disse Charlie.

Ele baixou a filmadora, documentando os pingos. Will ia ouvindo os cliques constantes e lentos das câmeras de longa exposição capturando as provas.

— E isto daqui? — perguntou. Uma mancha maior, mais parecida com uma poça, encontrava-se no chão, bem ao lado da entrada do banheiro. Um metro acima, uma marca padronizada fora deixada na parede.

Charlie virou a tela de LCD da filmadora para cima. Will observou as imagens em duplicata enquanto ele gravava as bolotas luminosas.

— Nosso assassino sai do quarto, se dirige às escadas, então se dá conta de que o cobertor está pingando. Vai em direção ao banheiro, mas primeiro... — Charlie apontou a filmadora em direção à mancha brilhante do chão. — Encosta alguma coisa aqui. Eu chutaria um taco ou um porrete. Foi essa a marca deixada na parede. — Charlie deu um zoom na parede, no local onde o topo da arma havia encostado. — Xi, uma impressão digital.

Charlie se ajoelhou e apontou a filmadora para um círculo quase perfeito.

— Com luva, pelo visto. — Ele aumentou o zoom. O ponto brilhoso começou a desaparecer. — Já vamos perdê-la.

O tempo de reação do Luminol variava dependendo do conteúdo de ferro no sangue. O ponto sumiu, lentamente, em seguida a poça do chão desapareceu. Charlie resmungou um palavrão enquanto o corredor mergulhava outra vez na escuridão.

Charlie voltou a filmagem para estudar a impressão digital.

— Estava usando luvas, definitivamente.

— De látex?

— De couro, eu acho. Tem textura. — Mostrou a tela para Will, mas a luz era intensa demais para que ele conseguisse enxergar mais do que uma bolota disforme. — Vamos ver se ainda aparece debaixo dos diodos. Luz negra, por favor.

Ouviram-se alguns estalos e logo um zumbido contínuo. O corredor acendeu como uma árvore de Natal, iluminando todo líquido corporal com base de proteína já depositado ali.

— Impressionante, não é? — Os lábios de Charlie brilhavam com um azul vivo, provavelmente devido à vaselina presente em seu protetor labial. Ele se ajoelhou no chão. Mal se via a trilha de sangue que brilhara tão intensamente havia alguns minutos. — Nosso assassino limpou direitinho a própria bagunça. — Tirou mais algumas fotos. — Ainda bem que não usou água sanitária, ou não conseguiríamos enxergar nada disso.

— Não acho que ele planejasse deixar bagunça nenhuma — comentou Will. — Nosso cara é cuidadoso, mas as únicas coisas que provavelmente trouxe consigo foram as armas: a faca e o taco ou porrete. Ele usou o cobertor da cama para conter os borrifos. Tentou levá-lo embora, então, como você mencionou, mudou de ideia porque estava pingando. — Will sentiu-se sorrir quando se lembrou. — Tem um armário de material de limpeza ao lado da cabine onde eu encontrei o cobertor.

— Você é um gênio, meu amigo. — Os dois entraram no banheiro. Charlie acendeu a luz. Will cobriu o rosto com as mãos, sentindo os olhos serem apunhalados.

— Me perdoe por isso — desculpou-se Charlie. — Eu devia ter avisado para você fechar os olhos e ir abrindo devagar.

— Obrigado. — Manchas foram explodindo diante dos seus olhos com cada piscada. Will colocou a mão na parede para não tropeçar nos próprios pés.

Charlie se colocou diante do armário de material de limpeza com a filmadora.

— Podemos verificar as fotografias, mas tenho certeza de que esta porta estava fechada quando chegamos aqui. — Com as mãos ainda enluvadas, ele girou a maçaneta cuidadosamente.

O armário era raso, uma estante de metal ocupava a maior parte do espaço. Não havia nada de incomum no conteúdo das prateleiras: galões de produtos de limpeza, uma caixa de panos, esponjas, dois desentupidores de privada, um esfregão enfiado num balde amarelo de rodas. Havia dois borrifadores pendurados em uma corda elástica por trás da porta. Um com um líquido amarelo para limpezas rápidas, e outro com líquido azul para janelas e vidros.

Charlie documentou o conteúdo das prateleiras com a filmadora.

— Estes produtos são de padrão industrial. Provavelmente são trinta por cento água sanitária.

Will reconheceu o rótulo do limpa-vidros em um dos borrifadores. Usava o mesmo produto em casa. Continha vinagre para ajudar a eliminar gordura.

— Não se pode misturar vinagre com água sanitária, correto?

— Correto. Produz cloro gasoso. — Charlie seguiu o olhar de Will até o borrifador. Riu ao fazer a conexão. — Eu volto já.

Will deixou escapar o ar que parecia estar prendendo havia dois dias. Água sanitária brilhava com a mesma intensidade que sangue quando borrifada com Luminol, ocultando qualquer prova. Vinagre, por outro lado, formava uma ligação natural com o ferro, tornando-o ainda mais visível quando borrifado. Isso explicava por que as manchas do corredor haviam brilhado com tanta intensidade. O assassino havia usado limpa-vidros para limpar o chão. Desenhar setas apontando para as manchas de sangue teria tido o mesmo efeito.

Charlie retornou com Doug e mais outro assistente. Eles trabalharam em conjunto, tirando fotografias e passando o pincel e o pó para Charlie procurar por digitais no frasco de limpa-vidros. Charlie foi metódico, começando de cima para baixo, indo de um lado para o outro do vidro. Will esperara que ele encontrasse digitais imediatamente. O frasco estava pela metade. A equipe de limpeza devia tê-lo usado. O armário não ficava trancado. Os alunos tinham acesso.

— Foi limpo — sugeriu Will. O gatilho e a região em torno do punho estavam limpos.

— Não desista ainda — resmungou Charlie.

O pincel foi e voltou por cima da etiqueta. Todos eles se agacharam enquanto Charlie empoava a parte inferior.

— Aí está — sussurrou Will. Podia ver uma impressão parcial no fundo do frasco. O preto quase brilhava contra o líquido azul-escuro.

— O que você está vendo? — perguntou Charlie. Ele tirou uma lanterna de dentro do bolso e iluminou o plástico transparente. — Jesus. Ótimo achado, olhos de águia. —

Trocou a lanterna por um pedaço de fita adesiva transparente. — É uma parcial, provavelmente do dedo mínimo. — Ele se sentou sobre os calcanhares de maneira a poder transferir a fita para um cartão branco.

— As luvas estariam ensanguentadas — observou Will. — Ele teve de tirá-las para limpar o chão.

Charlie se levantou com a ajuda de Doug.

— Vamos levar isso para o laboratório neste instante. Posso acordar algumas pessoas. Vai demorar um pouco, mas é uma boa digital, Will. Isto é uma pista sólida. — Para o assistente, disse: — A outra prova está na van. Tem um frasco de comprimidos dentro da minha caixa de pescaria. Pegue ele também.

Will havia se esquecido do frasco encontrado no armário do banheiro de Tommy Braham.

— Fez algum teste de campo com as cápsulas?

— Fiz, sim. — Charlie começou a seguir pelo corredor em direção às escadas. A luz negra refletia em seus macacões brancos de Tyvek. — Não é cocaína, nem metanfetamina, nem anfetamina, nem nenhum desses suspeitos de costume. O garoto fazia esportes?

— Eu acho que não.

— É possível que seja um anabolizante ou algum potencializador de desempenho. Muitos rapazes hoje em dia usam esse tipo de coisa para ganhar massa muscular. A internet facilita a compra. Mandei umas fotos para o Central para ver se alguém de lá reconhece a etiqueta ou as cápsulas. Muitos desses fornecedores têm interesse em promover a marca. Mantêm a mesma cara das etiquetas para que o produto seja divulgado.

Tommy não pareceu ser do tipo interessado em levantar peso, e sim um menino magrelo. Talvez não estivesse satisfeito com isso.

— Encontrou alguma impressão digital no frasco?

Charlie parou diante da caixa de pescaria. Sacou de dentro o frasco de comprimidos, agora lacrado num saco para provas apropriado em vez do Ziploc que Will encontrara na cozinha.

— Tirei dois conjuntos. A primeira era adulta, provavelmente de um homem. A segunda era parcial, de uma membrana. — Ele indicou a pele entre o polegar e o indicador. — Não sei se é masculina ou feminina, mas eu diria que quem escreveu aquelas palavras na etiqueta segurou o frasco com as mãos enquanto o fazia. E eu diria "ela" porque parece a caligrafia de uma mulher.

— Eu posso ficar com o frasco? Quero mostrar por aí para ver se alguém o reconhece.

— Já estou com algumas cápsulas na van. — Charlie lhe deu o saco enquanto desciam as escadas. — Ainda vai querer uma carona até a casa dos Brahams? Acho que já posso dispensar um dos meus rapazes para analisar a garagem agora.

— Isso seria ótimo. — Will havia se esquecido de que seu Porsche continuava na casa da Taylor Drive. Olhou a hora no telefone. Saber que já passavam das dez fez Will se sentir ainda mais exausto do que já vinha se sentindo. Pensou no convite para jantar feito por Cathy Linton, e a barriga roncou.

Lá embaixo, Marty estava acordado, ao lado da porta. Conversava com um homem grandalhão que era seu oposto perfeito a não ser pela cor da pele.

— Você é o agente Trent? — O homem veio se aproximando lentamente. Tinha a

constituição de um *linebacker* fora de forma. — Demetrius Alder.

Will estava ocupado demais abrindo o zíper do macacão impermeável para apertar a mão do homem.

— Obrigado por cooperar conosco hoje, Sr. Alder. Eu sinto muito se o fizemos ficar longe de casa até tão tarde.

— Dei a Lena todas as fitas. Espero que ela encontre alguma coisa.

Will imaginou que teria tido notícias havia horas se Lena tivesse encontrado alguma coisa de importância no vídeo de segurança. Ainda assim, disse a Demetrius:

— Tenho certeza de que serão úteis.

— O reitor queria que eu lhe desse o telefone dele. — Demetrius entregou um cartão a Will. — Ele me mandou verificar todos os prédios. Não encontramos mais nada. Todos os alojamentos estão vazios. Alguém vem consertar as câmeras logo depois do feriado.

Will sentou-se de maneira a conseguir despir o resto do macacão. Lembrou-se de uma coisa que Marty dissera mais cedo:

— E quanto ao carro que foi captado pela câmera de segurança?

— Estava estacionado na plataforma de carga. Por sorte, estava vazio. A câmera passou direto pela vidraça do hatch.

— Hatch? — Will já não estava mais preocupado com o macacão. — Que tipo de carro era?

— Acho que era um desses Dodge Daytonas antigos.

A chuva se transformara em um granizo leve quando a van de Charlie chegou ao pátio de veículos rebocados. Rajadas de vento chacoalhavam o veículo. A água formava poças pelo estacionamento. Não havia forma de chegar à porta da frente sem se encharcar por completo. Will sentiu as meias molharem outra vez. A bolha no calcanhar estava tão ferida que ele havia começado a mancar.

— Earnshaw's — disse Charlie, e Will imaginou que ele estivesse se referindo à placa que cintilava por cima do edifício.

Havia um homem mais velho, e magro como um galgo, em pé no vão da porta usando uma jardineira e um boné. Segurou a porta para os dois enquanto corriam para dentro do prédio.

— Al Earnshaw. — O homem estendeu a mão para eles e disse para Will: — Você é o amigo de Sara, não é? Minha irmã já me falou um bocado a seu respeito.

Will achou que aquilo explicava a impressionante semelhança com Cathy Linton.

— Ela tem sido muito gentil comigo.

— Estou certo que sim. — Al deu uma gargalhada simpática, mas bateu no braço de Will com força suficiente para fazê-lo perder o equilíbrio. — O carro está lá nos fundos. — Ele os conduziu em direção à porta que ficava atrás do balcão.

A oficina era ampla, contendo a costumeira variedade de calendários eróticos e pôsteres de mulheres sensuais de biquíni lavando carros. Havia seis elevadores, três de cada lado. Os carrinhos de ferramentas encontravam-se ordenadamente enfileirados com as tampas trancadas. Al acendera os aquecedores de propano, mas o frio continuava penetrante. As portas de enrolar dos fundos chacoalhavam com o vento. O Dodge Daytona de Allison estava ali, perto do último elevador. O para-brisa traseiro estava

dobrado ao meio, exatamente como dissera Demetrius.

— Ligaram para Allison para avisar que estavam com o carro dela? — perguntou Will.

— Não ligamos para as pessoas quando as rebocamos. Há placas por todo o campus com o nosso telefone. Imaginei que o dono tivesse arranjado uma carona para casa durante o feriado e que receberíamos uma ligação quando a pessoa voltasse e visse que o carro não estava na vaga. O Malibu de Tommy está no pátio, se quiserem dar uma olhada.

Will se esquecera do carro do rapaz.

— Descobriu o que havia de errado com ele?

— O motor de arranque estava emperrado outra vez. Ele vinha se enfiando por baixo do carro e batendo com um martelo para desemperrar. — Al deu de ombros. — Eu resolvi consertar. A caminhonete de Gordon não tem mais muito tempo de vida. Ele vai precisar de alguma coisa para dirigir. — Tirou um pano do bolso e limpou as mãos. O gesto tinha todo o jeito de um tique nervoso. Suas mãos estavam tão limpas quanto as de Will.

— Conhecia Tommy bem? — perguntou Will.

— Conhecia. — Ele enfiou o pano de volta no bolso. — Vou deixar vocês fazerem o que têm de fazer. Gritem se precisarem de mim.

— Obrigado.

Charlie se aproximou do carro. Colocou a caixa de pescaria no chão e abriu a tampa.

— Sara? — perguntou.

— É uma médica da cidade. — Will se corrigiu: — Quer dizer, de Atlanta. Trabalha no hospital Grady. Ela cresceu aqui.

Charlie lhe entregou um par de luvas de látex.

— Há quanto tempo a conhece?

— Há um tempinho. — Will levou mais tempo para calçar as luvas do que precisava.

Charlie entendeu o recado. Abriu a porta do carro. As dobradiças guincharam alto. Lionel Harris estivera certo com relação às condições do Daytona. Era mais ferrugem do que tinta. Os pneus estavam carecas. Ninguém dava partida no motor havia dias, mas o cheiro de óleo queimado e de escapamento enchia o ar.

— Parece que a chuva conseguiu entrar — disse Charlie.

O painel era feito de plástico moldado resistente, mas os assentos de tecido estavam molhados e mofados. Um pequeno riacho entrara pelo hatch quebrado, empapando o carpete e inundando os espaços para os pés. Charlie puxou o assento dianteiro para a frente, e água jorrou sobre suas calças. Trabalhos da faculdade boiavam na água turva. A tinta fora apagada.

— Isso vai ser divertido — resmungou Charlie. Devia estar desejando estar de volta no campus com suas lâmpadas sofisticadas. — Acho que temos de fazer isso direito. — Tirou a filmadora de dentro da caixa de pescaria. Will deu a volta no carro enquanto ele preparava tudo.

A mala estava fechada com uma corda elástica desgastada. O vidro tinha uma camada de segurança formada por uma folha transparente que mantinha os estilhaços da janela unidos. Will tinha uma visão para dentro da mala zoneada moldurada por uma teia de aranha. Allison era bagunceira na mesma medida em que Jason era arrumadinho. Os papéis estavam espalhados, e a tinta, borrada de chuva. Will vislumbrou um objeto cor-de-rosa.

— É a bolsa de livros dela. — Ele baixou a mão para soltar a corda elástica.

— Espere aí. — Charlie o fez se afastar. Verificou a borracha ao redor da janela para se certificar de que estava desempenhando sua função. — Parece que aguentou o vidro — disse Charlie. — Ainda assim, tenha cuidado. Não vai querer uma vidraça despencando em cima da sua cabeça.

Will pensou que existiam coisas piores que pudessem acontecer. Aguardou pacientemente enquanto Charlie focava a filmadora nele, narrando com uma voz de tom oficial para os propósitos da filmagem:

— Este é o agente Will Trent, do Georgia Bureau of Investigation. Eu sou Charles Reed, também do GBI. Estamos na oficina Earnshaw, na Rodovia 9, na cidade de Heartsdale, no condado de Grant, na Geórgia. É terça-feira, 26 de novembro, e são aproximadamente 22 horas e 32 minutos. Estamos prestes a abrir a mala de um Dodge Daytona que, segundo relatos, pertence a Allison Spooner, vítima de homicídio. — Ele assentiu com a cabeça, indicando que Will podia, enfim, continuou.

A corda elástica estava esticada até o limite. Will teve de fazer esforço para desenganchá-la do para-choque. A porta do hatch era pesada, e ele se lembrou de Lionel ter mencionado que os pistões estavam estragados. Allison havia usado um cabo de vassoura quebrado para mantê-la aberta. Will fez o mesmo. Minúsculos pedacinhos de vidro despencaram como chuva enquanto ele abria a porta traseira até o fim.

— Espere aí só um segundo — disse Charlie, dando zoom na bolsa de livros, nos documentos e no lixo de *fast-food*.

Finalmente, deu o OK para que a bolsa fosse removida.

Will segurou a tira. A bolsa era pesada. Apesar de cor-de-rosa, o tecido parecia ser à prova d'água. Sob o olho atento da filmadora, ele abriu o zíper grosso. Havia dois livros pesados logo em cima, perfeitamente secos. Pelos desenhos de moléculas da capa, Will presumiu que fossem os livros de química de Allison. Havia quatro cadernos em espiral, cada um com capa de cor diferente. Will os folheou na frente da filmadora, as páginas formando um borrão. Supôs que fossem as anotações feitas por Allison em sala.

— O que é isso? — perguntou Charlie. Havia um pedaço de papel saindo do caderno azul.

Will desdobrou a folha. Era uma meia folha de caderno pautado. A lateral indicava o local de onde havia sido arrancada do espiral. Havia duas linhas de texto na página. Todas maiúsculas. Caneta esferográfica. Will olhou fixamente para a primeira palavra tentando decifrar o formato das letras. Sua leitura sempre piorava quando estava cansado. Os olhos se recusavam a entrar em foco. Ele ergueu a folha para a filmadora, perguntando:

— Gostaria de fazer as honras?

Felizmente, Charlie não achou o pedido estranho. Narrou na voz que usava para a câmera:

— Isto é um bilhete encontrado na bolsa de livros cor-de-rosa supostamente pertencente à vítima. Diz: "Quero falar com você. Nos encontramos no lugar de sempre."

Will olhou outra vez para as palavras. Agora que sabia o que diziam, podia decifrar as letras melhor. Disse a Charlie:

— O "Q" me é familiar. É parecido com o do bilhete de suicídio falso. — Para a câmera, ele apontou para a metade inferior da página rasgada. — O bilhete encontrado

no lago foi escrito na metade inferior de uma folha de papel rasgada. — Will recordou as palavras de Charlie: — "Quero falar com você. Nos encontramos no lugar de sempre." Aí você acrescenta a última parte do bilhete suicida falso, que diz: "Quero que acabe."

— Faz sentido. — A voz de Charlie mudou outra vez enquanto avisava que estava parando a filmagem. Sabiamente, não queria registrar a especulação dos dois para que algum advogado de defesa futuro a usasse no tribunal.

Will estudou as letras sobre a página.

— Acha que um homem ou uma mulher escreveu isto?

— Não tenho ideia, mas não corresponde à letra de Allison. — Will imaginou que ele estivesse usando as anotações feitas pela menina em sala de aula como base de comparação. Charlie continuou: — Vi alguns trabalhos de Jason no quarto dele. Ele escrevia só com maiúsculas, desse jeito.

— Por que Allison teria um bilhete desses de Jason?

— Talvez ele tenha sido cúmplice no assassinato dela — sugeriu Charlie.

— Talvez.

— Então o assassino decidiu que não queria deixar testemunhas.

O cérebro de Will estava começando a doer. A teoria não se encaixava.

— Eu não sou profissional, mas diria que a caligrafia do diário de Allison combina com a do vidro de comprimidos — sugeriu Charlie.

— Diário?

— O caderno azul. É claramente um tipo de diário.

Will folheou as páginas. Um pouco menos da metade do caderno fora preenchida. As páginas remanescentes estavam vazias. Ele olhou a impressão na frente da capa plástica. O número 250 encontrava-se em negrito com um círculo em volta. Supôs que fosse o número total de páginas.

— Isto não lhe parece uma escolha esquisita para um diário?

— Ela tinha 21 anos. Você estava esperando o quê, um daqueles livros infantis encadernados em couro, com trinco e chavinha?

— Acho que não. — Will foi passando as páginas. A letra de Allison era horrível, mas seus números eram legíveis. Havia datas no topo de cada registro. Alguns tinham dois parágrafos. Outros tinham apenas uma ou duas linhas desgarradas. Ele foi direto ao último registro. — Treze de novembro. Isso foi há duas semanas. — Ele verificou as outras datas. — Ela escrevia com bastante regularidade até esse ponto. — Voltou à primeira página. — O primeiro registro é de primeiro de agosto. É um diário bem curto.

— Talvez ela comece um novo todos os anos, no aniversário.

Will recordou a anotação de Sara no quadro branco da agência funerária. O aniversário de Allison Spooner era dois dias antes do de Angie.

— Ela nasceu em abril.

— Não me culpe por tentar. — Charlie pegou a filmadora. — Acho que devíamos colocar alguma parte disso em filme. Alguma coisa lhe chama a atenção?

Will olhou fixamente para o diário aberto. A caligrafia de Allison parecia um monte de voltas e rabiscos. Tateou o bolso.

— Acho que deixei meus óculos no porta-luvas.

— Que pena. — Charlie desligou a filmadora. — Levo você até o carro para que possa começar. Entre isto daqui e a casa dos Brahams, acho que eu também vou virar a noite.

15

Lena sentiu outra onda de tremor percorrer seu corpo. Foi como um terremoto, um ribombar lento, então o mundo virou de cabeça para baixo. Seus dentes começaram a bater em torno da mordaça enfiada em sua boca. Seus músculos chacoalharam, dando início a um espasmo de corpo inteiro. Os pés chutaram involuntariamente. Ela viu lampejos de luz. De nada adiantava lutar contra aquilo. A única coisa a fazer era ficar ali deitada, esperando a sensação passar.

Numa lentidão agonizante, os espasmos diminuíram. Seu corpo começou a relaxar. A mandíbula se soltou. Os batimentos cardíacos diminuíram, pulando de um lado para o outro de seu peito como um peixe preso numa rede.

Como havia se permitido cair numa situação daquelas? Como fora tão facilmente enganada?

Estava completamente amarrada: uma corda inteira enrolada ao redor do corpo, das mãos e dos pés. Mesmo sem as amarras, duvidava muito que conseguiria fazer qualquer coisa além de ficar ali deitada, suando. Suas roupas estavam empapadas. O concreto debaixo dela havia absorvido a umidade de maneira que ela se encontrava cercada por uma poça feita por ela mesma.

E fazia frio. Fazia tanto frio que mesmo sem os tremores, seus dentes queriam bater. Ela mal conseguia sentir as mãos e os pés. O pavor encheu seu corpo quando pensou na aproximação de mais um ataque. Não ia conseguir aguentar muito mais tempo.

Seria aquilo causado pela infecção da mão? Seria esse o motivo pelo qual não conseguia parar de tremer? Os latejos haviam se transformando em punhaladas de dor que iam e vinham sem ritmo certo. Sua vida não estava passando em flashes diante de seus olhos, mas ela não conseguia parar de pensar no que a levara até ali. Se conseguisse sair daquele lugar, se conseguisse se libertar, de alguma maneira, tudo teria de mudar. O medo que inundava seu corpo trouxera consigo uma clareza que Lena jamais havia conhecido. Por tanto tempo ela havia conseguido se enganar, achando que omitia a verdade para proteger outras pessoas — sua família, seus amigos. Agora conseguia ver que só estava protegendo a si mesma.

Se Brad sobrevivesse, ela lhe pediria perdão todos os dias, pelo resto da vida. Diria a Frank que estava enganada a seu respeito. Ele era um homem bom. Ele ficara ao lado de Lena por todos aqueles anos quando um homem mais inteligente a teria abandonado pela amiga imprestável que ela era. Seu tio havia sofrido o diabo com ela. Lena o afastara

tantas vezes que era um milagre que ele ainda se fizesse presente.

E precisava encontrar uma forma de ficar a sós com Sara Linton. Lena despiria sua alma, confessando sua cumplicidade na morte de Jeffrey. Ela não o matara com as próprias mãos, mas o colocara em perigo. Lena fora parceira de Jeffrey. Devia tê-lo protegido, mas limitara-se a ficar por perto, silenciosamente, observando-o atirar-se no fogo. Ela praticamente o empurrara em direção ao incêndio por ser covarde demais para enfrentá-lo sozinha.

Talvez fosse isso que estivesse provocando as convulsões. A verdade era como uma sombra se arrastando pela sua alma.

Lena virou a mão boa para alcançar o relógio. A corda machucou seu pulso. Mal registrou a dor quando apertou o botão da luz.

23h54.

Era quase meia-noite.

Lena sabia que tinha deixado a delegacia por volta das seis da tarde. Jared estaria se perguntando onde ela estava. Ou talvez Frank tivesse falado com ele. Talvez Jared estivesse a caminho de casa em Macon naquele instante.

Jared. A verdade a faria perdê-lo para sempre.

O castigo era proporcional ao crime.

Ela travou a mandíbula. Fechou os olhos, sentindo outra onda invadi-la. O tremor desceu até os ombros, pelos braços e até as mãos. Os pés chutaram. Sentiu os olhos revirarem. Ouviu barulhos. Grunhidos. Gritos.

Lentamente, Lena abriu os olhos. Viu escuridão. A consciência lhe retornou, subitamente. Estava amarrada. Amordaçada. Suor cobria seu corpo. O fedor de suor e de urina enchiam o ar. Apertou o botão do relógio. Sob a luz suave, pôde ver a pele dos punhos. Listras vermelhas subiam em direção ao ombro, em direção ao coração. Ela olhou para o mostrador.

23h58.

Era quase meia-noite.

QUARTA-FEIRA

16

Sara escutava o tique-taque do relógio da cozinha enquanto os ponteiros iam passando da meia-noite. Estivera sentada à mesa olhando fixamente para a pilha de louça suja dentro e em volta da pia, por mais tempo do que queria se lembrar. Não era só letargia que a mantinha enraizada à cadeira. A reforma da cozinha da mãe incluíra duas lava-louças tão modernas que era impossível saber se estavam funcionando, no entanto, ela insistia em lavar à mão toda a porcelana, panelas e tabuleiros. Ou então insistia que Sara realizasse a tarefa, o que tornava os modos anacrônicos de Cathy ainda mais absurdos.

A tarefa sem sentido devia ter proporcionado um desfecho bem-vindo ao dia de Sara. Trabalhar no hospital Grady era como tentar ficar em pé num carrossel em movimento. O fluxo de pacientes nunca diminuía, e Sara geralmente se via conciliando vinte casos em dado momento. Entre consultas e sua carga normal de trabalho, ela atendia uma média de cinquenta a sessenta pacientes em um turno de doze horas. Desacelerar isso tudo, concentrar-se em um único paciente de cada vez deveria ter sido uma tarefa mais fácil, mas Sara percebia que sua mente funcionava de maneira diferente hoje em dia.

Ela se deu conta de que a pressão constante do pronto-socorro era, de muitas maneiras, uma dádiva. Quando Sara morava no condado de Grant, sua vida seguira um ritmo bem mais tranquilo. Costumava tomar café da manhã com Jeffrey. De duas a três vezes por semana, eles jantavam com a família dela. Sara era a médica do time escolar de futebol americano local. Ajudava a treinar o time de vôlei durante o verão. Seu tempo livre era infinito se gerenciasse bem a própria agenda. Ir ao supermercado podia levar várias horas se ela esbarrasse com algum amigo. Recortava artigos de revistas para compartilhar com a irmã. Até mesmo entrara para o clube de leitura da mãe, até que começaram a ler livros sérios demais para tornar a coisa divertida.

Por outro lado, o ritmo apressado do trabalho em Atlanta impedia que Sara pensasse demais em sua vida. Normalmente, quando terminava de ditar os prontuários, a única coisa que conseguia fazer era se arrastar para casa e tomar um banho antes de adormecer no sofá. Seus dias de folga eram igualmente desperdiçados com o que ela agora percebia serem tarefas completamente desnecessárias. Seus afazeres eram coisas que podiam ser tiradas do caminho rapidamente. Ela marcava almoços e jantares de forma a não ter muito tempo sozinha consigo mesma. Sozinha com seus pensamentos.

Todas as muletas psicológicas costumeiras haviam desaparecido no porão da funerária de Brock. Uma autópsia certamente exigia muita atenção, mas depois de certo ponto, os

movimentos tornavam-se mecânicos. Medir, pesar, fazer a biópsia, registrar. Nem Allison Spooner nem Jason Howell haviam deixado quaisquer pistas extraordinárias com suas mortes. A única coisa que os unia era a faca usada para matá-los. As punhaladas eram quase idênticas — cada qual feita por uma lâmina pequena e afiada que havia sido torcida antes de ser removida para garantir o máximo de dano.

E com relação a Tommy Braham, Sara encontrara um único artigo de destaque: o rapaz tinha uma pequena mola de metal no bolso da frente dos jeans, o tipo que normalmente se encontrava em canetas esferográficas.

A luz do corredor foi acesa de repente. Cathy gritou:

— Essa louça não vai se lavar sozinha.

— Sim, mamãe. — Sara fuzilou a pia da cozinha com os olhos. Hare aparecera para jantar, mas ela imaginava que aquela variedade toda fora destinada a Will. Cathy adorava cozinhar para uma plateia agradecida, e Will certamente se encaixava em tal descrição. A mãe usara cada peça de porcelana da casa, servindo café em xícaras com pires, o que Sara achara fofo até a mãe informar para toda a mesa que Sara lavaria cada peça. Hare zurrara como um burro diante da cara que ela havia feito.

— Experimente dar uma torcidinha no nariz enquanto olha para elas — sugeriu Tessa, entrando na cozinha. Vestia uma camisola amarela armada que formava uma barraca por cima de sua barriga.

— Você podia se oferecer para me ajudar.

— Eu li na revista *People* que água de louça suja faz mal para o bebê. — Ela abriu a geladeira e olhou para as montanhas de comida que havia lá dentro. — Você devia ter assistido ao filme com a gente. Foi engraçado.

Sara se recostou na cadeira outra vez. Não estava com disposição para uma comédia romântica no momento.

— Quem ligou?

Tess deslocou os potes de Tupperware que cobriam as prateleiras.

— Foi a ex de Frank. Lembra-se de Maxine? — Sara fez que sim. — Ele ainda se recusa a ir para o hospital.

Frank sofrera um infarto leve na delegacia aquela tarde. Por sorte, Hare estava na lanchonete do final da rua, ou as coisas talvez tivessem sido bem piores. Cinco anos antes, Sara teria corrido para a cabeceira de Frank. Hoje, quando recebera a notícia na agência funerária, a única coisa que conseguira sentir fora tristeza.

— O que Maxine queria?

— O mesmo de sempre. Se queixar de Frank. Ele é um velho tolo e cabeçudo. — Tessa colocou um pote de chantilly sobre a mesa e voltou à geladeira. — Você está bem?

— Só cansada.

— Eu também. Estar grávida dá trabalho. — Ela se sentou em frente a Sara com uma coxa de galinha frita na mão. Enfiou-a dentro do chantilly.

— Me diga, por favor, que você não vai comer isso.

Tessa lhe ofereceu a coxa.

Mesmo duvidando do próprio bom senso, Sara experimentou a mistura absurda.

— Uau. É meio salgado e meio doce ao mesmo tempo. — Passou a coxa de volta para a irmã.

— Pois é, não é? — Tessa a mergulhou outra vez no pote de chantilly e deu uma

mordida. Mastigou, pensativa. — Sabe, eu rezo por você todas as noites.

Sara riu antes de pensar no que estava fazendo. Desculpou-se o mais rápido que pôde.

— Eu sinto muito. É só que...

— É só que o quê?

Sara achou que aquele seria um momento tão bom quanto qualquer outro para ouvir a verdade.

— Não achei que você acreditasse nessas coisas de verdade.

— Eu sou missionária, sua imbecil. O que você acha que eu venho fazendo da minha vida nos últimos três anos?

Sara estava tendo dificuldade em sair do buraco cada vez mais profundo que havia cavado para si mesma.

— Achei que você quisesse ir para a África ajudar crianças. — Ela não sabia mais o que dizer. A irmã sempre tinha curtido a vida. Algumas vezes, a sensação era de que Tessa curtia a vida por elas duas. Sara sempre tinha se concentrado nos estudos e, depois, no trabalho. Enquanto isso, Tessa namorara quem quisera, dormira com quem bem entendera e nunca se desculpara por isso. — Você tem de admitir que não é a missionária padrão.

— Talvez não — ela concordou —, mas a gente precisa acreditar em alguma coisa.

— É difícil acreditar num Deus que deixaria o meu marido morrer nos meus braços.

— Do chão não passa, mana. Se alguém atirar uma corda para você, é bom começar a subir.

Cathy dissera a mesma coisa a Sara assim que ela perdera Jeffrey.

— Eu fico feliz por você ter encontrado alguma coisa que lhe dê paz.

— Eu acho que você também encontrou alguma coisa. — Tessa tinha terminado a coxa de galinha, mas agora usava o osso como colher para comer mais chantilly. — Você está diferente de quando chegou aqui. Está fazendo o trabalho que quer fazer.

— Não sei, não.

— Onde está Will?

Sara deu um gemido.

— Não comece com isso outra vez.

— Da próxima vez que o vir, tire esse elástico do cabelo. Você fica mais bonita com ele solto.

— Por favor, pare.

Tessa estendeu o braço e tomou a mão da irmã.

— Posso lhe dizer uma coisa?

— Contanto que não sejam conselhos sobre correr atrás de homens casados.

Ela apertou a mão de Sara.

— Eu realmente sou muito apaixonada pelo meu marido.

Sara respondeu com um cauteloso:

— OK.

— Eu sei que você acha Lem chato, sério demais e dono da verdade e, pode acreditar, ele pode ser todas essas coisas, mas mil vezes por dia eu ouço uma música ou penso em alguma coisa engraçada, ou o papai faz uma das piadinhas idiotas dele e a primeira coisa que me passa pela cabeça é: "Eu quero contar isso para o Lem." E eu sei que do outro lado do mundo ele está pensando a mesma coisa. — Ela fez uma pausa. — É isso o amor,

Sara, quando tem tantas coisas a nosso respeito que a gente só quer que uma pessoa no mundo saiba.

Sara recordava essa sensação. Era como estar embrulhada num cobertor quentinho.

Tessa riu.

— Meu Deus, eu vou começar a chorar. Quando Lem chegar em casa, vai achar que eu sou uma doida.

Sara colocou a mão por cima da de Tessa.

— Eu fico feliz de você ter encontrado alguém. — Suas palavras eram sinceras. Percebia que a irmã estava feliz. — Você merece ser amada.

Tessa sorriu com certa malícia.

— Você também.

Sara riu.

— Eu caí direitinho nessa.

— É melhor eu ir para a cama. — Ela gemeu ao se levantar. — Lave as mãos. Você está fedendo a galinha com chantilly.

Sara cheirou as mãos. A irmã tinha razão. Ela olhou outra vez para a pia cheia, pensando que era melhor começar a lavar a louça para poder ir se deitar. Gemeu tão alto quanto gemera Tessa ao se levantar da mesa. Suas costas doíam de ter passado o dia todo com o corpo inclinado. Seus olhos estavam cansados. Vasculhou o armário debaixo da pia atrás de detergente, esperando que a mãe estivesse sem nenhum, para ter uma desculpa válida para deixar a louça para a manhã seguinte.

— Droga — resmungou Sara, encontrando-o atrás de uma caixa cheia de pó para a máquina de lava-louças que a mãe nunca tinha aberto. Ouviu passos no corredor. — Voltou para pegar o chantilly? — perguntou. Tessa não respondeu, mas Sara tinha certeza de que ela estava lá. — Não vá me dizer que veio me ajudar. — Ela foi até o corredor e não viu Tessa e, sim Will Trent.

— Ei.

Ele estava de pé no meio do corredor. A maleta de couro pendia ao lado do corpo. Havia algo de diferente nele que Sara não conseguiu exatamente decifrar. Parecia igual. Até mesmo vestia as mesmas roupas que Sara o vira usando pelos últimos dois dias. Mas algo estava definitivamente errado. Uma tristeza óbvia emanava dele.

Fez sinal para que ele viesse até a cozinha.

— Entre. — Sara colocou o detergente líquido sobre a bancada. Will permaneceu próximo à porta da cozinha.

— Eu sinto muito — disse ele. — Sua irmã abriu a porta para mim. Eu estava espiando pela portinhola tentando descobrir se vocês ainda estavam acordados. Eu sei que está tarde. — Ele parou, parecendo estar com dificuldade para engolir. — Bem tarde.

— Está tudo bem?

Num gesto nervoso, ele passou a maleta de uma das mãos para a outra, e de volta outra vez.

— Por favor, diga à sua mãe que eu sinto muito por não ter chegado a tempo para o jantar. Tínhamos muito o que fazer, e eu...

— Tudo bem, ela entende.

— As autópsias… — Ele parou outra vez, secando a testa com a manga. Os cabelos estavam molhados da chuva. — Eu estava pensando, enquanto vinha para cá, que talvez o

assassinato de Jason tenha sido uma cópia.

— Não — discordou ela. — Os ferimentos foram idênticos. — Sara fez uma pausa. Era óbvio que algo de muito ruim havia acontecido. — Vamos nos sentar, está bem?

— Está tudo bem, eu...

Ela se sentou à mesa.

— Ora, vamos. O que foi?

Ele se virou rapidamente e olhou para a porta de entrada. Ela percebeu que ele não queria estar ali, embora parecesse incapaz de partir.

Por fim, Sara tomou sua mão e o puxou até a cadeira. Ele se sentou, a maleta sobre o colo.

— Eu sinto muito por isso.

Ela inclinou o corpo para a frente, resistindo ao desejo de segurar a mão dele.

— Sente muito pelo quê?

Ele engoliu em seco outra vez. Ela deixou que ele falasse no seu próprio tempo. Sua voz saiu baixa no aposento amplo:

— Faith teve o bebê.

Sara levou a mão à boca.

— Ela está bem?

— Está, está ótima. Os dois estão bem. — Ele tirou o celular do bolso e mostrou a foto de um recém-nascido de rosto vermelho com um gorrinho de tricô cor-de-rosa. — Acho que é menina.

Faith havia dado o peso do bebê assim como o seu nome na mensagem.

— "Emma Lee" — disse Sara.

— Três quilos e oitocentos gramas.

— Will…

— Eu encontrei isto. — Ele colocou a maleta em cima da mesa e abriu as fechaduras. Ela viu uma pilha de papéis e um saco para provas com um lacre vermelho. Ele tirou um caderno de capa plástica azul de dentro de um dos bolsos. Pó preto para a captura de impressões digitais salpicava a capa. — Eu tentei limpar — avisou ele, esfregando a sujeira na frente do suéter. — Eu sinto muito. Estava no carro de Allison e eu... — Ele folheou as páginas, mostrando a letra cheia de rabiscos. — Eu não consigo — disse ele. — Eu simplesmente não consigo.

Ela se deu conta de que Will não olhara para ela nem uma vez desde que entrara na cozinha. Ele carregava um peso tão grande de derrota, como se cada palavra saída de sua boca lhe causasse dor.

A bolsa de Sara encontrava-se sobre a bancada. Ela se levantou e pegou seus óculos de leitura.

— A mamãe fez um prato para você. Por que não come alguma coisa enquanto eu começo a ler isto?

Ele fitou o caderno que se encontrava à sua frente.

— Na verdade, eu não estou com fome.

— Você já perdeu o jantar. Se não comer essa comida, minha mãe não vai perdoá-lo nunca.

— Eu realmente não...

Sara abriu a estufa. Mais uma vez, a mãe havia cozinhado para um exército, dessa vez

carne assada, batatas, couve, vagem e ervilha. O pão de milho estava embrulhado em papel de alumínio. Sara colocou o prato na frente de Will, então voltou para pegar talheres e um guardanapo. Serviu um copo de chá gelado e foi pegar limão na geladeira. Já que estava em pé, ligou o forno para esquentar a torta de cereja que se encontrava sobre a bancada.

Sentou-se em frente a Will e abriu o caderno. Olhou para ele por cima dos óculos. Ele ainda não havia se mexido.

— Coma — disse ela.

— Eu realmente...

— Vamos combinar o seguinte — começou ela —, você come. Eu leio. — Ela o fitou, deixando claro que não ia ceder.

Relutante, Will ergueu o garfo. Ela esperou até que ele mordesse uma batata para abrir o caderno em espiral.

— O nome dela está na parte de dentro da capa, junto com a data: primeiro de agosto. — Sara foi até a primeira página. — "Primeiro de agosto. Dia um". — Ela folheou as páginas. — Cada registro segue o mesmo formato. Dia dois, dia três... — Ela passou direto ao fim. — Até o dia 104.

Will não fez comentários. Ele estava comendo, mas ela percebeu que estava tendo dificuldade para engolir. Sara não podia imaginar sua frustração em precisar ter o diário lido para ele. Claramente considerava aquilo um fracasso pessoal. Ela queria lhe dizer que a culpa não era dele, mas era óbvio que pedir a ajuda de Sara já exigira tanto dele que ela não queria correr o risco de pressioná-lo ainda mais.

Ela voltou à primeira página.

— "Dia um" — repetiu. — "Prof. C estava sarcástica hoje. Chorei depois por uns vinte minutos. Não conseguia parar. Fiquei superirritada na aula do Prof. K porque, atrás de mim, D ficava passando bilhetinhos para V e eu não conseguia me concentrar porque eles ficavam rindo."

Ela virou a página.

— "Dia dois. Me cortei feio raspando a perna. Doeu o dia todo. Me atrasei dois minutos para o trabalho, mas L não disse nada. Fiquei o dia todo na paranoia de que ele fosse berrar comigo. Não aguento quando ele fica zangado."

Sara continuou a ler, páginas e mais páginas dos pensamentos de Allison sobre L na lanchonete, e sobre J, que havia esquecido que era para os dois se encontrarem para almoçar. Cada anotação descrevia os sentimentos de Allison com relação à situação, mas nunca em grandes detalhes. Ela estava feliz, triste ou deprimida. Costumava chorar, normalmente por um período de tempo que parecia ser extraordinariamente longo, considerando as circunstâncias. Apesar das revelações emocionais, havia algo de clínico na narrativa, como se a menina fosse uma observadora assistindo à própria vida passar.

Ler o diário inteiro levou mais de uma hora. Will terminou o jantar, então comeu a maior parte da torta. Dobrou as mãos sobre a mesa e fitou a parede diretamente à sua frente. Andou de um lado para o outro até se dar conta de que a distração tornava a leitura dela mais lenta. Quando a voz de Sara começou a falhar, ele pegou um copo d'água gelada para ela. Em algum momento, ele se deu conta da louça dentro da pia e ela foi em frente com a leitura para encobrir a vergonha que sentiu quando ele abriu a torneira e começou a lavar. As pernas dela começaram a ficar dormentes por passar tanto

tempo sentada. Acabou em pé ao lado dele na pia, de maneira a parecer que o ajudava. Will já havia lavado todas as panelas e tabuleiros e estava pegando a porcelana quando Sara finalmente chegou ao último registro.

— "Dia 104. O trabalho foi bem. Concentração ruim o dia todo. Dormi nove horas ontem à noite. Tirei um cochilo de duas horas no almoço. Devia ter estudado. Me senti culpada e deprimida o dia todo. Sem notícia de J. Acho que ele me odeia agora. Não que eu o culpe." — Ela olhou para Will. — É só isso.

Ele ergueu os olhos do prato de pão que segurava.

— Eu contei todas as folhas. São 250.

Ela olhou a capa e notou o número de folhas contidas. A garota não havia arrancado nenhuma. Sara lhe disse:

— Ela parou de escrever duas semanas antes de morrer.

— Algo aconteceu há duas semanas que ela não quis anotar.

Sara colocou o caderno em cima da mesa e pegou uma toalha. Will estava fazendo um trabalho muito mais minucioso do que Sara jamais havia feito. Ia trocando a água com frequência e secava tudo enquanto trabalhava. Não sobrava muito espaço em cima das bancadas, então ele foi tentando adivinhar onde tudo era guardado. Sara teria de verificar tudo outra vez e colocar panelas e tabuleiros nos lugares apropriados, mas não queria fazer isso na frente de Will.

Ele viu a toalha na mão dela.

— Pode deixar comigo.

— Me deixe ajudar.

— Acho que já ajudou bastante. — Ela achou que ele fosse deixar a coisa por aí, mas Will lhe disse: — Está sendo pior hoje do que de costume.

— O estresse é um fator contribuinte: quando se está cansado ou quando acontece algo de teor emocional.

Ele esfregou com força o prato que se encontrava em suas mãos. Sara percebeu que ele não se dera ao trabalho de arregaçar as mangas. Os punhos do suéter estavam encharcados.

— Eu venho tentando instalar um sistema de esgoto novo na minha casa. É por isso que estou com pouca roupa limpa.

Sara vinha esperando algum comentário desses, sem sequência lógica, mas torcera para que ele se segurasse só mais um pouco.

— Meu pai construiu esta casa com dinheiro de gente que tenta fazer instalações hidráulicas por conta própria.

— Talvez ele possa me dar umas dicas. Tenho quase certeza de que a vala que comecei a cavar está cheia d'água a esta altura.

— Você não blindou a vala? — Sara parou de secar o prato. — Isso é perigoso. Não se deve cavar mais do que 1,20 metro sem escorar as laterais.

Ele a olhou de soslaio.

— Eu sou filha do meu pai. Me ligue quando voltar para Atlanta. Eu sei me virar direitinho com uma retroescavadeira.

Ele pegou um pratinho de pão.

— Acho que já me fez favores suficientes para um bom tempo.

Sara observou o reflexo dele na janela acima da pia. Ele estava de cabeça baixa,

concentrado no que fazia. Ela esticou a mão e soltou o rabo de cavalo. Os cabelos caíram sobre os ombros.

— Vá se sentar — disse ela. — Eu termino a louça.

Will ergueu a vista para olhá-la, então deu uma segunda olhada. Ela achou que ele fosse dizer alguma coisa, mas em vez disso ele pegou outro prato e mergulhou na água. Sara abriu a gaveta para guardar os talheres. O cabelo despencou sobre o rosto. Ela ficou agradecida pelo disfarce.

— Eu detesto deixar louça espalhada — disse ele.

Ela buscou um pouco de leveza.

— Não deixe minha mãe ouvir isso. Nunca mais deixa você ir embora.

— Eu tive uma mãe adotiva chamada Lou, certa vez. — Will esperou até ela erguer os olhos em direção à janela. — Ela trabalhava o dia todo num supermercado, mas vinha para casa ao meio-dia para fazer o meu almoço, independente do que acontecesse. — Ele enxaguou o prato e o entregou a Sara. — Ela sempre chegava em casa depois que eu já tinha ido me deitar, mas uma noite eu a ouvi chegar. Fui até a cozinha e lá estava ela, de uniforme. Era marrom, e justo demais para ela. Ela estava de pé na frente da pia. Estava cheia de pratos e de louças e restos de comida do almoço. Eu não havia feito nada enquanto ela estava fora. Só assistido a TV o dia todo. — Olhou mais uma vez para o reflexo de Sara. — Lou estava ali, olhando para aquela bagunça toda na pia e chorando de soluçar. Aquele tipo de pranto que se chora com o corpo todo. — Ele pegou o prato seguinte da pilha. — Eu entrei naquela cozinha e lavei cada prato que consegui encontrar e, pelo resto do tempo que passei com ela, eu nunca mais a fiz limpar nada do que eu sujava.

— Ela tentou adotar você?

Ele riu.

— Está brincando? Ela me deixava sozinho o dia todo, a não ser pela hora do almoço. Eu tinha 8 anos. Me tiraram de lá quando o orientador da escola notou que eu não aparecia na aula havia dois meses. — Ele puxou o tampão da pia. — Mas ela era uma senhora bacana. Acho que a deixaram ficar com uma criança mais velha.

Sara fez a pergunta antes de conseguir se deter:

— Por que você nunca foi adotado? Você era bebê quando entrou no sistema.

Will manteve a mão debaixo do fluxo da água enquanto ajustava a temperatura. Ela achou que fosse ignorar a sua pergunta, mas ele finalmente respondeu:

— De início, meu pai tinha a minha guarda. O estado me levou embora depois de alguns meses. Tinham boas razões para isso. — Ele tampou o ralo para que a pia voltasse a encher. — Fiquei algum tempo no sistema do Estado, aí um tio meu apareceu e tentou me levar para casa. Ele tinha boas intenções. Eu espero que tivesse. Mas não tinha condições de cuidar de uma criança naquele momento da vida. Eu vivia indo e vindo da casa dele, indo e vindo de lares temporários e do orfanato. Acabou que ele desistiu. A essa altura eu estava com 6 anos e era tarde demais.

Sara ergueu os olhos. Will fitava seu reflexo outra vez.

— Você já ouviu falar na regra dos 6 anos, não é? Você e seu marido estavam tentando adotar, você já deve ter ouvido falar disso.

— Já. — Sara sentiu um bolo se formar na garganta. Não conseguiu olhar para ele. Secou o pires outra vez, embora nem uma gota permanecesse na superfície. A regra dos 6

anos. Ouvira a frase em sua clínica pediátrica muito antes de Jeffrey sugerir que eles adotassem. Uma criança que já estivesse no sistema por mais de seis anos era considerada maculada. Um excesso de coisas ruins já teria acontecido com ela a essa altura. Suas lembranças já estavam fixadas demais, seus comportamentos, muito enraizados.

Havia anos, alguém em Atlanta também ouvira essa advertência. Provavelmente de um amigo, ou talvez até mesmo do confiável médico da família. Tinha ido ao orfanato, visto Will Trent, com 6 anos, e decidido que ele estava destroçado demais.

Ele perguntou:

— Esse diário lhe soa como o diário de uma garota de 21 anos?

Sara teve de pigarrear para conseguir falar.

— Não sei direito. Eu não conhecia Allison. — Ela se forçou a pensar na pergunta. — Me parece um pouco esquisito.

— Não soa como uma coisa do tipo "Querido Diário". — Ele passou para a última pilha de pratos. — Parece mais uma longa lista de queixas sobre pessoas, professores, o emprego, a falta de dinheiro, o namorado.

— Ela me soa meio lamurienta — admitiu Sara.

— Uma pessoa reclama para que outras sintam pena dela. Ela parecia deprimida?

— Não tenho a menor dúvida. O diário deixa claro que ela estava passando por um período bem difícil. Tentou se matar uma vez, o que indica ao menos um episódio depressivo no passado dela.

— Talvez ela tenha feito um pacto suicida com Jason e com uma terceira pessoa.

— Essa é uma maneira bem ruim de morrer para quem quer se matar. Comprimidos seriam bem mais fáceis. Enforcamento. Pular de um prédio. Além disso, eu acho que, se houvesse um pacto, eles se matariam juntos.

— Encontrou algum indício do uso de drogas em Tommy, Allison ou Jason?

— Nenhum sinal externo. Eram saudáveis, com o peso na média ou acima da média. As amostras de sangue estão a caminho do Central. Teremos algum retorno de uma semana a dez dias.

— Charlie e eu brincamos com uma teoria de que Jason pudesse estar envolvido no assassinato de Allison. Temos quase certeza de que o assassino o usou como isca para atraí-la até o lago. Ou, pelo menos, a letra dele. — Ele fechou a água e secou as mãos nos jeans enquanto caminhava em direção à maleta. — Isto estava enfiado dentro do diário.

Sara pegou o saco plástico de provas que ele lhe deu. Havia um bilhete dentro.

— O papel me parece familiar. — Ela leu as palavras: — "Quero falar com você. Nos encontramos no lugar de sempre."

Will acrescentou a frase do bilhete de suicídio:

— "Quero que acabe."

Sara sentou-se à mesa.

— Jason escreveu o bilhete de Allison.

— Ou ele escreveu o bilhete todo para outra pessoa, e essa pessoa rasgou a metade inferior e a deixou dentro do sapato de Allison como um aviso para ele. — Ele percebeu o problema. — Mas por que ele estava dentro do caderno, então?

— Não é à toa que o seu cérebro está cansado. — A cabeça de Sara estava começando a doer só de pensar a respeito.

Will tirou outro saco plástico de dentro da maleta.

— Encontrei isto no armário do banheiro de Tommy. Charlie fez um teste de campo, mas não tem certeza do que tem dentro.

Sara girou o frasco de comprimidos para ler o rótulo através do plástico.

— Que estranho.

— Eu tinha esperança de que você soubesse o que era.

— "Tommy, não tome nenhum desses" — leu ela. — Não sou especialista em caligrafia, mas me parece que foi Allison quem escreveu isto. Por que ela diria a Tommy para não tomá-los? Por que não jogá-los fora, simplesmente?

Will não lhe ofereceu uma resposta imediata. Sentou-se de volta na cadeira, olhando fixo para ela.

— Talvez sejam veneno, mas se você tivesse veneno, por que esfaquearia alguém no pescoço?

— O que são estas letras ao pé da etiqueta? — Sara desprendeu os óculos de leitura da camisa de forma a poder ler. — C-P-H. O que quer dizer?

— Faith tentou procurar as iniciais pelo computador, mas não sei direito o quanto a busca foi eficaz. A foto que eu tirei não estava muito boa e... — Ele apontou para a cabeça, como se houvesse algo de errado com ela. — Bem, você sabe que eu não fui muito útil.

— Você já fez exame de vista?

Ele a olhou confuso, como se ela devesse ser mais esperta que aquilo.

— Não preciso de óculos. Eu tive isso a vida toda.

— Você tem dores de cabeça quando lê? Sente náusea?

Ele deu uma ligeira encolhida de ombros e fez que sim. Ela percebeu que não ia conseguir muito mais do que isso sobre o assunto.

— Devia consultar um oftalmologista.

— Como se eu fosse conseguir ler o cartaz com as letras.

— Ora, meu anjo, eu posso jogar uma luz nos seus olhos e ver se as suas lentes têm foco.

O termo afetuoso pairou desconfortável entre eles dois. Will a fitou. Suas mãos estavam sobre a mesa. Ele girava a aliança nervosamente no dedo.

Sara se apressou em esconder seu constrangimento. Agarrou o frasco de comprimidos e o ergueu para ele.

— Olhe para as letras miúdas para mim. — Will a olhou nos olhos por mais um instante antes de focar o frasco que ela segurava. — Agora, fique parado. — Com todo o cuidado, ela colocou seus óculos no rosto dele, então ergueu o frasco de comprimidos outra vez. — Melhorou?

Will obviamente não queria, mas olhou para o frasco ainda assim. Olhou outra vez para Sara, surpreso, antes de voltar a focar o frasco.

— Está mais nítido. Continua difícil de ler, mas melhorou.

— Porque você precisa de óculos para leitura. — Ela colocou o frasco de volta na mesa. — Vá até o pronto-socorro quando voltar para Atlanta. Ou nós podemos ir ao meu antigo consultório amanhã. Você já deve ter visto a clínica pediátrica na frente da delegacia. Eu costumava ter cartazes especiais para... — Sara sentiu o queixo cair.

— O que foi?

Ela pegou os óculos de volta e voltou a ler as letrinhas da etiqueta.

— C-P-H. Clínica Pediátrica Heartsdale. — Sara viera pensando em todos os motivos ilegais que podia haver por trás daquele frasco de comprimidos e em nenhum dos motivos legais. — Isto daqui faz parte de um ensaio clínico. Elliott deve estar realizando um na clínica.

— Um ensaio de quê?

Ela explicou:

— As empresas farmacêuticas fazem ensaios clínicos com drogas que desejam colocar no mercado. Pagam voluntários para participarem desses estudos. Tommy deve ter se oferecido, embora eu não consiga vê-lo se enquadrar nos protocolos. Se existe uma regra que governa todos esses estudos é que os participantes têm de dar o seu consentimento esclarecido. Não havia forma de Tommy poder fazer isso.

Will mostrou-se cético.

— Tem certeza de que é isso?

— O número no topo da etiqueta. — Ela apontou para o frasco. — É um estudo duplo-cego. Cada pessoa registrada recebe um número aleatório criado por um computador, que determina se ela vai receber a droga de verdade ou um placebo.

— Você já fez algum estudo como esse?

— Já fiz alguns no Grady, mas eram ligados a traumas ou cirurgias. Usamos via intravenosa e injeções. Não tínhamos placebos. Não distribuímos comprimidos.

— Mas funcionava da mesma maneira que um ensaio clínico normal?

— Eu imagino que os procedimentos e os relatórios sejam iguais, mas estávamos trabalhando em situações de trauma. Os protocolos para a inclusão dos voluntários eram diferentes.

— Como funciona quando não se está num hospital?

Sara colocou o frasco de volta sobre a mesa.

— As farmacêuticas pagam médicos para realizarem estudos para a gente ter mais um remédio para redução do colesterol que funciona tão bem quanto outras vinte drogas de redução do colesterol que já estão no mercado. — Ela se deu conta de que havia erguido a voz. — Eu sinto muito. Estou com tanta raiva. Elliot conhece Tommy. Sabe que é deficiente.

— Quem é Elliot?

— O homem para quem eu vendi a clínica. — Sara não parava de balançar a cabeça, incrédula. Ela havia vendido a clínica para Elliot para que as crianças da cidade pudessem receber cuidados, não serem submetidas a experimentos como cobaias. — Isso não faz sentido. A maioria dos ensaios clínicos nem envolve crianças. É perigoso demais. Os hormônios delas ainda não estão plenamente desenvolvidos. Elas processam medicamentos de forma diferente dos adultos. E é quase impossível conseguir o consentimento dos pais para que os filhos sejam testados com drogas experimentais a não ser que eles estejam fatalmente doentes e seja a última tentativa desesperada para salvá-los.

— E o seu primo? — perguntou Will.

— Hare? O que ele tem a ver com isso?

— Ele é médico de adultos, não é? Quer dizer, os pacientes dele são adultos, correto?

— Sim, mas...

— Lena me disse que ele aluga um consultório na clínica.

Sara se sentiu como se tivesse levado um soco, mas sem saber de onde veio. Seu primeiro instinto foi defender Hare, mas então se lembrou daquele carro imbecil que ele a forçara a ver debaixo da chuva torrencial. Ela havia visto um BMW 750 num showroom de Atlanta ser vendido por mais de 100 mil dólares.

— Sara?

Ela apertou um lábio de encontro ao outro para se impedir de falar. Hare, na clínica dela, empurrando comprimidos para cima das suas crianças. A traição a cortou como vidro.

Will perguntou:

— Quanto um médico pode ganhar administrando um ensaio clínico?

Sara teve dificuldade em formar as palavras.

— Centenas de milhares de dólares? Milhões, se sair por aí dando palestras em conferências.

— O que os pacientes recebem?

— Participantes. Eu não sei. Depende de em qual estágio o estudo se encontra e por quanto tempo é preciso participar.

— Existem fases diferentes?

— É baseado em risco. Quanto mais baixa a fase, mais alto o risco de segurança. A fase um é limitada a, aproximadamente, dez ou quinze pessoas. Os participantes podem ganhar de 10 a 15 mil dólares, dependendo do estudo, se precisa de internação ou não. A fase dois se expande para umas duzentas ou trezentas pessoas que recebem entre 4 ou 5 mil cada uma. A fase três é menos perigosa, então a quantia é menor. Eles inscrevem milhares de pessoas por centenas de dólares. — Ela deu de ombros. — A quantidade de dinheiro que se ganha depende de quanto tempo o estudo dura, se precisam de você por alguns dias ou por alguns meses.

— Quanto tempo duram os ensaios grandes?

Sara colocou a mão em cima do caderno de Allison. Não era de se estranhar que a menina estivesse obcecada em registrar seus humores.

— De três a seis meses. E é preciso apresentar diários documentando o seu progresso. Faz parte da documentação de apoio para estudarem as reações adversas. Querem saber do seu humor, do seu grau de estresse, se você está dormindo e quanto está dormindo. Sabe aquelas advertências que a gente ouve no final dos comerciais de remédios? Isso sai diretamente dos diários. Se uma pessoa reclamar de dores de cabeça e irritabilidade, isso tem de ser incluído.

— Então, se Allison e Tommy estivessem envolvidos num ensaio clínico, os cadastros de ambos estariam na clínica?

Ela fez que sim.

Will levou um instante para pensar naquilo. Pegou o frasco outra vez.

— Não acho que isto vá ser suficiente para eu conseguir um mandado de busca.

— Você não precisa de um.

17

Lena ouvia o barulho constante de água pingando. Abriu a boca em torno da mordaça como se pudesse apanhar as gotas. A língua estava tão inchada que teve medo de engasgar. A desidratação impedia que seu corpo suasse. A única coisa que a ajudava a lutar contra o frio eram os tremores, e seus músculos estavam tão fracos que se recusavam a obedecê-la. Quando apertou o botão da luz no relógio, o fulgor azul iluminou as raias vermelhas do punho como se fossem marcas queimadas sobre sua carne.

Ela mudou de posição, tentando tirar parte do peso de cima do ombro. Sentar-se não era uma opção. O aposento rodava demais. Ou seus braços doíam ou uma dor intensa percorria suas pernas quando ela tentava. Como as mãos e os pés estavam amarrados, cada movimento exigia dela uma coordenação que já não possuía. Fitou a escuridão, pensando na última vez que saíra para correr lá fora. Fazia um calor fora de época. O sol estivera alto no horizonte e enquanto corria ao redor da pista da faculdade, podia sentir o calor atacar o seu rosto, depois suas costas. O suor pingava do corpo. Sua pele estava quente. Seus músculos, em perfeito estado. Se pensasse naquilo tempo suficiente, quase podia ouvir seus tênis na pista de corrida.

Não eram tênis numa pista de borracha. Eram sapatos em degraus de madeira.

Lena se esforçou para escutar os passos descendo até o porão. Viu uma fresta de luz por debaixo da porta, à sua frente. Um som de coisa raspando indicava que um objeto pesado estava sendo deslocado: metal sobre concreto. Provavelmente uma estante para armazenagem. A fresta de luz brilhou ainda mais forte por debaixo da porta. Lena fechou os olhos enquanto ouvia uma chave girar na tranca. A porta foi escancarada, e Lena abriu os olhos lentamente, permitindo que se acostumassem às cegantes luzes fluorescentes.

De início, viu uma auréola ao redor da cabeça da mulher, mas logo os traços de Darla Jackson entraram em foco. Lena viu seu cabelo com mechas e as unhas postiças. Estranhamente, a primeira coisa que passou pela cabeça de Lena foi se perguntar como ela fora capaz de assassinar duas pessoas com tanta violência sem quebrar as unhas. Devia refazê-las todas as noites.

Darla desceu os blocos de concreto empilhados que serviam de degraus até a parte mais baixa do porão. Ajoelhou-se no chão, à frente de Lena, verificando a corda para certificar-se de que ainda estava bem apertada. Incongruentemente, colocou a mão na testa de Lena.

— Ainda está com a gente?

Lena só conseguia fitá-la. Mesmo que a boca não estivesse amordaçada, duvidava muito que conseguisse dizer qualquer coisa para a enfermeira. A garganta estava seca demais. O cérebro estava tendo dificuldade em se ater a um único pensamento de cada vez. Não conseguia formar as palavras para articular suas perguntas. Por que Darla havia feito aquilo? Por que matara Jason? Por que matara Allison? Não fazia sentido.

— Você está no porão da clínica.

Darla pressionou os dedos no pulso de Lena, para todos os efeitos agindo como uma enfermeira preocupada em vez de uma assassina cruel. Horas atrás, Lena interrompera Darla limpando o sangue do taco que fora golpeado contra a parte posterior da cabeça de Jason Howell. Estivera lavando as luvas que usara com água sanitária, na tentativa de esconder provas. E agora estava checando o pulso de Lena e tentando ver se ela estava com febre.

Darla lhe disse:

— Isto daqui é um tipo de abrigo antiaéreo, de proteção contra tornados ou algo assim. — Ela olhou para o relógio por mais alguns segundos. — Eu duvido que Sara se lembre de que ele existe. Encontrei há algum tempo, enquanto procurava um lugar para guardar umas pastas.

Lena olhou o cômodo. Com a luz acesa, podia ver as paredes de concreto, a pequena porta de metal. Darla estava certa. Estavam num bunker.

— Eu nunca gostei muito de Tolliver — disse a enfermeira. — Sei que um monte de gente culpou você pelo que aconteceu, mas ele sabia ser filho da puta, pode acreditar.

Lena continuou a fitá-la, perguntando-se por que a mulher estava escolhendo justamente aquele momento para desnudar sua alma.

— E Sara não é melhor. Acha que é a rainha da cocada preta só porque tem aquele diploma de medicina. Eu fui babá dela quando era pequena. Não passava de uma sabe-tudo.

Lena não se deu ao trabalho de discordar.

— Eu nunca quis matar você — disse Darla. Lena sentiu um barulho de risada dentro da garganta que saiu mais parecido com um gemido. — Eu só preciso sair dessa cidade, e sei que você não vai me deixar fazer isso se eu a soltar.

Ela estava certa quanto a isso.

— O papai teve um infarto. — Ela se sentou sobre os calcanhares. — Você sabe que Frank é meu pai, não sabe?

Lena sentiu as sobrancelhas subirem. Um fluxo de adrenalina fez com que seu cérebro pensasse pela primeira vez em horas. Frank mencionara a filha quando deixavam o local do homicídio de Allison Spooner. Será que sabia que Darla cometera o crime? Ele certamente andara encobrindo coisas para ela. Lena nem conseguia se lembrar de todas as coisas que ele escondera de Will. A fotografia. O telefone de Tommy. O telefonema para a Emergência. Estivera Frank se referindo a isso quando dissera que Lena não era capaz de enxergar o que estava bem à sua frente? Cristo, ele tinha razão. Ela não era capaz de reconhecer a verdade nem quando estava na cara dela. Quantas outras pistas havia deixado de ver? Quantas outras pessoas iam se machucar porque Lena era cega a tal ponto?

— Você trouxe bolsa?

A pergunta foi tão estranha que Lena pensou estar ouvindo coisas.

— Carteira? — perguntou Darla. — Onde você guarda suas chaves?

Lena não respondeu.

— Não dá para eu sair da cidade nessa merda desse Accord. A luz do motor está acendendo há semanas. Pensei em comprar um carro novo quando os cheques compensassem, mas... — Ela verificou os bolsos de Lena e achou o chaveiro. A chave de casa estava nele, além das chaves do Town Car de Frank e do Celica dela. — Tem algum dinheiro com você?

Lena fez que sim, porque de nada adiantaria mentir.

Darla verificou o bolso traseiro de Lena e sacou duas notas de vinte.

— Bem, acho que isso dá para a gasolina. — Ela enfiou o dinheiro no bolso da frente do uniforme. — Vou ter que pedir um dinheiro para o papai. Eu realmente detesto fazer isso. — Ela alisou o tecido cor-de-rosa do uniforme. — Acho que devia sentir algum remorso pelo que aconteceu, mas a verdade é que eu só não quero ser pega. Não posso ir para a cadeia. Não posso ficar presa desse jeito.

Lena continuou a encará-la.

— Se eles tivessem me deixado em paz e ficado de bico calado, nada disso teria acontecido.

Lena tentou engolir. Podia ouvir o coração bater daquele jeito esquisito, dando cambalhotas dentro do peito. Devia estar mais desidratada do que pensava. As mãos e os pés estavam dormentes. As pernas formigavam. O corpo estava parando de bombear o sangue para as extremidades de maneira a manter o essencial funcionando.

— Papai e eu não nos damos muito bem. — Darla enfiou a mão no bolso da frente do jaleco. — Eu tenho a sensação, na maioria dos dias, de que ele preferiria que você fosse filha dele, mas ninguém escolhe a própria família, escolhe? — Ela sacou uma seringa. — Isto daqui é Midazolam. Vai diminuir a ansiedade e fazer você dormir. Eu sinto muito não ter o bastante para fazer você dormir para sempre, mas isto vai tornar as coisas mais fáceis. Você não vai viver por muito mais tempo; talvez umas cinco ou seis horas. Essa infecção na sua mão está se espalhando muito rápido. Já deve até estar sentindo o coração desacelerar.

Lena sentiu a garganta tentar engolir.

— O que costuma acontecer é que o corpo vai parando de funcionar. Seus nervos enlouquecem. Normalmente a dor é enorme. Às vezes você está acordada para sentir; às vezes, não. Vai querer a injeção?

Lena olhou para a seringa. Que tipo de escolha era aquela?

— Ninguém vai vir salvar você. A clínica só abre na segunda-feira e, até lá, só o cheiro é que vai dizer a eles que você está aqui. — Ela olhou por cima do ombro. — Acho que eu devia deixar a porta à mostra para não terem de procurar muito. Algumas das pessoas daqui não são tão ruins assim.

Lena tentou falar, tentou formar as únicas palavras que importavam naquilo tudo: *por quê?*

— O quê?

Lena voltou a grunhir as palavras. Seus lábios não fechavam por causa da mordaça, mas a pergunta soou clara o bastante aos seus ouvidos.

— Por quê?

Darla sorriu. Compreendeu o que Lena estava lhe perguntando, mas não estava

disposta a dar uma resposta. Em vez disso, repetiu a oferta, agitando a seringa no ar.

— Vai ou não vai querer?

Lena balançou a cabeça com veemência. Não podia apagar. Não podia desistir. Sua consciência era a única coisa sobre a qual tinha algum controle.

Darla tirou a tampa de seringa e enfiou a agulha no braço de Lena mesmo assim.

18

Sara aguardou em seu carro até que Will descesse do apartamento em cima da garagem. Ele lhe pedira alguns minutos para vestir roupas que estivessem menos sujas do que as que usara o dia inteiro. Sara aproveitara o tempo para recobrar a compostura. A raiva se abrandara, mas ela teria engrenado o carro e ido direto à casa de Hare naquele momento se não fosse por Will. Por que estava surpresa pelo primo estar envolvido com uma coisa tão suja? Hare jamais escondera o fato de que gostava de ter dinheiro. Sara também gostava, mas não se dispunha a vender a alma para isso.

A porta do carro abriu. Will se enfiou atrás do volante. Estava usando uma camisa branca de abotoar e jeans limpos. Olhou para ela com uma expressão estranha.

— Você lavou as minhas roupas?

Sara riu diante de tal sugestão.

— Não.

— Todas as minhas roupas estão lavadas. E passadas. — Ele beliscou o vinco dos jeans. — E engomadas.

Ela só conhecia uma pessoa que passava jeans a ferro.

— Eu sinto muito. Minha mãe curte lavar roupa. Eu não sei explicar.

— Tudo bem — disse ele, mas, pela tensão na voz, ela percebeu que ele ficara ligeiramente incomodado.

— Ela bagunçou alguma coisa?

— Não. — Ele ajustou o assento de maneira que a cabeça não ficasse encostada no teto. — É só que nunca ninguém lavou as minhas roupas para mim. — A marcha exigia certa experiência, mas ele a decifrou rapidamente, engatando o motor. Desligou os limpadores de para-brisas enquanto embicava em direção à rua. A chuva dera uma trégua. Sara conseguia enxergar a lua espiando por entre as nuvens.

— Eu estava pensando no bilhete de suicídio — disse ele.

— O que tem ele?

— E se Jason o tivesse escrito e fosse para Allison deixá-lo em algum lugar para ser encontrado por alguém?

— Acha que estavam chantageando alguém?

— É possível — respondeu Will. — Talvez Allison tenha mudado de ideia a respeito da chantagem sem falar com Jason.

— Então ela rasga a parte de baixo do bilhete, o pedaço que diz "Quero que acabe"

para deixar no local de entrega para o assassino?

— Só que o assassino já estava decidido a matá-la. Ele a seguiu até o bosque. Sabemos que é oportunista. Usou um cobertor quando matou Jason. Talvez tenha enxergado o bilhete como outra oportunidade. — Will olhou para Sara. — O bilhete falso estava na caligrafia de Jason, no local da morte de Allison. A não ser pelo fato de Tommy ter se enfiado nesta história toda, a primeira pessoa a ser entrevistada teria sido o namorado.

Ela finalmente juntou as coisas.

— O assassino queria incriminar Jason pelo assassinato de Allison. Se eles estavam tentando chantageá-lo, isso certamente o livraria de Jason.

— Me fale sobre esses ensaios clínicos. Como funcionam?

— São complicados e não são de todo ruins. — Ela sentiu necessidade de dizer a ele: — Nós precisamos de ensaios clínicos. Precisamos de remédios novos e de novas descobertas, mas as empresas farmacêuticas são corporações com acionistas e CEOs que gostam de ser pagos. Tem mais dinheiro para se encontrar o próximo Viagra do que para curar o câncer. — Ela acrescentou, desanimada: — Fora que é bem mais lucrativo tratar doenças como câncer de mama do que preveni-lo, em primeiro lugar.

Will diminuiu a velocidade. Mesmo sem chuva, a rua continuava inundada.

— Eles não precisam do Viagra para financiar tudo relacionado ao câncer?

— No ano passado, as principais empresas farmacêuticas gastaram 73 bilhões de dólares em propaganda e menos de 29 bilhões em pesquisa. Me diga você qual é o foco delas.

— Pelo visto você sabe um bocado sobre isso.

— É uma das coisas que me irritam profundamente — admitiu ela. — Eu nunca quis canetas grátis e blocos com o logotipo de remédios. Eu queria remédios que funcionassem e que fossem acessíveis aos meus pacientes.

Will parou o carro.

— Sabe, eu acho que estou indo na direção errada.

— É um círculo.

Ele deu ré, então fez o retorno. Sara sabia exatamente onde estavam. Se tivessem seguido mais alguns metros, teriam passado no seu antigo endereço.

— Então — continuou Will —, como funciona? A companhia farmacêutica tem uma droga nova que quer testar, e aí?

Ela não conseguiu pensar em uma forma de lhe agradecer a gentileza, então, em vez disso, respondeu à sua pergunta:

— Existem dois tipos: drogas de afluência, ou de estilo de vida, e drogas de necessidade. — Ele a olhou com algum estranhamento. — Eu não estou inventando isso. É uma designação da indústria farmacêutica. Drogas de necessidade eram as que nós testávamos no Grady. São as indicadas para doenças sérias, com risco de vida, ou doenças crônicas. Normalmente, universidades e hospitais de pesquisa lidam com drogas de necessidade.

Ele desacelerou o carro outra vez para atravessar as águas profundas.

— E as de afluência?

— Geralmente, quem lida com essas são o seu médico ou laboratório normal. Existe toda a espécie de anúncios nas revistas de medicina. A pessoa faz um requerimento para ser responsável por um estudo. Se for aprovada, a empresa farmacêutica faz os arranjos e

paga tudo. Anúncios de TV, de rádio e impressos. Arquivistas e móveis de escritório. Canetas e papel. Aí, quando a coisa termina, a empresa paga o médico para dar a volta ao mundo falando o quanto a droga é fabulosa, insistindo o tempo todo que ele é incorruptível porque não possui ações da empresa. — Ela pensou em Elliot e nas férias que ele tirara no feriado de Ação de Graças. — É aí é que está o grosso da grana. Não nas ações, na expertise. Se você estiver envolvido na fase inicial de um estudo, pode ganhar centenas de milhares de dólares só por abrir a boca.

— Então por que um médico não iria querer fazer uma coisa assim se pode ganhar tanto dinheiro?

— Porque, se você fizer a coisa direito, não tem tanto dinheiro assim envolvido. Quer dizer, sim, ganha-se dinheiro, mas o que se está fazendo é burocracia, não medicina. Todos nós sabemos que é um mal necessário, mas pode ser um lado muito negativo do negócio. Alguns médicos montam fábricas de pesquisas. Os representantes dos laboratórios os chamam de "grandes apostadores", igualzinho a Las Vegas. As clínicas desses médicos podem ter cinquenta estudos rolando ao mesmo tempo. Tem um punhado desses no centro de Atlanta, convenientemente localizados perto do abrigo para pessoas sem-teto.

— Eu aposto que tem um monte de alunos da faculdade doidos para ganhar um dinheiro rápido.

— Alguns dos meus pacientes indigentes se inscrevem em um estudo após o outro. É a única coisa que impede que eles morram de fome. Mas é um ótimo negócio para quem faz a coisa direito. Existem sites na internet para cobaias profissionais. Essas viajam pelo país inteiro faturando 70, 80 mil dólares por ano.

— Os médicos não rastreiam os pacientes para se certificarem de que não estão se aproveitando do sistema?

— A única coisa que você tem de fazer é mostrar a identidade; às vezes, nem isso. Eles colocam o seu nome numa ficha. Daí em diante, você se torna um número. Tudo o que coletam a seu respeito é você quem relata. Você pode dizer a eles que é um corretor da bolsa que sofre de insônia e refluxo quando na verdade é um bêbado sem-teto atrás de dinheiro. Eles não verificam seus antecedentes. Não existe uma base de dados central com esses nomes.

— Então Tommy responde a um desses anúncios e tenta se inscrever em um desses ensaios. E aí?

— Eles fariam uma avaliação médica e psicológica nele. Existem critérios diferentes para cada estudo, e cada participante precisa se adequar às suas diretrizes ou protocolos. Se você for bastante inteligente, consegue entrar num ensaio na base da malandragem.

— Tommy não era bastante inteligente.

— Não, e não teria passado na avaliação psicológica se ela tivesse sido feita direito.

— O médico não seria encarregado disso?

— Talvez sim, talvez não. Há bons médicos por aí que fazem a coisa direito, mas os ruins nunca nem veem os participantes dos ensaios. Estes não passam de papelada para ser aprovada. Normalmente, esses médicos vão ao consultório no domingo e "analisam" todos os trezentos casos antes do representante que controla o estudo aparecer na segunda de manhã.

— Quem cuida de tudo, então? As enfermeiras?

— Às vezes, mas não é exigido que tenham qualquer treinamento médico. Existem organizações de pesquisa clínica que oferecem equipes temporárias para médicos que realizam estudos. Pelo menos essas equipes têm algum treinamento. Teve um médico no Texas cuja esposa tocou o estudo inteiro. Ela acidentalmente trocou a droga sendo testada pelo remédio do cachorro. Outro médico colocou a amante no comando. Ela disse aos participantes que tomassem uma dose dupla caso se esquecessem de alguma, e metade deles acabou com danos permanentes no fígado.

— Certo, então Tommy passa na avaliação psicológica. E depois?

— Ele passa pelos exames médicos. Ele era saudável; tenho certeza de que passou nessa parte. Em seguida, recebe os comprimidos. Tem de escrever um diário. Se apresentar para fazer exames de sangue e de urina, ou só mesmo para constar, provavelmente uma vez por semana. A pessoa que o atende pega o diário dele e o próprio relatório, o que são chamados de anotações da fonte, e passa os dois para o registro de caso. O médico só vê o registro de caso.

— Em que momento o sistema falharia?

— Exatamente no ponto que você mencionou. Tommy obviamente teve uma reação à medicação. Estava batendo boca com as pessoas, coisa que sabemos pelos boletins de ocorrência da polícia. A alteração de humor teria aparecido no diário dele. Quem quer que o estivesse entrevistando durante as visitas ao consultório imediatamente saberia que algo estava errado.

— E se essa pessoa quisesse esconder o fato de que Tommy estava tendo problemas?

— Ela poderia mentir no formulário de registro de caso. Esses são preenchidos no computador e transmitidos diretamente para a empresa farmacêutica. Ninguém saberia que havia qualquer coisa de errado a não ser que comparassem isso com o material da fonte, que é encaixotado e armazenado assim que o estudo chega ao fim.

— Acabaria com o estudo, o fato de Tommy estar surtando?

— Não necessariamente. O médico poderia classificar Tommy como uma violação de protocolo. Isso quereria dizer que ele não se adequava às diretrizes para estar inscrito no estudo. O que, considerando a deficiência dele, não devia mesmo se adequar.

— E quanto a Allison?

— A tentativa de suicídio deveria tê-la eliminado, mas, se ela não relatou isso por conta própria, eles não saberiam.

— Quem se prejudica por Tommy ter se inscrito no estudo?

— Ninguém, na verdade. Sempre se pode alegar ignorância para o comitê de ética. Por lei, todo estudo precisa ter um conselho de avaliação interna encarregado de observar os padrões de ética. São compostos de gente da comunidade. Médicos, advogados, empresários locais. E sempre um padre ou pastor, por algum motivo.

— O comitê de ética também recebe pagamento da empresa farmacêutica?

— Todo mundo recebe pagamento da empresa farmacêutica.

— E quanto a Tommy? Quando ele receberia o dinheiro dele?

— Ao final do estudo. Se pagassem antes, a maioria não voltaria.

— Então, se o estudo estivesse chegando ao fim, Tommy tinha um pagamento em vista. Assim como Allison. Talvez Jason Howell.

Sara não queria pensar em quem tinha a maior motivação financeira naquela confusão sórdida toda.

— No caso de um ensaio de três meses, seria possível que cada um deles estivesse esperando de 2 a 5 mil dólares pela participação.

Will embicou no estacionamento da clínica. Colocou a marcha em ponto morto.

— Qual é o problema, então? Temos médicos ganhando um monte de dinheiro. Participantes sendo pagos. Tommy não deveria ter participado do estudo, mas isso não invalidaria o estudo como um todo. Por que alguém mataria duas pessoas por causa disso?

— A chave vai estar em descobrirmos quantos outros participantes estavam tendo alterações de humor como as de Tommy. Allison estava deprimida. Dá para ler isso no diário dela. Tommy vinha agindo de maneira diferente ultimamente, se metendo em discussões quando nunca tinha feito isso antes. Ele se matou na cadeia. Não quero aliviar o lado de Lena, mas ele podia estar suicida por causa da medicação. Num estudo, se resultar em um conjunto de eventos adversos, ele é imediatamente interrompido.

— Então seria do interesse do médico não ter um desses conjuntos de eventos adversos. Pelo menos, não se ele estivesse esperando ganhar muito dinheiro com o ensaio.

Sara franziu os lábios, pensando em Hare.

— Isso.

Ela olhou pela janela, para a clínica. A porta da frente estava iluminada pelos faróis. Ela podia ver a disposição familiar da recepção.

Will saltou do carro e deu a volta para abrir a porta para ela.

— Eu provavelmente não deveria entrar com você. Eu sei que você é a proprietária legítima e que tenho sua permissão e tudo o mais, mas a lei é muito severa com relação a eu olhar prontuários médicos. Você vai ter de fazer o papel da cidadã consciente e me contar o que encontrou.

— Fechado — concordou ela, embora lhe tenha ocorrido que ele não ajudaria muito lendo os registros de qualquer forma.

Sara caminhou até a porta da frente com as chaves na mão. Não conseguia se lembrar da última vez que estivera dentro do prédio, mas não teve tempo para pensar. Ao enfiar a chave na fechadura, ela se virou em direção à delegacia. O movimento foi natural, algo que fizera todas as manhãs porque Jeffrey costumava esperar do outro lado da rua para se certificar de que ela entrara em segurança.

A luz dos postes brilhava forte, o ar noturno estava revigorante, finalmente livre da chuva. Ela viu uma sombra de pé ao lado da janela do escritório de Jeffrey. O homem se virou. Sara conteve um grito. Seus joelhos começaram a ceder.

Will saltou do carro.

— Sara?

Ela correu sem pensar, passando por Will aos empurrões, descendo o morro em direção à delegacia.

— Jeffrey! — gritou ela, sabendo que era ele. Os ombros largos. Os cabelos escuros. O jeito de andar, igual a um leão pronto para o ataque. — Jeffrey! — Ela tropeçou ao chegar ao estacionamento. O asfalto rasgou seus jeans. As palmas das mãos ralaram.

— Tia Sara? — Jared correu para ela com as mesmas passadas fáceis do pai. Ele se ajoelhou à frente dela, as mãos sobre seus ombros. — Você está bem?

— Achei que você fosse... — Ela levou a mão ao rosto de Jared. — Você se parece... — Ela atirou os braços ao redor dos ombros dele e o puxou para si, o mais perto que pôde.

Sara não conseguiu evitar. Chorou como uma criança. Todas as recordações que vinha sufocando havia tanto tempo retornaram num turbilhão. Era quase demais para ela.

Jared afagou suas costas, acalmando-a.

— Está tudo bem — sussurrou. — Sou eu.

A voz do pai. Sara queria fechar os olhos e fingir. Perder-se completamente. Quantas vezes estivera ali naquele estacionamento com Jeffrey? Quantas manhãs haviam vindo de carro juntos para o trabalho, se despedindo com beijos naquele mesmo estacionamento? Então ele ficava de pé na porta da delegacia olhando-a subir o morro, certificando-se de que ela entrara em segurança. Algumas vezes ela podia sentir seus olhos a seguirem e precisava usar de toda a força de vontade para não atravessar a rua correndo atrás de mais um beijo.

— Você está bem? — perguntou Jared. Havia um tremor em sua voz. Ela o estava assustando. — Tia Sara?

— Eu sinto muito. — Ela deixou as mãos caírem sobre o colo. Não sabia por que estava se desculpando, mas continuou a repetir as palavras: — Eu sinto muito.

— Está tudo bem.

— Eu pensei que você fosse... — Ela não conseguiu terminar a frase. Não conseguiu dizer o nome do pai dele.

Jared a ajudou a se levantar.

— A mamãe diz que eu sou igual a ele.

Sara não conseguia controlar as lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

— Quando você descobriu?

— É meio difícil de esconder.

Ela riu, o som agudo e desesperado aos seus ouvidos.

— O que está fazendo aqui?

Ele olhou para Will. Sara não o notara se aproximar. Ele permaneceu a alguns metros, obviamente tentando não se intrometer. Ela lhe disse:

— Este é... — Ela se foçou a pronunciar o nome. — Este é o filho de Jeffrey, Jared Long. Jared, este é Will.

As mãos de Will estavam enfiadas bem fundo nos bolsos. Ele acenou com a cabeça para o rapaz.

— Jared.

— Por que está aqui? — perguntou Sara. — É por causa de Frank?

Jared coçou a sobrancelha com o polegar e o indicador. Sara observara Jeffrey fazer o mesmo gesto inúmeras vezes. Queria dizer que estava perturbado, embora não soubesse exatamente como falar a respeito. Jared olhou para Will outra vez. Havia algo acontecendo entre os dois que Sara não estava conseguindo acompanhar.

Ela repetiu a pergunta.

— Por que está aqui?

A voz de Jared falhou.

— O carro dela está aqui. Eu não sei onde ela está.

— Quem? — perguntou Sara, embora já soubesse a resposta. O Celica de Lena estava no estacionamento.

— Era para ela ter chegado em casa seis horas atrás. — Ele dirigiu suas palavras a Will. — Eu estive no hospital. Tentei entrar em contato com Frank. Não consigo encontrar

ninguém que saiba onde ela está.

— Não — ofegou Sara.

— Tia Sara... — Jared estendeu os braços em direção a ela, mas ela colocou a mão em seu peito, empurrando-o para trás.

— Você não pode estar namorando ela.

— Não é o que você pensa.

— Eu não quero saber. Está errado.

Ele tentou abraçá-la outra vez.

— Tia Sara...

Ela chegou para trás, trombando com Will.

— Você não pode fazer isso.

— Não é o que você pensa.

— Não é o que eu penso? — exigiu ela, a voz ficando mais alta diante da raiva. — E o que eu estou pensando, Jared? Que você está dormindo com a mulher que assassinou o seu pai?

— Não é...

Will agarrou Sara pela cintura enquanto ela voava em direção a Jared.

— Ela o matou! — gritou Sara, afastando Will com um empurrão. — Ela matou o seu pai!

— Ele se matou!

Ela ergueu a mão para lhe dar um tapa. Jared permaneceu completamente imóvel olhando-a de frente, esperando o golpe. De sua parte, Sara sentiu-se imobilizada. Não podia bater nele, mas tampouco conseguia baixar a mão. Dividia o ar que os separava como uma lâmina esperando a queda.

— Ele era policial — disse Jared. — Conhecia os perigos.

Sara deixou a mão cair porque agora queria machucá-lo de fato.

— Foi isso que ela lhe disse?

— É o que eu sei, tia Sara. Meu pai amava ser policial. Estava fazendo o trabalho dele, e isso fez com que ele fosse morto.

— Você não sabe quem ela é de verdade. Você é jovem demais para entender do que ela é capaz.

— Eu não sou jovem demais para saber que a amo.

As palavras dele foram como um soco no peito de Sara.

— Ela o matou — sussurrou Sara. — Você não sabe o que ela tirou de mim. De você.

— Eu sei mais do que você pensa.

— Não, não sabe.

A voz de Jared tornou-se áspera:

— Ele estava fazendo o trabalho dele, emputeceu as pessoas erradas e ninguém poderia tê-lo impedido. Nem você, nem Lena, nem eu, nem ninguém. Ele tomava as próprias decisões. Era dono de si. Além de teimoso como o diabo. Uma vez que decidia uma coisa, não havia forma de fazê-lo desistir de fazer exatamente o que queria.

Sara não se deu conta de que caminhava para trás até sentir Will atrás dela. Agarrou o braço dele, forçando-se a não fraquejar.

— Ela distorceu a história para você sentir pena dela.

— Não é isso.

— Ela é mestre em manipular as pessoas. Você não consegue enxergar isso agora, mas é verdade.

— Pare de dizer isso. — Jared tentou pegar a mão dela. — Eu a amo. E Jeffrey a amava, também.

Sara não podia mais conversar com ele. Não podia estar ali. Virou-se para Will, enterrando a cabeça em seu peito.

— Me tire daqui. Por favor, só me leve para casa.

— Não podem ir embora — disse Jared. — Eu preciso da sua ajuda.

Will manteve o braço ao redor de Sara enquanto a conduzia até o outro lado da rua.

Jared correu para alcançá-los.

— Precisam me ajudar a encontrá-la. Eu não sei onde ela está.

A voz de Will foi dura.

— Você precisa se afastar, filho.

— Alguém cortou os pneus dela. Ela não está atendendo o celular.

Will manteve o braço em torno de Sara, ajudando-a a subir o morro. Ela olhou para baixo, para a relva do gramado da frente. As raízes haviam sido arrancadas pela água. Torrões de lama iam escorregando por baixo de seus sapatos.

— Ela me ligou do celular às seis da tarde — disse Jared. — Falou que estaria em casa em uma hora. — Ele tentou impedir a passagem deles, mas Will o afastou com uma das mãos. — Ela pediu demissão! — gritou ele. — Ela me disse que se demitiu!

Haviam chegado ao estacionamento da clínica. Will abriu a porta do carro e ajudou Sara a entrar.

Jared bateu com a mão no capô.

— Por favor! Ela sumiu! Alguma coisa está errada! — Ele contornou o carro correndo e se ajoelhou diante da porta aberta. As mãos unidas como se rezasse. — Por favor, tia Sara. Por favor. Vocês precisam me ajudar a encontrá-la. Alguma coisa está errada! Eu sei que alguma coisa está errada.

Havia tanta angústia no rosto dele que Sara se sentiu fraquejar. Olhou para Will, viu a preocupação em seu semblante.

A voz dele saiu grave, serena, ao dizer a ela:

— Ela não se comunicou comigo.

Jared estava chorando.

— Por favor, apenas olhe na clínica para mim. Eu sei que a mão dela estava doendo hoje de manhã. Talvez tenha ido pedir ajuda. Talvez tenha desmaiado ou esteja passando mal ou...

Sara fechou os olhos por um instante, tentando separar as emoções. Queria muito ir embora, nunca mais ouvir o nome Lena Adams enquanto estivesse viva.

— Sara — disse Will. Não foi uma pergunta, foi mais uma admissão de culpa.

— Vá — disse ela. De nada adiantaria lutar.

Will tomou seu rosto entre as mãos para que ela o olhasse.

— Eu já volto, está bem? Só vou verificar a clínica para ele.

Sara não respondeu. Will fechou a porta do carro, e ela se recostou no assento. O motor estava desligado, mas a lua estava tão resplandecente no céu que ela não precisou dos faróis para enxergar os dois homens na porta da frente da clínica. Lena nem precisava estar presente para controlar os homens de sua vida. Ela como um súcubo, seu canto de

sereia nublando a lógica deles.

Will olhou para Sara enquanto virava a chave na fechadura. Ela estudou Jared com algum distanciamento. Era mais magro do que o pai. Os ombros não haviam ganhado volume. Os cabelos eram mais compridos do que os de Jeff, maior do que ele usara no ensino médio. Uma imagem surgiu de repente na mente de Sara: a mão de Lena agarrando os cabelos de Jared. Agora ela havia tirado tudo. Seu rastro de destruição passara arrasando cada pedaço do legado de Jeffrey.

Sara virou a cabeça enquanto os dois homens entravam na clínica. Não conseguia mais olhar para Jared. Doía demais. Doía demais até mesmo estar ali. Deslizou por cima da marcha e se enfiou atrás do volante. Apertou o botão para dar partida no motor. Nada aconteceu. Will levara a chave.

Sara saltou do carro, deixando a porta aberta. Ergueu os olhos para a lua cheia. Brilhava com uma luz extraordinária, iluminando o solo à sua frente. Recordou-se de uma carta da Guerra Civil que Jeffrey lera para ela havia muito tempo. Fora escrita por uma esposa solitária para o marido soldado. Ela se perguntava se a mesma lua estaria brilhando sobre seu amado.

Sara caminhou até os fundos da clínica. Havia uma placa com o nome de Hare, mas sua raiva com relação ao ensaio clínico já se dissipara havia muito tempo. Não conseguia se fazer sentir a menor compaixão por Allison Spooner ou Jason Howell ou mesmo pelo pobre Tommy Braham, que de alguma forma se vira metido no meio daquilo tudo. Todas as suas emoções haviam se reduzido a uma dor embaçada. Até mesmo seu ódio por Lena se fora. Tentar detê-la era como lutar contra moinhos de vento. Não havia nada que Sara pudesse fazer para detê-la. Se o mundo desabasse, Lena continuaria de pé. Sobreviveria a todos eles.

O quintal atrás da clínica se transformara num poço de lama. Elliot não se dera ao trabalho de conservar coisa alguma. As mesas de piquenique haviam sido retiradas, o balanço fora desmontado. As flores do campo que Sara plantara com a mãe tinham morrido havia muito. Ela foi até a margem do riacho. Ele se transformara num rio àquela altura, o chiado das águas revoltas abafando qualquer outro som. O imenso bordo que proporcionara tanta sombra ao longo dos anos caíra para dentro da correnteza. Sua copa mal alcançava o outro lado do rio. Enquanto Sara olhava, torrões de terra iam caindo dentro d'água e eram rapidamente levados embora. Seu pai a trouxera para pescar naquelas águas. Havia um campo de rochas a um quilômetro rio abaixo, onde os bagres nadavam para dentro e para fora dos redemoinhos. Tessa adorava escalar até o topo do granito para se deitar sob o sol. Algumas das pedras chegavam a 3 metros de altura. Sara imaginava que estivessem submersas agora. Tudo naquela cidade, por mais forte que fosse, acabava sendo levado pela água.

Sara ouviu um galho quebrar atrás dela. Virou-se. Uma mulher de uniforme cor-de-rosa de enfermeira encontrava-se a alguns metros. Estava sem fôlego. A maquiagem estava borrada, o rímel formava círculos escuros abaixo dos olhos. As unhas vermelhas postiças em seus dedos estavam lascadas e quebradas.

— Darla — reconheceu Sara. Não via a filha mais velha de Frank havia anos. — Você está bem?

Darla parecia reticente. Olhou por cima do ombro.

— Você soube do papai, imagino.

— Ele ainda está se recusando a ir ao hospital?

Ela fez que sim, mais uma vez olhando para trás.

— Talvez você pudesse me ajudar a convencê-lo, fazer com que ele deixe que realizem alguns exames.

— Eu provavelmente não sou a melhor pessoa para isso no momento.

— Ele andou irritando você?

— Não, eu só... — Sara sentiu a ficha começar a cair. Eram quase três da manhã. Não havia motivo concebível para Darla estar ali. — O que está acontecendo?

— Meu carro enguiçou. — Darla olhou por cima do ombro pela terceira vez. Não estava olhando para a clínica. Olhava para a delegacia. — Você pode me dar uma carona até a casa do papai?

Sara sentiu o corpo reagir a um perigo que não conseguia identificar completamente. O coração batia descompassado. A boca estava sem saliva. Aquilo não estava certo. Nada daquilo estava certo.

Darla fez sinal para que Sara caminhasse na frente dela até o estacionamento. Seu tom endureceu.

— Vamos.

Sara levou a mão à nuca, pensando em Allison Spooner no lago, na maneira como sua cabeça fora segurada enquanto a faca deslizava para dentro de sua garganta.

— O que você fez?

— Eu só preciso dar o fora daqui, está bem?

— Por quê?

O tom de Darla endureceu ainda mais.

— Apenas me dê a chave do seu carro, Sara. Eu não tenho tempo para isso.

— O que você fez com aqueles meninos?

— A mesma coisa que vou fazer com você se não me der a porra da chave. — Uma luz refletiu na altura da cintura de Darla, logo surgiu uma faca em sua mão. A lâmina devia ter uns 9 centímetros de comprimento. A ponta havia sido afiada até deixá-la com um aspecto ameaçador. — Eu não quero machucar você. Apenas me dê a chave.

Sara deu mais um passo para trás. Seu pé afundou na margem arenosa. O pânico lhe agarrou a garganta como se fosse uma mão. Ela havia visto do que Darla era capaz com aquela faca. Sabia que a mulher não tinha escrúpulos em matar.

— Me dê a chave.

Sara ouviu o rugir do rio aumentar por trás dela. Onde estava Will? Por que estava demorando tanto? Ela olhou para a esquerda e para a direita, tentando decidir para onde correr.

— Não — disse a mulher, como se lesse seus pensamentos. — Eu não vou machucar você. Só quero a chave.

Sara mal conseguia falar.

— Não está comigo.

— Não minta para mim. — Darla olhou para a delegacia outra vez. Não olhara para a clínica uma única vez. Ou já havia cuidado de Will e de Jared ou não sabia que estavam lá dentro. — Não seja idiota, querida. Você já viu do que eu sou capaz.

A voz de Sara tremia quando perguntou:

— O que vai acontecer se eu a der para você?

Darla deu um passo à frente, diminuindo o espaço entre elas. A lâmina continuava firme em sua mão. Ela estava agora a menos de 1 metro de distância. Dentro do raio de ataque.

— Aí você pode ir andando para casa, para a sua mamãe e o seu papai, e eu vou embora.

Sara teve uma sensação de alívio momentâneo antes de a realidade atingi-la. Não podia funcionar dessa forma. Ambas sabiam que Sara não iria para casa. Ela atravessaria a rua até a delegacia e contaria tudo o que havia acontecido. Darla não chegaria nem aos limites da cidade antes de ser cercada por cada patrulha do condado.

A mulher repetiu:

— Me dê a chave. — Sem aviso, cortou o ar com a lâmina. O metal sibilou quando passou diante do rosto de Sara. — Agora, merda.

— Está bem! Está bem! — Sara enfiou a mão trêmula no bolso, mas os olhos continuaram fixos na faca. — Eu lhe dou a chave se você me disser por que os matou.

Darla a estudou com frieza.

— Eles estavam me chantageando.

Sara deu um pequeno passo para trás.

— O ensaio?

O braço da outra relaxou, mas a lâmina continuava próxima.

— Os alunos desistiam, não apareciam quando deviam. Eu consegui que Jason tirasse sangue o dobro de vezes e que escrevesse um diário a mais. Ele trouxe Allison, depois eles envolveram Tommy na história. Nós íamos rachar o dinheiro meio a meio. Aí eles ficaram gananciosos e decidiram que queriam ficar com tudo.

Sara não conseguia desviar os olhos da faca.

— Você estava tentando culpar Jason pela morte de Allison.

— Você sempre foi esperta.

— Hare sabia?

— Por que você acha que eu vou sair da cidade? Ele encontrou a documentação de Tommy. Disse que ia dar parte para o comitê de ética. — Pela primeira vez, ela demonstrou arrependimento. — Eu não queria que Tommy se machucasse. Ele não sabia de nada. Eu não podia permitir que olhassem demais para os relatórios de caso.

— Tommy estava tomando o dobro de comprimidos — chutou Sara. — Ele se inscreveu duas vezes, então tomava uma dose dupla. Por isso o humor dele ficou alterado. Foi por isso que ele se matou, não foi?

— Para mim chega de perder tempo com você. — Ela estendeu o braço. A lâmina estava a poucos centímetros da garganta de Sara. — Me dê a chave.

Sara se permitiu outra olhada rápida para a clínica. A porta continuava fechada.

— Não está comigo.

— Não minta para mim, sua vaca. Eu vi você no carro.

— Eu não...

Darla saltou. Sara deu um passo para trás, erguendo o braço para se defender. Sentiu a lâmina abrir sua pele, mas nenhuma dor se seguiu. A única coisa que conseguiu sentir foi um pânico de parar o coração quando o solo cedeu subitamente sob seus pés, atirando as duas de costas no chão.

Sara bateu com força na terra. Darla se aprumou, erguendo a lâmina acima da cabeça.

Sara tentou se afastar desajeitadamente, virando-se de bruços instintivamente antes de se dar conta de que aquela fora a posição exata na qual Allison Spooner se encontrava quando a lâmina fora enterrada em seu pescoço. Tentou virar-se outra vez, mas Darla era pesada demais. Agarrou a nuca de Sara. Sara empurrou com as mãos, chutou com os pés, fez tudo o que pôde para sair de debaixo da mulher.

Em vez de sentir a lâmina ser enterrada em sua carne, Sara sentiu a terra tremer, o solo mais uma vez cedendo por baixo dela. Teve outra sensação de queda livre. O rugido do rio ficou ainda mais forte quando aterrissou de cara na água gelada. Sara arquejou enquanto o frio a abraçava. A água lhe invadiu a boca e os pulmões. Não conseguia distinguir se estava de cabeça para cima ou para baixo no rio. Os pés e as mãos não tocavam nada sólido. Ela se debatia, tentando encontrar ar, mas algo a segurava para baixo.

Darla. Sentia as mãos da mulher agarrarem-lhe a cintura, os dedos se enterrarem em sua pele. Sara lutou, esmurrando as costas da outra com as mãos. Os pulmões gritavam dentro do peito. Deu uma joelhada com toda a força que tinha. O vigor de Darla diminuiu. Sara foi até a superfície, puxando o ar sofregamente.

— Socorro! — berrou. — Socorro! — Sara gritou a palavra tão alto que a garganta doeu com o esforço.

Darla saltou no ar ao lado dela, a boca aberta, os olhos arregalados de pânico. Agarrou o braço de Sara com força. A margem do rio foi passando como um borrão enquanto a correnteza as atirava rio abaixo. Sara enterrou as unhas no dorso da mão de Darla. Toda a espécie de detritos passava esbofeteando sua cabeça. Folhas. Galhos. Ramos. Darla se segurou com força. Nunca fora boa nadadora. Não estava tentando puxar Sara para baixo. Agarrava-se para salvar a própria vida.

A água mudou de um rugido grave para um grito ensurdecedor. O campo de pedras. As rochas projetadas de granito que Tessa e Sara haviam escalado quando pequenas. Ela as viu mais adiante, espalhadas como dentes, esperando para rasgá-las ao meio. A água se dividia ao redor das pontas mais afiadas. A correnteza tornou-se violenta conforme as atirava adiante. Dez metros. Cinco metros. Sara agarrou Darla por debaixo do braço e a puxou com toda a força, arremessando-a para frente. O estalo do crânio da mulher no granito retiniu como um sino. Sara se chocou contra ela. Seu ombro pareceu ser triturado. A cabeça explodiu.

Sara lutou contra a tontura que queria dominá-la. Sentiu gosto de sangue na boca. Não estava mais se deslocando rio abaixo. Suas costas estavam imprensadas numa imensa fenda na rocha. As águas céleres socavam seu peito, imobilizando-a por completo. A mão de Darla estava presa entre as costas de Sara e o granito. Seu corpo sem vida tremulava como uma bandeira esfarrapada. O crânio estava aberto, a água do rio inundando o talho. Sara sentiu a mão da mulher escorregar. Então houve um solavanco, e a correnteza a carregou rio abaixo.

Sara tossiu. A água jorrava para dentro de sua boca aberta, enchia seu nariz. Tateou acima da cabeça e sentiu uma rocha plana. Precisava se virar. Tinha de encontrar uma forma de escalar a pedra. Dobrou os joelhos e apoiou a sola dos pés no granito. Tentou dar impulso. Nada aconteceu. Gritou ao tentar outra vez e mais uma vez ainda, com o mesmo resultado. A água a arrancava de cima da pedra. Ela escorregava, perdia o apoio. A cabeça mergulhou abaixo da superfície. Pelejou para ficar em pé. Cada músculo do

corpo tremia com o esforço. Era demais. Os ombros gritavam de dor. As coxas ardiam. Os dedos iam perdendo a capacidade de se agarrar às coisas. Não havia como lutar. A água era forte demais. Seu corpo continuava a escorregar pela pedra. Sara respirou fundo, sorvendo um pouco de ar antes de sua cabeça desaparecer abaixo da superfície. O som constante da água corrente se transformou no mais completo silêncio.

Sara juntou os lábios com força. Seus cabelos flutuavam à frente. Podia ver a lua lá em cima, sua luz forte de alguma forma penetrando a superfície da água. Os raios eram como dedos tentando tocá-la. Por baixo do silêncio em seus ouvidos, ouviu alguma coisa. O rio tinha uma voz, uma voz gorgolejante e tranquilizadora que carregava a promessa de que as coisas seriam melhores do outro lado. A correnteza conversava com ela, dizia-lhe que não havia mal em deixar-se ir. Sara se deu conta, com certo choque, de que era o que queria. Queria simplesmente desistir, ir para o lugar onde Jeffrey estava à sua espera. Não o paraíso. Não era nenhum ideal terrestre, mas um local de silêncio e de conforto onde pensar nele, lembrar-se dele, não abriria um ferimento novo a cada vez que respirasse. A cada vez que caminhasse pelos lugares onde costumavam andar. A cada vez que pensasse nos seus lindos olhos, na sua boca, nas suas mãos.

Sara estendeu a mão na água, tocando os dedos de luar que brilhavam do céu. O frio se transformara num manto de calor. Ela abriu a boca. Bolhas foram subindo pelo seu rosto. O coração batia lento, letárgico. Ela deixou que as emoções a varressem. Deixou-se sentir o luxo do abandono só mais um segundo antes de se forçar até a superfície, torcendo o corpo para encontrar apoio na pedra.

— Não! — gritou, enfurecida com o rio.

Os braços tremiam enquanto escalava a face acidentada da rocha. A água a agarrava como se um milhão de mãos tentassem puxá-la de volta, mas Sara lutou com cada fibra de seu ser para se arrastar até o topo do granito.

Deitou-se de costas, olhando para o céu. A lua ainda brilhava, gloriosa, sua luz refletida nas árvores, nas rochas, no rio. Sara riu, porque estava cansada da alternativa. Riu tanto que se pôs a tossir. Forçou-se a se sentar e tossiu até não ter mais o que colocar para fora.

Respirou fundo, trazendo a vida de volta para dentro do corpo. O coração batia loucamente dentro do peito. Os cortes e hematomas espalhados pela pele começavam a se fazer sentir. A dor acordou cada terminação nervosa, avisando a ela que continuava viva. Sara respirou fundo mais uma vez. O ar estava tão fresco que ela o sentiu tocar cada partezinha dos pulmões. Levou a mão ao pescoço. O colar se fora. Seus dedos não encontraram o formato familiar do anel de Jeffrey.

— Ah, Jeffrey — sussurrou. — Obrigada.

Obrigada por me deixar ir.

Mas ir para onde? Sara olhou à sua volta. A lua brilhava tão forte que bem podia ser de manhã. Estava no meio do rio, a pelo menos 3 metros de cada margem. A água se agitava e corria ao redor das pedras menores que a cercavam. Ela sabia que algumas tinham pelo menos 2,5 metros abaixo da superfície. Testou o ombro. O tendão reclamou um pouco, mas ainda conseguia mexê-lo.

Sara se levantou. Havia um salgueiro-chorão na margem; as gavinhas tremulantes acenavam para ela, chamando-a até a clareira por baixo de seus galhos. Se ela conseguisse chegar até uma das pedras menores sem ser arrastada pela água, poderia ficar de pé no

topo e saltar até a margem.

Ouviu um galho estalar. Folhas farfalharam. Will surgiu na clareira. Seu peito subia e descia por ter corrido. Trazia uma corda enrolada nas mãos. Ela conseguiu ler cada emoção que passava por seu rosto. Medo. Confusão. Alívio.

Sara ergueu a voz para poder ser ouvida acima da água célere.

— Por que demorou tanto?

Ele abriu a boca, surpreso.

— Tarefas — conseguiu dizer, ainda sem fôlego. — Enfrentei fila no banco.

Ela riu tanto que voltou a tossir.

— Você está bem?

Ela fez que sim, lutando contra mais uma crise de tosse.

— E Lena?

— Estava no porão. Jared chamou uma ambulância, mas... — A voz dele foi sumindo. — Ela está mal.

Sara pousou as mãos sobre os joelhos. Mais uma vez, Lena precisava de ajuda. Mais uma vez, caberia a Sara catar os cacos. Estranhamente, não sentiu a relutância de costume ou mesmo a raiva que fora sua companheira constante desde o tenebroso dia em que assistira ao marido morrer. Sentia-se em paz pela primeira vez em quatro anos. Tessa tinha razão: do chão não passa. Uma hora a gente tinha de se levantar, sacudir a poeira e voltar à vida.

— Sara?

Ela estendeu a mão em direção a Will.

— Jogue uma corda para mim.

19

Will diminuiu a velocidade do Porsche para dobrar na Caplan Road, tentando seguir as instruções que Sara lhe dera. Ela desenhara setas ao lado dos nomes das ruas, e, contanto que Will segurasse a folha de papel na direção correta, conseguiria chegar à casa de Frank Wallace sem se perder. Sara até mesmo lhe emprestara seus óculos de leitura, que ficavam tão pequenos em seu rosto que ele mais parecia o primo idiota de Poindexter, amigo do Gato Félix. Ainda assim, ela tinha razão. Os óculos funcionavam. As palavras na folha à sua frente ainda eram travessas, mas pelo menos estavam mais nítidas.

Seu telefone tocou e Will vasculhou o bolso, dirigindo com os joelhos, com medo de as instruções caírem. Viu o número de Faith no identificador de chamadas.

— Por onde você andou? — perguntou ela. — Já deixei dois recados no seu celular. Até para Amanda eu já liguei.

— Não é para você estar de licença-maternidade?

— Emma está dormindo, e eu estou cheia dessa porcaria de hospital. — Ela começou uma ladainha de queixas que começou com a gelatina ruim e rapidamente enveredou para sensibilidade dos seios.

Will a parou aí.

— Peguei o meu bandido.

— Como? — A voz de Faith ficou mais aguda, revelando sua surpresa, e ele se deu conta de que ela não tivera grande esperança de que ele solucionasse o caso tão rápido.

— Grato pelo voto de confiança.

— Ah, cale a boca. Você sabe que só estou irritada por você ter conseguido sem mim.

Faith não era dada a ataques súbitos de sinceridade emocional. Will sabia que era melhor não insistir demais no assunto. Em vez disso, contou-lhe sobre o ensaio clínico e até que ponto Darla Jackson fora capaz de ir para eliminar seus chantagistas e se livrar de Lena Adams.

— De quanto dinheiro estamos falando? — perguntou Faith.

— Não sabemos quantos registros ela falsificou. Talvez dezenas de milhares de dólares.

— Caramba. Onde eu me inscrevo?

— Pois é — concordou Will. A quantia teria mesmo sido uma mão na roda. Ele não estava ansioso para voltar para Atlanta e ter de cavar o quintal outra vez. — Lena continua internada. Acho que vão mantê-la lá por um tempo.

— Me surpreende que Sara a tenha ajudado.

Will ficara igualmente surpreso, mas imaginava que ser médico significasse que não dava para escolher quem você iria salvar. Ainda assim, não houvera muita conversa enquanto Sara aplicava o soro e mandava Jared pegar água para Lena, depois mais cobertores, depois mais água. Will não tinha certeza de quanto daquilo tivera o intuito de ajudar Lena e quanto fora destinado a evitar que Jared tivesse uma crise nervosa. De qualquer forma, funcionara para trazer certa calma muito necessária para a situação.

Jared mostrara-se desesperado desde o momento em que entraram na clínica atrás de Lena. Seu comportamento instável lhes custara vários minutos valiosos. Colocara abaixo portas que não estavam trancadas. Virara mesas e derrubara arquivos. Quando Will encontrou a porta trancada que conduzia ao porão, o rapaz estava tão exausto que mal tinha forças para ajudar Will a colocá-la abaixo.

Então um novo fôlego de Jared entrara em ação, e ele correra escada abaixo sem aventar a possibilidade de alguém estar à espreita nas sombras. Eles encontraram outra porta trancada nos fundos do porão. Havia sulcos profundos no concreto no local onde uma estante de metal em algum momento escondera a entrada do que devia ser um abrigo antiaéreo. Uma tranca velha, porém robusta, mantinha a porta firme no lugar. Jared se atirara sobre ela insistentemente, quicando do aço como uma bolinha de pinball e quase deslocando o ombro antes de Will retornar com um pé-de-cabra encontrado sobre uma bancada de trabalho.

Will tinha de admitir que não pensara em Sara até a porta ser aberta. Lena mal estava consciente, tremendo de febre, o corpo encharcado de suor. Jared chorava enquanto desamarrava a corda das mãos e dos pés dela, implorando a Will que fosse buscar ajuda. Fora então que Will subira atrás de Sara. Olhava fixamente para o BMW vazio quando ouviu os gritos vindos do rio. Fora pura sorte ela ter conseguido gritar por socorro antes de Darla empurrá-la outra vez para dentro da água. Fora ainda mais sorte que a corda usada para amarrar Lena era comprida o bastante para ajudar Sara a voltar para a segurança da terra firme.

Não que ela tivesse precisado. Will tinha absoluta certeza de que era capaz de cuidar de si mesma. Não teria se surpreendido se a visse caminhar sobre a água depois do inferno ao qual sobrevivera.

Ao telefone, Will ouviu os barulhinhos de um bebê e de outra mulher falando.

A voz de Faith soou abafada enquanto ela falava com a enfermeira.

— Eu tenho que ir. Trouxeram Emma para mamar. Não é, neném? — disse ela.

Will aguentou vários segundos de conversinha infantil entre mãe e bebê até a voz dela voltar ao normal.

— Estou feliz por você estar bem. Estava preocupada com você aí sozinho. — Havia certa tensão em sua voz, como se ela estivesse prestes a chorar. Faith andara bastante emotiva naqueles últimos meses. Will tivera esperança de que o nascimento do bebê colocasse um freio naquela maluquice, mas talvez demorasse um tempo até os hormônios voltarem ao normal.

— Acho melhor eu desligar — disse ele. — Já estou quase na casa de Frank.

Ela deu uma fungada bem alta.

— Depois me conte o que aconteceu.

— Pode deixar.

Ele ouviu o fone chacoalhar sobre o gancho e imaginou que fosse a forma de Faith

encerrar a chamada. Will enfiou o celular de volta no bolso. Comparou a placa de rua com as instruções e dobrou a rua. Havia uma seta mandando virar o papel. Seus lábios se abriram num sorriso. Sara desenhara uma carinha sorridente para ele.

Desacelerou o Porsche mais uma vez, procurando os números das casas. Will verificou cada caixa de correspondência, comparando os endereços às instruções. Na metade da rua, encontrou o que buscava. A casa de Frank era um chalé de um andar, embora não fosse pitoresca nem possuísse o charme de um chalé. Uma atmosfera de tristeza pairava sobre o lugar como uma nuvem escura. As calhas estavam vergadas. As janelas, sujas. O gnomo do jardim lhe surpreendeu, mas as garrafas vazias de Dewar ao lado da lata de lixo, não.

A porta telada se abriu quando Will foi saltando do carro. Lionel Harris riu dele, obviamente adorando a surpresa em seu rosto.

— Bom dia — disse. — Eu soube que vocês saíram para nadar ontem à noite.

Will sorriu, apesar de sentir o suor frio retornar como uma chuva súbita. Não conseguia tirar da cabeça a imagem de Sara em pé em cima daquela rocha.

— Estou um pouco surpreso em encontrá-lo aqui, Sr. Harris.

— Apenas passando para deixar um assado.

A confusão de Will devia ter sido óbvia. O velho lhe deu um tapinha nas costas.

— Jamais subestime o poder de uma história compartilhada.

Will assentiu com a cabeça, continuando sem entender.

— Vou deixá-lo com ele. — Lionel segurou a bengala com firmeza enquanto descia os degraus da varanda. Will o observou seguir em direção à rua. Um vizinho fez sinal para que se aproximasse e ele parou para um bate-papo.

— Frank está à sua espera.

Will se virou. Uma mulher esperava à porta. Era mais velha, com ombros caídos e cabelos artificialmente ruivos. A maquiagem fora emplastrada no rosto da mesma forma que a filha usara a dela. Will viu o traço de um hematoma sob os olhos da mulher. A ponte do seu nariz estava inchada. Alguém lhe dera um soco recentemente, com muita força.

— Eu sou Maxine. — Ela escancarou a porta telada para ele. — Ele está à sua espera.

Por mais deprimente que fosse o exterior da casa de Frank, o interior era ainda pior. As paredes e o teto haviam ficado amarelados com anos de fumaça de cigarro. O carpete estava limpo, porém gasto. Os móveis pareciam ter saído de uma casa-modelo da década de 1950.

— Aqui atrás. — Maxine fez sinal para que ele a seguisse pelo corredor.

Em frente à cozinha, havia um pequeno quarto transformado em escritório entulhado. Nos fundos da casa, havia um banheiro encardido com azulejos cor-de-abacate. Frank estava deitado numa cama de hospital no último quarto. As persianas estavam fechadas, mas a luz do sol brilhava por trás delas. O quarto estava úmido e suarento. Havia tubos de oxigênio presos ao nariz de Frank, mas sua respiração continuava sofrida. Sua pele estava amarela. Seus olhos, anuviados.

Havia uma cadeira ao lado da cama. Will sentou-se sem ser convidado.

— Vou estar na cozinha — disse Maxine. — Vocês tudo avisem se precisar de alguma coisa.

Will se virou, surpreso, mas ela já deixara o quarto. Voltou a atenção para Frank.

— Julie Smith?

O rico barítono do homem fora reduzido a um tremor baixo.

— Mandei ela ligar para Sara.

Will havia imaginado que algo do tipo acontecera.

— Você já sabia que Tommy tinha se matado antes de Sara chegar lá.

— Eu achei... — Frank fechou os olhos. O peito subia e descia, lentamente. — Eu achei que seria melhor se Sara o encontrasse. Que fariam menos perguntas.

Poderia facilmente ter funcionado assim. Sara conhecia Nick Shelton. Poderia, sem saber, ter atenuado a situação.

— Por que mandou Maxine contar que Allison tinha um namorado?

Um dos ombros subiu.

— Sempre é o namorado.

Will achou aquilo suficientemente verdadeiro, mas Frank mentira tantas vezes no decorrer dos últimos dias que Will não sabia se o homem era capaz de dizer a verdade. Lionel Harris tinha razão quanto a mudanças. Não havia muitas pessoas capazes de mudar. Algo de terrivelmente ruim ou de absurdamente bom precisava acontecer para levar uma pessoa a mudar sua vida. Estava óbvio para Will que Frank havia passado do ponto das revelações transformadoras. Mesmo sem o tanque de oxigênio, ele cheirava a doença, como se seu corpo já estivesse apodrecendo. Will sabia que chegava um ponto na vida de qualquer pessoa que era tarde demais para mudar qualquer coisa. A única coisa a se fazer era aguardar até que a morte os tornasse insignificantes.

Frank fez uma careta de dor enquanto tentava se acomodar melhor na cama.

— Posso pegar alguma coisa para você?

Ele balançou a cabeça, embora estivesse obviamente com dor.

— Como está Lena?

— A infecção é séria, mas acham que ela vai sobreviver.

— Diga a ela que eu sinto muito — pediu Frank. — Que sinto muito por tudo.

— Está bem — prometeu Will, embora, se dependesse dele, nunca mais falaria com aquela mulher. Não achava que Lena Adams fosse de todo ruim, mas havia algo nela corrompido para deixar um gosto ruim na boca de Will. — Por que não me conta o que aconteceu?

Frank o encarou abertamente. Seus olhos se encheram d'água.

— Você tem filhos?

Will balançou a cabeça.

— Darla sempre foi rebelde, pressionava Maxine, me pressionava. — Ele parou para recuperar o fôlego. — Sumiu da nossa vida quando tinha 17 anos. Eu nem sabia que estava de volta à cidade até vê-la na frente da clínica. — Ele tossiu. Pequenos respingos de sangue mancharam o lençol. — Ela estava no intervalo do trabalho, fumando um cigarro.

— Por que ela deu parte de Tommy para a polícia? — O ato lhe pareceu arriscado, considerando suas atividades criminais.

— Eu não sei se ela estava tentando assustar Tommy ou me castigar.

Frank pegou o copo d'água de cima da mesa de cabeceira. Will o ajudou, segurando o canudo para que ele pudesse beber. Frank engoliu, o som dolorosamente alto dentro do quarto minúsculo. Recostou-se com um gemido lento.

— O que você fez quando leu o relatório de ocorrência sobre a cachorra de Tommy?

— perguntou Will.

— Fui até a clínica e perguntei a ela que diabos estava fazendo.

— O nome de Darla não consta do relatório.

Frank não respondeu.

Will estava começando a se encher de ter de arrancar as respostas do homem à força.

— O senhor já conduziu milhares de entrevistas, chefe Wallace. Sabe as perguntas que vou fazer. É capaz de já ter uma lista dentro da cabeça.

Ele fez uma pausa, esperando que Frank facilitasse as coisas. Depois de um minuto inteiro, Will se deu conta de que nada jamais seria fácil com aquele homem. Perguntou:

— O que foi que Darla disse quando a confrontou?

— Ela me falou que estava sendo chantageada.

— Com relação ao ensaio clínico?

— Ela não vinha mentindo só a respeito dos dois moleques. Vinha mentindo sobre um monte deles. Tinha um sistema em ação: duplicava a frequência deles para parecer que havia mais gente participando do estudo, então eles repartiriam o dinheiro quando os cheques entrassem.

— E todos a estavam chantageando?

— Só Jason e Allison.

— Ela deu o nome deles a você?

— Não.

Will o estudou, tentando descobrir se estava mentindo. Era um exercício inútil.

— O que Darla lhe contou a respeito dos chantagistas?

— Ela achava que poderia pagá-los e se livrar deles assim. Um dos dois ia se formar em breve. Ela achava que, se lhes desse dinheiro suficiente, eles sumiriam.

— Quanto ela lhe pediu?

— Dez mil dólares. Eu não tinha. Mesmo se tivesse, não teria dado. Gastei dinheiro demais tirando ela de várias furadas. Não podia jogar ainda mais dinheiro fora.

Will notou que o homem não pensara numa segunda opção, a de prender a filha, colocá-la na cadeia para que pagasse pelos crimes que cometera.

Frank continuou:

— Ela deu um duro tão grande para se formar em enfermagem. Eu jamais achei que ela... — A voz foi sumindo. — Eu não sabia.

— Ela já havia se metido em encrenca antes.

Frank só fez que sim.

— Os cheques sem fundo — sugeriu Will. As impressões digitais de Darla constavam no banco de dados. Correspondiam às encontradas no frasco de limpa-vidros que Will e Charlie haviam encontrado no armário do banheiro do dormitório. Will arriscou um palpite: — Tinha se metido em outra encrenca antes disso.

Frank assentiu com a cabeça.

— Eu recebia ligações de vez em quando. Cortesia profissional, policial para policial. Austin. Little Rock. West Memphis. Ela cuidava de gente idosa e roubava o dinheiro delas. Era boa. Nunca foi pega, mas sabiam que era ela.

Will sabia que frequentemente havia uma linha tênue entre saber que alguém era culpado e conseguir provar isso. Ser filha de policial provavelmente dera a Darla uma camada sobressalente de proteção.

— Eu tinha certeza de que Tommy tinha matado aquela menina. Eu só não queria que nada respingasse em Darla.

— Você fez tudo o que pôde para se certificar de que o caso de Lena fosse sólido.

Ele fitou Will com olhos remelentos, claramente tentando adivinhar o que ele sabia.

A verdade era que Will não tinha certeza de nada. Imaginava que Frank tivesse ocultado provas. Que tivesse feito a central de Eaton atrasar o envio do áudio com a voz de Maxine ligando para a Emergência. Que tivesse obstruído uma investigação, agido com negligência e contribuído de forma cega, senão intencional, para a morte de três pessoas.

Como dissera Frank: uma coisa era saber, outra era provar.

— Eu nunca quis envolver Lena em nada disso — disse Frank. — Ela não sabia de nada. Foi tudo coisa minha.

Will imaginou que Lena diria o mesmo a respeito de Frank. Enquanto vivesse, jamais entenderia o elo que unia aqueles dois.

— Quando descobriu que Darla estava envolvida?

— Quando Lena... — Ele começou a tossir outra vez. Dessa vez, tossiu tanto sangue que teve de cuspir num lenço de papel.

— Jesus — gemeu Frank, limpando a boca. — Me desculpe.

Will lutou para manter o estômago sob controle.

— Quando descobriu?

— Quando Lena me contou que outro garoto tinha sido morto da mesma forma... — A voz dele sumiu outra vez. — Eu não conseguia imaginar Darla fazendo uma coisa daquelas. Você vai entender quando tiver filhos. Ela era a minha bebê. Eu andava com ela no colo de um lado para o outro a noite toda. Eu vi aquela garotinha crescer e se transformar numa... — Frank não disse as palavras restantes, embora fosse óbvio no que Darla se transformara.

— Quando foi a última vez que a viu?

— Ontem à noite — admitiu ele. Então, em vez de forçar Will a fazer as perguntas corretas, acrescentou: — Nós começamos a brigar. Ela disse que precisava sair da cidade. Queria mais dinheiro.

— Você deu?

Ele balançou a cabeça.

— Maxine tinha uns duzentos dólares na carteira. Elas brigaram. Feio. — Ele indicou o tanque de oxigênio, as grades da cama. — Até eu conseguir me levantar, ela estava com Maxie no chão e a esmurrava. — Frank apertou os lábios finos um de encontro ao outro. — Eu nunca imaginei viver para ver uma cena daquelas: uma filha esmurrando a própria mãe. Minha filha. Não foi quem eu a criei para ser. Aquela não era minha filha.

— O que aconteceu?

— Ela roubou o dinheiro. Tirou um pouco da minha carteira, também. Talvez cinquenta dólares.

— Encontramos quase trezentos dólares com o corpo.

Ele assentiu, como se fosse o que esperava.

— Recebi um telefonema de Brock hoje de manhã. Ele contou que ela foi tirada do rio, de baixo do campo de granito. — Ele olhou para Will como se não tivesse acreditado de todo na informação.

— Isso mesmo. Ela estava perto da faculdade.

— Ele disse que eu não precisava vê-la agora. Que eu lhe desse tempo para limpá-la. — A respiração de Frank ficou presa. — Quantas vezes você já disse isso para um pai ou uma mãe que queria ver o filho, mas você sabia que a pessoa foi espancada, retalhada e fodida por inteiro?

— Muitas vezes — admitiu Will. — Mas Brock tem razão. Não vai querer se lembrar dela desse jeito.

Frank fitou o teto.

— Não sei se vou querer me lembrar dela de qualquer jeito.

Will deixou aquelas palavras pairarem entre eles por alguns segundos.

— Tem mais alguma coisa que queira me contar?

Frank balançou a cabeça, e, mais uma vez, Will não teve certeza se confiava nele. O homem fora detetive por mais de trinta anos. Não havia como ele não ter ao menos suspeitado que a filha estivera envolvida naqueles crimes. Mesmo que Frank não quisesse dizer em voz alta, certamente sabia lá no fundo que, no mínimo, sua inação custara a vida de Tommy Braham e Jason Howell.

Ou talvez ele não soubesse. Talvez Frank fosse tão bom em se enganar que tivesse certeza de ter feito tudo certo.

— Eu devia deixá-lo descansar um pouco — ofereceu Will.

Os olhos de Frank estavam fechados, mas ele não estava dormindo.

— Eu costumava levá-la para caçar. — Sua voz era um sussurro rouco. — Era a única ocasião na qual nos dávamos bem. — Ele abriu os olhos e fitou o teto. O único som no quarto era o silencioso sibilar do tanque de oxigênio ao lado da cama. — Ensinei a ela a nunca mirar no coração. Tem muitas costelas e ossos em volta. A bala ricocheteia. Você acaba perseguindo o cervo por quilômetros, esperando ele morrer. — Ele levou a mão até a lateral do pescoço. — Você mira o pescoço. Corta tudo o que alimenta o coração. — Ele esfregou a pele flácida. — Isso é uma morte limpa. A mais humana.

Will tinha visto as cenas dos crimes. Não houvera nada de humano nos assassinatos de Allison Spooner e Jason Howell. Ambos haviam sentido pavor. Haviam sido mutilados.

— Eu estou morrendo — disse Frank. Suas palavras não foram nenhuma surpresa. — Fui diagnosticado com câncer há alguns meses. — Ele lambeu os lábios rachados. — Maxine disse que cuidaria de mim contanto que eu deixasse minha pensão para ela. — Sua respiração ficou presa no peito. Ele deu uma risada forçada. — Eu sempre achei que fosse morrer sozinho.

Will sentiu uma tristeza esmagadora ao ouvir as palavras do homem. Frank Wallace ia, *sim*, morrer sozinho. Talvez houvesse gente com ele no mesmo aposento — a ex-mulher amarga, alguns colegas cegamente leais —, mas homens como Frank estavam destinados a morrer da mesma forma que haviam vivido: com todos mantendo certa distância.

Will sabia disso porque, com frequência, via a própria vida e morte com lentes parecidas. Não tinha amigos de infância com os quais mantivera contato. Não tinha parentes aos quais recorrer. Faith agora tinha um bebê. Acabaria por encontrar um homem cuja companhia conseguisse suportar. Talvez tivesse outro bebê. Provavelmente encontraria uma função burocrática para se livrar de parte do estresse existente em sua vida. Will se afastaria de sua vida como a maré retornando da beira-mar.

Sobrava Angie, e Will não nutria nenhuma grande esperança de que ela lhe servisse de

consolo em sua velhice. Ela vivia uma vida apressada e intensa, demonstrando o mesmo descuido intencional que colocara sua mãe na ala dos pacientes em coma do hospital estadual pelos últimos 27 anos. O casamento, na verdade, os afastara ainda mais. Will sempre partira do princípio de que viveria mais do que Angie, que se veria sozinho diante do túmulo dela algum dia. Essa imagem sempre lhe trazia uma enorme tristeza tingida de um mínimo de alívio. Parte de Will amava Angie mais do que a vida em si. Outra parte dele pensava nela como uma caixa de Pandora que guardava seus segredos mais sombrios. Se ela morresse, levaria um pouco dessa escuridão junto.

Mas também levaria embora parte de sua vida.

Will perguntou a Frank:

— Quer que eu pegue alguma coisa para você?

Ele tossiu outra vez, um barulho seco, insistente.

— Não — respondeu ele. — Eu estou bem só comigo mesmo.

— Cuide-se. — Will se forçou a estender o braço e tocar o ombro de Frank antes de deixar o quarto.

Sara estava no quintal da frente com seus galgos quando Will embicou na entrada da garagem dos Lintons. A lateral de seu rosto estava roxa. O corte do braço exigira pontos. Os cabelos estavam soltos, roçando em seus ombros.

Estava linda.

Os cachorros correram para recebê-lo enquanto saltava do carro. Sara vestira os dois com jaquetas pretas de *fleece* para protegê-los do frio. Will afagou os animais afoitos o máximo que pôde sem cair para trás.

Sara estalou a língua, e eles pararam de assediá-lo.

— Imagino que Frank não tenha lhe sido muito útil.

Will balançou a cabeça, sentindo um bolo se formar em sua garganta. Ele costumava ser bom em esconder o que estava pensando, mas de alguma forma Sara decifrara o código.

— Não acho que lhe reste muito tempo.

— Eu soube. — Ela obviamente se sentia conflituosa com relação à morte iminente de um velho amigo da família. — Eu sinto muito que ele esteja doente, mas não sei como me sinto sobre ele como pessoa depois de tudo isso.

— Talvez ele pudesse ter impedido... pelo menos no caso de Jason. Por outro lado, as pessoas não enxergam o que não querem ver.

— Negação não se sustenta como uma boa desculpa. Darla poderia ter me matado. Ela *teria* me matado se a margem do rio não tivesse cedido.

Will não ergueu os olhos, pois não queria que Sara soubesse o que estava pensando. Em vez disso, abaixou-se para coçar a orelha de Bob.

— A ex-mulher de Frank estava com ele. Pelo menos não vai morrer sozinho.

— Grande consolo.

— Eu acho que é — refutou ele. — Tem gente que não tem isso. Algumas pessoas simplesmente... — Will se deteve antes que começasse a soar como uma criança lamurienta. — De qualquer forma, não acho que algum dia eu vá descobrir o que realmente aconteceu nesta semana.

— E precisa?

— Eu acho que não. Nada vai trazer Tommy de volta, mas pelo menos o nome dele foi limpo. Darla não vai machucar mais ninguém. Frank está em sua própria prisão.

— E Lena se safa impune, mais uma vez.

Ela não soou tão amarga quanto antes.

— Vamos ver.

Sara riu.

— Quer apostar?

Will tentou pensar numa aposta inteligente, algo que envolvesse levá-la para jantar quando voltassem para Atlanta, mas foi lento demais.

— Brock ligou hoje de manhã — disse ela. — Encontrou a chave do Toyota de Lena no bolso da frente de Darla. Acho que ela estava planejando pegar o carro de Lena e deixar a cidade.

Ele se lembrou dos pneus cortados do Celica. Alguém na delegacia dera um presente de despedida para Lena.

— Darla deve ter visto você saltar do seu carro e decidiu fazer um upgrade no carro de fuga. — Will sempre soubera que o assassino era bom de improviso. — Hare lhe disse o que o fez procurar o nome de Tommy nos registros?

— Tinha visto Tommy na clínica algumas vezes. Não é incomum garotos da idade dele ainda se consultarem com o pediatra, mas Tommy vinha aparecendo com frequência, pelo menos uma vez por semana. Hare ficou curioso após o suicídio e vasculhou a papelada atrás do nome de Tommy. — Sara puxou a coleira quando Billy tentou fazer xixi na lateral do carro de Will. — Ele confirmou o que Darla contou. Ia ao comitê de ética para comunicar a quebra de protocolo.

— Isso é bom, não é? Ele ia fazer a coisa certa.

— Eu suponho que sim, mas não vai parar de realizar ensaios. — Ela soltou uma risada de pesar. — Deixe-me corrigir isto: ele vai parar de realizar estudos dentro do meu imóvel, mas não vai deixar de realizá-los.

— Descobriu o que ele estava testando?

— Um antidepressivo. Vão tentar outra vez na próxima primavera, com uma dosagem diferente.

— Está brincando.

— É um negócio de 1 bilhão de dólares. Um em cada dez americanos toma antidepressivos, embora estudos com placebo demonstrem que muitos não estão tendo benefício algum. — Ela fez um aceno com a cabeça em direção à casa. — Hare está lá dentro, por isso eu levei os cachorros para darem uma caminhada nesse frio congelante.

— Seus pais não estão zangados com ele?

Ela deixou escapar um suspiro profundo.

— Ah, minha mãe perdoa qualquer coisa vindo dele.

— Acho que é isso que as famílias fazem.

Ela pareceu pensar no que ele disse.

— É, é o que elas fazem.

— Falei com Faith hoje de manhã. — Ela enviara tantas fotos da bebê para o telefone de Will que a memória estava quase cheia. — Eu nunca a ouvi feliz antes. É estranho.

— Ter um bebê muda uma pessoa — disse Sara. — É óbvio que não é algo que eu

tenha aprendido por mim, mas dá para perceber pela minha irmã.

Bob se encostou na perna dele. Will baixou a mão e lhe deu uma coçadinha.

— Eu acho que eu...

— Eu fui estuprada.

Will ficou de boca fechada porque não sabia o que dizer.

— Na faculdade — continuou ela. — É por isso que não posso ter filhos. — Ele nunca havia notado como os olhos dela eram verdes, quase esmeralda. — Levei anos para contar ao meu marido. Eu sentia vergonha. Queria acreditar que estava no passado. Que eu era forte o bastante para superar aquilo.

— Eu não acho que ninguém jamais poderia dizer que você não é forte.

— Bem, já tive meus dias ruins.

Ela soltou a coleira de Billy enquanto ele farejava a caixa de correspondência. Os dois fitaram o cão como se ele fosse muito mais fascinante do que realmente era.

Will pigarreou. O momento estava desconfortável demais. Também fazia frio, e ele imaginou que Sara não quisesse ficar na frente da casa dos pais o dia todo vendo-o se esforçar para encontrar algo de significativo para dizer.

— Eu devia começar a arrumar as minhas coisas.

— Por quê?

— Bem... — Will estava sem saber o que dizer e sentindo-se dolorosamente estúpido. — O feriado. Sua família. Tenho certeza de que quer estar com eles.

— Minha mãe fez comida para cinquenta pessoas. Ficaria arrasada se você não ficasse.

Ele não conseguiu perceber se o convite era sincero ou se ela estava apenas sendo educada.

— Meu quintal está meio bagunçado.

— Eu ajudo quando a gente voltar para Atlanta. — Ela sorriu com malícia. — Eu até ensino você a usar uma retroescavadeira.

— Eu não quero incomodar.

— Will, não é incômodo algum.

Ela tomou a mão dele. Ele baixou os olhos, roçando o polegar nos dedos dela. A pele de Sara era macia. Ele sentiu o perfume de seu sabonete. Só de estar perto assim dela, ele se sentia acolhido, como se aquela parte vazia de sua alma talvez tivesse alguma chance de ser preenchida algum dia. Ele abriu a boca para dizer que queria ficar, que não havia nada que quisesse mais do que ouvir outras duas mil perguntas de sua mãe e observar o sorriso astuto da irmã enquanto olhava de um para o outro.

Então o celular tocou dentro de seu bolso.

Ela franziu o nariz.

— O que é isso?

— Provavelmente mais uma foto de bebê de Faith.

Ela sorriu para ele com a mesma expressão provocadora.

— Me deixe ver.

Will se sentia incapaz de negar qualquer apelo de Sara. Usou a mão livre para encontrar o telefone. Já havia visto Emma Lee Mitchell de todos os ângulos concebíveis e tinha certeza de que era um bebê fofo, mas no momento ela parecia mesmo uma uva-passa vermelho-fúria com um gorrinho de tricô cor-de-rosa na cabeça.

Sara abriu o telefone. Seu sorriso sumiu rapidamente.

— É uma mensagem. — Ela lhe mostrou o telefone, então pareceu se dar conta. Virou-o outra vez para si e leu em voz alta: — "Diedre finalmente morreu. Venha para casa."

Will sentiu uma pontada de dor.

— É a mãe de Angie. — Ele baixou os olhos em direção à mão dela. Ainda segurava a sua.

— Eu sinto muito.

Will não chorara desde os 16 anos, mas sentiu as lágrimas ameaçarem a brotar. Esforçou-se para dizer:

— Vivia ligada a aparelhos desde que eu era criança. Acho que ela finalmente... — A garganta estava tão apertada que ele mal conseguia engolir. Angie afirmava odiar a mãe, mas a visitara pelo menos uma vez por mês nos últimos vinte anos. Will fora com ela diversas vezes. A experiência era horrível, de partir o coração. Ele abraçara Angie muitas vezes enquanto ela soluçava. Era a única ocasião na qual ela baixava a guarda. A única ocasião em que se submetia a Will.

Subitamente compreendeu as palavras de Lionel Harris sobre o poder de uma história compartilhada.

— Sara...

Ela apertou sua mão.

— Você precisa ir para casa.

Will lutou para encontrar as palavras certas. Sentia-se dividido entre querer estar com Sara e precisar estar com Angie.

Sara se aproximou e encostou os lábios em sua bochecha. O vento cobriu o rosto dele com seus cabelos. Ela levou a boca ao ouvido dele e disse:

— Vá para casa, para a sua mulher.

Então, ele foi.

TRÊS SEMANAS DEPOIS

Epílogo

Lena estava no cemitério, olhando para baixo, para a lápide de Jeffrey Tolliver. Parecia estupidez colocar flores num túmulo vazio, mas os objetos que se encontravam dentro do caixão eram mais tangíveis do que um pote de cinzas. Brad contribuíra com um alvo de papel de sua primeira rodada de qualificação na academia de polícia. Frank colocara o bloco de multas, porque Jeffrey vivia berrando com ele por estar atrasado com os relatórios. Lena doara seu distintivo dourado. O que carregara até três semanas atrás era uma cópia. Dan Brock o enfiara junto com os outros objetos porque ambos sabiam que ela própria não seria capaz de fazê-lo.

Todos os negócios da Main Street haviam fechado no dia em que o caixão de Jeffrey fora enterrado. Jared tampouco fora ao enterro. A semelhança com o pai fora levada à sua atenção muitos anos antes. Ele não quisera desviar a atenção dos presentes. Não quisera causar esse tipo de dor a Sara.

Mas quisera estar na cidade. Quisera se sentir próximo ao pai, ver o lugar onde Jeffrey vivera, o lugar que ele amara. Conhecera Lena do lado de fora da lanchonete. Ela estava sentada no meio-fio, pensando em todas as coisas que havia perdido. De início, pensara que Jared fosse Jeffrey. É claro que achara que ele fosse Jeffrey. Era mais do que sua imagem cuspida. Era um fantasma ambulante.

Talvez parte de Lena tenha se sentido atraída por ele por causa da semelhança. Venerara Jeffrey demais para jamais lhe ocorrer ter um envolvimento romântico com ele. Era seu mentor. Seu herói. Desejara ser o mesmo tipo de policial que ele fora. O mesmo tipo de pessoa. Não se dera conta, até ele morrer, de que era apenas um homem.

— Por que você não está no enterro? — perguntara Jared.

— Porque eu sou a pessoa que matou seu pai.

Jared passara duas horas escutando Lena abrir seu coração, depois outras duas horas argumentando que, na verdade, a culpa não fora dela. A juventude dele o tornava passional, um defensor ferrenho das opiniões que formava com tanta pressa. Inscrevera-se recentemente na academia de polícia. Ainda não havia visto os horrores deste mundo. Ainda não havia descoberto a existência de uma pessoa verdadeiramente irredimível.

Será que ela era irredimível? Lena não queria pensar que fosse. Tinha um recomeço novinho em folha à sua frente. Uma *tabula rasa* onde escrever o resto de sua vida. O conselho de revisão disciplinar da polícia retornara o veredito de que ela não tivera culpa no suicídio de Tommy Braham. O relatório de Will Trent fora longo em suposições e

curto em evidências, especialmente porque Lena nunca chegara a gravar a tal confissão. Gordon Braham estava de mudança para a Flórida para estar mais perto da família da mulher. Entrara com uma ação coletiva junto com a mãe de Jason Howell contra Hareton Earnshaw e a companhia farmacêutica que patrocinara o ensaio clínico. Assinara um documento isentando a força policial do condado de Grant em troca de uma quantia não revelada.

Lena passara por duas cirurgias e ficara uma semana internada, mas o dano sofrido na mão fora surpreendentemente pequeno, considerando o inferno pelo qual passara lutando contra uma tenebrosa infecção por estafilococos. A fisioterapia estava lhe devolvendo o movimento dos dedos. De qualquer forma, era destra. A única coisa que a mão esquerda precisava fazer era segurar o distintivo quando ela estivesse fazendo uma prisão. E logo estaria fazendo um bocado delas. Gavin Wayne ligara havia dois dias dizendo que o emprego na força policial de Macon continuava disponível para ela. Lena lhe dera o seu sim sem pensar duas vezes.

Ela era uma policial. Estava em seu sangue. A firmeza de seus nervos fora testada. Sua determinação havia fraquejado. Mas ela sabia, sem a menor dúvida, que não havia mais nada no mundo que gostaria de fazer.

Abaixou-se e colocou as flores sobre o túmulo de Jeffrey. Ele era um policial, também. Não o mesmo tipo que Lena, mas caminhos diferentes podiam levar a um mesmo destino. Jeffrey entenderia isso. Sempre dera a ela o benefício da dúvida.

Lena olhou para a fileira de lápides que pontilhavam o cemitério. Já havia colocado flores no túmulo da irmã. Frank Wallace ainda não tinha uma pedra marcando o seu túmulo, mas ela lhe trouxera margaridas, porque sabia que ele gostava delas. Ele lhe deixara uma quantia de dinheiro em seu testamento. Não muito, mas o bastante para Lena vender a casa sem prejuízo e ainda assim conseguir quitar a hipoteca. Ela havia doado o restante para um fundo jurídico sem fins lucrativos criado para policiais que se encontravam do lado errado da lei. Algo lhe dizia que Frank teria aprovado.

Não que ela ainda precisasse da aprovação dele. Lena estava cansada de se preocupar com o que os outros pensavam a seu respeito. Parte de ansiar pela sua nova vida exigia que ela nunca olhasse para trás. As únicas coisas que estava levando embora do condado de Grant eram as roupas e o noivo, pois não achava que conseguiria viver sem nenhum dos dois.

— Pronta? — Jared estava sentado na caminhonete. Inclinou o corpo e abriu a porta para ela.

Lena deslizou por cima do assento para que ele pudesse passar o braço por cima de seus ombros.

— Vai ficar tudo bem entre você e Sara? — perguntou. Ele tomara um café com ela naquela manhã. Lena concluía que as coisas não haviam ido bem.

— Não se preocupe com isso. — Jared cerrou a mandíbula enquanto engrenava a marcha. Não gostava de dar más notícias. — Tia Sara vai mudar de ideia.

— Eu não esperaria em pé.

Ele beijou o topo de sua cabeça.

— É só que ela não sabe quem você é.

— Não, não sabe.

Ele estendeu a mão e ligou o rádio. Joan Jett começou a cantar sobre sua má

reputação. Lena fitou o retrovisor. Podia ver a estrada sumindo atrás dela, o condado de Grant ficando menor a cada quilômetro. Queria sentir alguma coisa pelo lugar — perda, nostalgia. A única coisa que sentia era alívio por ele finalmente estar ficando para trás.

Será que Sara Linton conhecia Lena? Provavelmente melhor do que qualquer pessoa. Mas Jared não precisava saber disso. Não precisava saber dos erros cometidos por Lena ou sobre as pessoas cujas vidas ela arruinara. As coisas seriam diferentes em Macon. Esta era sua *tabula rasa*. Seu recomeço.

Além do mais, Lena nunca na vida contara a verdade a homem nenhum. Não ia começar agora.

Agradecimentos

Minha gratidão aos suspeitos de costume: Victoria Sanders, Kate Elton e Kate Miciak. Eu também gostaria de acrescentar Gail Rebuck, Susan Sandon, Richard Cable, Margie Seale, Robbert Ammerlaan, Pieter Swinkels, Silvie Kuttny-Walster, Berit Boehm, Per Nasholm, Alysha Farry, Chandler Crawford e Markus Dohle. E acho que a Angela Cheng-Caplan, se ela conseguir lidar com o amor.

Isabel Glusman, obrigada pelas suas cartas, e Emily Bestler, obrigada por criar uma criança tão bacana. O Dr. David Harper me ajudou a aprender a matar gente. O Dr. David Worth me ajudou a entender globos oculares. Quaisquer erros são minha responsabilidade. Trish Hawkins foi essencial para me proporcionar *insights* sobre as complexidades da dislexia. Debbie Teague, você é o máximo por compartilhar suas experiências; todas as vezes que escrevo sobre Will, penso na sua incrível força de espírito. Mo Hayder: obrigada por toda a pesquisa gratuita sobre mergulho, sua trouxa! Para Andrew Johnston, ofereço as minhas desculpas você já sabe por que e, não, não há reparações. O mesmo para você, Srta. Kitty.

Obrigada a Beth Tindall, da Cincinnati Media, por toda a porcaria de sempre relacionada à internet. Jamey Locastro pode me prender quando quiser. Fiona Farrelly e Ollie Malcolm foram muito gentis em me ajudar a me encontrar em relação àquilo que envolve a trama desta história, que eu não vou mencionar aqui, caso as pessoas leiam isto antes de lerem o livro, o que não deveriam estar fazendo, de qualquer maneira. Obrigada também ao pessoal que me ajudou discutindo o assunto, mas que não quis ter o nome mencionado por motivos óbvios. Ao palestrante David Ralston: eu lhe agradeço por ter me apresentado a pessoas ótimas. Ao diretor do GBI Vernon Keenan e a John Bankhead, obrigada pelo seu tempo. Eu nunca mais irei de disparar uma espingarda sem pensar no nosso agradável dia do lado de fora da penitenciária feminina. Espero ter honrado o trabalho que vocês e todos os agentes e a equipe de apoio do GBI realizam para o grande estado da Geórgia.

Meu pai fez sopa e pão de milho para mim em momentos críticos, os quais eu talvez tenha associado à história por causa da sopa e do pão de milho, dos quais — eu já mencionei isso? — provavelmente vou precisar mais. D.A. demonstrou enorme perseverança durante todo este processo. Como sempre, você é o meu coração.

Para meus leitores: vocês são o máximo. Para outras leituras, experimentem a antologia *GPZ*, deem uma olhada no fascículo 15.05 da revista *Wired* ou, se realmente

quiserem ficar chateados, deem um Google em Jessie Gelsinger. Para os mais aventureiros, o GPGP.net também é um site interessante. Ei, galera, e enquanto estiverem on-line, me procurem no Facebook ou visitem meu site: karinslaughter.com. Eu adoro receber cartas, mas lembrem-se, por favor, que isto é uma obra de ficção.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Destroçados

Site da autora
http://www.karinslaughter.com

Facebook da autora
https://www.facebook.com/AuthorKarinSlaughter/

Twitter da autora
https://twitter.com/SlaughterKarin

Instagram da autora
https://www.instagram.com/karinslaughterauthor/

Goodreads da autora
https://www.goodreads.com/author/show/12504.Karin_Slaughter

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/284-karin-slaughter